

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

ALESSANDRO CARVALHO DA SILVA OLIVEIRA

***QVID ENIM SVM?* O LUGAR DO EXILADO NA EPISTOLOGRAFIA
CICERONIANA**

VITÓRIA

2019

ALESSANDRO CARVALHO DA SILVA OLIVEIRA

***QVID ENIM SVM?* O LUGAR DO EXILADO NA EPISTOLOGRAFIA
CICERONIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite.

VITÓRIA

2019

ALESSANDRO CARVALHO DA SILVA OLIVEIRA

***QVID ENIM SUM? O LUGAR DO EXILADO NA EPISTOLOGRAFIA
CICERONIANA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Estudos Literários.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dr. Belchior Monteiro Lima Neto
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Titular

Prof. Dr. Gilson Charles dos Santos
Universidade de Brasília
Membro Titular

Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Suplente

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes
Universidade Federal de Juíz de Fora
Membro Suplente

AGRADECIMENTOS

Não creio ser possível realizar determinadas tarefas sozinho. Na verdade, ao longo de toda a minha vida, sempre tive ajuda de pessoas queridas nos momentos mais importantes e, por certo, desta vez não foi diferente, pois escrever uma dissertação de mestrado é um ofício muitas vezes penoso àqueles que são desamparados. Por isso, faço questão de agradecer aos que mais valorizaram minha educação e me deram carinho ao longo da vida: meus pais, Jorge e Dora. Graças a eles, me foi proporcionada a oportunidade de entrar no mestrado com financiamento da CAPES, mantendo-me firme mesmo em situação caótica em nosso país. Na verdade, encerrar o mestrado neste momento em específico, no qual há um claro desmonte da educação brasileira por conta da improbidade administrativa do governo federal e do estúpido conservadorismo com tons de fascismo ao qual vivenciamos torna meus agradecimentos ainda mais veementes.

Agradeço também à minha orientadora, doutora Leni Ribeiro Leite, que com invejável capacidade de organização e inteligência, concedeu-me a devida atenção para a realização deste trabalho. Sua orientação elucidou minha escrita e me permitiu adquirir o conhecimento necessário para escrever devidamente um trabalho de considerável extensão.

Sendo longo, portanto, o texto, lê-lo pode não ser tarefa simples. Por conta disso, agradeço também aos professores que aceitaram compor a banca: Prof. Dr. Belchior Lima Neto e Prof. Dr. Gilson Charles dos Santos. Seus comentários feitos na qualificação foram pontuais e impulsionaram muito positivamente minha redação. Agradeço também aos Profs. Drs. Fábio da Silva Fortes e Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho.

Ao longo desse processo de escrita, passei boa parte do tempo na UFES, compartilhando diversos momentos e sentimentos com meus colegas. Nesse sentido, sinto gratidão por ter as seguintes pessoas em minha vida: Kátia, Marihá, Camilla, Iana, Luiza, Natan, Rafael, Fabrizia, Bárbara, Irlan, Dreykon, Ruth, Thayrinne, Laila, Jéssyca e Zilda.

Fui privilegiado com apoio não só de pessoas da universidade, mas também de fora dela. Por isso, agradeço aos sihings e sijehs, que com bastante força me apoiam semanalmente, e aos colegas vanguardistas, que mesmo com raros encontros sei que posso contar com eles. Sou grato também a Iury, Yan e Marcus por me ajudarem a rir e me darem excelentes momentos de diversão. Além da amizade, preciosíssima para mim.

Obrigado, Isabela, Isadora, tia Penha e tio Horácio, pelo amor e pelos momentos em família. As meninas são minhas irmãs, muito mais do que primas e eu as amo como tal; assim como mais do que meu padrinho e minha madrinha, Horácio e Penha são considerados pai e mãe para mim.

E falando em amor, não posso deixar de mencionar Julia, tão amada por mim. Ouviu minhas angústias e alegrias, deu-me conforto e carinho, além de ter compartilhado tanto comigo que eu tenho dificuldades de traduzir em palavras o que sinto. Mas se puder resumir, diria que ela me faz sentir um bem tão raro e incrível que só pode ser compreendido por quem a conhece. E eu ainda tenho o privilégio de namorá-la. Ela não se limitou a ser compreensiva com o tempo que investi neste trabalho, mas chegou até mesmo a acompanhar de perto meu processo de escrita e me dar forças para encerrá-lo no devido tempo.

Agradeço também a meu irmão, que me influenciou a apreciar a história e o Mundo Antigo. Além de ter me dado vontade de aprender idiomas, que tornou mais acessível a área de Estudos Clássicos para mim. Trouxe também alegria para mim junto a meus amigos que compartilham de jogos, conversas e besteiras.

E, por último, trago de novo os nomes de meus pais, Jorge e Dora. Pelo amor, pela iluminação do caminho, pelas conversas, pelo amparo e por tudo. São eles que merecem toda a gratidão que posso conceder.

RESUMO

Propomo-nos a analisar o modo pelo qual Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) apropriou-se de sua condição de exilado para estabelecer estratégias discursivas nas trinta e quatro epístolas que escreveu enquanto estava fora da República Romana. Essas estratégias criavam a ideia de filiação de Cícero com uma determinada identidade aristocrática. No exílio, seu estatuto enquanto membro de uma elite estava em xeque, uma vez que ele estava impedido de ocupar um espaço privilegiado o qual antes habitava. Prevendo uma possível ameaça contra ele, Cícero saiu de Roma e buscou formas de participar do jogo político para restaurar tanto sua posição social quanto os bens que lhe tinham sido tirados por conta das leis aprovadas, o que ele consegue fazer após seu retorno à *Vrbs* em 57. Esses conflitos políticos são o tema de nosso primeiro capítulo, em que identificamos os grupos envolvidos no evento e destrinchamos as ações tomadas por eles. No entanto, para a efetivação da análise, é necessário ir além de uma contextualização histórica e apresentar devidamente os conceitos teórico-metodológicos adequados ao tema, o que fizemos no segundo capítulo. Neste, evidenciamos o caráter voluntário dos mecanismos de exílio em Roma e como isso influenciava na manutenção do ideal de *Concordia*, pois propunha uma maneira menos violenta de lidar com crimes. Todavia, o fato de ser considerado criminoso por si só já poderia acarretar problemas para um membro de uma elite estabelecida por meio do *ethos*, ou seja, da imagem construída no discurso. Consideramos o exílio um evento resultado da dissonância entre o *ethos* daquele que o sofre e aquele esperado pela aristocracia local de onde o indivíduo é banido, o que nos leva a pensar na escrita de Cícero condicionada pelo seu banimento, elemento fundamental para a análise. Seguindo os preceitos da Análise do Discurso, que aponta que todo texto é determinado pelas suas condições de produção, usamos o conceito de paratopia (MAINGUENEAU, 1983), uma para refletir acerca da situação de não pertencimento de Cícero; e o conceito de identidade (WOODWARD, 2000) nos auxilia a demarcar os modos por que Cícero representou seus aliados e inimigos, para observar como ele se associa e desassocia de determinadas construções identitárias. Essas observações ficaram mais evidentes no terceiro capítulo, no qual analisamos os textos, carta a carta. Por fim, percebemos que uma de suas principais estratégias persuasivas foi a utilização do *pathos* para legitimar seu estatuto social e deslegitimar a decisão de exilá-lo.

Palavras-chave: Epistolografia romana-ciceroniana. Marco Túlio Cícero. Exílio-identidade. Paratopia.

ABSTRACT

We propose to analyze the way that Marco Túlio Cicero (106 BC-43 BC) appropriated his status as an exile to establish discursive strategies in the thirty-four epistles he wrote while outside from the Roman Republic. Through these strategies, Cicero created the idea of affiliation with a certain aristocratic identity. In said context, his status as a member of an elite was in check, since he was prevented from occupying a privileged space in which he previously inhabited. Predicting a possible threat against him, Cicero left Rome and sought ways to participate in the political game to restore both his social position and the assets that had been taken from him under the laws passed, which he only could have done after his return to Vrbs in 57. These political conflicts are the theme of our first chapter, in which we identify the groups involved in Cicero`s exile and disrupt the actions taken by them. However, to carry out the analysis, it is necessary to go beyond a historical context and present properly the theory and methodology concepts appropriate to the theme, which we did in the second chapter. In this one, we present the voluntary nature of the mechanisms of exile in Rome and how this influenced the maintenance of the Concordian ideal, since it proposed a less violent way of dealing with crimes. However, the fact that it is considered criminal by itself could already lead to problems for a member of an elite established through ethos, that is, the image constructed in the discourse. We consider exile an event resulting from the dissonance between the ethos of the one who suffers and the expected ethos by the local aristocracy from which the individual is banned and that leads us to think of Cicero's writing conditioned by its banishment a fundamental element for our analysis. Following the precepts of Discourse Analysis, which points out that all text is determined by its production conditions, we apply the concept of paratopia (MAINGUENEAU, 1983) to reflect on the situation of Cicero`s non-belonging to Rome; also, Woodward`s concept of identity (WOODWARD, 2000) helped us demarcate the ways in which Cicero represented his allies and enemies, so we could observe how he associates and disassociates himself with certain identity constructions. These observations became more evident in the third chapter, in which we analyze the texts, letter by letter. Finally, we realize that one of its main persuasive strategies was the use of pathos to legitimize its social status and delegitimize the decision to exile him.

Keywords: Latin Epistolography-ciceronian. Marcus Tullius Cicero. Exile-Identity. Paratopia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 DELINEAMENTO DOS CONFLITOS POLÍTICOS NO EXÍLIO CICERONIANO	23
1.1 JUVENTUDE E CONTATO COM A RETÓRICA	23
1.2 FILOSOFIA E INÍCIO DA CARREIRA POLÍTICA	28
1.3 CATILINA E O CONSULADO	31
1.4 CLÓDIO E O BANIMENTO	36
1.5 ROMA E OS <i>AMICI</i>	45
1.6 RETORNO E RESTAURAÇÃO	50
2 CONCEITUAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA A ANÁLISE	55
2.1 EXÍLIO, <i>ÉTHOS</i> E CONCORDIA	55
2.2 IDENTIDADES E PERDAS NO EXÍLIO	62
2.3 EXÍLIO E LITERATURA	67
2.4 O APAGAMENTO DO EXILADO	76
2.5 RESTAURAÇÃO DA <i>AUCTORITAS</i> NO PÓS-EXÍLIO	79
3 EFEITO PARARATÓPICO E BUSCA DO ESTABELECIMENTO ESPACIAL NO EXÍLIO	83
3.1 <i>AD ME STATIM VENIAS</i>	84
3.2 <i>QVID ENIM SVM?</i>	99
3.3 EPITOME	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	147
ANEXO 1	165
ANEXO 2	198

INTRODUÇÃO

“O que de fato sou?”¹; essa foi a pergunta a qual buscamos responder ao longo deste texto. Ela foi indagada no ano de 58² em carta assinada na Tessalônica pelo célebre orador Marco Túlio Cícero (106 – 43) enquanto ele estava distante de Roma, ou seja, fora do ambiente no qual havia construído sua fama e imagem durante uma longa trajetória política. Cícero havia investido demasiados recursos socioeconômicos, além de estratégias discursivas para sua ascensão social, numa construção pela qual ele demonstrou o domínio dos mecanismos do discurso, que eram fundamentais para ocupar posições de prestígio na República Romana do século I. Em decorrência disso, o orador buscou utilizar de estratégias discursivas por meio da forma de comunicação à distância para dialogar com Roma – as epístolas – para construir uma imagem de si que de alguma forma pudesse negociar sua posição social e espacial. Quando perguntou o que de fato era, ele criou uma situação na qual pôde se estabelecer enquanto cidadão romano ao responder essa pergunta desqualificando aqueles que foram responsáveis por seu exílio e se associando a seus aliados, os quais ele caracteriza como indivíduos virtuosos. Portanto, os recursos utilizados por Cícero ao se posicionar em seu discurso epistolar perante à situação de exílio são o foco de investigação de nosso trabalho. No entanto, é necessária uma apresentação teórico-metodológica dos meios pelos quais realizamos essa investigação, além de fazer uma contextualização dos conflitos políticos envoltos no banimento do orador.

Para a compreensão desse período, devemos levar em conta o seguinte fato: o uso de mecanismos discursivos para disputar espaços de poder não era uma característica específica de Cícero; ao contrário, essa era a maneira pela qual os aristocratas competiam pelo poder em Roma (SANTOS, 2019, p. 56). Não apenas nesta, mas em diversas sociedades – principalmente, naquelas cujas regras do jogo político são pautadas na retórica como definida por Barthes (1975), Dominik (2012) e Hansen (2013) – os mais eloquentes tendem a se destacar. Para demonstrar a eloquência, no entanto, deve-se ter consciência dos temas e dos lugares-comuns sensíveis à sociedade, pois só por meio deles o discurso adquire sentido e cria em si a capacidade de persuadir. Esses lugares comuns são estabelecidos pelo que chamamos de *tradição*

¹ *Quid enim sum?* Todas as traduções não referenciadas no campo de referências bibliográficas são de nossa autoria.

² Todas as datações deste trabalho tratam de antes da era comum.

(BALANDIER, 1997), que é um conjunto de valores comumente criados por meio de um grupo; mas devemos nos atentar para o fato desses valores não serem de maneira alguma estáveis e imutáveis (BALANDIER, 1997, p. 119). Pelo contrário, o que reconhecemos como tradição está sempre em disputa e é constantemente apropriado de diferentes formas para a realização de uma performance discursiva e literária.³

Podemos identificar diversos modos pelos quais a tradição se manifestava na Roma do século I. Destacamos, no entanto, dois deles: o *mos maiorum* e a *concordia ordinum*, ambos conceitos importantes para a compreensão dos modelos de tradição delineados pelos discursos dos aristocratas. Eles se misturam e, além de não serem totalmente separáveis, eram a base da estruturação política da *Res Publica*.

Para o maior esclarecimento dos conceitos, nos referimos a Luiz Pita (2010, p. 28), que explica o *mos maiorum* como a fusão de uma tríade comportamental ligada aos ancestrais: *fides*, *uir* e *pietas*. Desenvolvendo esses termos, Camilla Paulino da Silva (2014, p. 48) coloca a *fides* como uma boa fé – preservada pela coletividade – ao pacto das relações sociais e ao cumprimento dos ritos tradicionais, a *pietas* como o culto aos deuses *Manes*, *Lares* e *Penates*⁴ e a *uir* como o que é esperado de um *uir* (termo que define uma idealização de um homem). Habinek (1998, p. 54) esclarece que o *mos maiorum* não era visto como algo a ser conhecido, mas algo a ser executado; ou seja, era utilizado para moldar padrões de comportamento.

Já a *concordia ordinum*, que, segundo Mark Temilini (2002, p. 1), era uma das idealizações mais importantes da República Romana (sendo esse regime político impossível de compreender sem esclarecê-la), pode ser compreendida como o equilíbrio entre os *equites* e os *senadores*. O registro mais antigo desse termo é de uma obra do próprio Cícero (*Att.* 1.18.3), na qual foi exposto um descontentamento com as reformas de Sula e a desarmonia social causada por elas. Segundo Temilini (2002, p. 5-7), a *concordia ordinum*, colocada nesses termos, foi uma invenção ciceroniana baseada numa releitura da *concordia* – a harmonia entre as distintas ordens sociais –, cujo objetivo fora a utilização discursiva para justificar atitudes políticas.

³ Tal como exemplificado em diversos trabalhos a respeito das referências à tradição literária no Mundo Antigo (FLOWER, 2006, p. 339; CAIRNS, 2007, p. 98; CESILA, 2013, pp. 34-36).

⁴ Os três estão vinculados a aspectos religiosos da cultura romana. *Manes* eram deidades associadas aos indivíduos que faleceram (GAGARIN, 2010, p. 366). *Lares* eram espíritos guardiões das casas e dos campos louvados em cultos domésticos (POLLINI, 2008, p. 392). *Penates* eram entidades também associados a cultos domésticos, porém com o estatuto de deuses (SCHUTZ, 2006, p. 123).

Nesse sentido, concordamos com Temilini quando demonstra a estratégia de Cícero ao atrair as duas ordens sociais a seu favor e acrescentamos que o fato dele ser *homo nouus*⁵ muito o influenciou nessas atitudes, pois essa categoria poderia culminar numa visão pejorativa em relação ao orador. A comum tradução desse estatuto social era “homem novo”; o termo era utilizado para se referir ao primeiro homem de uma determinada família (*gens*) a alcançar a ordem senatorial, mas a maioria deles, segundo Cícero (*Off.* 1.138), não alcançava grande prestígio entre os senadores. Segundo Blom (2010, p. 39), a ideia de *nobilitas* (nobreza vinculada ao nascimento) e de *industria* (mérito) sempre estavam em conflito quando envoltas na discussão em torno da situação social dos *homines noui*.

Esta foi uma das principais estratégias de Cícero ao longo de sua carreira para se inventar enquanto orador e cônsul: a apropriação⁶ de sua condição enquanto *homo nouus* para se representar⁷ enquanto indivíduo com mérito, na verdade, é uma releitura das noções anteriores de virtudes. Portanto, aqui são recriados os parâmetros para determinar o quão virtuoso é um indivíduo. É fato, no entanto, a impossibilidade de se simplesmente criar uma tradição sem dialogar com o passado. Isso significa que a reinvenção das ideias de virtude não foram em momento algum negadoras de suas versões do passado, mas foram apresentadas por um viés favorável ao orador na medida em que ele se qualificava perante a um grupo de elites.

Utilizamos o termo “elites” no plural justamente por compreendermos que as aristocracias romanas não eram homogêneas e uníssonas, mas se posicionavam em diferentes espaços do *campo discursivo* de variadas maneiras (FAVERSANI; JOLY, 2013, pp. 138-140). O que chamamos de campo discursivo é uma forma de nomear um recorte do conjunto de formações discursivas que estão em concorrência (MAINGUENEAU, 1983, p. 15). Deve-se ressaltar que esse campo não é estático, mas está em constante transformação, no que Maingueneau chama de jogo de equilíbrio instável no contexto dos embates pelo poder. À subseção do campo discursivo, dá-se o

⁵ Primeiro de sua linhagem a alcançar a ordem senatorial. Para saber mais cf. Dugan (2005, pp. 1-14).

⁶ Para Chartier (2003, p. 11), o discurso é fruto das apropriações que se distribuem em vários regimes de significação e sentido. Elas são a maneira que o locutor utiliza de um objeto para atribuir sentido ao seu texto.

⁷ Representação é um importante conceito para os trabalhos associados à História Cultural. Trata-se de uma construção forjada por grupos que objetivam a universalidade de uma imagem de si ou de outros. Essa ideia está sempre vinculada ao jogo de poder, estruturando indivíduos em relações de dominação e subordinação por meio de narrativas, práticas e significações (CHARTIER, 1990, p. 17).

nome de espaço discursivo, constituído de discursos específicos em conflito. Levando isso em consideração, Cícero desejava, ao longo de sua carreira política e social, associar-se a um grupo específico dentro desse espaço discursivo. Tratava-se dos *optimates*, indivíduos representados como detentores de uma série de virtudes vinculadas à autoridade senatorial, tais como a *dignitas* e a *pietas*.⁸ Destacamos entre seus defensores, os quais foram, em geral, responsáveis por tais representações, Catão e o próprio Cícero, cuja carreira enquanto defensor de causas civis e criminais fora dedicada quase que inteiramente à manutenção dos interesses dessas elites.⁹ Aqui nos interessa o espaço discursivo constituído pelos *optimates*.

Entre diversos *optimates* e Cícero, foram criados vínculos configurados no que os antigos chamavam de *amicitia* (*Cic. Amic.* 1.2), uma relação traduzida para o português como amizade, mas carregada de uma série de pressupostos que essa relação contemporânea não possui, tais como favores políticos cerceados pela *fides* (KONSTAN, 2005, p. 129-130). Vincular-se com indivíduos das aristocracias, portanto, daria a Cícero oportunidades de ocupar espaços privilegiados. Não se podia, no entanto, agir de forma imprudente perante aos *amici*, afinal, um deslize mal interpretado poderia ser causa da atribuição de vícios àquele que o cometeu, custando prestígio e significando a perda de um espaço.

Devido a isso, ocorria uma manutenção dessas relações perpassada por cuidados discursivos tanto no contato interpessoal quanto no feito à distância. Não temos como acessar esses rituais de interação quando realizados pessoalmente, mas considerando o fato de, quando feitos à distância, eles serem mediados por epístolas, obtemos uma fonte para trabalhar e observar a interação romana feita pelo texto escrito (EBBELER, 2007, p. 302). Por certo, isso não é um acesso direto ao cotidiano dos cidadãos romanos, o que seria impossível, mas é, ao menos, uma forma de enxergar através de lentes contemporâneas uma representação criada por eles.

Dessa forma, considerando a possibilidade que temos de, a partir delas, construirmos uma interpretação acerca das relações aristocráticas em Roma, as cartas são fontes privilegiadas. No geral, eram as elites que possuíam acesso ao letramento e

⁸ Salientamos que não se configuravam enquanto partido político ou nada do gênero, mas apenas um conjunto de indivíduos vinculados por um discurso que os afiliava uns com os outros (YAKOBSON, 2017).

⁹ Essa questão é tratada de forma mais aprofundada no primeiro capítulo desta dissertação.

determinavam a circulação desse e de outros gêneros textuais (STARR, 1987, p. 213) e, apesar de obtermos informações dos grupos sociais menos abastados, elas são criadas a partir de uma visão de autores aristocratas para autores aristocratas, o que significa que devemos enxergar essas representações a partir de um olhar crítico.

Portanto, a epistolografia se tratava de um gênero literário que, como quaisquer outros, era determinado pelo contexto político no qual sua escrita era executada, mas, ao mesmo tempo, reforçava os valores culturais de grupos sociais ao se estabelecer em uma tradição literária (HABINEK, 1998, pp. 53-54). Por meio desse diálogo com a tradição, era possível reforçar uma ideologia¹⁰ e constituir identidades.

O conceito de identidade, segundo Kathryn Woodward (2000, p. 8), só pode ser construído por meio da relação de diferença, isto é, cria-se necessariamente a partir de um aspecto relacional. Isso ocorreu em diversos momentos da história, principalmente no que diz respeito às criações e desestruturas dos Estados Nacionais. Conduzidos por um grupo alinhado a um projeto político, os povos de uma determinada região adquiriram sentimento de unidade ao tomar-se de prerrogativas para caracterizar os outros como diferentes. A autora demonstra o quanto os rituais do cotidiano são imbuídos de símbolos e de sistemas simbólicos pelos quais as identidades são representadas para reforçar esses aspectos de diferença e marginalizar determinados indivíduos (WOODWARD, 2000, p. 7).

Ainda que os estudos de Woodward se pautem baseados em fenômenos da Modernidade e da Contemporaneidade, acreditamos que sua interpretação dos aspectos identitários se aplique também ao Mundo Antigo. Afinal, os aspectos linguísticos e os rituais do cotidiano em Roma também formam múltiplas identidades a partir da afirmação de alguns grupos sociais em detrimento de outros. Cícero, por exemplo, costumava elogiar um conjunto de indivíduos contrastando com os defeitos de cidadãos considerados viciosos: “E, provocando revolta entre os aliados e os renomados latinos, violando os pactos, os sediciosíssimos triúmviros planejavam diariamente algo novo

¹⁰ Embora o termo ideologia seja associado com frequência ao materialismo histórico de Marx, aqui colocamos por um viés cultural. Nesse sentido, segundo Geertz (2011, p. 110), o conceito de ideologia pode ser definido como um sistema de símbolos culturais que são traduzidos segundo o contexto social, de forma a enraizar-se na sociedade e criar um sentimento dualista e identitário, do “nós” contra “eles”. De tal maneira, acreditamos que o conceito de identidade de Woodward (2000, p. 7) complementa a maneira como Geertz apresenta a ideologia segundo a abordagem culturalista.

para perturbar os bons varões”¹¹ (*Rep.* 1.31). Observamos a caracterização de ambos os lados, criando uma forte dualidade “renomados latinos/bons varões” X “sediciosíssimos triúnviros”, fortalecendo sentimentos de diferença ao alijar os triúnviros e colocá-los como perturbadores da ordem. Aliás, a própria ideia de violação de pacto já é por si só uma questão relacionada às ordens sociais vigentes e como elas se representam, pois se os triúnviros de alguma forma incomodavam a aristocracia, certamente as estruturas de poder e as identidades estavam postas em cheque.

Portanto, apesar de Cícero ser um *homo nouus*, seus discursos corroboravam a manutenção das estruturas vigentes, favorecendo uma aristocracia tradicional estabelecida. Como pode, porém, um *outsider*¹² como esse orador passar a pertencer a esse grupo? Diversos pesquisadores cujos estudos foram dedicados às relações socioculturais, tais como Kathryn Woodward e Nibert Elias, evidenciam o fato de que grupos estabelecidos num local há mais tempo tendem a formar uma identidade em comum, tornando alijados os novos membros da sociedade. O que acontece é o chamado “processo civilizador”¹³, no qual o indivíduo, ao acumular características pertencentes a uma aristocracia local, passa a pertencer a ela por meio de uma adequação a um modelo comportamental (ELIAS, 1993, p. 195)¹⁴. Essa é a razão do *homo nouus* tanto se preocupar em defender as causas dos *optimates*: o desejo de adesão a esse grupo por meio de uma construção de identidade.

Sendo privilegiado do ponto de vista socioeconômico, Cícero pôde realizar grandes investimentos para o fortalecimento de sua identidade. Um exemplo é sua *domus* no Palatino, próximo ao fórum, considerado o coração da República (SHACKLETON-

¹¹ *Concitatís sociís et nomine Latino,foederibus uiolatis, triumuiris seditiosissimis aliquid cotidie noui molientibus, bonis uiris [locupletibus] perturbatis*

¹² Pode ser considerado problemático se referir a Cícero como *outsider*, uma vez que em determinado momento ele ocupou o mais alto cargo do *corsus honorum*. Contudo, levando em conta o fato dele mesmo se colocar como estigmatizado (ELIAS; SCOTSON, 2000 p. 23) por ser *homo nouus* (*Verr.* 2.5.180) e não usufruir dos mesmos bens dados pelo nascimento que outras elites usufruem, acreditamos ser justificável a nomenclatura.

¹³ Na obra de Elias (1993), é mostrada a incompatibilidade dos hábitos do homem contemporâneo com o do período medieval. Ainda que ambos tenham critérios de civilidade, um não poderia considerar o outro como parte de sua sociedade em termos culturais, pois as regras de comportamento social variam segundo o contexto histórico, em especial nos fatores da vida íntima e sexual (ELIAS, 1993, p. 170). Acreditamos que, apesar da obra *O Processo Civilizador* não tratar em específico das relações sociais romanas, podemos utilizar de seus preceitos – em especial, no que diz respeito à educação (ELIAS 1993, p. 263) – para identificar em Cícero uma série de estratégias discursivas e comportamentais com o objetivo de se adequar às aristocracias (HALL, 2009, p. 30).

¹⁴ O uso dessa obra para a análise de relações da Antiguidade deve ser feito com cuidado. Discutimos melhor essa questão no segundo capítulo.

BAILEY, 1965, pp. 227-235). A importância da *domus* romana para o exercício do *status ciuitatis* é inegável, pois sua configuração arquitetônica – que consideramos um aspecto discursivo importante – é convidativa e feita com base nos rituais do cotidiano romano (WALLACE-HADRILL, 1989, p. 64).

Segundo Walter Allen Jr. (1944, p. 1), a localização no Palatino possuía muito significado político, tanto por ter sido ambiente de moradia de indivíduos importantes da história de Roma, quanto por ser uma forma de lidar com seu estigma¹⁵ enquanto *homo nouus*. Além disso, considerando que o orador não possuía um número de serviçais tão elevado se comparado a outros aristocratas (GARLAND, 1992, p. 163), tal construção representava boa parte do patrimônio de Cícero¹⁶.

Gillian McIntosh (2013, p. 47) identifica na ideia de *domus* uma forma de expressão de identidade por meio da demonstração de opulência das grandes construções, indicando uma elite cuja diferença social dos grupos sociais menos abastados – e, nos discursos dos *optimates*, menos dignos – se evidenciava através do discurso arquitetônico. Essa opulência foi uma das principais vias de associação de Cícero às aristocracias tradicionais, o que lhe garantiu prestígio e possibilitou a ocupação do maior cargo do *Cursus Honorum*: o consulado.

Ser cônsul revela mais do que uma posição de poder, mas também uma aceitação social entre os eleitores. Pelo fato de Cícero ter atingido tal posição, entendemos, tal como afirma Habinek (1998, p. 54), que ele superou as barreiras dos *homines noui* a partir da moldagem de seu comportamento segundo uma compreensão do *mos maiorum*. Não podendo utilizar do passado ou de suas origens para legitimar sua ação ou prestígio, utilizou de uma atribuição de virtudes a si mesmo a partir de estratégias discursivas diversas, reinventando a política romana dos fins da República.¹⁷ Afinal, não poderiam fazer tal como a aristocracia tradicional fazia para investirem-se de poder político (SILVA, 2014, pp. 46-47).

¹⁵ Segundo Erving Goffman (2004, p. 4), o estigma é “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena”.

¹⁶ Os detalhes relacionados ao valor da casa são discutidos no capítulo 1.

¹⁷ Não apenas do ponto de vista da estruturação política, mas também da retórica. Cícero formaliza um sistema retórico original voltado para os modelos de comportamento dos atores políticos de sua época (em especial, seus pares), trazendo como favorável para a República os modelos similares a si (oradores que se dedicam à vida pública) e como desfavorável aquilo que se afasta dele. Ao ser orador, portanto, Cícero necessariamente se põe como aliado da República e um modelo de cidadão. Para saber mais, cf. Guérin (2011).

Durante o consulado, ainda advogando a favor dos *optimates*¹⁸, o orador pronunciou sua oração mais célebre conhecida como Catilinárias. Nesse discurso, Cícero desenhou uma cena em que representou pejorativamente os conjuradores de Catilina (*Cat.* 2) que objetivavam uma redistribuição de terras conquistadas em decorrência da Guerra Social e a efetivação do perdão de dívidas de algumas elites (MATOS, 1999, p. 19). Após o pronunciamento no senado, foi ordenada pelo cônsul a execução dos conjuradores sem qualquer tipo de julgamento. Esse feito gerou grande insatisfação de grupos contrários à ideologia dos *optimates* e paulatinamente desenrolou-se um processo de condenação de Cícero por seus atos.

Naquele período, havia um orador popular chamado Públio Clódio Pulcro, que abandonara de suas honrarias enquanto membro da *gens Claudia* para poder pleitear o cargo de tribuno da plebe (BILLOWS, 2009, p. 102). Ele e Cícero criaram uma inimizade um com o outro não apenas por serem defensores de discursos opostos, mas também por conta de razões pessoais. Conta Plutarco (*Cic.* 29.5; *Caes.* 10.6) que Clódio invadira a casa de César durante o festival da *Bona Dea*¹⁹, vestindo-se de mulher para poder seduzir a esposa do triúmviro. Devido a isso, Cícero proclamou um discurso contra ele, mas o réu fora absolvido alegando estar a 90 milhas de Roma no período do festival (MAY, 2002, p. 10).

O conflito político acirrara a disputa entre os dois e Clódio, no final de 59, ocupara o tribunato da plebe, garantindo-lhe popularidade e prerrogativas para aprovar determinadas leis. Entre elas, destacamos a distribuição de grãos de forma gratuita às massas, ato que Cícero considera prejudicial à República (*Sest.* 103). Tempos depois, o tribuno conseguiu retirar determinados *optimates* da *urbs*, dividindo o grupo e fortalecendo as propostas políticas dos *populares*. Ao estabelecer um cenário no qual diversos aliados ocupavam cargos, ele pôde mais facilmente lidar com Cícero ao aprovar a *Lex Clodia de capite ciuis romani* (Lei Clódia pela vida de um cidadão romano), que punia indivíduos responsáveis pela execução de réus sem julgamento

¹⁸ É de se notar que Cícero sempre chama de *Optimates* apenas os seus *amici*.

¹⁹ Anualmente, havia dois festivais à *Bona dea* (boa deusa): o primeiro ocorria em seu templo, no Aventino e o segundo era sediado pela esposa do magistrado sênior do ano, reunindo um grande número de matronas em sua residência. No evento, a participação era exclusivamente feminina, o que tornara a intrusão de Clódio demasiadamente mal vista (SANTOS, 2018, p. 162) (*Cic. Har. Resp.* 21.44).

prévio, tal como fora feito contra os conjuradores de Catilina. O resultado disso foi o exílio de Cícero, que estava diretamente envolvido com essa questão.²⁰

Faz-se necessário, no entanto, entender as consequências da condição de exilado e a forma com que os romanos e, mais especificamente, Cícero lidava com ela. Ressaltamos que para um cidadão, ser banido de sua terra era devastador em termos sociais, principalmente no caso de um *homo nouus* que ascendera por conta de uma ampla construção de sua identidade a partir de um *ethos* favorável (MAY, 2002, p. 11). Compreendemos *ethos* como a imagem pública construída a partir dos significados e das representações partilhadas entre um ser e a sociedade. Por meio desta doxa, as imagens criadas no discurso ganham valor (AMOSSY, 2011, p. 25).

No caso ciceroniano, pouco tempo depois dele ser forçado a sair de Roma, foi destituído de seus bens com a *lex Clodia de exilio Ciceronis* (lei Clódia sobre o exílio de Cícero). Acontece que, devido ao fato do julgamento pelo *Concilium Plebis*²¹ ser impossibilitado na ausência do réu, criou-se uma prerrogativa para, em caso de exílio voluntário, tomar seus pertences. Segundo Gordon Kelly (2006, pp. 25-30), tentar transportar a maior quantidade possível de bens era uma prática comum dos cidadãos ao saírem em exílio e, por isso, há a necessidade desses decretos.

Cícero sofreu a chamada *Aquae et ignis interdictio* (interdição da água e do fogo) por meio da lei de Clódio e acabou perdendo sua *domus* no Palatino, tornando dificultosos os esforços para a associação com a aristocracia romana, pois era a casa que representava a própria integridade do cidadão (MCINTOSH, 2013, p. 47). Sem essa estrutura e, desterrado de Roma, não poderia exercer alguns dos principais rituais da vida de um membro das elites, tais como as *salutationes* matinais²² e as funções administrativas de um *paterfamilias*²³.

²⁰ Esses eventos são postos de modo mais aprofundados no primeiro capítulo desta dissertação.

²¹ Uma assembleia na qual os plebeus poderiam aprovar suas leis e julgar casos jurídicos. Para saber mais, cf. Lintott (1999).

²² Nome dado ao costume de receber clientes pela manhã antes de se dirigir ao fórum. Para Harriet Flower (1996, pp. 217-218), era uma das principais marcas da cultura aristocrática nos fins da República e no início do Principado.

²³ Elevado estatuto social sempre ocupado por um homem, que tinha o dever de posicionar os indivíduos ao seu redor, em geral, membros da família (que em Roma não se limita ao modelo de família como compreendemos atualmente, sendo mais abrangente e envolvendo todos os habitantes da *domus*). Para saber mais cf. Frier; McGinn e Lidov (2004).

Assim sendo, o exílio é mais do que uma condição jurídica pela qual o indivíduo passa. Trata-se, na verdade, de uma questão identitária, afinal, são negadas àquele que sofre essa condição as possibilidades de realizar as atitudes que o definem enquanto pertencente a um determinado grupo. Ademais, colocar um cidadão enquanto exilado é demarcar um espaço o qual ele não pode ocupar.

Esse fato torna-se ainda mais evidente quando pensamos no exílio de Cícero. Quando ele saiu voluntariamente de Roma, Clódio promoveu ações para a demolição de sua casa e impedi-lo de voltar (MALOWSKI, 1976, p. 23). Além disso, outras de suas propriedades, tais como sua vila tusculana, foram saqueadas (BAILEY, 1965, p. 227). Vários dos elementos que representavam Cícero em Roma estavam sendo destruídos, tornando-o cada vez menos romano e, por consequência, mais *outsider* na *urbs*. Apesar disso, ele não foi executado, mas exilado. A razão dessa decisão, segundo Kelly (2006, p. 10), é o fato do banimento ser visto tradicionalmente como uma forma de punir mantendo o ideal de *concordia*. Ou seja, criar uma forma mais virtuosa – com todas as problemáticas desse termo – de lidar com os causadores de distúrbios em um determinado local.

Em vez de pertencer à aristocracia, Cícero passou a ser elemento de *discordia* – o oposto à *concordia* – deixando de ser associado às elites locais justamente por passar a criar o caos em vez da ordem. Nesse sentido, concordamos com Kelly (2006, p. 9) quando afirma que o exílio é o resultado da dissonância entre o *ethos* do banido e o *ethos* da aristocracia local, gerando a necessidade de separação entre esses indivíduos. Considerando, todavia, que o exilado se encontra impossibilitado de se associar às elites através dos comportamentos esperados nos rituais do cotidiano²⁴, faz-se necessário a busca de outros meios de afiliação.

É nesse ponto que a epistolografia assume um importante papel. O orador pôde manter-se vinculado à pátria por meio de seus discursos inscritos nas missivas endereçadas àqueles que poderiam de alguma maneira representar o que ele gostaria de alcançar. Segundo Jo-Marie Claassen (1999, p. 17), a atitude de Cícero perante a seu exílio é complexa e, para ser compreendida, devemos olhar com criticidade para o esforço autobiográfico que ele investe ao estabelecer uma narrativa de seus atos ao longo das

²⁴ Certeau (2004, pp. 37-51) apresenta as maneiras pelas quais os rituais do cotidiano assumem significação, estruturando um regime de poder na sociedade.

epístolas. Boa parte delas foram endereçadas a Tito Pompônio Ático e, acreditamos que ele foi seu modelo de afiliação para restaurar seu *status* enquanto romano.

Considerando que Ático foi um equestre, o que representava uma mínima parcela da população romana, é compreensível o papel que ele possuía na correspondência com o orador. Além disso, ele dispunha de vastos recursos econômicos, o que lhe proporcionava o poder de controlar facções políticas e aprovar rogações favoráveis para si (WELCH, 1996, p. 451-455). Esses fatos o tornavam um conveniente aliado para Cícero.

Banido, estava relegado a fazer política à distância por meio de seus *amici*, Ático em específico, uma vez que a maior parte das epístolas escritas durante o exílio é destinada a ele (27 de 34, o que representa cerca de 79% das cartas). Entretanto, sua comunicação ainda estava cerceada pela *fides*, o que não lhe permitia redigir de maneira irrefletida, influenciando muito seu comportamento no texto. A situação do exílio, que muito prejudicava seu *ethos* por significar que ele era elemento de *discordia*, tornava sua redação ainda mais complexa.

Cícero passava pelo que os analistas do discurso chamam de paratopia. Segundo Maingueneau (1993, p. 28), trata-se de uma relação paradoxal de exclusão/inclusão, na qual o locutor está numa constante negociação entre o lugar e o não-lugar, com dificuldade de se estabilizar. Isso está relacionado ao campo discursivo que lhe permite discursar enquanto aristocrata, pois enquanto não ocupa o espaço social adequado, seu texto se torna uma forma de lidar com esse impossível pertencimento. No entanto, a paratopia é confortada na própria enunciação das cartas e, ao longo da escrita de Cícero, é intensificada ou mitigada dependendo de sua situação enquanto cidadão.

É esse o aspecto que orienta nosso texto para analisar a correspondência escrita por Marco Túlio Cícero ao longo do exílio. De fato, outros trabalhos tanto brasileiros quanto estrangeiros foram feitos por autores que se debruçaram sobre essa obra com o intuito de expor alguma interpretação sobre ela. Porém, a desproporção numérica entre eles é alta, pois muito provavelmente por conta de não ter havido tradução para a língua portuguesa durante um longo tempo, a bibliografia em língua estrangeira acabou sendo mais extensa. Além disso, a maioria dos trabalhos brasileiros não trata da obra

ciceroniana do ponto de vista da análise do discurso: não encontramos autor algum que utilizasse o termo *paratopia* para pensar na obra ciceroniana.

Os textos do início do XX que versavam sobre o exílio ciceroniano ao longo das pesquisas de diversas áreas do conhecimento eram preenchidos de juízo de valor, fato que influencia discursos ainda presentes no âmbito acadêmico. Tratando desse tema, alguns historiadores desse período, como Zielinski (1912), não apenas tentaram criar uma interpretação acerca dos textos literários e das fontes a sua disposição, mas julgaram os indivíduos inscritos de acordo com a sua própria ideia do que seria ótica ciceroniana disposta naquilo que liam e buscavam para qualificar, também, o comportamento do orador em relação ao que ocorria em sua vida. As principais críticas a Cícero se davam pelo fato de ter trocado correspondências com inimigos e por ter se intoxicado pelos sentimentos negativos completamente repletos de vícios durante o momento em que esteve fora de Roma. Pierre Boyancé (1958, p. 21), discute essa polêmica e defende a imagem de Cícero afirmando que o verdadeiro Cícero só pode ser encontrado em seus grandes trabalhos, negando a possibilidade de criticá-lo nos momentos de fragilidade.

Segundo Claassen (1992, p. 22), apenas com Shackleton Bailey (1972) cria-se um balanço mais apropriado acerca dos trabalhos do orador, de forma a tentar separar sua imagem pública de sua vida privada. James May (1988) tenta estabelecer o *ethos* de Cícero em cada momento de sua vida, refletindo acerca da variabilidade do prestígio do *arpinate* e como isso afeta seu lugar na sociedade, fazendo com que ele se estabeleça de diferentes formas ao longo dos seus discursos, dependendo do estágio da vida em que se encontra.

Sobre o exílio em específico, no cenário internacional, há uma vasta produção sobre o tema. Na década de 90, Jo-Marie Claassen (1992) e Emanuele Narducci (1997) trataram do banimento em termos filosóficos. Já mais recentemente, Andrew Willey (2014) e Gilliam McIntosh (2013) são indivíduos de destaque nos estudos do exílio de Cícero, além do já estabelecido James May ocasionalmente escrever sobre o assunto durante seus estudos.

Atualmente, no Brasil, destacamos como principais estudiosos de Cícero Adriano Scatolin e Gilson Charles dos Santos. O primeiro realizou em sua tese (SCATOLIN,

2009) a tradução do *De Oratore*, obra fundamental sobre a retórica escrita por Marco Túlio Cícero, e o segundo tem realizados trabalhos acerca das *Filípicas* e a relação desse discurso com a crise republicana, além de atualmente traduzir discursos ciceronianos que receberam pouca atenção pelos pesquisadores.

Também temos acesso às dissertações de Marco Antônio Costa (2013) e Marly de Bari Matos (1999), nas quais foram traduzidas as cartas escritas por Cícero no período que nos interessa. Para nossa análise, optamos por utilizar a tradução de Costa tanto por conta de ser mais recente quanto pelo fato de seu trabalho versar sobre a retórica de exílio e as figuras de repetição utilizadas pelo orador, o que tornou seu texto em português cuidadoso com esse tipo de questão. Matos, por outro lado, traduziu outras cartas com o propósito de construir uma narrativa inteira dos eventos que cerceiam o banimento de Cícero e, por isso, devemos muito ao seu texto pela contextualização que a autora faz do período.

Nosso texto, portanto, traz um olhar da análise do discurso para a elocução epistolar das 34 cartas escritas pelo orador. Por conta disso, utilizamos da tradução de Marco Antônio Costa para buscar no texto estratégias discursivas com o objetivo de se afiliar a uma construção identitária levando em conta a condição paratópica na qual o autor se encontrava enquanto desterrado. Com a intenção de atender a esse objetivo, esta dissertação se encontra assim estruturada.

No primeiro capítulo, buscamos traçar um delineamento dos conflitos políticos que culminaram no banimento de Cícero. Para fazer isso, primeiramente, expomos dados biográficos do orador desde sua migração para Roma até seu retorno após o desterro. Ao longo desse percurso, visamos estabelecer uma visão crítica acerca da importância do aprendizado da retórica e da filosofia para a ascensão da carreira política de Cícero. Além disso, são comentadas os principais personagens que participaram do processo de construção imagética do orador ao longo do *cursus honorum* e durante o exílio para a compreensão das atitudes políticas tomadas. Nos centramos também nos detalhes das informações acerca de Clódio e Catilina, pois foram, para além de influenciadores políticos em Roma, figuras importantes para a transformação de Cícero em réu.

Ao passar pelo exílio, o orador teve de buscar forças políticas em Roma que poderiam favorecer sua restauração. Por isso, tratar do perfil desses indivíduos, tais quais os

tribunos que ele tanto batalhou para eleger também foi o papel desse capítulo. Conseguindo voltar legalmente para a *urbs* graças a esses indivíduos, Cícero teve de lidar com as narrativas negativas a respeito de sua pessoa e passou a reconstruir sua identidade visando representar negativamente seus inimigos e transformar seu banimento numa grande injustiça. A essa questão dedicamo-nos no fim desse capítulo.

Para o segundo capítulo, decidimos fornecer e esclarecer o escopo teórico utilizado para a análise das cartas com o intuito de instrumentalizar o leitor. Para a realização dessa atividade, iniciamos o capítulo com os pormenores da noção de exílio nos fins da República e como os próprios romanos lidavam com esse tema. Posteriormente, propomos uma reflexão acerca da relação do exílio com a noção de identidade romana e representação. Mais do que isso, problematizamos a ideia de romanidade, esmiuçando a necessidade de enxergar a Roma dos fins da República como detentora de múltiplas identidades, tornando errônea a generalização delas.

Escrever sobre a identidade nos levou a pensar sobre a maneira como os romanos se posicionavam em torno desse aspecto. De fato, vários rituais do cotidiano reforçavam as estruturas de poder da sociedade, no entanto, a conjuntura política recebia manutenções mediadas também pela literatura (HABINEK, 1998, p. 54). Por conta disso, o gênero epistolar e suas características se tornam foco de nosso trabalho ao longo desse capítulo, considerando também a teorização a respeito da correspondência ciceroniana. Abordamos também sua recepção. Por fim, relacionamos a epistolografia do exílio de Cícero com o efeito paratópico descrito por Maingueneau, garantindo uma preparação para o capítulo de análise.

No terceiro capítulo, visamos trabalhar com a espacialidade posta em nossa documentação primária e montar um percurso traçado pelo autor das cartas para pensar em como o local onde ele se encontra se relaciona com Roma e com os conflitos de identidade que cercam o exílio. Isso torna importantes os acontecimentos históricos ocorridos no local de onde a carta é enviada e, por isso, nós os expomos. Ademais, trazemos uma identificação e algumas interpretações das estratégias discursivas utilizadas por Cícero ao dialogar com seus destinatários, levando em consideração também os acontecimentos recentes à escrita desses textos. Fazer isso tornou o capítulo bastante longo e nos fez optar por deixar as cartas em anexo, apenas referenciando as quando necessário.

Em respeito ao trabalho de Costa (2013), colocamos suas notas junto ao texto. O anexo referente às traduções das cartas, portanto, é inteiramente pertencente ao trabalho dele. Pusemos também em anexo um mapa retirado da edição de Shackleton Bailey das *Epistolae ad familiares* com o objetivo de facilitar a localização dos eventos aqui narrados.

Esperamos, dessa forma, ter esclarecido os objetivos do trabalho e os principais conceitos nos quais nós nos apoiamos para a análise de nossa fonte textual. Acreditamos que nosso trabalho possa contribuir com um novo olhar acerca do exílio de Cícero e para que possamos utilizar dos estudos do discurso para examinar obras da Antiguidade.

1 DELINEAMENTO DOS CONFLITOS POLÍTICOS NO EXÍLIO CICERONIANO

“Ó Roma, afortunada, nascida quando eu era cônsul” “*O fortunatam natam me consule Romam!*” (*Frag.* 7). Esse fragmento da obra épica *De Consulatu Suo*, apesar de, segundo Katharina Volk (2013, p. 93), ser tão ridículo a ponto de ou ser hilário ou fazer com que aqueles que o ouvem revirem os olhos, é um forte exemplo da maneira como Marco Túlio Cícero tentou construir sua biografia. Mesmo tendo sua poesia rechaçada por escritores como Quintiliano (*Inst.* 11.1.24), Sêneca, o velho (*Contr.* 3.praef.8), Marcial (2.89.3-4) e Juvenal (10.114-126), ele foi reconhecido como um grande orador cujo consulado fora benéfico para Roma e seus inimigos foram vistos também como inimigos da República.²⁵

É no mínimo intrigante o fato de um indivíduo de linhagem não-senatorial ter recebido no mesmo ano a designação de homem novo (*homo nouus*) e inaugurado a titulação honorífica de pai da pátria (*pater patriae*)²⁶. Ainda mais intrigante é pensar que o mesmo evento que alavancou sua carreira teria, poucos anos depois, ocasionado sua queda e proporcionado momentos de grandes lamúrias por conta de ter ido do apogeu à síntese degenerativa de sua cidadania. Para a maior compreensão dessa questão, faz-se necessária a narração dos principais eventos da vida do orador, com destaque para os acontecimentos que cercam seu exílio.

No entanto, todo ato de biografar deve ser feito com esmero e desconfiança, pois construir uma narrativa em torno da vida de um indivíduo pode ser impreciso. O gênero existe desde a Antiguidade e, já nesse período, os historiadores apresentavam desconfiança quanto à sua característica tendenciosa (LEVILLAIN, 2003, p. 145).

A crítica a esse tipo de texto não é característica apenas da Antiguidade; na verdade, no século XIX vemos diversas críticas ao papel da individualização nas narrativas historiográficas (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 2017, p. 48), em especial, no que diz respeito ao heroísmo romântico. Já no século XX, com o advento dos *Annales*, apesar

²⁵ Quintiliano (*Inst.* 10.1.112) o descreve como sinônimo de eloquência “[Cícero] não é o nome de um homem, mas da eloquência” “[Cícero] *non hominis nomen, sed eloquentiae*”. Sêneca (*De ira* 2.2.3), ao escrever acerca de temas comumente causadores de irritação, afirma “É comum parecermos irados com Clódio por ter exilado Cícero ou com Antônio por tê-lo matado.” “*Saepe Clodio Ciceronem expellenti et Antonio occidenti uidemur irasci*”.

²⁶ Título honorífico latino dado a Cícero por conta de sua performance enquanto cônsul e de sua oração contra Catilina (COLLARES, 2010, p. 53).

das massas adquirirem um papel inovador do ponto de vista do protagonismo histórico, Marc Bloch (2002, p. 52) demarca a importância de pensar nas individualidades para a construção de um saber mais crítico.

Nas décadas de 1970 e 1980, tal como nos mostra Teresa Malatian (2011, p. 21), a escrita de si adquiriu vasto espaço nos estudos históricos. Esse fato esteve diretamente relacionado à chamada *Virada linguística*, momento em que os estudos do discurso adquiriram importância e se tornaram destaque na historiografia. A literatura, em decorrência disso, também passou a ser valorizada e as teorias críticas das áreas das letras passaram a ser compartilhadas (ou apropriadas) pelos historiadores, formando uma rica interdisciplinaridade. A partir desse momento, as diversas fontes de escrita de si (cartas e diários íntimos), segundo Malatian (2011, p. 22), “alcançam o estatuto de objeto científico no qual a palavra constitui o meio privilegiado de acesso a atitudes e representações do sujeito”.

É nisso que nos apoiamos para compor este capítulo: não alcançamos (e não pretendemos alcançar) uma verdade narrativa sobre a vida de Cícero, mas por meio da reflexão acerca dos discursos envoltos na sua vida, pudemos expor, ainda que de maneira sucinta, como constitui-se na contemporaneidade e nos debates dos Estudos Clássicos o posicionamento social de Cícero perante os outros homens de seu tempo e como ele pôde alcançar esse estatuto por meio das diversas atitudes tomadas (ou representadas) por si.

1.1 Juventude e contato com a retórica

Em 3 de janeiro de 106, nasceu Marco Túlio Cícero em Arpino, província na região do Lácio localizada aproximadamente 112 km a sudeste de Roma. Ele foi privilegiado com uma família de grande patrimônio, possibilitando um dispendioso processo de investimento educacional a partir da mudança para a capital da República, o que culminou no contato com grandes figuras da retórica ao longo de sua vida, tais como Lúcio Crasso, famoso orador que foi cônsul em 95 a.C. e Antônio, pai do triúviro Marco Antônio (MAY, 2002, p. 1-6), indivíduos que, segundo o arpinate, foram responsáveis pela sua instrução na matéria da oratória (*De or.* 2.1-9).

Logo durante a juventude, em 91, presenciou a Guerra Social, que fora resultado da distribuição desproporcional de terras, riquezas e cidadanias às cidades conquistadas na

Península Itálica, na qual as instituições locais eram obrigadas por Roma a pagar tributos abusivos, gerando revoltas incessantes e um caos político e social durante três anos (EVERITT, 2003, p. 37). No fim desse conflito, Cícero publicou *De Inuentione*, sua primeira obra acerca da retórica, fato que demonstra não apenas seu interesse para essa área do conhecimento, mas também, como denota ao longo do texto a partir de comentários sobre autores helênicos que também discutiam o tema da eloquência (*De Inuentione*, 1.6; 1.33), seu contato com a filosofia e a própria retórica grega. O jovem orador, além disso, traduziu alguns poemas helênicos como *Phenomena*, de Arato, dando também atenção às letras. Essas conquistas realizadas por Cícero ao longo de sua carreira coincidiram com diversos momentos de turbulência na política romana. Para além da Guerra Social, destacamos o consulado de Sula, que não apenas alterou as bases da política republicana, mas também marcou o início de décadas nas quais não houve exílios em Roma.²⁷

Lúcio Cornelio Sula, cônsul em 88, e Caio Mário, general popular na mesma época, disputaram o comando da guerra contra Mitridates VI, rei do Ponto, que aproveitara a situação da Guerra Social para ocupar a Ásia e a Grécia, confiscando propriedades romanas sob o comando do preclaro guerreiro Arquelau, que segundo Plutarco (*Sulla* 11), era o comandante favorito do rei. O senado, temeroso pela popularidade de Mário, acabou apoiando Sula pelo dever institucional que a magistratura lhe proporcionava, mas o general respondeu por meio do apoio de Públio Sulpício Rufo, tribuno da plebe, gerando intensa insatisfação do cônsul e culminando na Guerra Civil.

Durante esse conflito, Mário morreu em circunstâncias duvidosas, mas Plutarco traz como *causa mortis* a pleurisia²⁸ (*Mar.* 45). Sula tornou-se ditador, dando início a uma série de conflitos civis, o que causou uma representação negativa desse período histórico. O próprio Cícero menciona esse momento como sendo de imenso trauma em sua vida por ter resultado na morte de seus mentores, trazendo com lamento esse fato em sua obra “Isso foi pesaroso para os seus [os de Antônio], amargo para a pátria, grave para todos os bons.”²⁹ (*De or.* 3.8).

²⁷ O exílio muitas vezes era uma forma de evitar que o indivíduo fosse executado. Sula, no entanto, impediu que seus adversários fossem exilados e o executou em sua ditadura. Para mais informações, cf. Kelly (2006, pp. 11-53).

²⁸ Doença causada pela inflamação dos tecidos que revestem os pulmões.

²⁹ *Fuit hoc luctuosum suis, acerbum patriae, grave bonis omnibus.*

Alguns anos depois, em 81, foi produzido o discurso que estreou a carreira de Cícero como advogado, intitulado *Pro Quinctio* (em defesa de Quíncio), momento no qual se opunha a um dos principais rivais de sua vida, Quinto Hortênsio Hortalo, aristocrata e conservador acusado de corrupção pelo arpinate (*Div. Caec. 7*). Um ano depois, defendeu Rócio (*Pro Roscio Amerino*) no primeiro discurso da área criminal feito por ele. Durante o discurso, o orador acusou um liberto e apoiador de Sula, Lúcio Cornélio Crisógono, de corrupção (*Rosc. Am. 7*), trazendo certo risco para si por ocasionar a fúria do ditador.

Por conta disso, concordamos com James May (2002, p. 4) quando diz não ter sido calamitoso esse período na vida do orador apenas por conta da morte de entes queridos como Crasso e Antônio, mas também pelo fato de Sula representar uma grande dificuldade da ascensão de sua carreira devido ao perigo que os discursos poderiam acarretar a ele. Segundo Plutarco (*Cic. 3*), essa ameaça fez com que Cícero navegasse para a Ásia Menor em 79, com medo de que sua vida fosse comprometida ao tentar desenvolver suas aptidões para a vida pública; todavia, ele próprio diz que esse foi um período de falta de saúde, que o impediam de proferir discursos, e que ele aproveitou para viajar, objetivando novos estudos (*Brut. 314*).

Por isso, enquanto meus amigos e os médicos aconselhavam-me a desistir de atuar como orador, eu pensava que deveria antes enfrentar qualquer perigo do que abandonar a desejada glória oratória. Mas como eu julgava que pela diminuição da intensidade e moderação da voz e pela mudança do gênero oratório eu poderia evitar o perigo e discursar com mais equilíbrio, a fim de mudar meu modo de discursar, essa foi a causa da minha partida para a Ásia. (Tradução de Olavo Vinícius Barbosa de Almeida)

Itaque cum me et amici et medici hortarentur ut causas agere desisterem, quodvis potius periculum mihi adeundum quam a sperata dicendi gloria discedendum putavi. sed cum censerem remissione et moderatione vocis et commutato genere dicendi me et periculum vitare posse et temperatius dicere, ut consuetudinem dicendi mutarem, ea causa mihi in Asiam proficiscendi fuit.

Há cuidados nas caracterizações das atitudes do autor para que não lhe atribuam o vício da covardia. A partir de tal aspecto, podemos inferir duas afirmações: 1) Cícero não qualifica essa saída de Roma como exílio, nem a relaciona com a conjuntura política da *Vrbs* (preferindo até utilizar sua saúde como pretexto). 2) Sair de sua localidade naquele momento implicava em questões que exigiam algum tipo de justificativa, pois o orador menciona seu desejo de não abandonar a “glória oratória” e faz questão de enfatizar que

não lhe faltou coragem, mas saúde. Dessa forma, observamos como o cuidado com o comportamento e as expectativas desse comportamento são de fundamental importância na Roma ciceroniana.

Esses cuidados discursivos fazem parte da retórica, uma arte e técnica de muita importância para a estruturação social de Roma no último século da República. Compreendemos a retórica conforme a metalinguagem definida por Barthes como “uma técnica, um ensino, uma ciência, uma moral, uma prática social e uma prática lúdica” (BARTHES, 1975, p. 148-9), mas, mais do que isso, esse saber

desempenhou um papel importante em munir a jovem elite masculina de Roma com o treino e a experiência necessárias para defender e manter a sua posição na arena pública. A prática da retórica em reuniões públicas (*contiones*), tribunais, Senado, fórum, funerais públicos e salões era tanto uma marca de privilégio social como era um reflexo do poder político e social da classe dos patrícios. As assembleias públicas ofereciam aos cidadãos adultos do sexo masculino a oportunidade de aprimorar suas habilidades de retórica para fins legislativos e eleitorais em um ambiente por vezes violento. Mas o auge da retórica romana parece ter sido alcançado no Senado, ainda que suas regras prescritas e tradicionais, sua hierarquia social e as alianças políticas tenham predeterminado, se não limitado, a sua prática por profissionais altamente qualificados. (DOMINIK, 2012, p. 96)

A retórica, portanto, englobava a sociedade romana em diversos aspectos culturais, envolvendo e influenciando diretamente os seus vínculos sociais, pois, a partir deles, possibilitava-se tanto uma ascensão social³⁰ quanto uma preservação do *éthos*³¹. Todavia, ela não era apenas uma técnica ou um método persuasivo pelo qual os indivíduos defendiam suas causas em assembleias públicas, mas também uma sistematização da maneira de se criar um discurso sujeito à lógica dos romanos. Hansen (2013, p. 12) nos elucidava que todo enunciado “é produto de um ato singular de enunciação e é irredutível à abstração da frase da gramática e às fórmulas sem sujeito da lógica. Essa singularidade é retórica.”, o que significa que no momento de enunciação, é impossível desconsiderar a significação que o discurso possui ao se relacionar com outros elementos do campo discursivo e da sociedade. A maneira de se comunicar se torna retórica a partir do momento em que o sujeito reflete acerca das

³⁰ Um dos maiores exemplos disso é o próprio Marco Túlio Cícero, autor das principais fontes deste trabalho. Ele alcançou a maior magistratura em Roma mesmo não sendo de família tradicional, obtendo sucesso a partir de seu investimento no empreendimento oratório cf. Blom (2010 pp. 35-61).

³¹ Compreendemos *éthos* como um elemento intraliterário que estabelece um comportamento socialmente aceito e avaliado e está intrinsecamente integrado a um processo comunicativo (MAINGUENEAU 2014, p. 269). Apesar de ser um conceito apropriado pela Análise do Discurso, Ruth Amossy (2005, p. 26) demonstra o quanto o uso de preceitos retóricos podem colaborar para os estudos do discurso, portanto, ainda há, mesmo na recepção contemporânea, traços da retórica antiga na análise do discurso.

consequências do enunciado quando este chega aos seus receptores, polindo sua fala para torná-la mais eficaz e diminuindo os danos que as relações discursivas com outros indivíduos causaria no caso do cuidado não ter sido realizado.

Nos meados do século I, as relações interpessoais nas elites senatoriais em Roma eram estabelecidas a partir desses cuidados. Segui-los nos parâmetros desses grupos era uma das principais vias de ascensão social, criando uma sociedade estruturada com base no clientelismo político. As livres associações políticas, não determinadas por condições anteriores ao nascimento (família, ordem social etc), eram chamadas de *amicitia*, uma relação comumente traduzida como “amizade” (BRUNT, 1988, p. 381). Na Antiguidade, há vários tratados que versam acerca desse vínculo, mas pensando na definição trazida por Cícero, a *amicitia* só é de fato verdadeira entre os iguais em virtudes (*Cic. Amic.* 4; HUTTER, 1978, p. 156). Logo, para se fazer pertencente à aristocracia, podendo se relacionar com os membros desse grupo, deve-se criar um *ethos* condizente ao deles.

Diversos acadêmicos dedicaram trabalhos à compreensão desse vínculo social. No início do século XX, Ronald Syme definiu a *amicitia* como sendo uma instituição baseada nos interesses políticos, sem qualquer genuinidade do ponto de vista afetivo (SYME, 1967, p. 26). Discordando desse autor, David Konstan (2005, p. 128-135) apresenta uma complexidade maior em relação ao aspecto da verdadeira afetividade. Konstan (2005, p. 128), no entanto, não nega o fato dos rituais de interação em torno da *amicitia* terem sido utilizados como maneira de obter lugares de mais prestígio na sociedade por meio dos vínculos com indivíduos de elevada posição social. Assim sendo, a maneira de se dirigir a um *amicus* é de grande importância para a manutenção da relação entre os dois indivíduos e do *ethos* dos cidadãos. No caso da diferença de *status*, segundo Cícero, há o risco de lisonjeadores aproveitadores aparecerem e, portanto, a valorização da sinceridade e da honestidade é intensa (*Amic.* 62-78). A principal maneira de se estabelecer a *amicitia* entre pessoas de diferentes *status* era o patronato, que além de propiciar patrocínios de poetas era a principal forma de inserção dos romanos na vida pública. Esse tipo de relação poderia ser problemática no cenário do banquete romano, pois causava extrema fragilidade nas relações (KONSTAN, 2005, p. 187). Nesse ponto, a retórica possui papel de destaque, pois era por meio dela que se baseava a lógica socialmente aceita dos rituais de interação, nos quais eram estruturados os mecanismos de ascensão social.

Para um *homo nouus* como Cícero, esse procedimento foi muito conveniente, pois não podendo utilizar de um passado privilegiado como as aristocracias tradicionais, teve de buscar outros métodos para se filiar às elites. Devemos nos atentar, no entanto, que o fato de cidadãos originalmente não pertencentes a uma determinada elite conseguirem alcançá-la não indica de maneira alguma uma forma igualitária de fazê-lo. Ao contrário, todo esse processo foi possível devido à riqueza da família de Cícero, pois só a partir dela foi alcançável a educação dos ambientes aristocráticos. A retórica, portanto, apesar de ser via de ascensão social, só era acessível por um pequeno grupo socioeconomicamente privilegiado (DOMINIK, 2012, p. 96).

1.2 Filosofia e início da carreira política

Tendo em vista a importância do investimento no desenvolvimento dessa *ars/techné*, podemos enxergar diversas maneiras pelas quais o orador podia se apresentar enquanto douto nesse saber. A erudição fazia parte de uma associação a um grupo aristocrático, o que de certa forma poderia favorecer Cícero, pois essa característica fazia parte de uma construção de valores de indivíduos que dominavam o campo discursivo. Uma das áreas do conhecimento que mais perpassavam tanto no campo da retórica quanto pela própria noção da formação das leis era a filosofia, pois, tal como Olga Tellegen-Couperus e Jan Tellegen (2016, p. 26) mostram, a construção das leis romanas tiveram grande influência interpretativa da chegada da filosofia helênica na República. Por conta disso, Cícero foi a Atenas estudar durante seis meses com Antíoco de Ascalão, helenista eclético conciliador da filosofia estoica com a dos peripatéticos, além de ter discutido sobre a natureza da retórica com Demétrio, o sírio³² e ter adquirido bastantes habilidades discursivas nessas viagens (*Brut.* 314-316).

Foi ao retornar dessa viagem, entre 77 e 78, que o arpinate deu início ao *cursus honorum* assumindo o cargo de questor, e casou-se com Terência, jovem mulher de família plebeia rica que muito impactou sua vida, tendo influência em sua participação política por meio das epístolas e da administração de parte de seus bens. Treggiari (2007, p. 30) supõe que ela tenha sido filha de Marco Terêncio Varrão, um famoso escritor descrito por Quintiliano (*Inst.* 10.1.95) como o “homem mais douto entre os

³² Pouco se sabe sobre esse homem. Chiron (1993, p. 13) afirma ser o autor do *Sobre o estilo*, mas tal como Gustavo de Freitas (2011, p. 15) nos lembra, as teorias acerca da autoria desse texto variam do século III a.C. ao século II d.C., tornando mais obscura a determinação de quem é esse Demétrio com quem Cícero estudou.

romanos” “*uir romanorum erudissimus*”, o que a tornaria, além de rica, bastante prestigiosa. Suas riquezas, no entanto, não se limitavam apenas às propriedades garantidas pelo parentesco, uma vez que ela possuía diversas casas em seu nome, além de outros investimentos que lhe permitiram o resguardo durante o exílio ciceroniano (*Att.* 2.4; 2.15; *Fam.* 14.1).

Dois anos depois, justamente em momento de crise de grãos, Cícero foi eleito questor na Sicília, a maior fonte de grãos até o principado de Augusto³³. Segundo May (2002, p. 6), sua administração e seus contatos lá o tornaram a primeira opção de advogado contra o governador local em 73: Caio Verres, alvo de fortes invectivas ao longo do discurso pronunciado em 70, *In Verrem*, no qual lhe são atribuídos diversos crimes de corrupção e uma péssima gestão. Essa oração em muito alavancou a carreira política de Cícero, pois além de preparar as bases para sua eleição como edil, elevou sua fama enquanto *homo nouus* que ascendia através das assembleias públicas. Uma das principais maneiras pela qual o fez foi por meio da crítica à *nobilitas* – uma condição privilegiada de nascimento das famílias tradicionais de Roma (HABINEK, 1998, p. 62) – vinculando-a a comportamentos excessivos e inadequados opostos às virtudes pelas quais ele diz ter atingido sua ascensão social (*Verr.* 2.3.7).

O *homo nouus* frequentemente contrastou sua condição de nascimento com as famílias nobres, destacando o fato de não ter recebido honrarias em decorrência de seu nascimento: “Mas não me é garantido o que é para aqueles de nascimento nobre, os quais, mesmo dormindo, possuem todas as honrarias do povo romano tomadas para si; É relegada a mim a necessidade de viver sob uma lei distante dessa condição e desse estatuto.”³⁴ (*Verr.* 2.5.180). Nesse trecho, é construído para o orador um lugar no qual – ainda que desprivilegiado – exhibe seus talentos ao condenar um determinado grupo social. Tal como May (2002, p. 7) nos lembra, a Roma ciceroniana era um ambiente no qual a lapidação do *ethos* era essencial para a manutenção da vida pública de um cidadão, principalmente para um orador. A situação de um indivíduo que não provinha de famílias aristocratas tradicionais em muito prejudicava o percurso na carreira política e na construção de boa imagem, mas ainda assim Cícero utilizou constantemente de sua condição como elemento argumentativo para favorecer seu lado no discurso, ganhando

³³ A partir do governo augustano o Egito passou a substituir a Sicília como maior distribuidor de grãos de Roma. Para maiores informações cf. Kessler e Termin (2007).

³⁴ *Sed non idem licet mihi quod iis qui nobili genere nati sunt, quibus omnia populi Romani beneficia dormientibus deferuntur; longe alia mihi lege in hac civitate et condicione vivendum est.*

a benevolência daqueles que simpatizavam com seu *labor* (trabalho) e *industria* (participação da vida pública).

Essas virtudes associadas ao trabalho duro e à participação ativa na vida pública eram fundamentais para um *homo nouus* (MCDONNEL, 2006, p. 534). Essa ideia é destrinchada no *De Republica* (1.1), pois é nesse tratado que há uma fervorosa invectiva contra indivíduos ociosos em detrimento do bem público. Em suas palavras: “Afirmando apenas: tanta foi a necessidade de virtude dada ao gênero humano pela natureza, tanto o amor dado para defender a salvação comum, que esta força venceu todos os afagos da volúpia e do ócio”³⁵. Isso depois se transforma numa estruturação de sociedade guiada pelos detentores dessas características elogiáveis, movendo a República pela filosofia:

Entretanto, se há alguns que se movem pela autoridade dos filósofos, prestem atenção e escutem aqueles de suma autoridade e glória em meio aos homens doutíssimos. Ainda que não tenham gerido a República, contudo, uma vez que investigaram e escreveram muito acerca dela, considero que desempenharam alguma tarefa para a República. (*Cic. Rep.* 1.12)

Ac tamen si qui sunt qui philosophorum auctoritate moveantur, dent operam parumper atque audiant eos quorum summa est auctoritas apud doctissimos homines et gloria; quos ego existimo, etiamsi qui ipsi rem publicam non gesserint, tamen quoniam de re publica multa quaesierint et scripserint, functos esse aliquo rei publicae munere.

Posteriormente, na resposta de Lélcio acerca do que deve ser feito para a realização de uma sociedade feliz: “Aqueles artes que nos tornam úteis à *ciuitas*; pois julgo que esta é a mais bela função da sabedoria e o grande exemplo ou dever da virtude”³⁶ (*Rep.* 1.33). Podemos identificar a partir disso, portanto, um processo no qual é definida a noção de virtude a partir da contemplação da vida pública que é muito útil para a construção do *ethos* e da *auctoritas* de Cícero. Esse esforço era necessário, pois o orador não fora bem aceito entre os *optimates*³⁷ inicialmente (EVERITT, 2003, p. 400); ao contrário, o fato de não pertencer ao grupo dominante tradicionalmente deu-lhe bastante trabalho para

³⁵ *Unum hoc definio, tantam esse necessitatem virtutis generi hominum a natura tantumque amorem ad communem salutem defendendam datum, ut ea vis omnia blandimenta voluptatis otique vicerit.*

³⁶ (*Laelius*) *'eas artis quae efficiant ut usui civitati simus; id enim esse praeclarissimum sapientiae munus maximumque virtutis vel documentum vel officium puto. quam ob rem ut hae feriae nobis ad utilissimos rei publicae sermones potissimum conferantur, Scipionem rogemus, ut explicet quem existimet esse optimum statum civitatis; deinde alia quaeremus. quibus cognitum spero nos ad haec ipsa via perventuros, earumque rerum rationem quae nunc instant explicaturos.'*

³⁷ Termo político ligado aos defensores da autoridade senatorial. Os *Optimates* eram aristocratas que se identificavam com uma série de virtudes vinculadas a famílias tradicionais romanas e, por isso, colocavam-se contra demandas populares. É importante salientar, no entanto, que não se tratavam de um partido ou facção política oficial, mas de uma construção simbólica pela qual alguns indivíduos se colocavam e associavam em termos político-culturais. Para saber mais, cf. Yakobson (2017).

seguir em sua carreira pública. Criaram-se diversos estigmas, inclusive o apelido *peregrinus*, afinal, as elites demonstravam incômodo com a ascensão social. Para lidar com esses problemas, Cícero utilizou de diversas estratégias discursivas para se inserir nessas elites (PITA, 2010, p. 50). Tal como May (2002, p. 7) afirma, esse cuidado e essas estratégias executadas por meio da retórica não são apenas uma forma de se construir enquanto aristocrata, mas também de desconstruir qualquer estigma social gerado pela sua condição de não romano.

A década posterior foi bastante agitada em termos políticos. Em 69, Cícero serviu como edil e em 66 como pretor, aos 30 anos, idade mínima requerida para se candidatar ao cargo. Durante o exercício da magistratura, se envolveu diretamente na resolução dos conflitos contra Mitridates do Ponto ao argumentar a favor do comando do general Pompeu por meio de sua primeira oração deliberativa, o *Pro lege Manilia*, cujo nome é dado por conta do tribuno Manílio, que propusera uma lei em apoio ao triúmviro (MAY, 2002, pp. 7-8). Esses eventos criaram entre Pompeu e Cícero uma expectativa de continuação de *beneficia*, ou seja, de favores entre os dois. Depois de ser pretor, começou a preparar o território para o consulado, num longo processo que explica a *Ático* detalhadamente (*Att.* 1.1).

1.3 Catilina e o consulado

Nos fins da década de 60, há o apogeu da carreira ciceroniana, no qual ele chega ao topo do *cursus honorum*, ocupando a magistratura do consulado com a ajuda de diversos setores da sociedade, tais como grupos aristocratas que o apoiavam pelo fato de seus discursos serem mantenedores de uma estrutura de poder³⁸ favorável. Entre esses indivíduos favorecidos, podemos destacar Catão, o jovem, preclaro orador estoico cuja moralidade é representada como inquestionável e alinhada com ideais republicanos (*Plut. Cat. Min.* 3.3).

Catão era também um defensor dos valores dos *optimates*, que viam seu *establishment* questionado já desde as reformas dos irmãos Graco e outras revoltas populares que ocorreram a exemplo dela. Além disso, no século I, o crescimento do prestígio dos generais causou grandes preocupações às aristocracias senatoriais, que perdiam cada vez mais apoio das assembleias populares. Indo de encontro a isso, desde 82, tal como

³⁸ Compreendemos como uma cultura organizada por meio de uma hierarquia dominante que determinava quem eram os estabelecidos e os excluídos (*outsiders*). Cf. Elias e Scotson (2000).

afirma Matos (1999, p. 15), Catão “renovava as esperanças dos senadores de manter o *status quo* e resistir às investidas de Pompeu, César e Crasso, os quais, por trás de um programa popular, agiam unicamente por suas conveniências particulares.”³⁹.

Essas estratégias de resistência às ações populares ainda se mantinham duas décadas depois, momento no qual o *homo nouus* em ascensão estava ganhando prestígio tanto na ordem senatorial quanto entre os grupos populares. Isso proporcionou uma aliança política na qual Cícero muniu os aristocratas com discursos que os favoreceram jurídica e socialmente, ganhando em troca uma adesão maior desses conservadores, mesmo sendo um *homo nouus*. O ano de 63 em particular foi preenchido com diversas orações que visavam apaziguar os conflitos sociais causados pelas desavenças que punham em xeque a autoridade desses indivíduos.

O primeiro posicionamento político de Cícero expresso em discurso ao qual temos acesso daquele ano se refere a uma lei encaminhada por Públio Servílio Rulo a mando de César e Crasso (GELZER, 1960, p. 7). Tratava-se de uma proposta de criação de um colegiado composto por dez indivíduos (*decenviri*) que fundaria colônias no território italiano, em especial a Campânia (importante região para a cultura e economia romana)⁴⁰ utilizando os recursos adquiridos por despojos de guerra e pelo *ager publicus*⁴¹ (MATOS, 1999, p. 17).

Para alguns historiadores (MARSH, 2013, p. 77; MAYER, 2011, p. 14), César e Crasso objetivavam apressar essa distribuição de terras enquanto Pompeu estava no Egito para não permitir a ele tomar posse de território algum, pois indivíduos ausentes não poderiam fazê-lo. Esse ponto é reforçado pelo fato de Cícero constantemente mencionar o quanto Pompeu seria prejudicado caso essa lei fosse aprovada (*Leg. Agr.* 1.7) e, por isso, concordamos com essa interpretação.

Para Matos (1999, p. 17), além do uso do tesouro público empobrecer o Senado indiretamente, o fato de Pompeu não poder pleitear uma vaga entre os decênviros era

³⁹ Há um juízo de valor empregado ao objetivo das ações dos triúnviros nesse trecho. Acreditamos que não cabe ao pesquisador determinar se as ações dos personagens históricos são realizadas por conveniências particulares ou não. Apesar disso, não negamos o fato de Matos ser precisa no que diz respeito às fortes investidas de Catão contra o triunvirato.

⁴⁰ Exemplos da importância cultural se mostram pelo fato dessa região ser frequentemente retratada na poesia flaviana. Para saber mais, cf. Augoustakis; Littlewood (2019). Para a economia, a Campânia era grande fonte de grão (Kessler; Termin, 2009).

⁴¹ Era um conjunto de bens pertencentes ao Estado que compunha uma espécie de tesouro público (LEWIS, 2015).

uma grande preocupação para Cícero, uma vez que a fúria do general poderia dificultar sua proximidade com os *optimates*. Mais tarde, no mesmo ano, continuou defendendo interesses aristocráticos, como os privilégios equestres concedidos por Róscio Otão⁴², além de ter defendido Caio Rabírio, senador acusado de ter assassinado Lúcio Apuleio Saturnino em 100. O processo foi reaberto 37 anos depois por César, mas Cícero pronunciou-se em defesa do réu, novamente indo contra os *populares* e, por consequência, a favor dos *optimates*.

Após isso, os conflitos entre os grupos se intensificaram quando Lúcio Sérgio Catilina, um senador que teve em 65 e em 64 tentativas falhas de eleição ao cargo de cônsul, revoltou-se e, segundo Salústio (*Cat.* 20-22), reuniu pessoas para causar perigo à *Vrbs* através de uma conspiração. Não só esse autor constitui uma representação pejorativa e caricatural do revoltoso, mas também Virgílio, que em muito contribuiu para o imaginário da história de Roma (HARRISON, 2018) e até para a formação da identidade dessa civilização (SYED, 2005; TOLL, 1997), desenha no escudo de Enéias um Catilina maligno por meio de seus versos:

Mais longe as moradas
do negro Tártaro avistam-se, as bocas horrendas de Dite,
bem como as penas dos crime, e tu, Catilina, suspenso
de um pavoroso penedo e a tremer da carranca das Fúrias.
Mas, para os bons, sítio à parte; Catão a eles todos premeia [...].
No meio disso destaca-se a frota de proas de bronze
na pugna de Áccio (A. 8.666-75) (Tradução de Carlos Alberto Nunes).

Hinc procul addit
Tartareas eriam sedes, alta ostia Ditis
Et scelerum poenas, et te, Catilina, minaci
Pendentem scopulo Furiarumque ora trementem,
Secretosque pios, his dantem iura Catonem. [...]

⁴² Tribuno da plebe no ano 67 (CSAPO; SLATER, 1995, p. 309).

In médio classis aeratas, Actia bela.

Assim, denota-se uma representação estabelecida de Catilina como um indivíduo vicioso em diversas fontes literárias. No trecho aqui exposto, o conflito entre ele e Catão é inscrito no mesmo objeto que a batalha de Ácio, evento importantíssimo para a própria constituição político-ideológica da obra literária virgiliana (HARRISON, 2018), o que demonstra a relevância dada a essas personagens pelo poeta. Faz-se necessária, no entanto, uma melhor explanação dos eventos relacionados à conjuração de Catilina para o aprofundamento da análise de sua imagem nos discursos ciceronianos e em outros e da importância de suas ações para a alavancada da carreira de Cícero.

Em 65, Catilina apresentou um programa político que propunha o cancelamento de dívidas de alguns patrícios e uma redistribuição de terras pertencentes à República. Matos (1999, p. 19) destaca o fato da crise ocorrida no contexto em que ocorre a revolta desse indivíduo fundamentar sua propaganda ideológica, pois desde a Guerra Social ocorriam intensas revoltas rurais.

Assim sendo, a conjuração é uma resposta aos eventos sociais e econômicos acometidos à República após a morte de Sula (WILKINS, 1998, p. 8). Seu apoio, todavia, parece não ter sido o suficiente, o que levou a duas derrotas seguidas nas eleições anuais para o consulado, gerando intensa revolta em 62, ano em que, amparado por endividados e revoltosos que apoiavam sua causa (muitos por terem falido por conta dos conflitos contra Mitridates), Catilina tentou chegar ao poder à força com um levante militar, que Cícero descreve como grande ameaça a Roma (*Cat.* 2.1).

Muitos historiadores se atentam à possibilidade do orador ter exagerado ao caracterizar o conjurador dessa forma. Aliás, isso já ocorria na Antiguidade, como podemos observar na obra de Dião Cássio (38.42), na qual ele já alertava para esse exagero. Com base nisso, Walter Allen Jr., em 1938, escreveu o artigo intitulado *Em defesa de Catilina*, publicado no *The Classical Journal*. Em 1970, Waters propõe na *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* que se diminua a atenção dada a esse evento histórico (WATERS, 1970 p. 13), além de ironizar a oração que Cícero pronunciara sobre este, dizendo que o orador possuía uma imaginação bastante fértil.

O arpinate expôs tal conspiração ao Senado, culminando nos preclaros discursos conhecidos como *Catilinárias*, que alavancaram sua carreira e lhe deram o título de *pater patriae*. No século XXI, parece ser dada uma nova importância ao evento. James May, em 2002, demonstrou, ao analisar o *ethos* do orador, que o evento fora no mínimo marcante o suficiente para que a *auctoritas*⁴³ do cônsul fosse exercida, de forma a permitir que um *homo nouus* construísse uma *persona* virtuosa sem necessitar da *nobilitas* garantida por nascimento e enobrecendo seu próprio *ethos* (MAY, 2002, pp. 49-50). Ainda segundo May (2002, p. 51), Catilina é retratado como de maneira oposta a Cícero, ou seja, desprovido de *industria* e *labor*.

Levando isso em consideração, concordamos com a interpretação de May e acrescentamos o fato da construção do *ethos* de Cícero se basear em sua oposição a Catilina, de forma a criar uma relação inversamente proporcional entre os dois *ethé*. Portanto, na medida em que o réu é vituperado nesse caso jurídico, o orador recebe prestígio e honrarias pelas virtudes demonstradas em contraste com os vícios de seu adversário.

Todavia, o cônsul ordenou que fossem executados os conjuradores de Catilina sem julgamento prévio, fazendo com que a maioria deles fugisse de Roma, ato que, de acordo com Salústio, foi visto posteriormente como cruel e ocasionou o exílio de Cícero (*Con. Cat.* 22). A ordem de execução dos conjuradores levou a uma reação hostil dos *populares*⁴⁴, causando grande alarde no Senado, pois o discurso de que o cônsul havia passado dos limites de sua autoridade começou a se fortalecer (MAY, 2002, p. 9), dando margem à intervenção de Públio Clódio Pulcro, principal adversário político de Cícero nas questões que envolvem seu banimento de Roma. Apesar disso, Plutarco (*Cic.* 14) afirma que na festa da *Bona Dea* daquele ano, ocorrida na casa de Cícero, vestais teriam informado a Terência que havia bons presságios quanto à atitude de seu marido. Essa previsão, no entanto, tal como veremos nos acontecimentos a seguir, não parece adequada.

1.4 Clódio e o banimento

⁴³ A legitimação socialmente reconhecida de governar a República, oposta a *potestas* (POHLMAN; PINTO, 2008, p. 171; BURKE, 1994, p. 53-77).

⁴⁴ Grupo político romano com representatividade no Senado que tendia ao favorecimento de causas plebeias, alguns exemplos de seus líderes são os irmãos Graco, o general Mário e o próprio Júlio César. Tal como os *optimates*, não se configuravam como partido político, mas como indivíduos associados a um determinado ideal (LINTOTT, 1994, p. 52).

O processo de condenação de Cícero pela execução dos conjuradores sem o devido julgamento possui alguns precedentes fundamentais. Em primeiro lugar, apesar de ser costumeira, ao menos durante os fins da República, a performance de um discurso de entrega de cargo ao fim do mandato, Cícero foi impedido de fazê-lo ao deixar o consulado em dezembro de 63. Segundo Plutarco (*Cic.* 23), os tribunos Metelo Nepos e Calpúrnio Béstia foram responsáveis por isso, influenciados por César.

Matos (1999, p. 21-22) afirma ter sido esse o início da ameaça ao prestígio do orador, mas acreditamos que esse processo de desconstrução de seu *ethos* e sua *auctoritas* já havia começado antes mesmo da condenação, e que César sugerira o confisco de bens de Catilina em vez da pena capital (*Sal. Con. Cat.* 51) já planejando estrategicamente o uso desse fato para criar elementos discursivos favoráveis a ele e contrário aos *optimates*. Na verdade, a construção dessa narrativa não prejudica apenas Cícero, mas todos os senadores que o apoiaram nesse processo, incluindo Catão, que, ainda segundo Salústio (*Con. Cat.* 52), liderara a aprovação da pena capital.

Apesar de César ser destaque no processo de desestruturação do poder da aristocracia senatorial da década de 60, é de demasiada importância identificar os personagens históricos que participam ativamente da destituição dos bens de Cícero. Metelo Nepos, irmão de Metelo Céler, com quem o arpinate trocou algumas epístolas com agudeza, fora eleito cônsul em 57, justamente quando o indivíduo que por ele havia sido impedido de discursar estava em exílio. Assim sendo, tanto no processo de condenação de Catilina quanto no do próprio Cícero, havia interesses de ascensão social pautados nas estruturas de poder movidas pelos discursos. Enxergamos, portanto, os conflitos políticos dos fins da República Romana não sendo movidos por personagens históricos protagonistas, mas por uma série de elites que disputavam pelo poder.

Os dois irmãos da *gens Metella* tornaram-se tribunos da plebe no fim da década de 60 e articularam uma campanha contra Cícero, propondo que, para proteger a República dele, Pompeu deveria retornar do oriente e instaurar a ordem (SCULLARD, 2010, p. 95). O orador, no entanto, os venceu em primeiro momento numa *contio*,⁴⁵ e os tribunos

⁴⁵ As *contiones* eram assembleias informais efetuadas na República Romana nas quais os cidadãos comuns poderiam ouvir de magistrados o que foi debatido por eles. É importante destacar que boa parte das informações dadas aos cidadãos eram mediadas por esses magistrados e, por conta disso, as *contiones* possuíam grande peso na opinião popular, sendo bastante valorizadas pelos aristocratas por conta disso (HIEBEL, 2009, pp. 11-15). Nesse caso em específico, Cícero teve a oportunidade de esclarecer sua decisão de executar os conjuradores e convencê-los de que fez isso pela República.

Catão e Minúcio Termo, como afirmado por Cícero (*Fam.* 5.1; 5.2; *Att.* 13.5), foram os responsáveis por se oporem à *rogatio* de Metelo.

Ainda que tenha conseguido manter prestígio, os ataques ao orador não cessaram. Pelo contrário, após ter atacado Públio Clódio Pulcro, sofreu diversas denúncias e acabou tendo que se exilar e sofrendo um processo de destituição de bens. Clódio foi um orador popular que defendia pautas sociais, inclusive a distribuição gratuita de cereais em Roma, que era uma demanda a qual tentaram atender diversas leis, a exemplo da famosa *lex Sempronia* de Caio Graco, aprovada em 123, que abaixou consideravelmente o preço desse bem (CRISTOFORI, 2002, p. 142-143).

Cícero pronunciou em 56 uma oração na qual condenava a *lex Sempronia*, pois segundo ele, essa lei não passava de um incentivo para a plebe conseguir sustento sem necessitar trabalho, culminando na degeneração da sociedade como concebida pelo aristocrata.

Caio Graco trazia a lei dos grãos. Apreciada pela plebe, pois recebeu comida em demasia sem sequer trabalhar. Os homens bons repudiavam, pois tanto pensavam que levaria a plebe do trabalho para a preguiça quanto viam ser exauridos os cofres públicos. (*Sest.* 103)

Frumentariam legem C. Gracchus ferebat. Iucunda res plebei: victus enim suppeditabatur large sine labore. Repugnabant boni, quod et ab industriam plebem ad desidiam avocari putabant et aerarium exahuriri videbatur.

“Pensavam que levaria a plebe do trabalho [*industria*] para a preguiça [*desidiam*]”⁴⁴ “*Ab industriam plebem ad desidiam avocari putabant*”. Após estabelecer a *industria* como uma de suas virtudes, o orador passa a utilizar esse *topos* para condenar aqueles que são contra seus interesses. Considerando essa reação diante de uma diminuição do preço dos grãos, a tentativa de Clódio de torná-los gratuitos se mostra abominável para os defensores da ideologia dos *optimates*. Na verdade, a partir do momento em que diz que os bons cidadãos repugnavam a lei, o orador se mostra virtuoso por consequência, afinal, ele próprio o faz.

Enquanto Cícero, um *homo nouus*, buscava se associar com uma aristocracia conservadora, Clódio, nascido Públio Cláudio Pulcro, pertencia à *gens Claudia*, já estabelecida como uma das famílias patrícias mais tradicionais de Roma: ele era filho de Ápio Cláudio Pulcro, cônsul em 79. Todavia, fez o contrário de seu adversário político e se desassociou dos grupos aristocratas ao abdicar do nome Cláudio, podendo, a partir disso, ser adotado por uma família plebeia e tornar-se tribuno da plebe em 58. Ele havia

participado da guerra contra Mitrídates sob comando de seu cunhado, Lúculo, mas, segundo Plutarco (*Luc.* 33-34), foi responsável por um levante contra seu comandante, fazendo com que este perdesse o controle sobre suas tropas. Quando voltou a Roma, precisou se resguardar pelo levante feito e tentou ganhar apoio de alguns *optimates*, chegando até mesmo a ficar próximo de alguns posicionamentos aristocráticos tradicionais. Isso ocorreu principalmente no que diz respeito aos processos encaminhados contra Catilina em 65, no qual ele o acusou de extorsão durante seu comando na África. Cícero afirma que o réu só foi inocentado desse caso porque Clódio foi subornado por ele (*Cic. Har. Resp.* 42).

Apesar de seus ideais opostos, a tensão entre ambos só foi consolidada no final de 62, após os acontecimentos do festival para a honra da *Bona Dea*. Naquele ano, o pontífice máximo era César e, portanto, a festa ocorreu em sua residência. Plutarco (*Cic.* 29.5; *Caes.* 10.6) diz ter sido lá o momento no qual Clódio fora visto trajando vestes femininas e demonstrando interesse em Pompeia, esposa do triúnviro. Esse ocorrido foi narrado por Cícero em tribunal numa dura acusação de profanação feita ao suposto invasor da festa. Este, porém, foi absolvido, mas, de acordo com o acusador (*Att.* 1.12.3), o evento fez com que César e Pompeia se separassem, gerando grande alvoroço.

“Os áugures e pontífices foram consultados sobre o ato de Clódio e concluíram que se tratava de um sacrilégio” (Matos, 1999, p. 23). É fato que a imagem do popular fora construída de forma intensamente pejorativa, com discursos (*Cic. Mil.* 73), relatos historiográficos antigos (*Plut. Cic.* 39.5) e textos modernos (May, 2002, p. 10) que ajudam a estruturar essa representação. Cícero assim o caracteriza no discurso em defesa de Milão: “Teria subjugado tudo, de tudo se apoderaria, teria tudo em suas mãos”⁴⁶.

Billows (2009, p. 102) o chama de excêntrico, arrogante e agressivo; por outro lado, Dyson (2010, p. 7) o considera um dos mais inovadores políticos urbanos na história ocidental. A maneira como os principais adversários políticos de Cícero são vistos pela contemporaneidade foi muito marcada pelas representações criadas por ele devido à falta de outras fontes acerca desses indivíduos, pois a maioria delas apenas perpetua a negatividade imposta por Cícero (Leach, 2001, p. 336). Além de não ser nosso papel enquanto pesquisadores expressar juízo de valor em relação a esses indivíduos,

⁴⁶ *Opressisset omnia, possideret, teneret.*

devemos nos atentar aos propósitos político-ideológicos que levaram à representação dos personagens cujas narrativas não venceram ao longo da história. Leach (2001, p. 335) brinca ao mencionar a pejorativa abordagem de W. Jeffrey Tantom sobre Clódio: “a diferença do Clódio de Tantom para o de Cícero é algo como aquela entre livro e o filme”.⁴⁷

A questão a ser pensada é o motivo de Clódio ser desenhado de forma tão negativa por Cícero durante toda a sua vida, mesmo este tendo se reconciliado com vários inimigos após o exílio. Como uma explicação de serem predestinados à inimizade, Veleio Patérculo (2.45) afirma ter sido impossível haver amizade entre dois homens tão distintos. Isso é feito após o historiador dizer que Clódio era um depravado que utilizou de sua eloquência para seus próprios caprichos e teve relações incestuosas com sua irmã; ou seja, colocá-lo como oposto a Cícero também é atribuir a este virtudes opostas a esses vícios. Plutarco (*Cic.* 29.3), no entanto, explica essa inimizade por meio da necessidade que o arpinate tem de criar um vínculo incestuoso entre Clódio e sua irmã. Essa necessidade surge por conta de Terência, segundo o historiador, ter ciúmes de Clódia.

Dessa multiplicidade de interpretações, Leach (2001, p. 337) conclui que, independentemente das atitudes de Clódio serem verdadeiras ou não, Cícero utiliza das representações criadas para lidar com sua própria maneira de trabalhar com os símbolos da sociedade aristocrática. Nesse aspecto, concordamos, pois o orador já havia tomado essa atitude em relação a Catilina anteriormente. No caso do conflito contra o orador popular, anular qualquer prestígio que este poderia obter seria favorável para a causa de Cícero, pois Clódio fora o responsável pelo exílio.

Apesar disso, ações de outras personagens históricas corroboraram para o banimento do arpinate. Um forte exemplo é Pompeu. Ele havia construído uma relação com Cícero anteriormente, mas devido a diversos problemas entre o Senado e os generais, os laços tornaram-se abalados. Analisemos isso melhor.

É descrito a Ático um momento difícil de posicionar-se politicamente devido às ações tomadas por Pompeu, cujo favor era de grande importância para o autor da epístola (*Att.* 16.5). Acontece que por conta da decisão de condenar à morte os conjuradores de

⁴⁷ The difference between Tantom’s Clodius and Cicero’s is something like that between The Book and The Movie.

Catilina, a opinião pública acerca de Cícero fora bastante abalada, dividindo a ordem senatorial (MITCHELL, 1973, p. 3). Nesse cenário, Nepos, a mando de César, propôs uma lei na qual Pompeu seria o responsável por manter a ordem abalada pela conjuração e a ação de Cícero (*Sest.* 62).

Mitchell (1973, p. 4-6) afirma que a aprovação da lei, na prática, daria permissão a Pompeu para entrar na *Vrbs* com um exército, feito seriamente reprovável que, segundo Plutarco (*Cat. Min.* 26), daria a ele poder sobre toda a cidade. Os equestres se dividiram quanto a essa questão e a proposta fora dada como causa de atrito entre Pompeu e os *optimates*, além de corroborar para a formação oficial do triunvirato (MATOS, 1999, p. 24). Para o orador (*Att.* 2.9; 2.21), o excesso de poder (*potentia*) concentrado nas mãos de um único cidadão seria uma ameaça, ato que não seria tolerado a muito, dando um tom ameaçador contra aqueles que se caracterizam dessa forma. Ele demonstra ser atacado ao longo de seu consulado por conta disso, dizendo ser chamado de cômico (*cynico consulari*), o que também aponta para um afastamento de alguns senadores da causa ciceroniana.

Quando o general voltou da Ásia, tentou realizar a prática do triunfo⁴⁸, mas Lúculo, cunhado de Catão, instigou o senado a negar-lhe essa honraria. Esse ato instabilizou ainda mais a relação entre Pompeu e o Senado e, por consequência, afetou diretamente a *amicitia* do general com Cícero.

A *concordia ordinum* na passagem da década de 60 para a de 50 estava sendo constantemente abalada. Primeiramente, após a apresentação da proposta de condenação de Clódio, este foi inocentado, culminando no ato de Catão no qual foram condenados alguns senadores que sofreram acusações de corrupção por defenderem o réu. Quando Cícero narrou esse evento em carta a Ático, ele fez entender que tenha causado grande ofensa aos equestres (*Att.* 1.18.3) “Que ofensivo! Feito o conselho do senado sobre essa questão [o suborno de Clódio], nenhuma lei foi feita pelos juízes! O senado está atormentado e os equestres afrontados.”⁴⁹. Ocorre aí uma forte cisão no Senado, que não se articulava em harmonia para proteger sua hegemonia dos populares. Isso não quer

⁴⁸ O triunfo romano era uma prática ritualística de celebrações de vitórias dedicadas ao Senado e ao povo de Roma. Nele, eram concedidas honrarias aos líderes dos exércitos, além do general vestir a *toga picta*, uma vestimenta repleta de ornamentos. Para mais informações, cf. Versnel (1970).

⁴⁹ *Quantum hoc vulnus! facta senatus consulto de ambitu, de iudiciis nulla lex perlata, exagitatus senatus, alienati equites Romani.*

dizer que alguns senadores eram favoráveis à defesa de causas em prol dos grupos desfavorecidos da sociedade, mas demonstra o conflito de diferentes grupos dentro da ordem senatorial que competiam pelo poder, se apropriando de discursos convenientes para seu *establishment*.

Faversani e Joly (2013, p. 138-140) detalham as impressões que Tácito possui acerca da competição existente dentro das elites romanas. Os autores escrevem que “não há unidade nessa aristocracia e, ainda menos, se trata de um grupo estático” (FAVERSANI; JOLY, 2013, p. 140), denotando uma falta de coesão nas elites no período em que Tácito escreve. Acreditamos que essa multiplicidade de posicionamentos discursivos não seja exclusivo do principado flaviano e que a república do século I a.C. já apresentava essas características. Por isso, os senadores se dividiam quanto à adesão às causas de indivíduos como Cícero e Catão, culminando em conflitos internos.

Outro momento de instabilidade se deu quando alguns membros da ordem senatorial se recusaram a rever os contratos com os publicanos⁵⁰ da Ásia. Via-se injustiça no valor dos contratos em relação aos lucros gerados pela exploração dos territórios asiáticos e isso gerou revolta nos cobradores de impostos, mas diversos senadores manifestaram-se contra a decisão, ainda que Cícero tenha tentado apaziguar o caso para chegar a um meio-termo, com medo da ruptura que poderia causar entre os equestres e os membros do Senado (*Cic. Att.* 1.17).

A crise política prosseguiu quando o popular – e aqui está posto de forma propositalmente ambígua – César, que estava retornando da Gália, se candidatou ao consulado. O prestígio do general novamente ameaçou a hegemonia senatorial e, percebendo isso, os senadores determinam que o triunfo de retorno da guerra, junto com as honrarias advindas desse evento, deveria ser realizado fora da *Vrbs*. Isso complicou sua candidatura por conta desta só poder ser realizada se o postulante estivesse presente durante o momento de sua inscrição. Assim, ele optou por abandonar as honrarias e efetivar a candidatura.

⁵⁰ Nome atribuído aos cobradores de impostos em Roma cujas principais funções eram o abastecimento das tropas fora da *urbs*. Em geral, eram um grupo composto por equestres (Silver, 2007, p. 44).

Pompeu, ressentido pelos recentes conflitos contra os *optimates*, resolveu apoiar César, enviando Lúcio Luceio⁵¹ para vincular-se a ele. Após isso, aliou-se diretamente também a Crasso, compondo oficialmente o chamado de primeiro triunvirato. Todavia, apenas César conseguira se eleger. Luceio perdeu para Calpúrnio Bíbulo, um *optimatus* aliado de Catão, dividindo os cônsules (MATOS, 1999, p. 27).

Durante o exercício do cargo, César apresentou a proposta de leis agrárias diretamente aos *comitia* (Cic. Att. 2.16), criando um grupo de administradores da distribuição de terras. Posteriormente, incluiu a Campânia e deu terras dessa província aos veteranos de Pompeu, contribuindo para a reconciliação entre ambos. A manutenção dos territórios não cessou. Foram aprovadas diversas leis que ratificaram a posse de Pompeu acerca dos assentamentos do oriente (*lex Iulia de actiis Pompeii*) e a Gália Cisalpina ficou sob o encargo de César (MATOS, 1999, p. 28).

Os *optimates* tentaram intervir através de Bíbulo, o qual por meios religiosos declarou *obnuntiatio*⁵² às leis aprovadas. Todavia, Pompeu e Crasso pronunciaram-se publicamente contra a validade da declaração do cônsul e Bíbulo foi derrotado (HOLLAND, 2010, p. 226). Em meio a esses ocorridos, Cícero, que durante muito tempo empreendeu discursos em prol dos aristocratas tradicionais do senado apoiados por Catão, novamente se manifestou em defesa do *establishment* desse grupo. Ele realizou um discurso contra os triúnviros (Att. 2.21.1) ao qual não temos acesso, mas levando em conta que na carta a Ático ele argumenta que os triúnviros representam uma tirania agradável às massas (*dominatio iucunda esset multitudini*), supomos ser essa a base da crítica feita na oração.

O orador mostrou-se disposto a enfrentar os generais em termos discursivos, o que numa sociedade estruturada com base na retórica, tornava-se um empecilho para eles. Como forma de acalmar os ânimos, César propôs ao arpinate o cargo de lugar-tenente na Gália, o que o deixaria fora de Roma e, por consequência, seus discursos seriam menos acessíveis à *ciuitas*. Todavia, o convite foi recusado (Fam. 14.3.1).

Havia ainda outras oportunidades de se livrar desse empecilho. Clódio era um influente orador que, segundo Cícero, movia as massas (*Qfr.* 1.4) e pretendia disputar o tribunate

⁵¹ Historiador e jovem político romano (Fam. 15.13.2).

⁵² Era uma justificativa religiosa para vetar leis que por quaisquer motivos traziam consigo maus presságios (MITCHELL, 1986, p. 173).

da plebe (*Att.* 2.1.5). É nesse contexto que Clódio oficialmente abandona a *gens Claudia* num processo chamado de *transictio ad plebem*⁵³, conferindo-lhe a oportunidade de ser tribuno. César apoiou essa empreitada e deu-lhe suporte enquanto Cícero fez o possível para impedi-lo (*Plut. Cic.* 34.1-2), mas seu adversário obteve sucesso.

Fora feito um acordo entre Clódio e Cícero, no qual foram prescritas quatro leis que estariam isentas de quaisquer protestos do arpinate e, em troca, o tribuno não trataria mais das questões relacionadas aos aliados de Catilina executados (MATOS, 1999, p. 29). As leis acordadas foram: a) uma lei frumentária que garantiria distribuição gratuita de grãos (CRISTOFORI, 2002, p. 145); b) uma lei reestabelecadora dos *collegia*⁵⁴, que foram proibidos em 64 com a justificativa de muitos deles incentivarem atividades criminais (BOATWRIGHT et alii 2004, p. 237); c) a aprovação do fim das *obnuntiationes*; d) uma lei limitadora do poder dos censores de excluir senadores considerados indignos (BILLOWS, 2009, p. 168).

Após a ratificação dessas leis, Clódio e os triúnviros, segundo Drogula (2019, p. 159), esforçaram-se para se livrar de Catão, que era uma força ameaça aos seus anseios. Para fazê-lo, ainda segundo Drogula, orquestraram uma manobra política para mandá-lo ao Chipre, pois um senador deveria estar presente para a anexação do território.⁵⁵ Conseguiram também dar cargos importantes a seus associados, como a pretura de Caio Gabínio – um aliado de Clódio criticado por Cícero em diversas obras (*Dom.* 24; *Pis.* 11; *Red. Sen.* 4) – e o governo de Pisão – réu no discurso *In Pisonem* e aliado de Gabínio – na Macedônia.

É desenhado, portanto, um cenário político desfavorável para Cícero, no qual um de seus aliados mais influentes, Catão, está ausente da *Vrbs* e diversos adversários ocupam cargos políticos. Isso facilitou, em 58, que Clódio utilizasse os poderes investidos a ele enquanto tribuno para punir aqueles que exercessem a pena capital a criminosos sem a procedência de um julgamento. Foi então decretada a *lex Clodia de capite ciuis Romani*

⁵³ Todavia, ele já se associava a plebe, pois Cícero já se referia a ele como Clódio em epístolas datadas de antes de 59 (*Att.* 1.12.3; 1.13.3; 1.14.1; 1.16.4). Para maiores detalhes dessa questão, cf. Bailey (1991, p. 54-58).

⁵⁴ Eram associações de cidadãos organizadas para evitar a concentração de poder em uma única instituição. Para saber mais, cf. OCD (2016)

⁵⁵ Em 59 surgira a oportunidade de, através da província do Egito ptolomaico, explorar os tesouros da ilha do Chipre (Boatwright, 2004, p. 238).

que, apesar de não mencionar caso algum em específico, era claramente um ataque direto a ele.

Dias depois, uma reunião no Senado presidida por Gabínio tentou suprimir uma manifestação de aliados de Cícero. Este, então, como afirma em sua oração contra Pisão (*Pis.* 6.12), buscou ajuda de pessoas influentes, mas não a recebeu e diz ter sido traído por conspiradores. O orador então fora aconselhado a deixar voluntariamente a cidade antes que outros males lhe afligissem e, então, ele o faz em março de 58 (*Plut. Cic.* 31.4).

O exílio voluntário foi uma estratégia para evitar a perda de patrimônio, pois julgamentos *in absentia* (sem a presença do réu), em tese, não eram efetivados de fato.⁵⁶ Para lidar com isso, Clódio apresentou uma nova proposta de lei, dessa vez, afetando diretamente o arpinate. A *Lex Clodia de exilio Ciceronis* estipulava a Cícero uma distância mínima que deveria manter da Península Itálica, privava-o de seus bens e lidava em específico com o seu caso, de um indivíduo que se aproveitou do costume de não julgarem réus durante suas expedições fora da cidade para se ausentar. As estratégias discursivas ciceronianas, como veremos ao longo de nosso trabalho, não cessaram durante esse momento.

1.5 Roma e os *amici*

Quando o poeta Públio Ovídio Naso ilustrou em seus poemas uma cena de enunciação na qual se encontrava exilado, sua amante elegíaca era a própria Roma. Era o inalcançável da impossível batalha na qual tinha como única arma disponível a escrita (PRATA, 2007, p. 89). O arsenal de Cícero durante essa calamidade também era a escrita, pois apenas por meio de suas epístolas ele conseguiria alcançar o lugar perdido. Alcançava, no entanto, não Roma, mas romanos. E foram esses alcances a maneira pela qual o orador manteve-se vinculado aos grupos prestigiosos e exerceu a manutenção de seu antigo estatuto social.

Muitos pesquisadores, tais como May (2002, p. 11) e Claassen (1992, p. 19), mencionam o quão devastador em termos psicológicos foi o exílio para Cícero. As tristezas e lamúrias expostas no *corpus* confeccionado durante esse evento corroboram para essa interpretação que nos faz refletir acerca da rápida ascensão e queda do

⁵⁶ Essa estratégia é mais profundamente analisada no capítulo 2 desta dissertação.

indivíduo a partir de seus feitos perante a conjuração de Catilina. São trazidos nas cartas elementos como a contemplação do suicídio “para ninguém a morte foi mais desejável”⁵⁷ (*Att.* 3.7.2) e a tristeza que lhe impede de redigir “já que todos os meus momentos são tristes, desfaço-me em lágrimas quando vos escrevo ou leio as vossas cartas, de modo que não consigo redigir”⁵⁸ (*Fam.* 14.4.1).⁵⁹

May (2002, p. 11) afirma não faltarem apoiadores para o exilado em Roma. Era lá, afinal, o centro político-cultural ao qual o orador estava acostumado e no qual durante muito tempo ele construiu redes de sociabilidades favoráveis para si. Não apenas com os magistrados e os senadores *optimates*, mas também com outros prestigiosos indivíduos pôde associar-se. Entre esses, certamente merece menção o indivíduo a qual Cícero mais pede ajuda e mais dirige epístolas durante esse período (de um total de trinta e quatro, vinte e sete são endereçadas a ele): Tito Pompônio Ático.

Ático foi um equestre romano (*Tac. Ann.* 2.43) de bastante prestígio e riqueza que administrou a vida de Cícero em termos financeiros (WELCH, 1996, p. 450). Apesar de ter sido considerado um político inativo, sempre fora associado às virtudes dos *optimates* (*Nep. Att.* 6.1) e fora representado como desconfiado das leis dos *populares* (*Cic. Leg.* 3.37). Essa inatividade, no entanto, foi questionada por Kathryn Welch (1996, p. 450-452), a qual demonstra o *modus operandi* desse cidadão, ao tornar-se um operador político trabalhando por fora do senado e das magistraturas, influenciando aqueles que ocupavam esses cargos. Utilizando de um amplo investimento financeiro na vida pública com o qual ele controlava redes de sociabilidades⁶⁰ e protegia interesses políticos, Ático conseguia projetar seu poder na política mesmo sem uma participação direta.

A essa estruturação das *networks* em Roma a partir do controle social proporcionado pelo aspecto monetário, Welch (1996, p. 451) chama *Financial Empire* (Império Financeiro). Era possível, a partir do poder de financiar causas políticas, controlar

⁵⁷ *Nemini mortem magis optandam fuisse.*

⁵⁸ *Propterea quod cum omnia mihi tempora sunt misera, tum uero, cum aut scribo ad uos aut uestras lego, conficior lacrimis sic ut ferre non possim.*

⁵⁹ Não nos interessa a veracidade ou não desses elementos. A questão que importa para nós é a investigação dos efeitos discursivos que a escolha desse tipo de enunciação traz, o que é discutido no terceiro capítulo.

⁶⁰ Exemplos dessas no período republicano de Roma são os vínculos de patronato e de *amicitia*. Para a maior definição desse conceito cf. Simmel (1983).

debates em torno do senado, uma vez que muitos senadores necessitavam de indivíduos como Ático para a administração de seus bens. O próprio Cornélio Nepos menciona em sua biografia (*Vida de Ático*) a importância do equestre para personalidades importantes na história de Roma, como Sula, Hortênsio e o próprio Cícero (*Att.* 14.2).

Nesse sentido, um financiador de políticos era de muita conveniência e importância para o retorno de Cícero. Este pede constantemente àquele por proteção e aconselhamentos durante o exílio, fazendo com que o trajeto fosse mediado pelas possibilidades trazidas por seu destinatário. Contextualizemos melhor esses eventos a partir de uma abordagem cronológica sobre o percurso de Cícero fora da *urbs* com base nas informações dadas por ele próprio em suas missivas.

Inicialmente, ele se apresenta dentro de uma vila não identificada enquanto planeja com Ático o percurso para a Macedônia após ler a rogação de Clódio (*Att.* 3.1). O orador passa por Cápua e segue em direção a Lucânia, no sul da Península Itálica, pedindo para Ático encontrá-lo em Vibão (*Att.* 3.3). Segundo Plutarco (*Cic.* 32.1), o objetivo era chegar à Sicília, mas o trajeto do exilado muda para Brundísio, região portuária da Itália. Antes de ir, no entanto, é pedida a Ático proteção para ir àquela região por conta do perigo apresentado por Autrônio, aliado de Catilina lá presente (*Att.* 3.2) e, esperando o *amicus*, Cícero acaba demorando um mês para fazer o percurso até lá. Todavia, a espera em demasia tornava-se paulatinamente mais inoportuna, pois os limites espaciais estabelecidos pela rogação de Clódio foram alterados em detrimento do arpinate (*Att.* 3.4).

Na carta posterior (*Att.* 3.5), é mencionada a gratidão de Terêncio, muito provavelmente por conta de Ático ter oferecido amparo a ela ou a Cícero. Isso foi de extrema importância, pois vários negavam hospedagem ao exilado na Península Itálica, pois ajudá-lo lá poderia ser considerado criminoso (MATOS, 1999, p. 36; *Cic. Dom.* 18.47; *Planc.* 15.95). O exilado, então, seguiu para Brundísio, onde finalmente conseguira abrigo e esperou dias até o tempo favorecer sua navegação para embarcar em direção a Dirráquio, na atual Albânia (*Fam.* 14.4).

Em maio daquele ano, Ático trouxe notícias aprazíveis ao orador, pois Pompeu se desentendera com Clódio por conta de um combate ocorrido na via Ápia. Lúcio Flávio fora incumbido pelo triúviro da tarefa de cuidar do filho de Tigranes, rei da Armênia,

capturado pelo general ao fim da terceira Guerra Mitridática, mas Clódio o raptou, gerando um conflito que ocasionou a morte de Marco Papírio, um amigo de Pompeu (*Att.* 3.8). Surgira então a oportunidade de se reconciliar com o triúviro, que já estava se aproximando do Senado (MATOS, 1999, p. 37) e assim, Cícero o fez.

Contudo, ele ainda não se pôs como esperançoso “Não vejo tanto o início de uma mudança no quadro político como tu vês ou anuncias para me consolar”⁶¹ (*Att.* 3.8.3). De fato, só foi dada atenção novamente à rogação do exílio em junho, quando Gabínio trouxe essa questão ao Senado.

Enquanto isso, Quinto, irmão mais novo de Cícero, que um ano antes ocupava o cargo de propretor na Ásia, sofria com as ações do inimigo de seu irmão em Roma. Ático comunicara a Cícero a possibilidade de haver uma articulação para condenar Quinto por concussão, o que causa temor ao exilado (*Att.* 3.8.4). Outros aliados de Cícero também sofrem com sua ausência e de Pompeu e, por isso fora proposta uma *rogatio* a fim de obter a anulação do exílio de Cícero, mas Clódio impediu a votação (*Att.* 3.23).

Nesse momento, o arpinate se encontrava na Tessalônica, onde se manteve durante a maior parte de seu exílio. Recebia lá notícias de diversos aliados *optimates* enfurecidos pelo domínio dos apoiadores *populares*; inclusive, muitos pediam sua volta a exemplo de Quinto. Entre esses indivíduos, podemos destacar Milão, político tradicionalmente apoiador de Pompeu, que entre outros motivos para defender Cícero, tinha a questão do assassinato de Marco Papírio (*Cic. Sest.* 77). Os cônsules de 58 tornavam extremamente difícil qualquer ação em prol do exilado e, por isso, ele passou a ver nas eleições para 57 a esperança de retorno (*Att.* 3.24), tendo Milão como candidato ao tribunate da plebe. Cícero também tentou agir ao divulgar um panfleto contra Clódio, mas seu discurso não foi bem recebido e, portanto, ele pediu a Ático para que fossem retirados os panfletos e para que fizesse parecer que haviam sido redigidos por outras pessoas (*Att.* 3.12). Isso afastou ainda mais a possibilidade de ter o favor dos cônsules, novamente trazendo as esperanças para o ano seguinte.

Com sucesso, Tito Ânio Milão foi eleito junto de outros aliados de Cícero. Entre eles estavam Públio Séstio, senador aliado de Pompeu (*Cic. Sest.* 1.1), Tito Fádio, questor durante o consulado de Cícero (*Cic. QFr.* 1.4), Marco Gratídio, senador de origem

⁶¹ *Motum in rep. non tantum ego impendere uideo quantum tu aut uides aut ad me consolandum adfers.*

arpinate (SMITH, 1849, p. 303) e Quinto Fabrício, indivíduo a respeito do qual não se sabe muito, mas Peter Brunt (1961, p. 72) supõe que ele tenha sido avô de um outro Quinto Fabrício que foi cônsul sufecto⁶² (*consul suffectus*). Clódio, entretanto, pela sua eloquência e popularidade, apresentava-se como ameaça ainda que não fosse mais tribuno (QFr. 1.4.3).

A situação do rival de Cícero tornou-se complicada quando – segundo o arpinate em sua oração em defesa de Milão (*Mil.* 7.71) – um escravo de Clódio tentou assassinar Pompeu. Este se refugiou em Alba, permanecendo lá até o fim 57, numa relutância de enfrentar um aliado de César (MATOS, 1999, p. 41; *Cic.* Qfr. 1.4.5).

Cícero deveria lidar com mais problemas. Sem a presença de Pompeu, tornava-se dificultosa qualquer ação contra os feitos recentes de Clódio, pois a pressão que César exercia sobre os magistrados era demasiada, e cancelar as *rogationes* tribunícias também invalidaria os contratos em favor dos responsáveis pelas coletas de impostos, envolvendo sérias questões financeiras. Em agosto, porém, Pompeu tentou negociar o retorno de Cícero com César, que não pareceu se opor a quaisquer movimentações que o pedissem. Tal como o orador escreve a Ático:

Por causa da tua carta estou cheio de expectativa sobre Pompeu: o que ele desejaria ou prometeria acerca de mim. Creio que, sem dúvida, foram realizados os comícios, os quais terminados, escreves o que lhe agradou ser feito de mim.

Ex tuis litteris plenus sum expectatione de Pompeio, quidnam de nobis uelit aut ostendat. Comitia enim credo esse habita; quibus absolutis scribis illi placuisse agi de nobis.

Observamos, portanto, a importância que os triúnviros possuem na flutuação de esperanças do autor. Enquanto a maior parte das epístolas de exílio são preenchidas com lamúrias, quando Pompeu pôde agir livremente em seu favor, é demonstrada felicidade: “estou cheio de expectativa sobre Pompeu” “*sum expectatione de Pompeio*”. Nesse sentido, as mensagens de Ático são fundamentais para atualizar o orador quanto à rogação que o perturba, fazendo com que o *amicus* cumpra um papel de mediador da forma pela qual Cícero recebe as notícias. Clódio, no entanto, também não trabalhava só. Seu filho prosseguiu na acusação a Quinto e seu irmão presidiria a audiência na qual o réu seria julgado, mas o julgamento nunca ocorreu (*Att.* 3.17).

⁶² Uma espécie de suplente caso o cônsul em mandato seja impedido de governar (TREVES; LEVICK, 2016).

O fim de 58 foi marcado por uma série de oscilações no cenário político. Movimentações do governador da Macedônia, Plâncio, passam a ser temidas por Cícero, principalmente por conta da presença de Lucio Pisão, aliado de Clódio (*Fam.* 14.1). Essa situação o forçou a ir para Dirráquio, onde passou o restante de seu exílio. Lá, ele recebeu notícias de diversas atividades executadas em Roma relacionadas às tentativas de restaurá-lo enquanto cidadão, mas Clódio conseguiu, junto de seus aliados, suprimir todas (MATOS, 1999, p. 44-45). A situação só tornou-se mais deleitosa para o exilado no ano seguinte.

Logo no primeiro de janeiro de 57, o recém-cônsul Lêntulo, que durante seu proconsulado na Sicília havia trocado diversos favores com Cícero (*Fam.* 1.1), propôs seu retorno. Nepos, o outro cônsul, concordou com a decisão e os tribunos aliados arquitetaram um *concilium* para aprovar uma rogação em prol do retorno do exilado, trazendo bastante ânimo para ele. Em meio a isso, diversos conflitos ocorreram e o cenário de instabilidade maior se desenhou quando o líder popular enviou tropas para atacar aqueles que pediam pelo retorno do arpinate, inclusive Quinto (*Pro Sest.* 77). Após esse evento, Milão tentou processar Clódio, mas não obteve sucesso (ROBERT, 1999, p. XVI).

É nesse contexto que se encerra a escrita epistolar performada ao longo do banimento de Cícero e, por consequência, o *corpus* o qual nos propomos a analisar neste trabalho. Entretanto, acreditamos ser gentil com o leitor dedicar algumas últimas páginas deste capítulo para esclarecer o processo de retorno, que não é exposto no recorte ao qual nos debruçamos.

1.6 Retorno e restauração

Os constantes esforços para a restauração só tornaram-se exitosos por conta de uma assembleia militar formada em setembro de 57 (EVERITT, 2003, 151). É importante salientar, no entanto, que esse evento só se tornou possível por conta de um pacto realizado entre César e Cícero, no qual foi prometida a aquiescência do orador ao triunvirato (COSTA, 2013, p. 21).

Quando voltou a Roma, Cícero descreveu seu retorno de forma gloriosa a Ático:

Logo que cheguei a Roma e surgiu alguém a quem eu pudesse confiar uma carta que te endereçasse, nada pensei fazer antes de parabenizar a ti - que

estás ausente – pelo meu retorno. Cogitei, de fato, para falar a verdade, que pelos conselhos que me deste, não mostraste-te nem mais destemido, nem mais prudente do que eu mesmo. Considerando a atenção que dei a ti no passado, nem sequer foste tão vigoroso para tomar conta de minha saúde. Ainda assim, mesmo primeiro tendo tu compartilhado de meus erros, talvez meus falsos temores ou loucura, foste tu quem com mais esforço [*operam*], zelo [*industria*], vigor [*studii*] e trabalho [*laboris*] contribuístes para meu retorno.

[...] No que diz respeito à minha posição social, consegui o que achava ser mais difícil recuperar: minha magnificência no fórum e minha autoridade [*auctoritatem*] no Senado. Entre os homens bons, obtive mais popularidade do que optei. Mas por outro lado, tu sabes que a minha propriedade foi despedaçada, estilhaçada e saqueada. Tive muita dificuldade com isso e me posiciono não tanto pelas tuas maneiras, as quais sei que posso contar como se fossem minhas, assim como teus conselhos para juntar os fragmentos e acertar as coisas.

[...] No quatro de agosto, naquele mesmo dia que a rogação sobre mim fora aprovada, saí de Dirráquio e cheguei a Brundísio no dia 5. Lá, minha Tuliuzinha esperava por mim logo no dia de seu aniversário e, no mesmo dia era também aniversário da Colônia Brundísia e do templo próximo à tua casa! A multidão de Brundísio reconheceu a coincidência e as celebrações foram feitas!

No dia 8 de agosto, ainda em Brundísio, fiquei sabendo por cartas de Quinto que, com grande entusiasmo de um incrível grupo de gente todas as idades e ordens sociais na Itália, a rogação fora aprovada na Assembleia das centúrias. Lá, amparado pelos honradíssimos brundísios, iniciei minha viagem, de maneira que fui recebido por congratulações de emissários de todas as partes. Aproximei-me da cidade e não houve pessoa alguma cujo estatuto fosse notado por meu nomenclator⁶³ que não viesse me cumprimentar, exceto aqueles inimigos, cuja inimizade não lhes é possível sequer negar ou dissimular.

Quando cheguei à Porta Capena, os andares dos templos eram preenchidos pela mais baixa plebe, a qual com o mais alto aplauso expressou congratulações a mim. Com a mesma frequência e com o mesmo aplauso fui celebrado até o Capitólio; no fórum e no próprio Capitólio a multidão esteve admirada.

Em outro dia, que fora o 5 de setembro, no senado, expressei gratidão aos senadores.⁶⁴ Passados dois dias, a produção anual teria sido mais do que cara e os homens correram juntos primeiro ao teatro e depois ao Senado protestando quanto a instigação de Clódio que me culpava pela escassez de grãos. [...] (*Att.* 4.1)

Cum primum Romam veni fuitque cui recte ad te litteras darem, nihil prius faciendum mihi putavi quam ut tibi absenti de reditu nostro gratularer. cognoram enim, ut vere scribam, te in consiliis mihi dandis nec fortiolem nec prudentiorem quam me ipsum nec etiam pro praeterita mea in te observantia nimium in custodia salutis meae diligentem eundemque te, qui primis temporibus erroris nostri aut potius furoris particeps et falsi timoris socius fuisses, acerbissime discidium nostrum tulisse plurimumque operae, studii, diligentiae, laboris ad conficiendum reditum meum contulisse.

⁶³ Uma categoria de escravo cuja função era memorizar os nomes dos indivíduos importantes em termos políticos para seu senhor.

⁶⁴ No latim é dito “*In senatu [...] gratias senatui egimus*” “No senado [...] agradei ao Senado”. Para evitar a repetição do termo, optamos pela utilização da metonímia.

nos adhuc, in nostro statu quod difficillime recipere posse arbitrati sumus, splendorem nostrum illum forensem et in senatu auctoritatem et apud viros bonos gratiam magis quam optaramus consecuti sumus; in re autem familiari, quae quem ad modum fracta, dissipata, direpta sit non ignoras, valde laboramus tuarumque non tam facultatum quas ego nostras esse iudico quam consiliorum ad conligendas et constituendas reliquias nostras indigemus.

Pr. Nonas Sextilis Dyrrachio sum profectus ipso illo die quo lex est lata de nobis. Brundisium veni Nonis Sextilibus. ibi mihi Tulliola mea fuit praesto natali suo ipso die qui casu idem natalis erat et Brundisinae coloniae et tuae vicinae salutis; quae res animadversa a multitudine summa Brundinisorum gratulatione celebrata est. Ante diem iii Idus Sextilis cognovi, quom Brundisi essem, litteris Quinti mirifico studio omnium aetatum atque ordinum, incredibili concursu Italiae legem comitiis centuriatis esse perlatam. Inde a Brundisinis honestissime ornatus iter ita feci ut undique ad me cum gratulatione legati convenerint.

Ad urbem ita veni ut nemo ullius ordinis homo nomenclatori notus fuerit qui mihi obviam non venerit, praeter eos inimicos quibus id ipsum, se inimicos esse, non liceret aut dissimulare aut negare. Cum venissem ad portam Capenam, gradus templorum ab infima plebe completi erant. A qua plausu maximo cum esset mihi gratulatio significata, similis et frequentia et plausus me usque ad Capitolium celebravit in foroque et in ipso Capitolio miranda multitudo fuit

Postridie in senatu qui fuit dies Nonarum Septembr. senatui gratias egimus. eo biduo cum esset annonae summa caritas et homines ad theatrum primo, deinde ad senatum concurrissent, impulsu Clodi mea opera frumenti inopiam esse clamarent [...]

A narração dos eventos se estabelece tendo como marco inicial o próprio ato de escrever. Essa escrita, como colocada, objetivava o agradecimento e a celebração pelos feitos de Ático ao longo do banimento de Cícero. Ele denuncia alguns erros de seu destinatário, os quais são postos como compartilhados entre os interlocutores “Ainda assim, mesmo primeiro tendo tu compartilhado de meus erros, talvez meus falsos temores ou loucura”⁶⁵, compensando depois com os elogios das virtudes demonstradas “foste tu quem com mais esforço [*operam*], zelo [*industria*], vigor [*studii*] e trabalho [*laboris*] contribuístes para meu retorno.”.

Considerando as associações entre os dois indivíduos nos vícios, inferimos que as virtudes descritas são implicitamente postas como compartilhadas, sobretudo pelo fato de Cícero representar diversas cenas onde ele é louvado. Segundo o próprio autor da carta, em outros trabalhos, tais como *De Oratore* (2.342-346), as virtudes são dignas de

⁶⁵ *Te, qui primis temporibus erroris nostri aut potius furoris particeps et falsi timoris socius fuisses*

elogio e celebração. Portanto, se ele move multidões durante seu retorno, é porque possui características dignas de celebração.

Após seu banimento, o autor passou por um longo processo de tentativa de restauração de seu *ethos*, pois ele fora afetado pelo que James May chama de *ignominy of exile* (ignomínia do exílio), causada pela desonra do evento. Isso ocorre pelo fato do exílio ser resultado da desarmonia entre o *ethos* da aristocracia dominante e do exilado (KELLY, 2006, p. 18), distanciando Cícero daquilo que ele durante tanto tempo tentou se associar. Torna-se necessária, em decorrência do que lhe foi privado e do que isso representa para seu estatuto social, a invenção de uma narrativa favorável para identificação do autor com elementos simbólicos associados às aristocracias dominantes em Roma. Esse fato é ainda mais evidente ao pensar na encomenda feita de uma biografia a Lúcio Luceio, historiador famoso pela composição de uma obra acerca da Guerra Civil. Na carta em que esse pedido é feito, o orador prescreve os períodos a serem narrados: “Do princípio da conjuração até o meu retorno me parece poder ser confeccionada uma composição de tamanho adequado.”⁶⁶. Haja vista que Cícero tenha colocado seu retorno como um momento glorioso na carta a Ático, interpretamos a escolha desse evento para o fim de sua biografia como uma maneira de elencar características positivas na narrativa de sua vida mitigando as problemáticas que o exílio poderia lhe causar.

Em seguida, Cícero se incumbiu da missão de restaurar sua posição social após o fim do exílio, não apenas nas cartas, mas nos discursos e até em sua poesia a qual fora recebida por nós de forma fragmentada. Essa é a chave para a compreensão simbólica do retorno de Cícero, pois ser banido de Roma criou conflitos identitários que lhe impediram de exercer sua cidadania de forma alinhada com padrões esperados por *optimates*. É justamente sobre esse tema que nosso próximo capítulo versa.

⁶⁶ *A principio enim coniurationis usque ad reditum nostrum uidetur mihi modicum quoddam corpus confici posse.*

2 CONCEITUAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA A ANÁLISE

2.1 Exílio, *ethos* e *Concordia*

Ao consultarmos dicionários para encontrar a definição da palavra "exílio", frequentemente nos deparamos com a ideia de deslocamento para longe de um país, feito por razões políticas.⁶⁷ Por meio do *Latin Dictionary* (LEWIS; SHORT, 1879) podemos elucidar a razão disso observando a origem dessa palavra: *exsilium* (exílio), que provém de *exsul* (exilado). Consideramos, etimologicamente, a formação deste termo a partir do prefixo *ex*, que tem um sentido de saída de algum lugar, e do radical *sul* cuja raiz é cognata do sânscrito *sal*, significando "ir" ou "saltar", ou seja, saltar para fora.⁶⁸

Em português, exilado é um substantivo/adjetivo gerado por um verbo no particípio, criando uma percepção de sentido passivo. *Exsul*, todavia, não é formado por uma variação de um verbo e, portanto, não podemos afirmar o mesmo para essa palavra. Assim, pensamos que esse termo latino se refere a um indivíduo que executa a ação de saltar, de forma ativa, num sentido que não encontramos tradução em português para reproduzi-lo. O *exsul* não é necessariamente, portanto, um indivíduo sofredor de um processo que causa sua condição, mas um criador de sua condição como resposta a uma situação que seu local de estabelecimento passa.

Essa reflexão pode ser aplicada também pela característica fundamental do exílio em Roma: ele é voluntário. Portanto, um réu poderia ter o exílio como punição alternativa à pena capital, saindo de sua *Vrbs* por vontade própria. Assim sendo, há uma característica voluntária no termo latino, reforçada pelo *modus operandi* da jurisprudência do exílio em Roma. Sendo esse fenômeno, portanto, muitas vezes a manifestação de uma escolha dos réus que decidiam abandonar um espaço com o objetivo de isentar-se de uma pena mais severa (em geral, uma pena capital) (KELLY, 2006, p. 2), sair da cidade passava a ser uma opção privilegiada para aqueles que poderiam evitar a morte, tornando o exílio algo vantajoso, pois poderia ser uma via alternativa à brutalidade do assassinato e das execuções.

⁶⁷ Tal como no dicionário Cambridge (<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/exile>) e no Oxford (https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/exile_1)

⁶⁸ Outras palavras no latim também compartilham desta raiz, tais como *praesul* e *consul*.

Por conta dessa característica, a possibilidade de sair de um ambiente evitando o derramamento de sangue não era positiva apenas para o réu, mas também para a própria sociedade. No caso romano, o exílio funcionava como uma manutenção da *humanitas romana*, pois ao ir de encontro com a violência, como nos lembra Greg Woolf (1998, p. 68), alimentava as virtudes associadas a esse ideal, ou seja, a *clementia*, a *aequitas* e a *iustitia*.⁶⁹

Muitas vezes, a *humanitas*, alinhada com esses princípios, era mencionada numa relação explicitamente de submissão a um grupo para tornar a dominação mais palatável. Woolf (1998, p. 65-70) apresenta a necessidade dos romanos de exercerem sua influência cultural sob outros povos considerando os parâmetros dessas virtudes que demonstravam preocupações com a segurança e as necessidades deles, de forma a transmitir generosidade e mitigar o aspecto cruel da supremacia cultural. Isso significa que, apesar do exílio ser uma maneira menos bruta de resolver questões jurídico-políticas, aqueles que o sofrem ainda são párias para a sociedade estabelecida, uma vez que a *humanitas* não apaga a relação de poder imposta no contexto em que é trazida. Plínio, o Jovem (*Ep.* 9.5), por exemplo, trouxe o conceito de *humanitas* em uma de suas epístolas como um modo de adquirir o favor de um grupo não aristocrático sem atribuir vícios aos poderosos por trás dessa dominação, indicando que os próprios autores latinos observavam com criticidade esse termo.

Esse ideal se apresentava em diversas camadas da sociedade romana, principalmente em seu aspecto legal, porque o funcionamento da jurisprudência em Roma muito se baseava nos valores morais da sociedade, que por diversas vezes, se sobressaíam às leis, podendo reconstruí-las abruptamente com frequência (KÖNCZÖL, 2017, p. 101). Na verdade, a possibilidade dos julgamentos em assembleias serem determinados com base em um conjunto de leis formais em Roma, ao menos durante seu período republicano, é questionável, pois os mecanismos que cerceavam o senso de justiça da sociedade eram de demasiada subjetividade (WILLEY, 2014, p. 4). Eles eram, muitas vezes, determinados pela retórica e pelas práticas de persuasão dos oradores nas assembleias públicas a partir da utilização de *topoi* e da apropriação das tradições para determinar o que era certo e errado.

⁶⁹ Um conjunto de divindades abstratas vinculadas à justiça. Por muitas vezes, eram celebradas como virtudes dos indivíduos tal qual a *Clementia* fora atribuída a César enquanto virtude em 44 (FEARS, 1981, pp. 897-904; COULTER, 1931, pp. 513-514).

Isso não significa de maneira alguma que não havia leis; ao contrário, podemos exemplificar a Lei das Doze Tábuas como parte da instituição legislativa republicana. Todavia, Straumann (2011, p. 284) nos esclarece que não havia necessidade de um tipo de crime ser prescrito para o julgamento dele, pois não existia uma noção de constituição tal como há nas sociedades modernas ocidentais. As leis eram postas numa configuração jurídica que poderia se estabelecer para julgar crimes com base na maneira como eram representados os aspectos de um caso em específico levando em conta um conjunto de práticas e normas socialmente aceitas. Sendo assim, as Leis das Doze Tábuas possuía um papel simbólico de conferir poder e autoridade a grupos sociais (STRAUMANN, 2011, pp. 285-286).

Segundo Tito Lívio, na obra *Ab Vrbe Condita* (7.17.13), as Leis das Doze Tábuas podiam concretizar o que seria um conjunto de normas fundamentais aprovados pelo *populus*, fato interpretado por Straumann (2011, p. 284) como uma evidência da legitimidade de uma lei perante à *ciuitas*⁷⁰. As Leis das Doze Tábuas estão postas num patamar maior do que as leis ordinárias, num sentido que define a constituição romana não como um conjunto de leis pré-escritas, mas como regras reiteradas por argumentos contínuos e por espaços de poder disputados por atores políticos.⁷¹

Como nos lembra Lintott (2003, p. 2), essa disputa e o funcionamento das leis de Roma eram dados por um jogo de regras complexas que deveria ser jogado conforme um comportamento idealizado. Os moldes desse jogo eram constantemente reformulados pela retórica, pois apenas pelo domínio dela, os cidadãos poderiam defender sua posição nas assembleias públicas. Pelo fato dos crimes não serem amplamente previstos por lei no período republicano, vias alternativas de lidar com esse tipo de problemática surgiam. Uma delas era o julgamento dos réus com base nos discursos jurídicos expostos em assembleias, para que pudesse haver a defesa de posições sociais daqueles envolvidos (DOMINIK, 2012, p. 95). Nesse sentido, a retórica era de demasiada importância, pois eram embasados nela os mecanismos de persuasão dos juízes em relação aos crimes ocorridos (TELLEGEN-COUPERUS, 2006, pp. 59-62).

⁷⁰ A palavra *ciuitas* é comumente utilizada para se referir à condição de cidadão de um sujeito; no entanto, Cícero (*Rep.* 6. 6) a define como um corpo de cidadãos, uma espécie de comunidade civil: *Consilia coetusque hominum iure societati, quae "Ciuitates" appellantur.*

⁷¹ Para saber mais sobre como estes atores políticos utilizavam-se de preceitos retóricos para exercer uma relação de poder, cf. Hansen (2013, p. 11-46)

Os discursos jurídicos, porém, apesar de não possuírem como base uma constituição legal que os amparasse (LINTOTT, 2003, p. 3)⁷², não eram desprendidos de um conjunto de valores culturais compartilhados entre os indivíduos da sociedade. Para comprovar esse fato, May (2007, p. 264) revela nas orações de Cícero a presença de atitudes para se provar virtuoso ao se representar como cidadão exemplar, utilizando argumentos que lhe trazem autoridade e favorecem seu *ethos*.

O *ethos* enquanto conceito retórico, segundo Aristóteles (1355a-1356b), era uma prova artística disponível para o orador com o objetivo de persuadir sua audiência por meio da construção de sua imagem. Esse termo foi apropriado pelos teóricos da análise do discurso – tais como Maingueneau (1984) – para a reflexão das representações que os locutores fazem de si próprios ao longo de seu texto. Maingueneau (1984, p. 100) define o *ethos* como uma forma do enunciador legitimar seu discurso, atribuindo a si uma posição institucional marcando seu saber. Além disso, em outra obra (MAINGUENEAU, 1995, p. 43), esclarece que a construção dessa imagem discursiva não pode de maneira alguma ser dissociada da cena de enunciação, o que significa que para a sua eficácia, era necessária a adequação à situação da elocução. Nesse sentido, esse conceito não era estático, mas alterava-se segundo a cena de enunciação e, mais especificamente, a cenografia, que, segundo Maingueneau (2002, p. 87), pode ser explicada como o ato de criação da cena discursiva, na qual o locutor enfatiza e cria um quadro englobante de espaços e papéis sociais compartilhados pela tradição. Em diferentes textos, é possível observar o mesmo autor constituindo distintos *ethé*, que podem até mesmo se contradizerem por conta dos objetivos e dos contextos por eles apresentados serem variados. A isso serve a cenografia, que só pode ser construída se levadas em consideração as cenas validadas já instaladas na memória coletiva, seja a título de modelos que se rejeitam ou de modelos que se valorizam” (Maingueneau, 2002, p.92).

O *ethos*, não sendo algo intrínseco ao autor, é fruto de uma relação entre sua construção discursiva e sua recepção (MAINGUENEAU, 2010, p. 15). Para se aproximar de seus interlocutores, um locutor utiliza do que os autores antigos e, em específico, Aristóteles (1356a), chamavam de *pathos*. Trata-se do uso das emoções para persuadir o público

⁷² Havia uma criação intensa de leis, no entanto, eram efêmeras e estavam postas num contexto – ao menos no século I – no qual facilmente eram revogadas e substituídas por outras. Podemos exemplificar a própria *Lex Clodia de exilio Ciceronis*, que foi criada para um réu em específico e em menos de dois anos, foi revogada.

sensibilizando-o de maneira a trazê-lo para uma posição favorável. Esse recurso era imprescindível no que diz respeito à retórica judicial, pois, ao realizar descrições alinhadas à causa defendida, era possível utilizar dos valores compartilhados por um grupo para chegar à intenção pretendida. Portanto, era necessário tocar nos temas sensíveis à sociedade para alcançar a devida eficácia desejada no discurso, apropriando-se de questões que envolviam a audiência, tais como a tradição e os *topoi*.

Para a criação de sentido em um determinado discurso, é necessário que haja o compartilhamento de pressupostos socialmente aceitos, pois caso o contrário, a recepção não é feita adequadamente. Há fatores culturais que são estruturados por conta de narrativas que criam o sentimento de unidade de uma sociedade. Por conta disso, uma das maneiras de utilizar o *pathos* é a menção a esses valores compartilhados, que em conjunto formam o que nós chamamos de tradição (PITA, 2010, pp. 32-33).

Além disso, as diversas tradições como desenvolvidas nas sociedades, manifestadas por meio de símbolos, ritos e palavras, muitas vezes possuíam funções sociais convenientes para as elites (BALANDIER, 1997, p. 119). Isso ocorria por conta da ordem social não ser algo inerente à sociedade e ser, na verdade, instável. Balandier (1997, p. 19) afirma que essa ordem só era mantida por conta do isolamento de indivíduos que poderiam ameaçá-la e da negação do acesso deles a um espaço privilegiado, gerando uma outra negação, de um saber ou de uma técnica.

Portanto, uma representação do passado é apropriada com a função de reconstruir e solidificar algumas estruturas sociais. Em Roma, isso se traduz no *mos maiorum*, pois é nessa ideia que os oradores buscam tratar dos temas de indivíduos notórios do passado (PITA, 2010, p. 29). Quando Cícero, por exemplo, tratou da natureza das leis em seu tratado “Sobre a República” (*De Republica*), mencionou que a memória dos cidadãos do passado fundamenta as leis de seu presente, uma vez que seus argumentos para modelarem um romano ideal não são novos, mas buscam um amparo nesses indivíduos: “E, na verdade, o argumento que vou expor não é novo e nem instituído por nós, mas devo rememorar a discussão de uma única geração de varões ilustríssimos e sapientíssimos de nossa *ciuitas* [...]”⁷³ (*Rep.* 2.13).

⁷³ *Nec uero nostra quaedam est instituenda noua et a nobis inuenta ratio, sed unius aetatis clarissimorum ac sapientissimorum nostrae ciuitatis uirorum repetenda memoria est [...].*

Como demonstra Isadora Bernardo (2012, p. 10), a contextualização histórica da sociedade romana compunha o argumento filosófico de Cícero que, com base em doutrinas estoicas, integrava a concepção de *Res Publica* a uma naturalidade do comportamento virtuoso evoluída com o passar do tempo. Ao longo de um processo de diversas gerações de *uiri romani*, pôde-se chegar a uma sociedade estruturada pelo destino de união dos seres humanos, pois neles há uma inclinação natural para a vida em comunidade (*Rep.* 1.1). Dessa forma, Cícero trouxe a ideia de que a história levou Roma a se organizar enquanto sociedade e, por conta disso, é por meio dela que podem ser encontrados os modelos de indivíduos adequados para se seguir. No *De Oratore* (2.36), esse argumento também é trabalhado, porém, com o intuito de utilizar a história para legitimar o papel do orador na sociedade:

Quanto à História, testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da Antiguidade, que outra voz a confia à eternidade, senão a do orador? Pois se existe alguma outra arte que tira proveito do conhecimento das palavras que devem ser cunhadas ou escolhidas; ou se dizemos que alguém, além do orador, dá forma, variedade e distinção ao discurso por meio de determinadas, por assim dizer, insígnias de palavras e pensamentos; ou se há, além desta única arte, outro método de ensino dos argumentos ou pensamentos, ou enfim, da descrição e da ordem, reconheçamos que isto de que tira proveito esta arte vem de outro domínio ou é compartilhado por alguma outra arte.

Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur? Nam si qua est ars alia, quae verborum aut faciendorum aut legendorum scientiam profiteatur; aut si quisquam dicitur nisi orator formare orationem eamque variare et distinguere quasi quibusdam verborum sententiarumque insignibus: aut si via ulla nisi ab hac una arte traditur aut argumentorum aut sententiarum aut denique discriptionis atque ordinis, fateamur aut hoc, quod haec ars profiteatur, alienum esse aut cum alia aliqua arte esse commune

Aqui reconhecemos a tradição na ideia de “história” trazida no tratado, pois sendo esta a “mestra da vida”⁷⁴, ela se torna um guia comportamental e também uma maneira de legitimar discursos e estruturas de poder. É, portanto, responsável o orador a transmissão da mensagem da história por meio de sua eloquência, pois é na retórica que se encontra a melhor maneira de utilizar da disposição das palavras para ensiná-la aos cidadãos, de tal maneira que os receptores desse discurso compartilhassem de pressupostos culturais que o levassem à aquiescência em relação à ordem mantida.

⁷⁴ *Magistra vitae*

Trazendo a questão da ordem, Agostinho de Hipona comenta um fragmento da obra *Sobre a República*, de Cícero, ao qual não temos acesso. No entanto, o cristão afirma: “E o que pelos músicos é chamado harmonia no canto, isso numa cidade é concórdia, o mais apertado e o melhor vínculo de incolumidade em qualquer Estado. Mas ela de modo algum pode existir sem justiça.”⁷⁵ (*A Cidade de Deus*, 2.21). Portanto, a harmonia das diferentes ordens sociais é idealizada por ele e, aparentemente, também é por Cícero, uma vez que esse trecho da obra de Agostinho tenha sido um comentário ao *De Republica* do arpinate. Além disso, este orador também faz essa metáfora em outra obra (*Off.* 1.146).

Assim sendo, havia várias formas de apropriação do passado para a efetivação de um discurso, mas destacamos a *Concordia* – que é justamente a ideia da harmonização das ordens – por ter sido utilizada para uma composição narrativa em torno do exílio de Cícero (tanto por ele quanto por seu adversário, Clódio). Do ponto de vista da história de Roma, a *concordia* era um ideal que respondia a processos de desestabilização das ordens sociais cuja interpretação estava sujeita à origem da sociedade. Ocorre que, segundo Cynthia Bannon (1997, p. 4), as figuras dos irmãos do mito de origem da cidade romana (Rômulo e Remo) se tornaram problemáticas nos fins da República, pois os conflitos civis desse período foram associados ao fratricídio cometido pelo fundador mitológico e à *discordia*. A *concordia* enquanto valor social, de tal modo, está presente em diversos aspectos que fundamentam significados na vida de um romano. Além disso foi também um ideal dado como resposta à crise cultural gerada pelos irmãos Graco, que haviam desafiado a estrutura das ordens sociais na segunda metade do século II a.C. (OLIVEIRA, 2014, p. 47).

A necessidade da resposta se deu não apenas por conta dos irmãos terem lutado contra a estrutura política vigente, mas também por terem tido sua revolta violentamente rechaçada, resultando no assassinato de ambos em diferentes momentos. Em decorrência disso, Dionísio de Halicarnasso (*Antiquitates Romanae*, 2. 11. 2-3) define a *concordia* como um ideal estabelecido culturalmente em Roma, se baseando no bem comum com o fim de evitar a brutalidade em suas resoluções.

⁷⁵ *et quae harmonia a musicis dicitur in cantu, ea est in civitate concordia, artis-simum atque optimum omni in re publica vinculum incolumitatis, eaque sine iustitia nullo pacto potest esse*

Esse conceito é fundamental para a compreensão da ideia do exílio aristocrático que procuramos definir, pois a ideologia romana fortalecida pelo mito de Rômulo e pelo assassinato dos plebeus revoltosos criou uma repulsa à falta de harmonia político-social. Narram-se construções do templo da *concordia* em comemoração a um período de paz em diversas obras, tais como nos Fastos de Ovídio (1.641-644), denotando uma importância cultural para a precaução em relação aos conflitos civis.

A harmonização da sociedade, portanto, era fundamental para a ideologia aristocrática na transição da República para o Principado. Todavia, em determinados momentos, mesmos os indivíduos que reforçavam em seu discurso a *concordia* passaram a ser elementos de conflito. Isso ocorreu no exílio de Cícero por conta da forma como Clódio utilizou a execução sem julgamento prévio dos conjuradores de Catilina para caracterizar o arpinate como elemento de *discordia* e, por consequência, como causador de desordem. No entanto, punir Cícero com pena capital seria também uma atitude desonrosa e culminaria no mesmo erro de sua ordem de execução: por isso o exílio é conveniente para a aristocracia romana. Era uma forma de lidar com esses problemas mantendo a *concordia* e ainda marginalizando o *exsul*, que de alguma maneira oferecia ameaças à ordem estabelecida (ou que queriam estabelecer).

Portanto, se alguém precisa ser retirado, há algo nele que não convém para a aristocracia local que precisa tira-lo do lugar. Por isso, Kelly (2006, p. 23) chega a conclusão de que o exílio resulta da dissonância do *ethos* do *exsul* com o da aristocracia responsável por puni-lo. Cícero, portanto, de alguma forma, não condizia com o esperado para manter a ordem social.

2.2 Identidades e perdas no exílio

Apesar do *exsul* ter sua posição social desestabilizada, a própria possibilidade de se exilar já era por si só uma marca de seu estatuto. Afinal, não há evidência de utilização desse recurso por pessoas que não pertenciam à ordem senatorial ou equestre e, por conta disso, alguns autores como Henderson (1951, p. 71) defendiam a tese da inacessibilidade de grupos sociais pouco abastados ao exílio reconhecido pelas autoridades romanas (banimento). Além disso, como afirma Strachan-Davidson (1912, p. 14), existiam evidentes distinções entre as punições dos aristocratas e dos *populus*

comum. Por conta disso, consideramos que o banimento⁷⁶, enquanto privilégio de ser uma alternativa à pena capital, era algo exclusivo de setores elitistas que podiam ter alguma influência sobre o resultado dos *iudicia populi*⁷⁷.

Salústio menciona, todavia, o direito de os conjuradores de Catilina terem a vida poupada em caso da preferência do exílio ser manifestada (*Cat.* 51. 21-22). Provavelmente esse foi um dos motivos de Cícero ter sido atacado em decorrência da negação desse direito, pois quando discursou acerca de Catilina (*Cat.* 1. 2), afirmou que não há porque manter vivo um indivíduo tão pérfido que ameaçava à República. À vista disso, vemos uma negação a qualquer autorização de exílio voluntário, em um argumento que criava uma espécie de questão extraordinária (*quaestio extraordinaria*), situação também defendida em *De Legibus* (2. 37), quando o autor menciona as decisões do senado de pena capital em relação aos vícios cometidos nos bacanais. Tal afirmação é corroborada pelas leis imperiais, por exemplo, que definem geralmente castigos de pena de morte aos *humiliores* e a pena de exílio e confisco de bens aos *honestiores*, a exemplo da *Lex Cornelia de sicaris et ueneficis* no que tange ao crime de magia.⁷⁸

Nesse sentido, se o direito de exilar-se existia para todos os cidadãos, ou era frequentemente violado, ou precisamos averiguar suas particularidades. O que se teoriza sobre essas medidas que poderiam amparar os conspiradores de Catilina - às quais Salústio se refere - é a possibilidade de elas apenas serem uma forma de o historiador mencionar um costume e não uma lei oficial. Outro fator a ser considerado é a possibilidade de o discurso de César na obra salustiana não ser fidedigno e, mesmo que o seja, o triúnviro construía sua imagem com base na virtude da *clementia*, e, portanto, sua voz estaria enviesada para um ideal de construção imagética (KELLY, 2006, p. 22-24).

A pena a ser evitada pelo exílio não era necessariamente letal, mas poderia ser financeiramente árdua àquele que a recebesse. Kelly (2006, p.18) menciona casos nos quais indivíduos preferiram se retirar da *Vrbs* em momento de dívidas e instabilidade financeira. Embora pareça contraditório escolher o exílio numa situação dessas – afinal,

⁷⁶ Utilizamos banimento para nos referirmos aos exílios reconhecidos oficialmente pelas autoridades romanas.

⁷⁷ Julgamento anterior à reunião da *comitia centuriata*. Para saber mais, consultar Lintott (2003, p. 14)

⁷⁸ Para mais informações, Cf. Lima Neto (2015).

partir de Roma poderia significar a perda das propriedades e dos bens – era muito comum o empenho de cidadãos em transformar suas propriedades em recursos portáteis, gerando um prejuízo menor do que permanecer na *Vrbs* e pagar o que devem. Essa perda de propriedades que poderia ser oficializada era conhecida como *aquae et ignis interdictio*⁷⁹, citada por Cícero no discurso de restituição de seus bens *De Domo Sua* (24) “Se quiserdes, ordenais que sejam interditados a Marco Túlio a água e o fogo”⁸⁰.

Concretizado o egresso do cidadão, ocorria a chamada “privação da água e do fogo”, que era uma forma metafórica para se referir ao não usufruto de propriedades localizadas dentro do território romano a partir de um decreto jurídico oficial que o impedia de voltar a Roma. Esse edito era a medida administrativa tomada em razão da possibilidade do romano utilizar o exílio para fugir dos tribunais e não ser caracterizado como criminoso. Sem um registro legal, o banimento poderia cair no esquecimento, facilitando o retorno do cidadão (conhecido como restauração) que também poderia culminar numa forma de restituição de cidadania. Aqueles que fugiam antes de um julgamento definitivo poderiam retornar dependendo do resultado do mesmo, no entanto, a possibilidade de uma nova audiência poderia ser amedrontadora para os restaurados. Ademais, a justiça romana possuía a ideia da relutância de fazer um julgamento *in absentia*, tornando o decreto de interdição uma maneira de legitimar a escolha jurídica contra o *exsul*.

Penso que tu disseste que ele estava ausente quando arrolado entre os réus, que o processo foi julgado sem ouvir a defesa, que não havia nenhum tribunal legalmente constituído sobre o jogo de azar, que ele havia sido tratado com violência e com armas e, finalmente, o que se dizia sobre o teu tio, que o tribunal tinha sido corrompido pelo dinheiro (*Phil.* 2.56) (Tradução de Bruna Fernanda Abreu)

Absentem, credo, in reos relatum; rem indicta causa iudicatam; nullum fuisse de alea lege iudicium; vi oppressum et armis; postremo, quod de patruo tuo dicebatur, pecunia iudicium esse corruptum.

⁷⁹ A *interdictio* da água e do fogo não se limitava ao exílio, afinal, era uma imposição do *concilium plebis* que poderia ser estipulada em outros momentos. No entanto, há dúvida a respeito de qual autoridade de fato detém o poder de privar algum indivíduo da água e do fogo. Isto se baseia no fato de César, em seu proconsulado, na Gália, ter pronunciado esta exigência ao líder Acco; e de Caio Graco, em 123, ter impedido magistrados de declararem isto a indivíduos não condenados, indicando que eles teriam tido este direito anteriormente.

⁸⁰ *Uelitis iubeatis ut M. Tullio aqua et igni interdicatur.*

Como visto, Cícero elenca a ausência do réu como possível argumento contra a legitimidade do julgamento, por conta disso, o decreto *aquae et ignis interdictio* surge como forma de institucionalização do abandono da cidadania do indivíduo (*ciuitatis amissio*). Tal como Claassen (1999, p. 11) ressalta, a *ciuitatis amissio* não é a perda da cidadania, mas o abandono dela. Cícero afirma que o banimento não causa a perda do *status ciuitatis* de um indivíduo até que ele voluntariamente busque os privilégios de um novo domicílio, encorajando assim a busca por novas cidadanias. Isto ocorre porque é melhor para o estabelecimento da *concordia* a aquisição de novas cidadanias por parte do exilado, pois a tentativa de retorno tem como corolário a instabilidade do local. (*De Dom.* 74). Abandonar a cidadania, desta forma, é uma atitude muito mais sociocultural do que jurídica.

O exílio não é apenas uma exclusão política e geográfica, mas também uma exclusão social em que há a impossibilidade de exercer a vida pública, sendo conseqüentemente algo desonroso para um romano. Para a manutenção da posição social do aristocrata, faz-se necessária a devida atenção à construção de seu *ethos* diante da *ciuitas*, o que é demonstrado de diversas maneiras, desde a apresentação arquitetônica da *domus* até às formas pelas quais ele exerce seu papel nas relações sociais (WALLACE-HADRILL, 1989, p. 64). A *domus*, enquanto símbolo de poder, é elemento de aproximação do cidadão com o ideal de vida pública⁸¹, porém, o exilado fica impossibilitado de se construir a partir deste ideal, pois ele é privado desta posse (HALES, 2003, p. 19). A casa simboliza a estrutura física e o status social e político do indivíduo (MCINTOSH, 2013, p. 47), e com os bens de um indivíduo destituídos, ele se torna incapaz de participar de um estilo de vida de indivíduo virtuoso descrito por Cícero no primeiro livro do *De Officiis* (1. 40. 145), ao comparar a harmonia que se deve fazer presente numa apresentação musical que envolve diferentes instrumentos com a harmonia que o indivíduo deve ter em sua vida, para que ela não fique fora do tom ideal.⁸²

A privação da água e do fogo, não obstante, trazia ainda risco de vida ao banido, uma vez que a perda de cidadania romana imediatamente qualificava o indivíduo como *sacer*

⁸¹ Susan Treggiari (1998, p. 4-6) evidencia a tendência de Cícero a criar representações positivas da dedicação de um romano a vida pública, mencionando o quão virtuoso esse ato era segundo a idealização feita pelo orador em diversas obras, tais como *De Oratore*, *De Republica* e alguns de seus discursos, como *Pro Archia*.

⁸² Tal como dito na página 59, a metáfora também é feita no *De Republica*.

*homo*⁸³, resultando na não criminalização de seu assassinato. Numa a carta a Ático, Cícero confirma essa ideia e ainda atesta uma espécie de punição àquele que ajuda o *interdictus*, implicando a existência de uma espécie de política de isolamento social completo do banido “Imediatamente, tomei caminho para Brundísio, antes do dia da lei para que Sica, meu hospedeiro, não estivesse em apuros e também porque não me era permitido estar em Melita⁸⁴” (*Att.* 3.4). Assim sendo, se o próprio hospedeiro fica em situação de perigo em decorrência das limitações do *exsul*, percebemos uma intensificação do isolamento.

Considerando a construção feita por Cícero da República como uma união de indivíduos guiada pela virtude, no que Elizabeth Asmis (2004, p. 569) chama de “parceria” (*partnership*) dos cidadãos, é possível enxergar um isolado como não pertencente a República. Sendo impedido até mesmo de buscar ajuda, o *exsul* passa por um sério problema identitário, de forma a conflitar com os interesses daqueles que ocupam o espaço desejado por ele.

No capítulo anterior, descrevemos a problemática de Cícero, enquanto *homo nouus*, se associar a uma identidade aristocrática; aqui buscamos enxergar essa questão do ponto de vista teórico. A identidade é construída pela evidenciação da diferença, no entanto, algumas diferenças são mais marcadas do que outras (WOODWARD, 2000, pp. 9-10) e o critério para definir quais delas são piores para o grupo estabelecido é alterado segundo as circunstâncias do contexto histórico. Isso significa que um aspecto cultural visto de forma demasiadamente pejorativa em um determinado contexto pode não ser visto dessa forma em outro.

O “outro”, porém, não é o que é construído a respeito dele. O que se pensa ser o outro não passa de uma representação (CHARTIER, 2002) que se constrói guiada por parâmetros subjetivos. Segundo Woodward (2000 p. 12), essas representações são vinculadas a uma relação de poder na qual os símbolos estabelecidos de sentido se

⁸³ Este termo era utilizado para indivíduos que sofriam o processo de *sacratio*, no qual a vida de um ofensor de uma lei sagrada é dado como passível de ser morto sem consequências jurídicas para o executor. Dada a importância do processo histórico que levou os romanos a se organizarem em grupos complexos, o respeito ao passado e os rituais tradicionais passaram a ser sacralizados em sua cultura (BERNARDO, 2012, pp. 10-11). Por consequência, aqueles que ameaçavam essa ordem eram tratados como *Homines Sacres* (homens sagrados) – denominação para criminosos de questões de *res sacrae*– e passavam a ser marginalizados.

⁸⁴ *Statim iter Brundisium uersus contuli ante diem rogationis, ne et Sicca apud quem eram periret et quod Melitae esse non licebat.*

tornam armas para ocupar e manter um determinado espaço. A autora realça que elas são inerentes à identidade e são o meio pelo qual os grupos dão sentido à sua existência enquanto seres humanos.

A identidade, no entanto, não é algo estável e pode estar em situação de crise caso seja contestada. Nesse sentido, o exílio é uma das principais formas pelas quais podemos enxergar uma alteridade, ou seja, um conflito de identidades (WOODWARD, 2000, p. 47), pois ele impede explicitamente que um indivíduo possa participar desses ritos e símbolos que lhe dão sentido. No entanto, as representações não são armas apenas para a aristocracia local, pois no caso do indivíduo possuir as condições de produção (MAINGUENEAU, 2000, p. 55), isto é, os recursos socioeconômicos necessários para a confecção de representações a seu favor, ele pode disputar pelo espaço perdido. Em geral, isso era feito por meio da literatura.

Enquanto o autor possui condições para escrever, pode utilizar de seus textos para criar representações e se inserir em um grupo. É isso que Cícero fez ao longo de sua epistolografia, pois nela, promoveu discussões acerca da validação de processos de exílio (Att. 3.14) e conseguiu representar sua imagem enquanto romano. Durante a argumentação executada em algumas delas, alinhada com o *pathos*, indica preferir a morte à calamidade que sofreu por conta do exílio, chegando a dizer que a morte nunca havia sido tão desejável “Visto que me chamas à vida, fazes com que não me mate, mas não podes evitar que me arrependa por ter decidido viver [...] para ninguém a morte foi mais desejável.” (Att. 3.7.2).

Considerando a ideia de que não é tão ruim a ponto de ser pior do que ser expulso de um ambiente aristocrático, pois essa expulsão necessariamente criava um impedimento de exercer o poder atribuído aos frequentadores dele, o exílio foi representado como algo terrível. A tristeza e os lamentos são indicativos do mal estar do autor, que é gerado pelo que Jo-Marie Claassen (1999, p. 9) define como uma circunstância na qual o protagonista não vive mais ou é impedido de viver na terra em que era estabelecido anteriormente. Segundo a autora, o exílio – em termos literários – possui um “protagonista” cujos feitos ao longo de seu banimento são narrados de modo a construir seus feitos segundo a circunstância que lhe aflige. Geralmente, esse protagonista é o próprio autor da obra e ele se apropria de sua condição ao longo de sua confecção literária para participar do jogo social da forma que lhe é mais conveniente.

Essa atitude foi promovida por variados autores latinos durante sua escrita, mesmo quando não estavam de fato exilados, pois eles se apropriaram dessa situação política para a construção de efeitos causados pela cena de enunciação. Nesse caso, sendo a literatura fonte de representações (CHARTIER, 2002, p. 17), esses indivíduos puderam disputar por espaços de poder por meio dela ao representarem tanto a si mesmos quanto os seus adversários políticos, os quais desejavam sua ausência.

2.3 Exílio e Literatura

De fato, as apropriações das condições de exilados para a composição textual foram um feito comum a diversos períodos históricos. Em geral, tanto na Antiguidade quanto na Contemporaneidade, quando a expulsão de um local fora resultada de exclusão de um espaço de poder, tendeu-se a escrever como uma resposta à impossibilidade de manifestar-se nesses ambientes (CLAASSEN, 1999, p. 1). No caso dos autores latinos, há uma série de *topoi* e de textos que se estruturam a partir da construção de uma situação de exílio, mencionando as exclusividades que apenas o espaço romano pode trazer. Nesse caso, a veracidade do exílio pouco importava, pois os efeitos alcançados pela criação da cena por si só traziam o enriquecimento da obra.

A cenografia é criada justamente por essa ideia, pois a cena constituída pelo discurso representando a situação na qual ele era proferido lhe conferia legitimidade e enriquecimento persuasivo. A cenografia, não sendo necessariamente determinada pelo gênero literário, variava segundo a condição dada ao discurso pelo próprio autor no momento da execução de seu texto (que poderia ser influenciado por uma série de fatores, tais como o contexto político e o local onde a obra é produzida) e pelas apropriações feitas pelo autor. Segundo Chartier (2002, p. 10), a partir do momento que um autor se inseria em determinado ambiente letrado, ele necessariamente se mostra presente na rota cultural dos significados econômicos, políticos e religiosos compartilhados pelos indivíduos desse ambiente. Ou seja, o próprio ato de escrever era um esforço de Cícero para preservar sua identidade por meio da representação de si como aristocrata.

Esse trabalho era feito pelas cenas variadas e de distintos efeitos, em especial no gênero epistolar, pois os autores deste se apropriavam diversas questões do cotidiano para a

efetivação de sua escrita. Era possível para o *exsul* escrever num esforço em se construir a realidade e, por consequência, a identidade de um grupo específico e de outros, geralmente em momentos de conflito, nos quais afloram as lutas pelo poder (CHARTIER, 1990).

Os textos produzidos por romanos não poderiam deixar de estar inseridos nas bases da Retórica (FOX, 2010, p. 370) e, portanto, esse esquema intelectual ajudava a moldar tais representações. Na verdade, o próprio espaço de Roma e fora dela se constituem dessa maneira, pois “são estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 2002, p. 17).

A literatura, portanto, criava categorias de percepção e apreciação do real ao atribuir significações determinadas por interesses sociais (CHARTIER, 2002, p. 17). Ter a possibilidade de escrever, dessa maneira, era um ato que demonstrava o poder de um indivíduo para participar desse jogo cultural. No entanto, era também de interesse do exilado participar do jogo político e por isso, o gênero epistolar fora muito conveniente.

As cartas eram – para além de uma maneira de se comunicação – uma forma de suprir a necessidade da presença do autor e do destinatário para a confecção de um ritual de interação. Segundo Jennifer Ebbeler (2010, p. 266) esse gênero textual, na Roma Antiga, era uma forma de se manter presente em momentos de distância (*in absentia*) e compõem um aspecto do jogo social que gera uma expectativa de comportamento e exercendo esse comportamento, o *exsul* ainda pode manter características romanas.

Eram inventadas múltiplas cenografias para a comunicação com os destinatários, pois nesse jogo, o papel assumido pelo escritor lhe conferia autoridade para falar de determinado assunto. Sêneca, por exemplo, utilizava um tom professoral para transmitir a ideia de legitimidade em seu discurso ao ensinar seu discípulo Lucílio (*Ep.* 40)⁸⁵; Cícero (*Fam.* 14.4), por outro lado, contrastava sua situação calamitosa com um passado glorioso, no qual atingiu uma posição social de prestígio e, por meio da menção a esse momento, colocava-se como uma autoridade para reconhecer que seus inimigos era uma ameaça para a República. Assim sendo, algumas de suas cartas foram exemplos de textos literários arquitetados a partir da cena de um exílio político que o afastou da

⁸⁵ Para o aprofundamento dessa característica na obra senequiana, cf. Nepomuceno (2004).

urbs por conta de questões efetivamente jurídicas para a representação de sua vida virtuosa.

Para contrastar com essas virtudes, como podemos observar no exemplo a seguir, o orador preenche suas missivas com tristeza e amargura, revelando uma qualificação penosa do distanciamento.

Escrita em Brundísio em 29 de abril de 58, TÚLIO SAÚDA SUA TERÊNCIA, SUA TÚLIA E SEU CICERO

Eu vos escrevo cartas menos frequentemente do que posso, porque, como todos os momentos são tristes para mim, de fato, quando vos escrevo ou vos leio, desfaço-me em lágrimas de modo que não consigo suportar. Ah se eu fosse menos apaixonado pela vida! Certamente nada ou não muito de maldade eu veria na vida (*Fam.* 14.4).

Scr. Brundisii prid. Kalendas Maias a.u.c. 696.
TULLIUS S. D. TERENTIAE ET TULLIAE ET CICERONI SUI.

Ego minus saepe do ad vos litteras, quam possum, propterea quod cum omnia mihi tempora sunt misera, tum vero, cum aut scribo ad vos aut vestras lego, conficior lacrimis sic, ut ferre non possim. Quod utinam minus vitae cupidi fuisset! certe nihil aut non multum in vita mali vidissemus.

Este trecho da carta de Cícero à sua família nos é substancial, pois, a partir dele, podemos observar não apenas uma visão angustiada do afastamento da *Vrbs*, mas uma reflexão acerca das condições de escrita fora de Roma e a possibilidade de o autor aceitar a morte para não cair na vergonha do exílio. Com a vida política nos fins da República sendo centrada na cidade de Roma, o afastamento de um indivíduo tão voltado para a vida pública como Marco Túlio Cícero, de fato, é uma tragédia para sua carreira, o que pode justificar seu discurso tão pranteador.

Todavia, a representação do exílio não é sempre feita de forma vergonhosa e nem sempre está relacionada a uma punição jurídica. O próprio Cícero em sua obra *De Republica* utiliza *exsilium* para se referenciar a viagens não provocadas por um banimento legal, de forma metafórica. Refletindo acerca deste aspecto, observamos diversos usos do vocábulo *exsilium* na literatura latina revelando que, apesar de todos indicarem um afastamento da terra de origem, as circunstâncias deste distanciamento se diferenciam.

Iam qui incolunt eas urbes, non haerent in suis sedibus, sed volucris semper spe et cogitatione rapiuntur a domo longius, atque etiam cum manent corpore, animo tamen exulant et vagantur. (*Rep.* 2.7)

Além disso, os que habitam nessas urbes não se arraigam em seus lugares, mas, são sempre conduzidos para muito longe de sua casa por uma esperança e uma imaginação alada. E ainda quando [ali] permanecem fisicamente, entretanto, com seus ânimos se exilam e vagam. (Tradução de Isadora Prévêde Bernardo) (Rep. 2.7)

Outro contexto no qual o vocábulo *exsilium* é utilizado é na menção a serviços militares extensos feita por Tito Lívio na obra *Ab Urbe Condita*.

Nós, que além de termos feito o possível para que um soldado romano saísse com vida da Batalha de Canas, de nada podemos ser acusados. Não estamos distantes apenas da pátria e da Itália, mas também relegados do inimigo, onde envelhecemos no exílio sem qualquer esperança. (25.6.18)

Nos, quibus, nisi quod commisimus ut quisquam ex Cannensi acie miles Romanus superesset, nihil obici potest, non solum a patria procul Italiaque sed ab hoste etiam relegati sumus, ubi senescamus in exilio ne qua spes.

É compreensível a existência de uma pluralidade de sentidos em *exsilium* na literatura, pois, por um lado, o cidadão é lesado pela perda das propriedades (HENDERSON, 1951, p. 71-73) e pelo próprio afastamento de um ambiente rico em cultura⁸⁶, por outro, essa condição política se torna uma alternativa à pena capital, significando uma salvação. Observamos diferentes usos do termo *exsilium* e apropriações dessa condição. No caso de nosso trabalho, focamos na apropriação da condição legal de exílio feita na epistolografia ciceroniana, que seria o gerado por uma acusação grave que culmina no comprometimento da cidadania e dos bens de um romano (LEVY, 1931, p. 25). Tal como Claassen (1999, p. 11) afirma, o banimento tem como consequência a incompatibilidade do *status ciuitatis* romano com o indivíduo, ou seja, há uma série de normas de conduta que definem uma expectativa de comportamento em Roma e, caso as atitudes de um cidadão não correspondam ao esperado, ele é deslocado social e politicamente. Esse pensamento dialoga diretamente com a ideia de Kelly (2006, p. 9), que define o exílio como resultado de um *ethos* em desacordo com a aristocracia romana. À vista disso, o banimento é resultado de uma inconciliabilidade entre a imagem construída pelo cidadão e o conjunto de valores partilhados por uma determinada

⁸⁶ Descrito por Catulo em seu poema relatando as consequências de permanecer em Verona (Catull. 68.27-36) e por Ovídio nos Tristes (Tr. 3.14.33-8) quando fala da ausência de livros fora da *urbs*.

sociedade. Tal desconformidade nos conduz ao ideal romano de *concordia*, referido por Kelly (2006, p.10) como responsável pelo funcionamento do exílio romano.

O exílio, por conseguinte, servia como uma válvula de escape que representava a repulsa da *discordia*, tão temida pelos romanos. Para corroborar este argumento, enfatizamos uma das principais características do exílio romano: ele é voluntário. O próprio Cícero, que em suas cartas desenha uma cena tormentosa, expressou em seu discurso de defesa a Caecina a salvação da vida e a estabilidade na *urbs* como benefício do afastamento da cidade.

O exílio, portanto, não é um tormento, mas é um porto seguro e um refúgio dele. Isto porque os que querem escapar da penalidade de alguma forma devem caminhar só para trazer descanso e mudar de local. Até porque em nenhuma de nossas leis o exílio é visto como um malefício tal como nas leis de outros povos. (*Caec.* 100)

Exsilium enim non supplicium est, sed perfugium portusque supplici. Nam quia volunt poenam aliquam subterfugere aut calamitatem, eo solum vertunt, hoc est sedem ac locum mutant. Itaque nulla in lege nostra reperietur, <ut> apud ceteras civitates, maleficium ullum exsilio esse multatum.

A concepção do fenômeno político *exsilium* não é, tal como em outros povos, visto necessariamente como uma punição legal. A manifestação de tal acontecimento, assim sendo, da forma que nós observamos, se dá através de um aspecto muito mais cultural do que jurídica, uma vez que os trâmites desse do exílio afetam o âmbito das relações sociais, da imagem pública do indivíduo e do lugar que ele ocupa. Sua conceituação no universo romano, portanto, é múltipla e complexa.

Essa relação entre a morte e o exílio é descrita na literatura clássica, especialmente em textos filosóficos e a preferência pelo suicídio parece ser discutida em termos filosóficos por Sêneca (*Helu* 2.4) e Tácito (*Ann.* 15.62-64). A construção literária em torno do tema se mostra mais presente quando o autor se qualifica enquanto exilado, tal como podemos observar em Cícero e Ovídio, e a apropriação desta condição para a criação do fazer literário nos leva ao conceito de paratopia, descrito por Maingueneau como o momento em que “o escritor nutre seu trabalho com o caráter radicalmente problemático de seu próprio pertencimento ao campo literário e à sociedade” (1995, p. 27).

Complementando esta informação, este conceito se aplica ao exílio, pois o escritor é alguém que, ainda segundo Maingueneau (1995, p. 108), “não tem lugar/uma razão de ser (nos dois sentidos da locução) e que deve construir o território por meio desta mesma falha”. Desse modo, a paratopia cria um pertencimento paradoxal do espaço do autor, fazendo com que a geração do espaço seja algo desejado por ele, que almeja de alguma forma ocupá-lo – ou ter o *ethos* de quem o ocupa – associando-se, através da elocução, com os grupos a quem o lugar pertence. O escritor, portanto, nutre seu trabalho com o objetivo de preenchê-lo com seu próprio pertencimento a um determinado campo literário e a uma sociedade.

Maingueneau, em obra mais recente, descreve a necessidade da escrita na paratopia, pois é conveniente para o autor ausente de um lugar se inscrever através de uma escrita e negociar os limites do lugar e do não-lugar através do texto.

A pertinência ao campo literário não é, portanto, a ausência de qualquer lugar, mas antes uma negociação difícil entre o lugar e o não lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar. (MAINGUENEAU, 2006, p. 28)

Ainda na mesma obra (2006, p. 110), Maingueneau categoriza dois tipos de paratopia: as sociais e as espaciais, sendo a primeira aquela na qual o indivíduo está deslocado perante a um determinado grupo que deseja pertencer e a segunda a que indica isolamento geográfico, afastando-o de um lugar físico que deseja ocupar. Evidentemente, esses dois conceitos não são paralelos, mas se cruzam com facilidade, uma vez que o pertencimento a um grupo muitas vezes só é possível a partir da ocupação de um local e vice-versa. A paratopia espacial, ademais, é observada muito comumente em situações no qual o autor escreve em situação de exílio, retratando e arquitetando um universo que se assenta sob o saudosismo e de uma terra idealizada, enfatizando a distância daquele local e o mal que essa distância gera.

Para um maior esclarecimento do conceito, faz-se necessária a explanação do que compreendemos por lugar. A literatura reconhece um local como um ambiente em que estabelece uma determinada condição de produção de escrita para os indivíduos que o ocupam. Algumas reflexões sobre essas condições no período de exílio são feitas por Ovídio em suas *Epistolae ex Ponto* (3. 6. 11-12), no momento em que o autor poético se qualifica enquanto na condição de exilado: “Ele [César] não impede que alguém se

recorde de algum companheiro, nem proíbe que eu te escreva ou tu me contestes”⁸⁷. O poeta prossegue dizendo ser um privilégio poder se remeter aos amigos de Roma nesta situação “advertido até aqui, concede a um poeta reconhecido que coloque em suas páginas os nomes que lhe são caros” (3.6.51-52). Consequentemente, afastar-se de um local significa distanciar-se também daquilo que o local agrega e todo o ambiente sócio cultural em torno dele.

Como observado nos trechos de Ovídio, o gênero epistolar parece ser privilegiado como uma ligação entre os exilados e os cidadãos romanos. Poder remeter-se aos indivíduos com que um exilado é relacionado é uma maneira de estabelecer um vínculo com Roma, explicado por Claassen (1999, p. 104) como uma criação de uma ponte que anula a distância entre o exílio e a *urbs*, afirmação reforçada por McIntosh (2013, p. 50) quando descreve a construção de uma casa a partir de cartas, pois sendo a casa uma forma de exercer poder, ocupar um espaço em Roma através de epístolas se torna uma alternativa. Afinal, a perda da residência física se torna a perda social do ser.

Esta construção é exemplificada pela carta de Cícero a Ático (*Att.* 2.12) na qual é explicada ao destinatário - embora a epístola seja datada de antes do exílio ciceroniano – a felicidade em receber missivas quando está fora de Roma “Digo a você que me sinto exilado desde que estive em Fórmias. Não houve um dia sequer em que eu estivesse em Anzio e não desejasse ter notícias de Roma.”⁸⁸. O arpinate, entretanto, já premeditara seu banimento em outra epístola, enviada no ano 59 a.C., momento em que já havia ocorrido a humilhação em público de Públio Clódio Pulcro (*Att.* 2.18.1). Nessa carta, o orador já afirma “Sinto o temor da morte e do banimento mais sangrento”⁸⁹, indicando uma possível necessidade de se exilar.

O exílio, apesar de apagar a imagem do *exsul*, também é o elemento fundador de seu texto e, portanto, aquilo que o permite existir. Maingueneau (2006, p. 111) afirma que só existem textos de exílio porque existiram autores que foram exilados (ou de alguma forma se comportaram como tal) e, portanto, há uma relação mútua constituinte para que ambas as partes se legitimem: tanto o *exsul* o exílio quanto o exílio o *exsul*.

⁸⁷ Todas as traduções das *Epistolae ex Ponto* são de Geraldo José Albino.

⁸⁸ *Narro tibi, plane relegatus mihi videor postea quam in Formiano sum. dies enim nullus erat, Anti cum essem, quo die non melius scirem Romae quid ageretur quam ii qui erant Romae.*

⁸⁹ *Mortem et eiectionem quasi maiora timemus*

A paratopia, por fim, também implica numa necessidade de escrever para ocupar determinado espaço e esse conceito se aplica também para a Antiguidade. Dessa maneira, as cartas aproximam o exilado do espaço que não se está, e simbolicamente do *ethos* do espaço desejado. Escrever necessariamente o faz ocupar o espaço onde não está e imortalizar sua presença lá (POPA, 2009, p. 3). Tal como mostra Virgílio em suas *Éclogas*, a perenidade do exílio apaga a presença do *exsul* no coração dos que permanecem na *Vrbs*. Portanto, sendo a composição epistolar maneira de não ser esquecido, para não ser apagado, deve-se escrever de maneira a ocupar o espaço desejado.

Antes, cervos no céu céleres pastarão,

E vagas deixarão peixe à vista na praia;

Antes, distantes, cada um banido da pátria,

Beberá no Árar parta ou germano no Tigre,

Até que em nosso peito aquele deus se apague. (*Ecl.* 1. 59-63)
(Tradução de Raimundo Carvalho)

Ante leves ergo pascentur in aethere cervi

et freta destituent nudos in litore pisces,

ante pererratis amborum finibus exsul

aut Ararim Parthus bibet aut Germania Tigrim,

quam nostro illius labatur pectore vultus.

As palavras de Virgílio revelam que a perenidade do exílio, na medida em que se estende, apaga pouco a pouco a imagem do *exsul* em Roma. Numa sociedade em que a inscrição no texto literário pode implicar na imortalização daqueles que se apresentem em sua essência, grafar a imagem de um indivíduo pode salvá-lo do obívio⁹⁰.

⁹⁰ Elemento presente na obra de Ovídio (*Am.* 1. 3), Horácio (*Carm.* 3. 30) entre outros.

Diante de uma sociedade tão célebre pela retórica, o texto em missivas não poderia distanciar-se de uma preocupação com o efeito discursivo que se manifestava frequentemente nos ambientes aristocráticos. As cartas, como diversos outros gêneros literários, perpassavam por cuidados que se evidenciam na escrita ciceroniana. O fato da composição, todavia, ser dialógica e representar uma relação social à distância exige que sua escrita seja mediada por outras regras consuetudinariamente estabelecidas para a preservação imagética e o desenvolvimento do renome daquele que a realiza através do jogo socialmente estabelecido. Nesse sentido, o gênero epistolar se mostra como indispensável fonte de análise para o estudo do cotidiano romano, mas também para a compreensão do que deve ser alcançado pelo Cícero exilado para reconciliar seu *ethos* com o da aristocracia de forma a não torná-lo pária do grupo político dominante.

2.4 O apagamento do exilado

Existe um temor acerca da durabilidade do exílio, de forma a criar uma urgência no desejo de restauração daquele que o sofre. Em carta endereçada a Ático, Cícero evidencia o fato de o passar dos dias intensificar as dores do exílio, indo de encontro com a ideia de que o tempo alivia todas as dores.

O passar dos dias não apenas deixa de levar este pesar, mas também o intensifica. Afinal, as outras dores são mitigadas com o passar do tempo, mas esta não pode deixar de ser aumentada cotidianamente pela sensação da minha presente tristeza e pela recordação da vida antiga. Sinto saudades, na verdade, não só das minhas coisas, nem só dos meus [amigos], mas de mim mesmo. Quem de fato sou eu? (*Att.* 3.15.2)

Dies autem non modo non leuat luctum hunc sed etiam auget. Nam ceteri dolores mitigantur uetustate, hic non potest non et sensu praesentis miseriae et recordatione praeteritae uitae cotidie augeri. desidero enim non mea solum neque meos sed me ipsum. Quid enim sum?

A partir de tal trecho, percebemos uma demarcação de diferenças entre o autor antes do processo de exílio e após essa pena. Emanuelle Narducci (1997, p. 58) interpreta essa carta como um indício de transformação identitária que retira um grau de características romanas do orador na medida em que ele se afasta da riqueza, da influência garantida por sua presença em Roma e pelo distanciamento da família. James May (1989, p. 69), em sua vasta apreciação sobre o trabalho de Cícero e seu *ethos*, também denota uma grande depreciação imagética do arpinate como *uir publicus* após o exílio e afirma que essas transformações atingem essencialmente a *auctoristas* do *exsul*. Para justificar isso,

May utiliza a comparação entre a *auctoritas*⁹¹ nos discursos consulares como critério base para a análise das alterações no *ethos*, pois, na medida em que a *Lex Clodia* se fortifica, cria-se uma necessidade de defesa vigorosa da legitimidade das ações ciceronianas, transformando a defesa de seus clientes na sua própria. O exórdio do *Pro Sulla* exemplifica essas questões, pois Cícero investe tempo descrevendo sua autoridade consular: “Considerare, Torquato, o quanto fugiria da autoridade de meu consulado!”⁹² (*Pro Sulla* 1. 33)

Clódio, inimigo de Cícero, utiliza de estratégias para a não restituição dos bens do orador, como por exemplo, a construção de templos na localidade das propriedades ciceronianas. Cícero, no entanto, tenta invalidar esta tentativa ao afirmar que Clódio não pode construir um templo sem a permissão concedida pelo Senado. (*Dom.* 72) É imprescindível a reflexão acerca do simbolismo em torno de uma *domus* no palatino, que além de significar a *dignitas* política, está completamente fora do padrão de um *homo novus*, segundo o próprio orador. (*Att* 1. 10. 16). Perder a casa era perder toda a construção da carreira de Cícero, que conseguira atingir o mais alto grau de magistratura romana mesmo não pertencendo a uma família tradicional romana.

O apagamento ciceroniano posteriormente é descrito de forma incrédula uma vez que a inicial impossibilidade de resgatar sua propriedade torna vã qualquer consolação por parte de Ático⁹³. “E a casa? Poderá ser restituída? E se não puder, eu mesmo poderei ser? Se não há resolução pra isso, pra que me chamas? Mas se não há de fato esperança, o que é a vida pra mim?”⁹⁴ (*Ad. Att.* 3.15.6)

A localização dessa *domus* no Palatino implica uma série de questões: ela representa a proximidade com o Fórum, o centro da vida pública. De fato, Cícero insiste constantemente no papel que possui um indivíduo com a República e o quão virtuoso é aquele que dedica a vida a esta. Não exercer esta virtude implica em ser vicioso e, tal como afirmado em *De Republica* (1. 2), o maior uso do talento de um homem é o feito para a *civitas*. Há, portanto, uma denotação da importância da *domus* para o retorno de

⁹¹ O próprio Cícero define isso como uma retidão socialmente reconhecida pelos cidadãos. (*Leg.* 1.17)

⁹² *Itaque attende, Torquate, quam ego defugiam auctoritatem consulatus mei!*

⁹³ Pompônio Ático é personagem de imensa relevância para a vida de Cícero, a ponto de mais de 70% das cartas escritas durante o período de exílio serem endereçadas a ele.

⁹⁴ *Quid de domo? poteritne restitui? aut si non poterit, egomet quo modo potero? haec nisi vides expediri, quam in spem me vocas? sin autem spei nihil est, quae est mihi vita?*

Cícero, contribuindo para o argumento de que a volta sem a restituição de seus bens seria insuficiente.

A epistolografia ciceroniana é fundamental para entender as reações do autor exilado, pois o lugar que ele ocupa e o seu próprio “eu” são descritos incessantemente (CLAASSEN, 1999, p. 105). No conjunto de cartas, observamos que, o autor descreve sempre os trajetos para as cidades que ele passa como perigosos, nos revelando que a crise que o *exsul* passa é de caráter espacial e que nenhum local que ele passava parecia ser seguro (Att. 3. 8).

Quando eu partia de Brundísio, escrevi-te sobre as razões pelas quais não fui para o Epiro. De fato, a Acaia próxima estaria cheia dos mais audazes inimigos e eu enfrentaria uma saída difícil ao partir de lá. Somou-se que, quando eu estava em Dirráquio, recebi duas notícias. Uma dizia que meu irmão ia de Éfeso para Atenas por mar; a outra que ele ia por terra pela Macedônia. Então, escrevi-lhe uma carta e a enviei a Atenas para que ele viesse dali para Tessalônica. Adiantei-me a ele e cheguei aqui em 23 de maio. Não tinha nada seguro

Brundisio proficiscens scripseram ad te quas ob causas in Epirum non essemus profecti, quod et Achaia prope esset plena audacissimorum inimicorum et exitus difficilis haberet cum inde proficisceremur. accessit cum Dyrrachi essemus ut duo nuntii adferrentur, unus classe fratrem Epheso Athenas, alter pedibus per Macedoniam venire. itaque illi obviam misimus Athenas ut inde Thessalonicam veniret. ipsi processimus et Thessalonicam a. d. x Kal. Iunias venimus neque de illius itinere quicquam certi habebamus nisi eum ab Epheso ante aliquanto profectum.

Esse impacto espacial nas viagens de Cícero foi reforçado posteriormente por Plutarco, que afirma que a fuga do orador foi interpretada como covardia (*Plut. Cic.* 31) Por conta disso, ao retornar, o orador promove um discurso em prol de suas propriedades; restaurar sua casa é restaurar seu *ethos*. Caminhando nesta direção, constatamos que, tal como o exílio se torna uma catástrofe para o *ethos* de um indivíduo, sua restauração transforma-se em sinônimo de sucesso, a ponto de Cícero escolhê-la como auge de sua biografia ao encomendá-la a Lucéio (*Fam.* V.12), ainda dizendo que através deste trabalho, seu nome ganhará glória.

Por conta disso, ao retornar, o orador promove um discurso em prol de suas propriedades; restaurar sua casa é restaurar seu *ethos*. Esse fato se torna de grande importância, pois evidencia a tentativa do orador de criar uma perspectiva que não enxergasse seu comportamento ao longo do exílio como de uma pessoa viciosa.

Jo-Marie Claassen, no artigo intitulado *Cicero's exile: tempora et mores*, investiga a flutuação comportamental de Cícero perante seu exílio em suas obras, no conjunto especificamente chamado de *corpus* exílico ciceroniano⁹⁵. Em sua análise, a autora observa o fato das cartas do orador serem pouco voltadas para uma descrição política e factual da situação romana e de suas regras estabelecidas para mediar os banimentos da cidade; na verdade, as epístolas trabalham muito mais um aspecto psicológico e a situação da tristeza de Cícero por conta da tragédia que ocorrera em sua vida (CLAASSEN, 1992, p. 19).

Durante o exílio do arpinate, portanto, suas atitudes demonstravam grande tristeza e lamento em face de sua *civitatis amissio*. Nada obstante, seu texto realiza uma conexão com seus pares em Roma, de forma com que dê continuidade às suas manobras políticas a partir de seus pedidos de socorro (*Fam.* 14. 4; *Att.* 3.7; *Att.* 3.8). Esses consternados lamentos, porém, são substituídos após a restauração, pois, tal como Narducci (1997, p. 58) afirma, após o exílio, Cícero reescreve sua história filosoficamente.

2.5 – Restauração do exílio e da *auctoritas*

Efetivamente, a estratégia exercida para criar a nova manifestação da *auctoritas* ciceroniana se encontra no *pathos* de seus discursos, principalmente através do apelo à sensibilização pelos danos que seus inimigos causam à República é demonstrado como algo indispensável para um indivíduo que se importa com o bem estar comum. A oratória ciceroniana muito se beneficia do efeito *patheticus* a partir da demonstração de um envolvimento emocional profundo pelas indignações explosivas e pelos apelos à piedade no discurso; recurso já previsto pelo próprio arpinate a partir da voz de Antônio (*De Oratore* 2. 73)⁹⁶. Dessa forma, torna-se evidente a importância das passagens com cargas emocionais até mesmo em textos jurídicos, indicando a *dolor* do orador para gerar um efeito. Antônio, posteriormente, na mesma passagem, define o envolvimento emocional como inerente ao que tange o próprio indivíduo que discursa (*auctor personae suae*). Nesse sentido, *De Domo Sua* se encaixa como discurso exemplo desta

⁹⁵ Que agrega algumas de suas epístolas, *Pro Sestio*, *De Domo Sua*, *Tusculanae Disputationes*, entre outros discursos.

⁹⁶ Deve-se fazer uso da gravidade de todos os pensamentos, do peso de todas as palavras; é preciso que se some a isso uma atuação variado, veemente, cheia de vigor, cheia de espírito, cheia de sofrimento, cheia de realidade. (Trad. Adriano Scatolin)

circunstância, no qual Cícero não defende um cliente, mas a si próprio numa disputa para ocupar um espaço que lhe foi tomado quando banido.

Como Narducci (1997, p. 60) destaca, Cícero defende a manifestação da *dolor* em sua elocução, afirmando que a *duritia*⁹⁷ daqueles que não lamentam pela dor é semelhante à insensibilidade dos que não percebem que estão se queimando. De tal forma, o orador trabalha com sua imagem a partir da limpeza de seu nome como filósofo, pois é feita uma leitura da atitude estoica de maneira a interpretá-la como estúpida e não sábia, diferente da cobrança que lhe fizeram. No trecho em questão, portanto, o orador não apenas estabelece sua *auctoritas* enquanto filósofo, mas também esclarece o não abandono de cidadania, pois fez o que seria o melhor para a República.

Tal preocupação acerca da visão do tormento também se manifesta em outros discursos, como as *Disputas Tusculanas* (*Tusc.* 2. 17), onde Cícero declara um a Volúpia e, por consequência, ao epicurismo. Aparentemente o estoicismo em muito podia criticar o comportamento do arpinate enquanto *exsul*.

No entanto, outras estratégias discursivas permeavam ao longo de suas orações. Cícero, por exemplo, realiza uma fervorosa invectiva contra Clódio por chamá-lo de exilado, de forma a inverter a situação e concluindo que, sendo o exilado um criminoso, ele não poderia sê-lo.

E tu também ousa, praga vultosa, chamar este homem de exilado, sendo que você foi conhecido por tamanhos crimes e tamanha corrupção que chegaram a transformar todo local em que passava num ambiente de exílio? O que é de fato um exilado? O termo indica, por definição, um desastre e não indecência. Quando, portanto, torna-se indecente? Em verdade, é quando se torna punição por um crime ou ao menos, quando é usado com base na opinião popular. Então me sujeito a tal condição por indecência ou por imposição? Indecência? Nem você a quem sua escolta chama de feliz Catilina ou sequer quem o defende ousa dizer tal palavra. Não há pessoa tão ignorante a ponto de chamar de indecente o meu consulado; nem tamanho inimigo da pátria que não reconheça que por meus desígnios a pátria fora conservada. (*Dom.* 82) [Tradução de Gilson Charles dos Santos]

Hunc tu etiam, portentosa pestis, exsulem appellare ausus es, cum tantis sceleribus esses et flagitiis notatus ut omnem locum quo adisses exsili simillimum redderes? Quid est enim exsul? ipsum per se nomen calamitatis, non turpitudinis. Quando igitur est turpe? re vera, cum est poena peccati, opinione autem hominum etiam, si est poena damnati. Vtrum igitur peccato meo nomen subeo an re iudicata?

⁹⁷ Termo filosófico utilizado para se referir à natureza estoica de não se abalar perante a adversidades.

Peccato? Iam neque tu id dicere audes, quem isti satellites tui 'felicem Catilinam' nominant, neque quisquam eorum qui solebant. Non modo iam nemo est tam imperitus qui ea quae gessi in consulatu peccata esse dicat, sed nemo est tam inimicus patriae qui non meis consiliis patriam conservatam esse fateatur.

Dessa maneira, o orador reverte a situação na qual anteriormente se encontrava. Ao atribuir características opostas ao que ele compreende como romano ao seu inimigo, por consequência, Cícero se coloca como romano. Se apegando ao passado, chamando-o de segundo Catilina (que era comumente um indivíduo relacionado à *discordia*), ele pode restaurar sua posição social. Além disso, considerando que o exílio é uma forma de manter a *concordia*, manter o indivíduo presente na *Vrbs* faria o contrário, e restaurar significa convencer de que a presença do banido traz mais bem do que mal. Para a realização desta reconstrução imagética, faz-se necessário um discurso que legitime a escolha de fugir para o exílio, o retorno para Roma e a restituição dos bens ciceronianos. Em *Pro Sestio*, Cícero faz isto ao comparar a licitude de suas ações às de seu rival, invalidando-as ao longo de todo o discurso e criando em Clódio a imagem de um indivíduo perigoso para a República (*Ses.* 16), complementando este ataque relatando a clandestinidade das leis que o exilaram (*Dom.* 5). A imagem do injustiçado aparece também em outros momentos do discurso, principalmente quando faz alusão ao seu exílio. Ele, Cícero, tendo salvado a pátria, dela fora injustamente expulso. Em suas missivas, o orador parece se ressentir em relação aos que lhe sugeriram que partisse de Roma, pois a ausência dele ser incentivada parece desenhar um ambiente propício para o caos.

Portanto, a restauração se torna a desqualificação daquele que o exila e julga. Um indivíduo, qualificado constantemente por aquilo que pratica na sua vida, não pode arriscar ter o exílio como uma vergonha eterna e deve expor o demérito daquele que o propõe. Tal como demonstra May (1988, p. 164), os discursos pós-exílio de Cícero se dão em momentos no qual o locutor busca uma *persona* de uma idealização da sua própria figura num momento de glória. O autor precisa mostrar devoção a Roma ao longo de seu texto colocando seus inimigos como inimigos de Roma e sua imagem em favor da República.

O exílio, de tal forma, é uma condição na qual o indivíduo se coloca ou é colocado e possui como consequência a inviabilidade de ocupar um espaço por conta de um conflito gerado pela distinção entre seu *ethos* e o idealizado pela aristocracia que domina esse ambiente. Tal condição força a interação mediada por epístolas com os indivíduos que permanecem no local anteriormente habitado e essas epístolas são de grande relevância para a compreensão da vivência do *exsul* fora de Roma. Caso não seja efetivada a escrita, o apagamento do indivíduo perante a sociedade é evidenciado e o sujeito passa a ser impossibilitado de exercer seu estatuto social. No momento de retorno do exílio, no entanto, a recuperação do *ethos* não é garantida e é necessário realizar esforços para estabelecer a imagem do restaurado.

Portanto, por meio da associação de seu exílio à *concordia* e à salvação da pátria, ele se apropria de seu próprio exílio a partir de uma ideia de salvação da *concordia* romana, em um meio de dar um tom positivo ao seu banimento e reaver sua *auctoritas*.

Capítulo 3 – EFEITO PARATÓPICO E BUSCA DO ESTABELECIMENTO ESPACIAL NO EXÍLIO

As cartas escritas por Cícero em seu período de exílio não são apenas um meio pelo qual ele expressou lamentos por conta do evento político que o prejudicou, mas também são formas por que ele realizou a manutenção de vínculos tanto com seus pares quanto com a própria República Romana enquanto instituição. Apesar desse conjunto epistolar ser estabelecido de forma extremamente pessoal, a maneira como o orador construiu seu banimento ao longo de vários discursos se baseou na ideia de auto sacrifício em prol do bem público, causa maior da vida de um cidadão romano.⁹⁸ Essa narrativa construída por ele foi explicitada em alguns discursos nos quais ele representou seu exílio como forma de enfrentamento aos injustos que ocupavam o poder na *urbs*, tornando-se assim um salvador da *Res Publica*, tal como observamos no seguinte trecho:

Salvei conseqüentemente a República a partir de minha partida, juízes: por minha dor e meu luto privei vocês e seus filhos da devastação, do fogo e dos saques. Duas vezes salvei a República, uma vez com glória e agora, outra vez, com minha lástima. (*Sest.* 49)

Seruauī igitur rem publicam discessu meo, iudices: caedem a vobis liberisque uestris, uastitatem, incendia, rapinas meo dolore luctuque depuli, et unus rem publicam bis seruauī, semel gloria, iterum aerumna mea.

Nesse e em outros discursos *post redditum*⁹⁹, notamos uma tentativa de restauração da posição social ocupada pelo arpinate previamente, que ocorre por meio da comparação do período em que pronunciou a oração contra Lúcio Sérgio Catilina com o momento em que estaria com o *ethos* em situação de contestamento, ou seja, o momento do exílio. May (1988, p. 89) esclarece melhor a situação quando afirma que para um *homo nouus* que conseguira se tornar cônsul a partir dos meios de ascensão social garantidos por uma exímia retórica, ser exilado era um grande revés quando comparamos o apogeu e o declínio do indivíduo.

⁹⁸ Há no século I a.C. um forte ideal de virtude construído com base nas ações dos cidadãos em prol de um bem público. Dessa forma, a vida pública é representada por esses indivíduos como a melhor maneira de se viver e, por isso o ato de ocupar cargo senatorial ou magistraturas traz consigo grandes honrarias. Para saber mais sobre Cícero e a idealização da vida pública cf. Steel (2013, p. 160-170).

⁹⁹ “Após o retorno”. Os discursos jurídicos ciceronianos são cronologicamente classificados segundo alguns eventos políticos em torno de sua vida. As classificações são “pré-consulares”, “consulares”, “após o retorno” “anos finais” (MAY, 1988).

Para evitar esses revezes, Cícero precisava constantemente amenizá-los e criar pontos de vista positivos acerca de suas decisões, que o haviam colocado contra a República, a ponto de ser considerado um criminoso. Nas cartas, podemos encontrar as bases da manutenção da *amicitia* romana e o esforço para a conexão com um cidadão romano no momento em que sua própria cidadania está em xeque, observando que por meio de seus pedidos de acompanhamento, o orador dá destaque à permanência do vínculo com seu destinatário mesmo com o passar o tempo e a grande distância. Neste capítulo, visamos construir uma análise paratópica do trajeto ciceroniano desde sua partida até o retorno com o objetivo de destacar os recursos retóricos utilizados para desconstruir a imagem de um indivíduo criminoso, que seria a esperada de um exilado e para relacionar sua posição espacial com a social, de forma a fazer frequentes comparações entre a distância física com a distância institucional de Roma. Concordamos com May (1988, p. 89) quando afirma que há um esforço consciente de criar uma rede calculada de temas recorrentes que justificam as ações e pintam seu retrato de forma a moldar seu caráter nos termos mais favoráveis possíveis. May analisa essa característica nos discursos forenses; nós, no entanto, buscamos evidenciá-la nas cartas.

3.1 *Ad me statim venias*¹⁰⁰

Nas primeiras epístolas que escreveu após seu banimento, o orador pediu com frequência que pudesse se encontrar com seu *amicus*, Ático, para poder finalmente chegar, a partir dos conselhos recebidos, a uma saída para a situação em que se encontrava.

Epístola 1 (Att. 3.1) – Destinada a Ático e escrita em “certa vila” em abril de 58.¹⁰¹

O paratexto desta carta indica que ela foi escrita em uma vila não nomeada “escrita em certa vila (?)”, criando o efeito paratópico¹⁰² na composição epistolar do exílio. Para uma maior profundidade na compreensão dessa frase, devemos nos atentar a três aspectos principais que definem a paratopia, ou seja, o entre-lugar no texto: 1) a obra em si, considerando que o conjunto epistolar ciceroniano possui suas próprias características e compõem uma coleção que pôde ser concebida a partir de determinadas condições de produção/escrita; 2) o autor, que reuniu as condições necessárias para a

¹⁰⁰ Venha rapidamente até mim.

¹⁰¹ Utilizamos a ordem cronológica segundo a datação das cartas.

¹⁰² Tal como definido no segundo capítulo.

criação literária, mesmo fora da *urbs*; 3) o contexto, que possui dupla relação com as condições de produção, pois as influencia e é influenciado por elas, mas também é alterado pelos sujeitos que participam do lugar de gênese do discurso. Nesse sentido, nos apoiamos em Thomas Habinek (1998, p. 3) quando afirma que a Literatura Clássica em Roma era uma forma de estabelecimento do capital cultural a partir do posicionamento superior das elites patriarcais na construção das múltiplas identidades. Segundo o autor, a própria maneira de circulação dos textos funcionava de forma a favorecer a aristocracia que dominava as performances literárias dos textos, sendo esse elemento de fundamental importância no contexto literário em que Cícero escreve. O trecho abaixo, por exemplo, nos indica a importância e a priorização do usufruto da companhia de seu destinatário, revelando que nas primeiras cartas enviadas do exílio, o orador não identifica onde está, mas onde quer ser encontrado pelo remetente.

[...] entendi que nada pode ser mais conveniente para mim, em relação à minha viagem, do que você me seguindo o quanto antes para que quando eu tiver partido da Itália, se a viagem tiver de ser feita pelo Epiro, eu tenha desfrutado da companhia sua e dos seus. (*Att.* 3.1)

[...] *intellexi ad iter id quod constitui nihil mihi optatius cadere posse quam ut tu me quam primum consequare, ut, cum ex Italia profecti essemus, siue per Epirum iter esset faciendum, tuo tuorumque praesidio uteremur.*

Essa carta enfatiza a importância da presença do destinatário na vida do autor, além de estabelecer uma possível rota pela qual Cícero deve ser acompanhado. A necessidade de companhia é demarcada durante todo o exílio, mas nas primeiras epístolas que o próprio ato de seguir o autor ao longo de seu caminho é destacado. Nesta, em específico, Cícero faz uma série de pedidos a Ático para encontrá-lo, mas o uso de polidez se dá claramente no fim da carta, em que ele coloca a própria situação como justificativa para não cumprir uma obrigação social como *amicus* de dizer mais. Ao dizer também, antes, que aproveitará (*uteremur*), da proteção de Ático e de seu julgamento (*consilium*), ele também indica que seu *amicus* é um indivíduo capaz de oferecer tal proteção, denotando seu estatuto social e sua capacidade de tomar decisões, sendo elementos virtuosos dentro da cultura romana.

Assim sendo, Cícero constantemente negocia seu lugar a partir do gênero epistolar, constituindo e movendo os espaços descritos nas cartas de acordo com o efeito discursivo desejado e participando do jogo político de Roma por meio de seu exílio. O

Epiro, local por onde se esperava que a viagem seria feita, era uma região que, apesar de ser província romana, não estava na Península Itálica (localizava-se, na verdade, na atual Albânia, sendo banhado pelo mar Jônico); assim, caso Cícero devesse sair da Península Itálica para ir a uma região onde não havia um grande número de cidadãos¹⁰³, ele estaria acompanhado de Ático, um cidadão que já frequentou a região balcânica mantendo seu *status civitatis*. Ao ocultar a vila da qual se escreve, se omite também a distância momentânea de seu par, possibilitando uma afiliação, que imediatamente o associa à posição desejada: o *amicus* do romano, que no momento representaria seu estabelecimento e seu vínculo enquanto cidadão, não demonstrando um abandono dessa condição.

A *amicitia* por Cícero é idealizada como o compartilhamento da virtude entre os iguais

Mas de todas as associações, nenhuma é mais nobre, nenhuma mais firme do que quando bons homens semelhantes nas virtudes são associados pela amizade¹⁰⁴; Se percebermos em outro essa moral, de fato, como dizemos frequentemente, ela nos atrai e torna amigos aqueles em que se parecem nela (*Off.* 1.55).

Sed omnium societatum nulla praestantior est, nulla firmior, quam cum viri boni moribus similes sunt familiaritate coniuncti; illud enim honestum, quod saepe dicimus, etiam si in alio cernimus, [tamen] nos mouet atque illi in quo id inesse videtur amicos facit.

Assim, a permanência da *amicitia* entre Ático e Cícero se torna a permanência das semelhanças entre os dois; mais do que isso, desde que o *amicus* mantenha as virtudes, comprovar-se-á o caráter positivo do orador. Assim sendo, compreendemos os repetidos pedidos para que o destinatário o acompanhe como uma forma de associação entre eles, pois assim, os dois se mantêm juntos e, tal como teoriza Habinek (2005, pp. 73-78), a filiação entre indivíduos por meio da literatura – neste caso, a epistolografia – pode constituir um capital cultural, preservando a identidade¹⁰⁵ romana de Cícero.

Epístola 2 (Att. 3.3) – Destinada a Ático e escrita no caminho entre Capua e Naris da Lucânia no início de abril de 58.

¹⁰³ Ainda no ano de 58 a.C. a restrição da cidadania romana aos habitantes da Península Itálica e a outros indivíduos que a recebiam por motivos considerados honrosos era uma questão em debate. Jane Gardner (2002) trata do assunto com maior profundidade.

¹⁰⁴ O latim é *familiaritate*, que seria familiaridade, intimidade. No entanto, acreditamos que esses termos são pouco precisos para traduzir o que Cícero diz na obra e, por isso, substituímos por “amizade”.

¹⁰⁵ Tal como afirmado por Woodward (2000, p. 12-20), os processos de formação de identidade não são imutáveis; ao contrário, passam por constantes conflitos que os contestam. O evento do exílio de Cícero, ao privá-lo de seus bens materiais e do contato espacial que possuía com a *urbs* é uma forma de impugnar seu estatuto social de forma a rejeitá-lo enquanto romano.

Nesta carta, o trajeto do exilado é alterado por razões que ele não especifica. No entanto, é conveniente que façamos uma análise dos locais citados tanto no paratexto quanto no próprio corpo epistolar, pois em todos já houve uma questão relacionada à concessão de cidadania a indivíduos. Cápua foi uma região difícil de lidar para as elites romanas devido aos complexos conflitos internos e às tentativas frustradas de divisões de terras entre colonos que ocorriam até a década de 50 (Tema do discurso *De Lege Agraria*); no entanto, César foi bem sucedido no estabelecimento da colônia *Iulia Felix* em 59 e deu cidadania a vinte mil pessoas nessa região.

A Lucânia, ou ao menos a Heracleia - que faz parte da província - é mencionada no discurso em defesa ao poeta Árquias em 62, pouco depois da performance das Catilinárias. Nessa oração, o fato do poeta ter cumprido com os pré-requisitos para a conquista da cidadania heracleense foi utilizado como base argumentativa para a concessão da cidadania romana a ele. Cícero afirma:

Passado depois largo tempo, tendo partido com Lúculo para a Sicília, e retirando-se daquela província com o mesmo Lúculo, veio para Heracléia, da qual, como era cidade de privilégios e foros especiais, pediu ser cidadão, e o conseguiu, tanto pelo seu merecimento como pela autoridade e favor de Lúculo. Pela lei, pois, de Silvano e Carbão, todos os que tinham privilégio de cidadãos nas cidades aliadas da República foram feitos cidadãos romanos, contanto que, ao tempo da promulgação da lei, tivessem domicílio na Itália e fizessem esta declaração dentro em sessenta dias diante do pretor. (*Pro Archia* 6-7) (Tradução de Robson Tadeu Cesila)

Interim satis longo intervallo, cum esset cum M. Lucullo in Siciliam profectus, et cum ex ea provincia cum eodem Lucullo decederet, venit Heracliam: quae cum esset civitas aequissimo iure ac foedere, ascribi se in eam civitatem voluit; idque, cum ipse per se dignus putaretur, tum auctoritate et gratia Luculli ab Heracliensibus impetravit. [7] Data est civitas Silvani lege et Carbonis: "Si qui foederatis civitatibus ascripti fuissent; si tum, cum lex ferebatur, in Italia domicilium habuissent; et si sexaginta diebus apud praetorem essent professi."

Ou seja, duas questões que dizem respeito ao usufruto da cidadania romana foram discutidas poucos anos antes do exílio (em 62 e 59, respectivamente) e Cícero afirma que se encontra entre a Lucânia e Cápua, locais cujos cidadãos compartilhavam desse privilégio.

No conteúdo da carta, o autor reitera o pedido de acompanhamento e novamente afirma que poderá aproveitar os conselhos de Ático quando o encontrar pessoalmente. O local de encontro, no entanto, mudou do Epiro para Vibão, cidade costeira na Calábria, atual Bivona. Mas notamos uma maior explicitação da expectativa que Cícero possui acerca do comportamento de Ático:

Tomara que eu veja o dia em que eu o agradeça por ter me forçado a viver! Ainda, verdadeiramente, me arrependo muito. Mas o peço para que venha rapidamente até mim em Vibão, local para onde eu, por muitas razões, alterei meu trajeto. Mas se for para lá, poderei tomar uma decisão sobre toda a minha viagem e toda a minha fuga. Se não o fizer, ficarei espantado. Mas confio que será feito por ti.

Vtinam illum diem uideam cum tibi agam gratias quod me uiuere coegisti! adhuc equidem ualde me paenitet. Sed te oro ut ad me Vibonem statim uenias quo ego multis de causis conuerti iter meum. Sed eo si ueneris, de toto itinere ac fuga mea consilium capere potero. Si id non feceris, mirabor; sed confido te esse facturum.

“Se não o fizer, ficarei espantado” “*Si id non feceris, mirabor*”, o trecho esclarece que, para o orador, é de fundamental importância que seu destinatário cumpra o seu pedido. O verbo “*miror*”, utilizado na primeira pessoa na voz passiva (em português “me admira” ou “fico admirado”), é muito utilizado em correspondências como forma de demonstração de descontentamento com atitudes de alguém, como podemos ver no seguinte trecho da carta de Pompeu, na qual repreende Lúcio Domício¹⁰⁶ “Me admiro qual foi a causa pela qual tu subitamente mudaste o plano” “*miror quid causae fuerit quae re consilium mutaris*” (Att. 8.12b.1). Segundo Jon Hall (2009, p. 120), o uso desse verbo em situações políticas é geralmente feito de forma eufemística e polida, mas traz um tom de repreensão e irritação.

Se a ausência de Ático espantaria o arpinate, percebe-se que o papel de um *amicus* nessa situação seria acompanhá-lo. Não fazê-lo, portanto, seria mal interpretado, sendo prejudicial para o destinatário. Na mesma carta ainda vemos que o remetente é responsável pela sobrevivência do autor, não apenas demonstrando o que o exílio poderia tê-lo feito tirar a própria vida, mas também corroborando para o fato de que Ático é um grande *amicus* que o ajuda constantemente e, como isso já foi feito, suas atitudes deverão manter-se constantes.

¹⁰⁶ Cunhado de Catão, o jovem. Domício era um forte aliado de Pompeu durante a Guerra Civil e, por isso, sua repentina mudança de planos - sair de Corfinio, cidade leste de Roma, com seu exército - causou dificuldades para o agrupamento dos exércitos a favor do triúviro.

Epístola 3 (Att. 3.2) – Destinada a Ático e escrita em Naris da Lucânia no dia 8 de abril de 58.

A insistência nos pedidos de Cícero para acompanhá-lo permanece e, em geral, a carta contém os mesmos assuntos que a anterior. No entanto, esta terceira menciona dois novos elementos que aqui nos interessam: o primeiro é a impossibilidade de viajar pelo desfiladeiro de Sica pela possível presença de Autrônio, que havia sido exilado devido às Catilinárias, por ter se aliado aos conspiradores. Cícero temia que o indivíduo pudesse objetivar vingança e, por isso, requereu proteção por parte de Ático, que poderia garantir sua segurança através de subsídios materiais e bélicos. O segundo elemento é a impossibilidade de escrever devido à sua desolação, aspecto que será mencionado novamente em outras cartas.

A obrigação social de escrever a um amigo como Ático em grande quantidade poderia gerar estranhamento no momento em que o destinatário percebesse o curto recado¹⁰⁷ mesmo com a longa distância que os separa. Ainda assim, foi possível utilizar de um efeito *patheticus*¹⁰⁸ para amenizar esse problema, através da menção à situação conturbada de sua vida. Nos discursos após seu retorno, o orador menciona que a atitude de deixar a angústia afetar diretamente seu comportamento é questionada do ponto de vista filosófico, no entanto, ele possui uma resposta a essa crítica.

Submeti-me, Reverendíssimos Pontífices, a um agigantado e inimaginável dissabor; não denego nem reclamo minha prudência – a qual não poucos me requeriam, afirmando meu ânimo estar demasiado fraco e consumido. Por acaso eu poderia, arrastado por tantos e tão diversos reveses – os quais por essa razão mesma pretiro devido a não poder sequer lembrá-los sem derramar lágrimas –, renegar minha condição humana e repudiar a disposição natural de nossa espécie? Portanto, com efeito, nem poderia qualificar de louvável aquela minha ação nem de proveitosa a minha disposição para com a república se, pela causa da república, eu abandonasse aquelas coisas das quais, com igual resignação, eu estava privado; e a essa frialdade de caráter, comparável à rigidez de um cadáver – que mesmo exposto ao calor não esquenta –, consideraria antes insensatez, que virtude. (*De Dom.* 97) (Tradução de Gilson Charles dos Santos)

¹⁰⁷ Essa epístola é pequena (90 palavras) se comparada às outras cartas que costuma escrever (em cartas longas, chega a mais de 300 palavras, às vezes até 600).

¹⁰⁸ O efeito ocorre quando há a decorrência da manifestação da emoção nos receptores do discurso. Segundo Aristóteles (*Rhet.*1356a), a emoção (*pathos, πάθος*) é uma forma técnica (inventada pelo próprio orador) de persuasão que se dispõe das emoções do ouvinte através do discurso. Não apenas isso, mas através dessa prova artística, é possível trazer ao favor do orador o próprio juiz (1378a).

Accepi, pontifices, magnum atque incredibilem dolorem. Non nego neque istam mihi adscisco sapientiam, quam nonnulli in me requirebant, qui me animo nimis fracto esse atque adflicto loquebantur. An ego poteram, cum a tot rerum tanta varietate divellerer, quas idcirco praetereo quod ne nunc quidem sine fletu commemorare possum, infitiri me esse hominem et communem naturae sensum¹⁰⁹ repudiare? Tum vero neque illud meum factum laudabile, nec beneficium ullum a me in rem publicam profectum dicerem, siquidem ea rei publicae causa reliquissem, quibus aequo animo carerem, eamque animi duritiam sicut corporis, quod cum uritur non sentit, stuporem potius quam virtutem putarem.

“E a essa frialdade de caráter (...) consideraria antes insensatez, que virtude” “*eamque animi duritiam sicut corporis (...) stuporem potius quam virtutem putarem*”. Vemos uma defesa do uso da emoção no discurso, pois considera seu exílio uma calamidade tão grande que é comparável a ser queimado (*uritur*), de forma que legítimas atitudes que normalmente seriam consideradas não virtuosas (a falta de moderação, a inconstância em se comunicar com os amigos, etc).

Vemos a emoção como método de persuasão frequentemente utilizado nos momentos em que Cícero trata de seu exílio. O próprio orador defende esse recurso em outros trabalhos, através da voz de Antônio no *De Oratore* (2.73), por exemplo. “Deve-se fazer uso da gravidade de todos os pensamentos, do peso de todas as palavras; é preciso que se some a isso uma atuação variada, veemente, cheia de vigor, cheia de espírito, cheia de sofrimento, cheia de realidade”¹¹⁰ (Trad. Adriano Scatolin).

O tom do discurso melancólico “estou com a alma abatida e desanimada” “*ita sum animo perculso et abiecto*.” é uma forma de obtenção de maior efetividade discursiva e, assim sendo, o próprio lamento de Cícero pode ser interpretado como uma estratégia para a constituição de seu *éthos*. Quando o orador afirma que não pode mais escrever, na verdade proclama sua indignação perante a situação que vivencia e sua dor pode ser interpretada como um recurso retórico para evidenciar o quanto é afetado por um mal, requisitando a presença de Ático para tomar uma decisão “Ora, como antes te escrevi, se vieres a mim, tomarei uma decisão sobre toda a situação” *Nunc, ut ad te antea scripsi, se ad nos ueneris, consilium totius rei capiemus*. A oratória ciceroniana, através de

¹⁰⁹ Conceito estoico que implica em um ideal de vida que se segue de acordo com a natureza. Para a aplicação desse conceito na obra ciceroniana, cf. Bugter (1987).

¹¹⁰ *Omnium sententiarum gravitate, omnium verborum ponderibus est utendum; accedat oportet actio uaria, uehemens, plena animi, plena spiritus, plena doloris, plena ueritatis.*

cartas, muito se beneficia do efeito *patheticus* a partir da demonstração de um envolvimento emocional profundo pelas indignações explosivas e pelos apelos à piedade no discurso. Dessa forma, torna-se evidente a importância das passagens com cargas emocionais, indicando a *dolor* do orador para gerar um efeito. Antônio, posteriormente, define, na mesma passagem, o envolvimento emocional como inerente ao próprio indivíduo que discursa (*auctor personae suae*). Nesse sentido, as epístolas ciceronianas se encaixam como discurso em defesa de si próprio, em que se deve evidenciar sofrimento mediante uma injustiça sofrida.

As lamúrias ciceronianas, portanto, ocupam duas funções nesta epístola. A primeira é poder se eximir de cumprir com seu dever de *amicus* por conta do momento que dificultaria tal tarefa e a segunda é indicar sua constante insatisfação com a decisão jurídica que gerou seu banimento.

Epístola 4 (Att. 3.5) – Destinada a Ático e escrita em Túrio no dia 10 de abril de 58.

Terência lhe agradece frequente e intensamente. Isso muito me é apazível. Eu vivo tristíssimo e sofro pela maior das dores. Não sei o que escrever a você. Se estiver em Roma, não pode mais me alcançar; se já estiver na estrada, quando tiver me alcançado, trataremos pessoalmente do que deveremos fazer. Apenas te peço que, como sempre me amou, continue me amando, de forma que mantenha o mesmo amor; eu ainda sou o mesmo. Meus inimigos tomaram minhas coisas, mas não a mim de fato. Cuide-se para que fique bem. (Att. 3.5)

Terentia tibi et saepe et maximas agit gratias. Id est mihi gratissimum. Ego uiuo miserrimus et maximo dolore conficior. Ad te quid scribam nescio. Si enim es Romae, iam me adsequi non potes; sin es in uia, cum eris me adsecutus, coram agemus quae erunt agenda. Tantum te oro ut, quoniam me ipsum semper amasti, ut eodem amore sis; ego enim idem sum. Inimici mei mea mihi, non me ipsum ademerunt. Cura ut ualeas.

Como visto, a epístola começa com um agradecimento e mantém a característica descrita na anterior de trazer um grande lamento junto a uma frase que limita a extensão da escrita ciceroniana: “não sei o que escrever a você” “*ad te quid scribam nescio*”. Dessa vez, esse recurso retórico é utilizado causando um efeito de intensificação do pedido de Cícero para encontrá-lo depressa, pois se as relações sociais já não podem mais ser mediadas pela escrita, apenas o contato pessoal poderá suprir essa necessidade

de comunicação: “quando tiver me alcançado, trataremos pessoalmente do que deveremos fazer”¹¹¹.

Posteriormente, o orador pede para que ainda seja amado, como sempre foi, pois ainda é o mesmo. “eu ainda sou o mesmo. Meus inimigos tomaram minhas coisas, mas não a mim de fato” *Ego enim idem sum. inimici mei mea mihi, non me ipsum ademerunt..* Pelo fato disso ser destacado, entendemos que o *ethos* ciceroniano estava instável por conta do fenômeno político que o estabeleceu no exílio. Se ele ainda é o mesmo, pode se considerar romano, *Pater Patriae, amicus* de Ático e demonstra não ter abandonado sua cidadania “*civitatis amissio*”. Além disso, o ato de abdicar desse estatuto social é voluntário e, na epístola, Cícero deixa claro que foram os inimigos que tomaram suas coisas e não ele que as abandonou (CLAASSEN, 1999, p. 11). Outro aspecto interessante da epístola em questão é o fato de ter sido escrita em Túrrio, cidade na qual Espártaco, escravo que protagonizara uma grande conjuração, havia sido derrotado pelo exército de Caio Otávio (pai de Augusto) em 72, ou seja, houve conflitos que contestaram o *modus operandi* da sociedade romana recentemente ali, o que poderia justificar o empenho de Cícero em se reafirmar como o mesmo que era anteriormente, quando fazia parte da máquina pública administrativa romana.

César, durante a Guerra Civil, considerou Túrrio de demasiada importância para Roma, protegendo-a com guarnição da cavalaria gaulesa. Em 48, o orador Marco Célio Rufo (defendido no *Pro Caelio*) fora executado por tentativa de insurreição naquela região da Itália (*BCiv.* 21-22). Nessa mesma região, no mesmo ano, Milão – aliado de Cícero que assassinou Clódio em 53 – fora derrotado por César após criar uma grande rebelião contra o triúviro, denotando que a cidade se tornou cenário de diversos conflitos políticos e que muitos aliados do orador, tais como Célio e Milão, protagonizaram esses embates.

Logo, Túrrio fora uma região de constantes embates naquele momento, tanto pela valorização do território para Roma quanto por conta dos diversos revoltosos que ali estiveram. Era também uma cidade litorânea, representando os limites espaciais de Roma para Cícero, que estivera ali em decorrência do questionamento de sua identidade e por conta disso faz-se necessário dizer ainda ser o mesmo.

¹¹¹ *Cum eris me adsecutus, coram agemus quae erunt agenda.*

Epístola 5 (Att. 3.4) – Destinada a Ático e escrita no caminho entre Vibão e Túrio, 13 de abril (?) de 58.

Jon Hall (2009, p. 121) afirma que atribuir *inconstantia* a um indivíduo era uma séria acusação a ser feita por um aristocrata romano. Pompeu (Att. 8.12B.1) reclama da inconstância de seu aliado por ter mudado subitamente de planos, “quando estabeleceste [...] mudaste teus planos” “*cum constituisses [...] consilium mutaris*”. Segundo Hall, Pompeu ao longo de toda essa carta utiliza um tom que questiona a competência de seu destinatário por conta da atitude repentina e não faz questão alguma de ser respeitoso, revelando o quão importante é para um aristocrata manter a coerência com seus aliados e amigos.

Isso explica porque Cícero inicia esta epístola da seguinte forma: “Gostaria que atribuísse mais à minha infelicidade do que à minha inconstância o fato de eu ter partido subitamente de Vibão para onde te chamava.” “*Miseriae nostrae potius uelim quam inconstantiae tribuas quod a Vibone quo te arcessebamus subito discessimus.*” (Att. 3.4). Depois de tantos pedidos para ser encontrado, o orador partiu repentinamente do local, o que poderia comprometer a visão que Ático possuía acerca dele. Após esse discurso inicial, há a necessidade de justificar a razão pragmática, para além da emocional, do ocorrido: seria ilegal que Cícero fosse a Vibão, pois a lei que tratava de sua condenação havia sido alterada e, por conta dessa mudança, não poderia estar a uma distância menor do que 400 milhas de Roma. Acontece que a distância entre Roma e Vibão era de 589 km e 400 milhas (em termos latinos) equivale a 470 km, significando que Cícero descumpriria necessariamente o novo decreto caso permanecesse na cidade onde estava.

Epístola 6 (Att. 3.6) – Endereçada a Ático e escrita em Tarento em 17 de abril de 58.

“Eu não tinha dúvidas de que te veria em Tarento ou em Brundísio. Isto era importante para muitas coisas, entre elas que nos reuníssemos no Epiro e eu consultasse a tua opinião sobre o que falta ser decidido.”

Brundísio era a cidade portuária da qual saíam os navios de Roma para as cidades na Ásia. Ademais, não apenas com objetivos diplomáticos e comerciais, os romanos tendiam a ir embora de Tarento a partir da via Ápia, utilizando Brundísio como rota de

fuga.¹¹² A cidade, historicamente utilizada para o intuito de saída de Roma, possui grande significação no desenho da cena epistolar, a ponto do autor destacar os anseios de ver seu *amicus* lá para receber a devida orientação sobre o que fazer na situação em que se encontrava. A expectativa expressa por ele era a de encontrar Ático antes de ter que sair da Península Itálica e, ao sair, é demonstrada uma confiança de seus pares para com ele. Na epístola anterior, são feitos agradecimentos pelos cuidados oferecidos a Terência e, desta vez, a partida é descrita em forma de abandono. Em “*Tibi meos commendo*” “Confio os meus a ti”, o verbo *commendo* é geralmente utilizado no sentido de confiar o comando a alguém, fazendo dessa forma com que Ático exerça a função de *Pater Familias*¹¹³ no lugar do arpinate, impossibilitado de agir de forma correspondente aos modelos idealizados de aristocrata romano. A finalização da carta novamente se faz em tons de lamento, adicionando à lista de males a perenidade da ausência do *amicus* e a forma dificultosa e infeliz em que vive Cícero, que não pode se apresentar num texto epistolar como um indivíduo que se contenta em não poder exercer a vida pública. As lamúrias, portanto, se tornam formas de amenizar os danos ao seu caráter por se demonstrar insatisfeito com a inexecuibilidade daquilo que o transformou em cônsul, magistratura mais alta do *cursus honorum*, sua dedicação à vida pública.

Em *Pro Archia* (5), o orador realiza uma discussão sobre a importância dos deleites nas letras, apesar da clara priorização das atividades burocráticas em Roma. Na cena criada, ele defende o cliente a partir da exaltação da literatura, argumentando que mesmo participando do desenvolvimento das atividades da República, ainda se enriquece culturalmente com a poesia. Se o argumento dado aos juízes para o respeito à dedicação da vida à poesia foi o fato de Cícero contemplar a poesia e, ainda assim, ter executado discursos e realizado a manutenção do bem estar comum da sociedade por meio da participação da vida pública, significa que esse tipo de tarefa possuía grande valor às elites.

¹¹² Durante o período de Sula, o porto foi isento de processos de comercialização de bens e serviu exclusivamente como rotas de fuga, tornando a cidade símbolo da fronteira entre o espaço romano e não romano. (LOMAS, 2015).

¹¹³ Elevado estatuto social sempre ocupado por um homem, que tinha o dever de posicionar os indivíduos ao seu redor, em geral, membros da família (que em Roma não se limita ao modelo de família como compreendemos atualmente, sendo mais abrangente e envolvendo todos os habitantes da *domus*), para saber mais cf. Frier e McGinn (2004).

A contemplação da vida pública e o elogio da função do orador também são feitos ao longo de seus tratados, como por exemplo em *De Oratore* (1.42; 1.159), no qual são descritas no primeiro livro a dedicação e a competência necessária para se tornar um orador e a inviabilidade de haver uma sociedade cívica sem a retórica, melhor meio para viver a vida pública ativa. Em outras obras (*Leg.* 1.30; *Rep.* 5.8), a vida pública é descrita como indissociável à felicidade, pois a organização em Estado¹¹⁴ é feita a partir da ideia de inadequação da vida de isolamento de indivíduos para a busca do bem-estar, o que pode justificar a intensa frequência com que Cícero reafirma sua tristeza. Além disso, a melancolia no tom discursivo reforçava a impossibilidade de manter-se enquanto indivíduo da maneira como lhe seria conveniente “Mantenho-me de forma dificultosa e infeliz.” “*Me uix misereque sustento.*”

Epístola 7 (Att. 3.7) – Endereçada a Ático e escrita em Brundísio em 29 de abril de 58.

Aqui propomos uma discussão acerca do uso de escravos nos mecanismos de trocas epistolares no século I, uma vez que Cícero menciona a circulação de garotos (*pueri*) de Ático naquela região. Como aristocrata, há uma série de expectativas de comportamento a serem seguidos para a manutenção do caráter exibido, desde a construção física da *domus*, até os pequenos comportamentos do cotidiano. Assim sendo, o termo “*seruus*”, mais preciso para se referir a um serviçal que pertença a um romano, não poderia ser utilizado, uma vez que poderia soar atrevido e não condiria com o comportamento polido de um indivíduo que pertence às elites. De forma alguma, todavia, essa escolha terminológica significava atribuição de caráter humano ao escravo. Aliás, o momento sensível para o *ethos* ciceroniano não poderia permitir atitudes questionáveis e por isso a escolha lexical do orador passa por um processo polidamente bem trabalhado tendo sua escrita guiada pela expectativa de um comportamento aristocrático não só nesta, como em várias outras cartas que envolvem esse grupo da sociedade.¹¹⁵

¹¹⁴ O Estado, como compreendemos modernamente, se sustenta a partir da separação de uma forma social-política de uma classe social específica da opressão de uma nobreza privilegiada dada pela queda do Absolutismo Monárquico. Para a Antiguidade, no entanto, compreende-se o Estado como uma maneira de organização política na qual a partir de conflitos desbalanceados entre elites dominantes - que se estabeleceram no poder por meio de justificativas culturalmente aceitas e corroboram para moldar discursos opressores – e grupos que não dominam o campo discursivo que demandam uma narrativa socialmente aceita de fundamentação social. Para saber mais, cf. Nelson (2006, pp. 16-24).

¹¹⁵ Para saber mais acerca da relação de Cícero com seus escravos cf. Garland (1992) e Treggiari (1969).

No texto, notamos uma variedade de indivíduos presente na circulação de cartas no momento em que o orador especifica que primeiro dois garotos entregaram e depois outros dois, denotando a existência de diversos escravos com a mesma função dentro da *domus* do *amicus* do orador. Esse processo de fluxo literário, tal como muitos outros encadeamentos sociais não ocorreriam sem os servos, pois nas sociedades antigas, era inconcebível um modelo de civilização sem a presença da escravidão. Esta, portanto, naquele período, não era de forma alguma contemplada como um problema moral, apesar da existência denúncias do comportamento abusivo em relação a eles (JOLY, 2005, p. 8). As acusações não questionavam a legitimidade do sistema, apenas o comportamento dos senhores, que aqui mais de perto nos interessam.

Também é esperado o comportamento de Ático de receber o exilado no Epiro e o orador expõe isso ao dizer que não era um fato inesperado “sua vontade me é muito agradável e em nada estranha” “*uoluntas tua mihi ualde grata est et minime noua*”. A descrição de um local familiar e retirado é ilustrada ao longo da carta, criando um efeito de afiliação entre o destinatário e aquele que escreve, pois estarem juntos se transforma tanto numa fortaleza contra os inimigos – tais como Autrônio – quanto num ambiente de recebimento de conselhos de um verdadeiro exemplo de romano. Interpretamos o isolamento do orador em relação aos estranhos não unicamente uma defesa contra possíveis adversários, mas uma diferenciação daquele espaço que não é propriamente romano, ao qual está acostumado. Permitiu-se dessa vez uma associação do isolamento com a alegria, pois o que está sendo feito é um reestabelecimento de identidade (WOODWARD, 2000, p. 7) a partir da diferenciação dos espaços com Ático (romano, no Epiro) dos espaços de Brundísio (dando início à saída de Roma). Nesse ponto, a região portuária da Península Itálica se estabelece enquanto não-pertencimento de Cícero, uma vez que pode encontrar Ático, mas não permanecer com ele, pois como o próprio autor diz, “De fato, uma fortaleza me seria útil se eu a habitasse, não se apenas passasse por ela.” “*num castellum munitum habitante mihi prodesset.*”, ou seja, falta-lhe um local fixo para que ele se sinta bem.

É buscado então um espaço de envolvimento do “não espaço”, no qual “o escritor nutre seu trabalho com o caráter radicalmente problemático de seu próprio pertencimento ao campo literário e à sociedade” (MAINGUENEAU, 1995, p. 27). A composição literária da epistolografia do exílio é uma constante negociação entre o ambiente cujas condições de produção textuais tornariam o autor mais romano e mais apto a exercer o caráter

desejado (a própria urbe romana ou os locais nos quais poderia encontrar Ático) e o local do qual Cícero deseja se afastar, que é desenhado fora desse ambiente. Compreendemos, isto posto, a tentativa de encontrar um local fixo para se estabelecer como sendo a guisa principal de construção identitária.

Segundo Woodward (2000, p. 8), a formação da identidade se dá de forma relacional, ou seja, bivalente, no qual a oposição entre o “eu” e o “outro” é seu fundamento. Não há como construir um romano sem diferenciá-lo do não-romano e, por isso, os inimigos do autor são postos em contraste de Ático, pois o *amicus* está dentro do território da Península Itálica enquanto os inimigos estão em Atenas, onde não se encontra refúgio.

Posteriormente, o efeito *patheticus* novamente é utilizado e a possibilidade de suicídio mencionada. Apesar de dizer que não enumerará os males sofridos, o orador ainda assim o faz, mas traz a ideia de que foi injustiçado e sofreu crimes por conta dos invejosos, que objetivavam ocupar seu lugar. Nesse momento, portanto, Cícero representa aqueles que estão estabelecidos em Roma, enquanto ele próprio não está, como usurpadores. “Para não revolver minha tristeza nem gerar em ti a mesma aflição, não enumerarei todos os males em que caí devido à extrema injustiça e ao crime, mais dos invejosos do que dos meus inimigos.” “*Non faciam ut enumerem misérias omnis in quas incidi per summam iniuriam et scelus non tam inimicorum meorum quam inuidorum, ne et meum maerorem exagitem et te in eundem luctum uocem;*”

Em relação à morte, responder a um momento político inadequado com a morte é uma atitude vinculada à filosofia estoica. Tal como Sêneca (*Ep.* 24.18) afirma, “a morte ou nos consome totalmente, ou nos despoja de alguma coisa”, a virtude do homem sábio o levaria a considerar a morte como o fim de algum suplício, mas “Há ocasiões, contudo, em que o sábio, mesmo tendo a morte iminente, mesmo sabendo-se condenado ao suplício capital, não fará das próprias mãos as executantes da sentença: isso seria escolher o caminho mais fácil!” (*Ep.* 70.8). A partir desse ponto, compreendemos melhor a relação entre a colaboração de Ático para que Cícero vivesse e a menção aos inimigos do orador, pois o fim de sua vida seria positivo para os adversários da República.

Dá-se então início aos comentários políticos, que não são detalhados, mas é demonstrado anseio para receber notícias em breve. É provável que exista receios

quanto aos assuntos de natureza política devido à possibilidade de interceptação do processo de entrega de cartas e, assim sendo, comentar demasiadamente tal temática se torna inadequado até mesmo para o *ethos* do orador, que poderia comprometer Ático ao expor discussões desnecessariamente. Esse tipo de preocupação com a imagem discursiva se mantém na medida em que o autor tenta se mostrar novamente enquanto não inconstante, acompanhando as justificativas com seus manifestos de tristeza

A dúvida sobre o Epiro não é gerada pela minha inconstância, mas porque eu não sei onde verei meu irmão. De fato, não sei como o verei nem como me despedirei dele. Essa é a maior e a mais miserável de todas as minhas misérias.

Dubitationem autem de Epiro non inconstantia nostra adferebat sed quod de fratre ubi eum uisuri essemus nesciebamus; quem quidem ego nec modo ut uisurus nec ut dimissurus sim scio. Id est maximum et miserrimum mearum omnium miseriarum.

A desolação continua sendo utilizada como justificativa para escrever pouco “Escrever-te-ia mais amiúde e mais longamente se a minha dor não tivesse me privado não só de todas as funções da razão, mas principalmente dessa habilidade específica.” “*Ego et saepius ad te et plura scriberem, nisi mihi dolor meus cum omnis partis mentis tum maxime huius generis facultatem ademisset.*” e, tal como Costa (2013, p. 19) afirma, essa é uma estratégia repetitiva ao longo do exílio.

Epístola 8 (*Fam.* 14.4) – Enviada a Terência, Túlia e Cícero e escrita em Brundísio, em 29 de abril de 58.

Muitos temas nesta carta também estavam presentes na anterior e ambas são assinaladas no mesmo dia, o que nos leva a crer que foram escritas no mesmo momento para relatar assuntos parecidos a pessoas distintas. A diferença no tom, no entanto, é notável, uma vez que quando escreve à família, o orador não se conteve em demonstrar uma *persona* completamente patética, enquanto na carta anterior, as dores foram manifestamente contidas.

A primeira temática repetida é a infrequência de escrita justificada pela tristeza. Mais uma vez, não seria digno de um *paterfamilias* abandonar sua função principalmente em um momento de crise, na qual os bens de Cícero poderiam ser expropriados.¹¹⁶ A tristeza é reforçada pela ideia de suicídio e traição dos indivíduos aos quais Cícero

¹¹⁶ Segundo Plutarco, Clódio mandou construir o templo da *Libertas* no lugar da propriedade que Cícero possuía no Palatino (Cic. 32).

favoreceu ao longo de sua vida e, como podemos observar no trecho a seguir, carregam pesados tons de martírio, mais do que na epístola anterior. “se estes males são inevitáveis, eu quero, sim, minha vida, ver-te o quanto antes e morrer em teus braços, pois nem os deuses, que cultuaste com extrema piedade, nem os homens, aos quais sempre servi, nos favoreceram.” “*si haec mala fixa sunt, ego uero te quam primum, mea uita, cupio uidere et in tuo complexu emori, quoniam neque dii, quos tu castissime coluisti, neque homines, quibus ego semper seruiui, nobis gratiam rettulerunt.*”

Depois disso, é mencionado o indivíduo Marco Lênio Flaco, ao qual Cícero é grato pela hospitalidade mesmo com a vigência da lei¹¹⁷ considerada perversa. A *gratia* - elemento fundamental para a sustentação da *amicitia* (KONSTAN, 2005, p. 122) – é explicitada durante a carta, justo no momento em que são colocados no texto assuntos que giram em torno do estabelecimento do autor em um local. Em *De Officiis*, o orador comenta o sentimento de cumprir virtuosamente com essa expectativa de comportamento “Se o homem for bom, mesmo se não puder devolver *gratia*, certamente poderá senti-la.”¹¹⁸ (*Off.* 2.20.69).

Cícero reprisa, posteriormente, outros temas, tais como a escravidão (que dessa vez, por não estar se dirigindo a um aristocrata, mas à sua esposa, se permite utilizar o termo *seruus*, demonstrando que a situação exigia um cuidado menos estrito com a polidez) e o processo de encontrar pessoas que lhe entregarão cartas. O autor evoca também o passado de sua vida, momento áureo no qual obteve prestígio, e inicia, após isso, a narrativa de que a virtude o afligiu e que sofre por conta disso, não por um erro que cometeu. “*Viximus, floruimus. Non uitium nostrum sed uirtus nostra nos adflixit. Peccatum est nullum, nisi quod non una animam cum ornamentis amisimus*” “Vivemos, crescemos com glória. Não nosso vício, mas nossa virtude nos atingiu. Não houve erro, salvo o fato de não ter abdicado da vida junto com as honrarias”. As honrarias se denotam tão importantes a ponto de colocarem a própria vida em risco. Mas que honrarias são essas? De fato, Cícero não as evidencia nessa epístola, mas o termo *floruimus* é utilizado em outras cartas dele e por Ovídio (*Epistolae ex ponto* 5.8) como uma forma de expressar um viver com ganho de glórias. O orador ocupou a maior da magistraturas, o consulato, no momento em que mais alavancou sua carreira no ato de

¹¹⁷ Trata-se da *Lex Clodia de exilio Ciceronis*. Cícero aqui elogia a coragem de Lênio Flaco por conta dos possíveis problemas acarretados por ajudar um exilado, pois fazê-lo poderia ser considerado criminoso (KELLY, 2006, p. 38).

¹¹⁸ *Si bonus est vir, etiam si referre gratiam non potest, habere certe potest.*

discurso contra Catilina. Suas honrarias tratam de suas conquistas enquanto *uir publicus*, portanto, ao abandonar sua glória, é efetivada a *ciuitatis amissio*. Portanto, não há sentido em viver uma vida vazia, uma vez que as honrarias foram perdidas. Sua opção de viver é novamente justificada pela falta que sua existência poderia fazer em indivíduos queridos, tais como sua família. “Mas, se o fato de eu viver foi mais agradável aos meus filhos, suportarei os outros males, ainda que insuportáveis. E eu, que te animo, não posso animar a mim mesmo.” “*Sed si hoc fuit liberis nostris gratius nos uiuere, cetera, quamquam ferenda non sunt, feramus. Atque ego, qui te confirmo, ipse me non possum.*”. Aqui é posto um paradoxo no qual Cícero não pode animar a si mesmo – e seria inadequado se demonstrar tranquilo diante da situação que lhe afligia – mas tem a função de acalmar os ânimos de sua esposa, tecendo palavras que a tranquilizam, mas impõem descontentamentos. Para manter a esperança, a carta é finalizada qualificando o filho do autor como a esperança que resta “*spes reliqua nostra*”.

3.2 *Quid Enim Sum?*

As epístolas apresentadas daqui em diante foram escritas de fora da Península Itálica, na província da Macedônia, mais especificamente. Os pedidos para que Ático acompanhe o orador se tornam mais raros e surge a discussão acerca da perenidade existencial do autor, na qual agora ele já se considera inconstante sem ressalvas e a tristeza ocupa totalmente seu *ethos*, em um processo de dismantelamento da sua própria condição romana.

Epístola 9 (Att. 3.8) – Enviada a Ático, escrita em Tessalônica no dia 29 de maio de 58.

Anexada à República Romana em meados do século II a.C., a província macedônica tornou-se um local de intensa movimentação com a construção da *Via Egnatia*, que lhe garantia estrutura para a movimentação comercial em grande escala (WITHERINGTON III, 2006, p. 3). Sua capital era a Tessalônica, importante polo econômico e cultural da região, que no período ciceroniano intermediava diversos pontos de relevância inquestionável para a manutenção dos romanos, tais como Roma, Bizâncio e Dirráquio (atual Durrës), revelando que, nesta epístola, o arpinate está em um local desassossegado e de dinâmica passagem de pessoas, em um contraste interessante com

o que havia mencionado em epístolas anteriores: “odeio a multidão” “*odi enim celebritatem*” (Att. 3.7).

A epístola se abre descrevendo a presença dos inimigos de Cícero na região da Acaia (próximo a Corinto, na península do Peloponeso). Partindo de Brundísio, o orador se tornaria facilmente interceptado ao desembarcar na Grécia, pois a Macedônia fazia fronteira com a região descrita como “repleta dos mais audazes inimigos” “*plena audaciorum inimicorum*”. Após isso, é relatada a existência de mensagens contraditórias acerca da viagem do irmão de Cícero, Quinto, cuja necessidade da presença já fora relatada em epístolas anteriores (Att. 3.7), gerando a sensação de desamparo, que é reforçada por mais palavras de tristeza.

A paratopia na carta se dá a partir da junção da confusão espacial que ocorre nos relatos das viagens de Quinto com os lamentos por não tê-lo perto, forçando com que o autor se mantenha recluso na Tessalônica tanto pela falta de segurança quanto por não saber o que fazer, sendo o elemento da ausência complemento da indecisão “Estou tão agitado por causa de Quinto que nada posso decidir.” “*atque ita perturbato sum animo de Quinto ut nihil queam statuere*”.

Mantém-se a repetição da associação da inconstância às calamidades sofridas, com as justificativas dos erros de Cícero sempre sendo estabelecidas a partir da tristeza (utilização do *pathos* no discurso retórico). “Creio que, pela inconstância das minhas cartas, vês a agitação da minha mente e que, embora eu esteja aflito por uma tragédia singular e inaudita, estou menos abalado pela adversidade do que pela lembrança do meu erro.” “*Ex epistularum mearum inconstantia puto te mentis meae motum uidere qui, etsi incredibili et singulari calamitate afflictus sum, tamen non tam est ex miseria quam ex culpae nostrae recordatione commotus*”. O fato do autor escrever pouco também é justificado pelo mesmo motivo logo em seguida “A dor dos meus males e o temor sobre o meu irmão me impedem de escrever.” “*Me et meorum malorum maeror et metus de fratre in scribendo impedit*”.

Outro fato a ser destacado na carta é a possibilidade de Pompeu se juntar a Cícero contra Clódio, pois este havia agido contra Tigranes, que surgira como oportunidade para iniciar uma reviravolta. Tal como Costa (2013, p. 60) nos relata:

Pompeu trouxera à Roma o filho de Tigranes, rei da Armênia, e o confiara à guarda do Pretor *Lucius Flavius*, mas os homens de Clódio o raptaram. Seguiu-se um combate no qual morreu *M. Papius*, amigo de Pompeu. Este se irritou contra Clódio, passando a se aproximar do Senado. Era a oportunidade de Cícero pedir o apoio de Pompeu contra Clódio e ele o fez através de uma carta conforme *ad. Att.*, III, 8, 4, foi enviada a Ático.

Observamos, portanto, a busca do conselho de Ático para poder influenciar figuras políticas de prestígio social para intervirem ao seu favor. Faz-se preciso construir uma narrativa favorável no Senado para que o orador possa retornar e é justamente essa construção discursiva de que os invejosos o arruinaram que baseia trechos desta e das próximas cartas. “Pois, por crime de quem fui impelido e exilado, já percebes claramente; e tomara já antes tivesses percebido e não tivesses rendido toda a tua alma ao desespero junto comigo!” *“Cuius enim scelere impulsus ac proditi simus iam profecto uides, atque utinam iam ante uidisses neque totum animum tuum maerori mecum simul dedisses!”*

Epístola 10 (Att. 3.9) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônica em 13 de junho de 58.

Há riscos para Quinto por ser associado a seu irmão e, por isso, houve grande pressa para que ele fosse a Roma, ambiente que seria seguro. Essa ligação entre os dois é explorada no decorrer da epístola “não pude aceitar a possibilidade de, sendo muito ligado a mim e dotado de grande sensibilidade, vê-lo em tamanha tristeza; ou que eu, dilacerado pela dor, mostrasse-lhe as minhas mazelas e o meu estado de desespero ou sofresse ao ser visto por ele.” *“animum inducere non potui ut aut illum, amantissimum mei, mollissimo animo, tanto in maerore aspicerem, aut meas miseras luctu adflictus et perditam fortunam illi offerrem aut ab illo aspici paterer.”*

Compreendemos o vínculo entre os dois irmãos como sendo relacionado ao elo entre o orador e Roma, pois da mesma forma que abdicou de suas honrarias de seu lugar enquanto cidadão, foi necessário também abandonar seu familiar, fato descrito de forma melancólica: “Passava-me diante dos olhos a hora em que ele despedia os seus litores e era tirado à força dos meus braços. Evitei o efeito dessa amargura com a outra amargura de não ver meu irmão.” *“Versabatur mihi tempus illud ante oculos quom ille aut lictores dimitteret aut ui auelleretur ex complexu meo. Huius acerbitatis euentum altera acerbitate non uidendi fratris uitauit.”* Há, portanto, duas explicações dadas pelo autor

para não ver seu irmão: a primeira é o risco, dado que há diversos adversários de Cícero que poderiam fazer mal a ele, e a segunda é a própria situação inconsolável que esse evento criaria.

“Vós, defensores da vida, me induzistes a esse mal. Logo, pago as penas do meu erro.”
 “*In hunc me casum uos uiuendi auctores impulistis. Itaque mei peccati luo poenas.*” É narrado também nesta epístola que o orador vive em função de seus pares, nesse caso, seu irmão e seu destinatário. Viver, no entanto, se tornou um erro e a persistência nele causa seus flagelos. Apesar de sua sobrevivência ser um erro que o faz sofrer, o pecado dos “invejosos” “*inuidi*” é a maior razão de sua ruína, mas novamente o assunto político é pouco detalhado na carta e diz-se ser melhor tratado pessoalmente após o encontro entre os dois.

Epístola 11 (*Qfr.* 1.3) - Enviada a Quinto e escrita em Tessalônica em 13 de junho de 58.

A repetição de “meu irmão!” “*mi frater*” na abertura da carta já destaca uma relação prévia ao exílio. Manter-se na relação de fraternidade indica manter uma espécie de vínculo com o universo romano. Posteriormente, o autor diz que jamais poderia ficar irado com seu próprio irmão. De ambas as formas, Cícero realiza uma afiliação, dando destaque à relação familiar entre os dois para poder justificar sentimentos.

Ele continua, dizendo que o que ele é agora de fato não é o homem que deixou Roma, mas não por conta do exílio e sim pela tristeza e pelo lamento. Portanto, nunca é dito que o fato de Cícero estar exilado o torna menos virtuoso e sim como ele age perante a isso. Na verdade, o autor durante as cartas nunca se responsabiliza pelo exílio, mas culpa a inveja de seus inimigos por isso.

É destacado o fato do orador não se irritar com o irmão mesmo este sendo responsável por uma aflição. Novamente o momento de glória - ou seja, o consulado - é colocado como causa da ruína que privou Cícero de sua família e de seus bens “O meu famoso consulado tirou-me irmão, filhos, pátria e bens. Gostaria que a ti nada tivesse tirado salvo eu apenas.” “*Meus ille laudatus consulatus mihi te, liberos, patriam, fortunas, tibi uelim ne quid eripuerit praeter unum me.*” Interessante notar que é afirmado que o consulado o tirou de seu irmão, expressão que será reutilizada em outras epístolas posteriormente (*Att.* 3.15), mas antes o autor faz questão de enfatizar que ainda é o

mesmo e não foi tomado de si próprio. “Meus inimigos tomaram minhas coisas, mas não a mim de fato.” *“Inimici mei mea mihi, non me ipsum ademerunt”* (Att. 3.5).

Ele mostra também não ser mais o mesmo ao afirmar que sua voz que outrora protegera até estranhos agora não consegue defender os indivíduos mais próximos de si. “Minha voz, que amiúde fora uma proteção para estranhos, teria se calado exatamente nos perigos para os de casa.” *“mea uox in domesticis periculis potissimum occideret quae saepe alienissimis praesidio fuisset.”*

Supomos que a súbita mudança de comportamento se dê pela alteração da localização do autor, que em Att. 3.5 se encontrava em Túrio, província localizada na Península Itálica, mas nesta epístola que aqui analisamos, escreve na Tessalônica, na Macedônia. É difícil defender que ainda é o mesmo depois de meses no exílio e ainda tão distante do centro cultural que garantia condições de produção e exercício da cidadania romana com mais efetividade. Agora, se vê obrigado a permanecer na Grécia até receber notícias sobre a *Lex Clodia* ou qualquer outra questão que possibilite seu retorno e sua restauração como indivíduo.

A relação entre os dois é colocada, depois, de forma desigual. De Quinto para Cícero, só são enviadas boas coisas, mas o contrário não é verdade. “Mas, certamente, da tua parte tudo que me veio sempre foi honroso e agradável; da minha parte para ti, a dor do meu mal, o medo do teu próprio, a saudade, a solidão, a tristeza.” *“Sed certe a te mihi omnia semper honesta et iucunda ceciderunt, a me tibi luctus meae calamitatis, metus tuae, desiderium, maeror, solitudo.”* Aquele que se encontra na sua condição normal enquanto romano transmite honrarias agradáveis, mas o exilado apenas transparece tristeza e solidão. O Cícero cônsul não é assim, mas o de agora, que é totalmente diferente daquele, é algo que não deve ser visto por Quinto:

Pelo contrário, não quis ser visto por ti, pois não terias visto o teu irmão: não o que deixaste, não o que conheceste, não o que caminhava em lágrimas quando tu, ao partir choroso, dele te despediste. De fato, não terias visto nem traço nem imitação daquele, mas a imagem de um morto vivo.

Immo uero me a te uideri nolui. Non enim uidisses fratrem tuum, non eum quem reliqueras, non eum quem noras, non eum quem flens flentem, prosequentem proficiscens dimiseras, ne uestigium quidem eius nec simulacrum sed quandam effigiem spirantis mortui

Após isso, sua condição no momento é qualificada como indigna, criando graus de diferença marcantes entre o Cícero cônsul e o Cícero exilado: “Ah se eu tivesse te deixado sobrevivente à minha vida, bem como à minha dignidade!” *“utinam te non solum uitae sed etiam dignitatis meae superstitem reliquissem!”*.

As justificativas para não se matar continuam, pois os males passados a seu irmão seriam ainda maiores caso a morte o atingisse: “todos diziam que uma parte da tua vida repousava sobre a minha vida.” *“quod omnes in mea uita partem aliquam tuae uitae repositam esse dicebant”*.

E toda essa cena chorosa é construída no início da epístola para poder justificar a ausência de cartas do autor, ou seja, a falta de conexão com a própria família que ainda se encontra em Roma.

Assim, a razão porque os servos foram a ti sem carta, já que vês não ter sido devido à ira, por certo foi a indisposição gerada pela profusão de lágrimas e pela dor. Imaginas com que choro redigi esta carta? Com o mesmo que, por certo, sei que a lês. Algum dia, posso não pensar em ti ou pensar em ti sem chorar? Ao sentir a tua falta, apenas de um irmão sinto falta? De fato, pela tua suavidade, sinto a falta de um companheiro; pela tua obediência, de um filho; pela tua prudência, de um pai.

Nam quod ad te pueri sine litteris uenerunt, quoniam uides non fuisse iracundiam causam, certe pigritia fuit et quaedam infinita uis lacrimarum et dolor. Haec ipsa me quo fletu putas scripsisse? Eodem quo te legere certe scio. An ego possum aut non cogitare aliquando de te aut umquam sine lacrimis cogitare? Cum enim te desidero, fratrem solum desidero? Ego uero suavitate [prope fratrem prope] aequalem, obsequio filium, consilio parentem.

Como podemos observar, a construção textual é seguida de um grande elogio ao destinatário e aos outros membros de sua família. No entanto, ao se associar constantemente a eles, o orador também constrói sua própria imagem positivamente

Ademais, também sinto falta de minha filha? Que devoção, que modéstia, que inteligência! Ela é o retrato do meu rosto, do meu jeito de falar e de pensar. E quanto ao meu filho tão belo e querido? Esse menino, que eu, rude e insensível, tirei dos meus braços, pois, pobre dele, mais sábio do que eu queria, já sentia o que se passava. E quanto ao teu filho, meu retrato, que meu Cícero amava como a um irmão e já venerava como a um primogênito? Por isso não permiti que a mulher mais sofredora, a mais fiel das esposas me seguisse, para que protegesse a sobra de nosso desastre comum?

Quid, quod eodem tempore desidero filiam? qua pietate, qua modestia, quo ingenio! effigiem oris, sermonis, animi mei. Quid filium uenustissimum mihi que dulcissimum? quem ego ferus ac ferreus e complexu dimisi meo, sapientiore puerum quam uellem; sentiebat enim miser iam quid ageretur. Quid uero tuum filium, quid imaginem meam, quem meus Cicero et amabat ut fratrem et iam ut maiorem fratrem uerebatur? Quid, quod mulierem miserrimam, fidelissimam coniugem, me prosequi non sum passus, ut esset quae reliquias communis calamitatis, communes liberos tueretur?

É composta, dessa forma, uma imagem contraditória, de um indivíduo que quando contrastado com seus pares, é vicioso e errôneo, mas quando associado a eles, se torna similar nas virtudes. Essa é a chave argumentativa para o *corpus* epistolar do exilado que, quanto mais se afasta social e espacialmente da *ciuitas*¹¹⁹ e da *urbs*, mais se qualifica como indivíduo arruinado; realiza, ao contrário, uma construção imagética louvável de si mesmo ao se comparar com pessoas às quais ele confere autoridade.

Como explicitado no capítulo anterior, o exílio se dá a partir da incompatibilidade do *ethos* do exilado com o da aristocracia dominante, de forma que esses aristocratas nunca sejam postos como semelhantes aos *amici* do *exsul*. Os romanos responsáveis pelo banimento de Cícero, assim sendo, são caracterizados como traidores e invejosos usurpadores que desejam ocupar o lugar honroso do arpinate, enquanto os aliados dele são sempre desenhados de forma positiva dentro da cena de enunciação. Para esclarecer o distanciamento entre esses grupos, podemos destacar as descrições opostas que são feitas da família de Cícero e de Hortênsio, orador de grande influência política dentro da ordem senatorial que se associou familiarmente a Catão, o jovem, a partir do casamento com Márcia, ex esposa do estoico (GOODMAN; SONI, p. 171). Ainda na mesma epístola, Cícero afirma: “Muito perversa e insidiosamente ele [Hortênsio], junto com Ário, me tratou com amizade muito fingida e com a máxima assiduidade diária. Iludido por seus conselhos, promessas e avisos, caí nesse mal.” “*e summa simulatione amoris summaque assiduitate cotidiana sceleratissime insidiosissimeque tractauit adiuncto quoque Arrio; quorum ego consiliis, promissis, praeceptis destitutus in hanc calamitatem incidi.*”

É dito depois que Quinto está bastante entristecido, mas se pede em nome de sua compaixão que se sustente. O motivo da tristeza não é só o exílio do irmão, mas

¹¹⁹ A palavra *ciuitas* é comumente utilizada para se referir à condição de cidadão de um sujeito; no entanto, Cícero (*De Rep.* 6. 6) a define como um corpo de cidadãos, uma espécie de comunidade civil: *Consilia coetusque hominum iure societati, quae “Ciuitates” appellantur.*

também uma acusação de peculato, que se tornará tema de outras epístolas ciceronianas e por isso o autor clama para que seu irmão se mantenha forte e resista a essas dores; no entanto, esse pedido é acompanhado de outros.

A epístola finaliza novamente com Cícero afirmando que confia (*commendo*) os familiares ao destinatário, abandonando seu papel de *paterfamilias*, chegando até a nomear a condição de seus filhos como “orfandade” (*orbitas*) e assim, Quinto se torna responsável por reparar as consequências dos erros do autor.

Epístola 12 (Att. 3.10) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônica em 17 de junho de 58.

É nessa carta que mais há contraste entre o momento de honrarias no qual o orador fora considerado *pater patriae* e a situação do banimento que lhe traz tanta tristeza:

Ora, como me censuras de forma tão frequente e severa e dizes que sou covarde, eu te pergunto: Há algum mal tão grande que não faça parte da minha calamidade? Por acaso algum dia alguém já decaiu de tão ilustre posição, enquanto lutava por tão boa causa, tendo tanta abundância de talento, de prudência, de crédito, e gozando de tão grande apoio de todos os nobres? Posso esquecer o que fui, não reconhecer o que sou, de que honra estou privado, de que glória, de que filhos, de que bens, de que irmão?

Nam quod me tam saepe et tam uehementer obiurgas et animo infirmo esse dicis, quaeso, ecquod tantum malum est quod in mea calamitate non sit? ecquis umquam tam ex amplo statu, tam in bona causa, tantis facultatibus ingenii, consilii, gratiae, tantis praesidiis bonorum omnium concidit? Possum obliuisci qui fuerim, non sentire qui sim, quo caream honore, qua gloria, quibus liberis, quibus fortunis, quo fratre?

É fato que a posição ocupada pelo autor era de grande prestígio e isso é denotado constantemente ao longo das cartas; porém, decair de tamanha distinção social é utilizado como justificativa para lamentar-se demasiadamente. Dessa forma, é possível criar uma proporção direta entre as glórias que tivera um dia e a tristeza intensa naquele momento. Quanto mais perdeu, maior liberdade possui para insistir em lamúrias frequentes e repetitivas aparentemente criticadas pelo destinatário. Isso tudo também é um grande elogio a si mesmo e uma busca por aquele momento saudoso do qual não pode mais desfrutar, o que culmina em pedidos para não ser criticado diante da situação tenebrosa:

Escrevi estas coisas para que me consoles (o que tens feito) ao invés de me julgar digno de castigo ou de censura. E não te escrevo muitas coisas, pois sou impedido pela tristeza e porque tenho mais a esperar daí do que eu mesmo a escrever. Se eu receber novas notícias, informar-te-ei a minha decisão. Gostaria que, como fizeste até agora, me escrevesse o mais possível sobre os fatos, para que eu não ignore absolutamente nada.

Haec eo scripsi ut potius releuares me, quod facis, quam ut castigatione aut obiurgatione dignum putares, eoque ad te minus multa scribo quod et maerore impediatur et quod expectem istinc magis habeo quam quod ipse scribam. Quae si erunt allata, faciam te consilii nostri certiore. Tu, ut adhuc fecisti, quam plurimis de rebus ad me uelim scribas, ut prorsus ne quid ignorem.

É pedido ao *amicus* que o console da mesma forma como já tem sido feito “o que tens feito” “*quod facis*” e que escreva o máximo possível quanto aos fatos também seguindo uma atitude anterior “como fizeste até agora” “*ut adhuc fecisti*”. Esse tipo de expressão, ao pedir que algo permaneça sendo feito, é uma estratégia de polidez comumente utilizada pelos aristocratas para não parecer que seus *beneficia* estão sendo recusados (HALL, 2009, p. 129). O recurso utilizado é necessário, pois o autor faz grandes exigências de forma a corrigir o comportamento do destinatário e ainda pede que escreva detalhadamente, o que ele próprio não faz e precisa se justificar novamente por meio de sua tristeza.

Epístola 13 (Att. 3.11) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônica em 27 de junho de 58.

Ainda na Tessalônica, o orador demonstra se sentir recluso (mesmo que algumas boas notícias sejam o motivo dessa reclusão) e anseia por notícias da proposta lançada por Lúcio Nino Ligo, que pleiteava seu retorno. A curta epístola apenas repete alguns recursos utilizados nas anteriores.

Epístola 14 (Att. 3.12) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônica em 17 de julho de 58.

As cartas daqui em diante são repletas de pedidos de apressamento para o envio de notícias. Esta é dedicada a relatar a aflição que o silêncio demasiado causa devido aos anseios intensos de receber notícias acerca da *rogatio* sobre a qual os tribunos deliberariam no senado, mas teme-se não haver esperança pelo fato de um dos cônsules

no momento ser o ex-tribuno Metelo Nepos, que se opusera a Cícero em 62 (COSTA, 2013, p. 73).

Em 61, Cícero preparara um discurso contra Clódio e escrevera um panfleto contra ele e Curião¹²⁰. A ideia era que apenas alguns ficassem sabendo desse material, mas em 58 Clódio fez com que ele fosse distribuído para que Curião ficasse contra Cícero, diminuindo a possibilidade de que o exilado ganhasse apoio no Senado (COSTA, 2013, p. 73), evento sobre o qual são escritas deplorações ao longo da carta que culminam na conclusão de que não restam esperanças para o retorno a Roma.

Com o objetivo de lidar com essa dor, é suplicado que Ático “medica esta ferida, como escreves, se podes algo” “*Cui uulneri ut scribis medere, si quid potes*”. É comum, segundo Hoffer (2007, p. 88) que na epistolografia ciceroniana sejam utilizadas metáforas corporais que utilizem doenças ou feridas como forma de manifestar uma expressão emocional. A relação médico e paciente, no entanto, é analisada nas cartas de Frontão por Annelise Freisenbuch (2007, p. 242), autora que denota o fato de Marco Aurélio ser requisitado por seu mestre para medicar as feridas como metáfora para que o imperador corrija determinado comportamento. Assim, a escrita e o tom epistolar de Frontão possuíam uma relação codependente com sua saúde, que era determinada pelo sucesso ou pelo fracasso de seu aprendiz na doutrina filosófica. Dizer sentir dores físicas quando há uma decepção do ponto de vista comportamental, na verdade, era um *topos* da filosofia romana.¹²¹

Interpretamos, portanto, o pedido de medicar a ferida como forma de requisitar a mudança em determinado comportamento. No caso desta epístola endereçada a Ático, Cícero dá as devidas instruções finalizando a carta:

Agora, ainda estou no mesmo lugar sem conversa alguma, sem reflexão alguma. Embora a ti, como escreves, tenha dado a entender que viesses a mim, desisto, porém, e vejo que és útil aí; aqui só podes me aliviar por palavra. Não posso escrever mais nem há o que escrever. Espero mais as tuas cartas.

Ego etiam nunc eodem in loco iaceo sine sermone ullo, sine cogitatione ulla. Licet tibi, ut scribis, significarim ut ad me uenires, condono tamen et intelligo te istic prodesse, hic ne uerbo quidem

¹²⁰ Orador que se posicionara a favor de Clódio no período das polêmicas da Bona Dea. Apesar desses conflitos, ele posteriormente se tornou aliado de Cícero durante os conflitos entre César e Pompeu.

¹²¹ Para saber mais sobre metáforas sobre dores e doenças na discussão acerca de pensamentos filosóficos, em especial, o estoicismo cf. Mayer (2018).

leuare me posse. Non queo plura scribere nec est quod scribam; uestra magis expecto.

Explicitamente é dito que ocorreu a desistência de encontrar Ático fora de Roma e que lá ele será mais útil ao orador para que possa ocorrer a restauração. Esse é o medicamento para a maior das feridas, o banimento.

Epístola 15 (Att. 3.14) – Enviada a Ático e escrita no caminho entre Cápua e Naris da Lucânia no início de abril de 58.

O recebimento de cartas promove o sentimento de esperança no orador, pois as notícias que chegam de Roma trazem a ele as alterações na *rogatio* que pode salvá-lo. Nesta epístola, é possível observar a importância do papel dos triúnviros no exílio ciceroniano, no que diz respeito à troca de favores entre o orador e eles, uma vez que Cícero afirma “Por causa da tua carta estou cheio de expectativa sobre Pompeu: o que ele desejaria ou prometeria acerca de mim.” “*Ex tuis litteris plenus sum expectatione de Pompeio, quidnam de nobis uelit aut ostendat.*”.

“*Ex tuis litteris*” “Por conta de sua carta” é também uma forma pela qual pode-se exigir uma maior frequência na entrega de cartas, pois nesse momento elas são a maneira pela qual é possibilitada a conexão entre a *urbs* e o exilado, e essa é a razão para tantas exigências para que o autor seja contemplado com as informações mais completas e detalhadas possíveis: “Agora, gostaria que me escrevesse tudo o que vês.” “*Nunc uelim mihi plane perscribas quid uideas.*”.

A carta prossegue com a afirmação “de que a inexistência de novas informações o impede de tomar sua decisão e sair da Tessalônica, que é o local menos adequado para aliviar um grande mal “*minime apposito ad tolerandam in tanto luctu calamitatem*”. É interessante observar o uso do termo *calamitatem* (tragédia, calamidade), pois é assim que o orador, tal como destaca Robinson (1994), nomeia seu exílio. Portanto, é possível que na epístola em questão, ele esteja dizendo que a Tessalônica é um local inadequado para estar enquanto exilado. O problema é que a capital da Macedônia é o melhor ambiente em termos de segurança e viabilidade de habitação, pois a Itália não é segura, tal como aponta posteriormente nesta mesma carta.

A questão espacial é de extrema importância nesse momento. A enunciação de um local inapropriado para a habitação cria a cena de uma ambientação paratópica na qual a posição de um sujeito ou autor oscila com frequência (MAINGUENEAU, 1995, p. 36) e, como o *éthos* de Cícero é dissociado da aristocracia dominante em Roma, ele não consegue ocupar o local desejado enquanto romano. As noções de *éthos* e lugar são necessariamente associadas e isso corrobora a noção de inserção ou não na identidade coletiva de um grupo, pois a impossibilidade de um indivíduo ocupar o mesmo espaço que um grupo fatalmente o exclui dessa comunidade. Assim sendo, o exílio é o responsável pelo seu não pertencimento a qualquer local; por isso afirma “Mas agora sou expulso não por Plânco¹²² (pois ele, de fato, me retém), mas pelo próprio lugar que é o menos adequado para aliviar um mal tão grande.” “*Sed iam extrudimur non a Plancio (nam is quidem retinet) uerum ab ipso loco minime apposito ad tolerandam in tanto luctu calamitatem.*”

A questão de não habitar lugar algum também é um estigma na vida de Cícero, uma vez que já antes do exílio ele é chamado de *rex peregrinus* por não ser de fato romano e por não ter uma terra para si, sendo caracterizado como antirrepublicano (*rei, rex*).

Epístola 16 (Att. 3.13) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônica em 5 de agosto de 58.

Novamente o espaço da Tessalônica é onde Cícero é retido e este afirma que a causa dessa reclusão é a falta de notícias sobre a deliberação do Senado acerca de sua situação. Por isso ele demanda que Ático lhe traga algo concreto acerca dos *Comitia* em suas epístolas, pois as esperanças do autor se baseiam nas notícias que chegam por meio das cartas; muitas vezes, de Ático.

Uma de suas esperanças já foi estilhaçada (a questão de Tigranes), mas os recém-nomeados tribunos da plebe fazem o orador enxergar novas formas de transformar sua situação. Há vários indicativos de que os aliados de Cícero estão se movimentando para trazê-lo de volta, mas a ação de tribunos da plebe seria de fundamental importância para seu processo de restauração. Segundo o orador, esses movimentos são em prol do desejo dos seus aliados, não apenas de seu próprio: “não há porque achares que deixei a minha causa, o desejo dos meus.” “*non erit quod putes me causae meae, uoluntati meorum*

¹²² Questor da Macedônia.

defuisse.”. Sua causa, ou seja, a razão de seu desejo de retornar, não está baseada em um ponto de vista egoísta, segundo o orador, mas em prol do bem estar dos seus próximos que, em oposição aos aliados de Clódio, são aqueles que idealmente devem ocupar o espaço em Roma.

A escrita desta epístola nos leva a entender que o destinatário acusa o orador de estar delirando perante tamanha calamidade, pois sua tristeza e sua dor o levou ao delírio: “Na verdade, escreves que ouves estar eu afetado também de mente pelo delírio da dor, mas eu tenho uma mente íntegra.” “*Nam quod scribis te audire me etiam mentis errore ex dolore affici, mihi uero mens integra est.*”.

Como já revelado na epístola 3 (*Att.* 3.2), as manifestações de tristeza podem ser criticadas, mas a ausência de qualquer sentimento é colocada nos discursos *post redditum* como um erro gravíssimo. Esse argumento é coerente com a forma pela qual ele justifica seu comportamento tóxico, ao dizer: “naqueles aos quais julgava ser a minha saúde caríssima, achei os piores inimigos e os mais cruéis, os quais, como me viram ser levemente dobrado pelo temor, assim empurraram de modo a usarem todo o seu crime e perfídia para a minha queda!” “*cum ego iis quibus meam salutem carissimam esse arbitrabar inimicissimis crudelissimisque usus sum; qui, ut me paulum inclinari timore uiderunt, sic impulerunt ut omni suo scelere et perfidia abuterentur ad exitium meum.*”.

Aqui, novamente, são responsabilizados pelo exílio indivíduos invejosos e traidores que deveriam estar ao lado de Cícero, mas por um desejo egoísta, criaram sua ruína. É interessante notar que o orador qualifica sua situação como queda, mas não como crime, forma como adjetiva as ações de seus inimigos. Novamente ele não se põe como criminoso.

Posteriormente, trata da viagem a Cízico, local remoto aonde poucas cartas chegariam. Essa é uma forma de pedir que a manutenção de seus vínculos e de sua esperança permaneça no seu estabelecimento pelas cartas, tal como dito na epístola anterior. Ao finalizar a carta, o orador pede que Ático cuide de Quinto, o qual tem seu vínculo reforçado, pois caso seja mantido ileso, permitirá a resiliência do orador: “Faze por amar o meu irmão Quinto, que eu, infeliz, se deixo para trás incólume, não julgarei que

pereci totalmente.” “*Q. fratrem meum fac diligas; quem ego miser si incolumem relinquo, non me totum periisse arbitrabor.*”.

Epístola 17 (Qfr. 1.4) – Enviada a Quinto e escrita em Tessalônica em meados de agosto de 58.

Esta carta foi escrita levando em consideração a conjuntura do processo sofrido por Quinto. De fato, os problemas acarretados aos familiares do orador aparentam ter como causa a rogação que o condenou, pois ele se justificou constantemente por esses inconvenientes ao longo da epístola. Em primeiro lugar, é dito que se algo muito ruim acontecer à família de Cícero, deve-se levar em conta que não houve crime, apenas imprudência e infortúnio. A imprudência, na verdade, o levou à ilusão criada pelos criminosos que o traíram. Ninguém fez nada para ajudá-lo. Novamente aqui há um paralelismo entre os *amici* e os inimigos (*inuidi*, invejosos); estes são traidores egoístas “cada um deles temeu por si mesmo ou me invejou” (*quisque aut sibi pertimuit aut mihi inuidit*) e aqueles são fiéis “nada há para um infeliz como eu senão a fidelidade dos amigos” (“*Ita mihi nihil misero praeter fidem amicorum*”).

É pedido para que seja sondada a possibilidade de restauração de forma cuidadosa, mas essa súplica possui diversos elementos argumentativos que são de nosso interesse. Em primeiro lugar, o orador afirma: “Se, agora, a tua inocência e a misericórdia dos homens te livraram o bastante do mal, sonda com cuidado se teria me restado alguma esperança de salvação.” “*Quod si te satis innocentia tua et misericordia hominum uindicat hoc tempore a molestia, perspicias profecto ecquaenam nobis spes salutis relinquatur.*”. Em outras palavras, é dito que se há ainda inocência – considerando que Quinto fora acusado de peculato, essa é uma constatação grave – no destinatário, ele deve se esforçar para buscar uma resposta para a salvação do autor e, além disso, tal como denota Costa (2013, p. 80), Cícero se prontificara a escrever uma defesa ao irmão. Jennifer Ebbeler (2007, p. 302) afirma que, dentro da troca de cartas na aristocracia romana, havia uma espécie de papel social a se seguir. Para se criar uma validação do discurso, o autor da carta construía nesta uma imagem de alguém com propriedade para falar do assunto tratado; considerando que na carta em questão, aquele que escreve possui já grande carreira na defesa da inocência de indivíduos no fórum, suas palavras em relação à determinação da moralidade de um cidadão possuem grande peso. Assim,

o método persuasivo se estabelece a partir do passado afortunado de grande carreira para que possa convencer seu irmão a ajudá-lo.

Após isso, é descrita a ajuda que os *amici* do orador oferecem, tais como os conselhos que Ático, Séstio e Pisão concedem para a permanência de Cícero na Tessalônica, região descrita como mais segura até o recebimento de novas epístolas. Aqui novamente ele coloca essas pessoas próximas em contraste com os inimigos, os amigos desleais e os invejosos: “De fato, o que esperaria com um inimigo tão forte, com o governo dos detratores, com amigos desleais, com tantos invejosos?” “*nam quid sperem potentissimo inimico, dominatione obtrectatorum, infidelibus amicis, plurimis inuidis?*”

O motivo de distinguir Séstio entre os cidadãos que mais lhe agradam provavelmente é o fato dele ser uma peça fundamental para seu retorno. Cícero em epístolas anteriores mencionara a importância de ter os tribunos ao seu favor e Públio Séstio fora nomeado para o cargo em 57. Agora, elogia o indivíduo pela sua devoção e afirma esperar a mesma atitude de Cúrio, Milão, Fádio e Gratídio, quatro indivíduos que se tornaram tribunos no mesmo ano que Séstio. A relação do arpinate com esses indivíduos é prolongada, pois foram pronunciados discursos em prol de alguns deles (*Pro Milone* e *Pro Sestio*); um discurso, no entanto, foi feito contra Pisão, cônsul de 58, indivíduo qualificado pelo orador como caro a ele, mas que demonstra ser contra a restauração de Cícero em 57, tema da oração *In Pisonem*.

Mesmo que caracterize os inimigos pejorativamente, o autor estabelece Clódio como indivíduo capaz de agitar assembleias, reconhecendo suas habilidades. No entanto, utiliza o verbo “agitar” “*concitare*” e não “mover” “*mouere*”, verbo comumente utilizado para descrever os efeitos de um bom discurso persuasivo realizado por oradores (*De Or.* 1.87; *Inst.* 2.16.4). *Concito* segundo o *Latin Dictionary* de Lewis e Short (1879) significa mover violentamente; inserir uma moção violenta; incitar; abalar, possuindo uma acepção conspiratória, de forma a caracterizar seu adversário não como orador, mas como perturbador, de forma similar à que constrói no discurso contra Catilina quando o desafia a criar uma guerra contra a República: “agita os cidadãos perversos” “*concita perditos cives*” (*Cat.* 1.9.23).

Após essa desconstrução da figura de Clódio, a escrita volta a ser lamuriosa com algumas repetições argumentativas vistas em outras epístolas, tais como o uso da

tristeza dos seus próximos para não se suicidar. Além dessa repetição, pede ações similares às que escreve nas epístolas a Ático, por exemplo, que escreva sobre todas as notícias possíveis e que não o veja como menos amoroso e respeitoso.

Epístola 18 (Att. 3.15) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônia em 17 de agosto de 58.

Quando Cícero saiu em exílio para a Tessalônica, Clódio se responsabilizou pela construção do tempo da *Libertas* no lugar da casa no Palatino, estabelecendo um discurso que representava seu adversário como contrário à liberdade. Ao fazer o histórico da propriedade do arpinate nessa região, Platner e Ashby (1929, p. 175) esclarecem que a *domus* passara pela habitação de diversos indivíduos desde que fora construída por Marco Lívio Druso¹²³ no início do século I. Após o assassinato do tribuno que a construiu, foi vendida a Públio Crasso (pai do triúmviro) e passada a seus filhos, de quem Cícero a comprou por 3.500.000 sestércios¹²⁴ (*Fam.* 5.6.2), sendo considerada uma localização de grande prestígio.

Allen Jr. (1944, p. 2) nos convida a imaginar a cena de um romano em pé frente ao fórum olhando para o Templo de Vesta e a casa das Vestais onde a casa está próxima à vista. Delineando as localidades dali, vemos uma vizinhança aristocrática, símbolo de uma identidade romana da qual o orador sente falta na epístola que aqui analisamos:

O que em relação aos bens? O que em relação à casa? Poderá ser restituída? Ou, se não puder, eu mesmo poderei de algum modo? Se não vês essas coisas serem resolvidas, para qual esperança me incitas? Mas, se não há esperança alguma, que é a vida para mim?

Quid de bonis? quid de domo? poteritne restitui? aut si non poterit, egomet quo modo potero? Haec nisi uides expediri, quam in spem me uocas? sin autem spei nihil est, quae est mihi uita?

¹²³ Tribuno da Plebe do ano 91, cuja legislação foi vista como causa da Guerra Social (91-88) (*Off.* 1.30; *Vell. Pat.* 2.3.15). Foi assassinado em circunstâncias consideradas duvidosas na própria casa que construíra no ano que atuou como tribuno, uma vez que as fontes divergem muito sobre as especificidades desse evento. Para saber mais cf. Gabba (1976)

¹²⁴ Segundo Shackleton Bailey (2001, p. 53), é um grande valor para se pagar em uma casa, mas há relatos de outras propriedades que foram compradas por valores maiores naquele período. Cícero, no entanto, referencia comentários que chamam a aquisição desse bem de ostentação (*Att.* 1.16.10).

Nesse trecho, a possibilidade de restituição dos bens ciceronianos são vinculadas à sua própria restituição e, não apenas isso, mas a própria esperança de retorno aparentemente se torna insuficiente sem a garantia da retomada de seus bens, criando um tom patético na escrita. Acreditamos que a questão da restituição das propriedades de Cícero é enfatizada nesta epístola pelo fato de Clódio estar criando consistentes investidas para tentar demolir sua propriedade no Palatino e construir um templo da *Libertas* em seu lugar (ALLEN JR, 1944, p. 2). O orador vai aos poucos organizando seu discurso por meio dos lamentos para tornar os pedidos a Ático mais persuasivos, inclusive dizendo que se o retorno for possível, ele lhe agradecerá com benefícios.

Se o destino algum dia me tornar participante de vós e da pátria, farei com que tu, o melhor dos amigos, te alegres por meus benefícios e afeições, as quais antes foram pouco claras (logo, deve ser confessado), e buscarei que me julgues restituído igualmente a ti, ao meu irmão e aos meus filhos.

Ego si me aliquando uestri et patriae compotem fortuna fecerit, certe efficiam ut maxime laetere unus ex omnibus amicis meaque officia et studia, quae parum antea luxerunt (fatendum est enim), sic exsequar ut me aequae tibi ac fratri et liberis nostris restitutum putes.

Essa auto-restituição à qual ele se refere trata da sua própria adequação ao ambiente romano no qual Ático está estabelecido. Quando o arpinate tenta se adequar ao destinatário, está, na verdade, tentando aproximar seu *éthos* de um ideal compartilhado pelas elites romanas nas quais ele tenta se inserir, construindo sua identidade tendo isso como base. Como Kelly (2006, p. 9) afirma, o exílio é resultado da dissonância entre os *ethé* da aristocracia local e do *exsul*, o que causa a tentativa de reaproximação entre essas imagens discursivas, uma estratégia para a restauração do indivíduo. Isso é feito de forma explícita durante a carta, quando é dito: “busco-te como outro eu e, ao mesmo tempo, um cúmplice da minha culpa.” “*te quasi me alterum et simul meae culpae socium quaero*”.

Com isso, ele responde à pergunta feita no começo da epístola: “De fato, não perdi só os meus bens nem os meus familiares, mas a mim mesmo. Com efeito, o que sou eu?” “*Desidero enim non mea solum neque meos sed me ipsum. Quid enim sum?*” Aparentemente perdido, sem saber o que ou quem ele de fato é, Cícero desenvolveu um argumento no qual tentou se moldar em Ático para ser considerado um romano; o que

além de servir para elogiar seu *amicus* pelas virtudes, também é uma maneira de continuar a requisitar seus conselhos. No entanto, enxergamos esse questionamento como sendo uma hábil pergunta retórica, para que a resposta seja dada ao longo do texto. Diante disso, considerando tais apontamentos, Cícero cobrou uma atitude mais efetiva e reclama do que foi feito perante a ele recentemente, respondendo a pergunta:

Agora, Pompônio, como nada comunicaste da tua prudência para o meu bem-estar porque consideraras que há em mim mesmo bastante conselho ou que nada mais me deves para que estivesse ao meu dispor, e já que, traído, induzido, lançado em uma fraude, desprezei toda a minha proteção, frustrei e deixei toda a Itália já erguida para me defender; eu e os meus nos rendemos a meus inimigos enquanto olhavas e te calavas. Tu que, se não me excedias em inteligência, por certo temias menos, se podes, ergue os abatidos e ajuda-me aqui. Mas, se tudo foi obstruído, faze isso mesmo para que eu saiba e, enfim, deixa de me censurar ou consolar junto com outros.

Nunc, Pomponi, quoniam nihil impertisti tuae prudentiae ad salutem meam, quod aut in me ipso satis esse consilii decreras aut te nihil plus mihi debere quam ut praesto esses, quoniamque ego proditus, inductus, coniectus in fraudem omnia mea praesidia neglexi, totam Italiam iam erectam ad me defendendum destitui et reliqui, me, meos meis tradidi inimicis inspectante et tacente te qui, si non plus ingenio ualebas quam ego, certe timebas minus, si potes, erige adflictos et in eo nos iuua; sin omnia sunt obstructa, id ipsum fac ut sciamus et nos aliquando aut obiurgare aut communiter consolari desine.

Ora, se Cícero, exilado, demandou conselhos de seu destinatário, há um apagamento de qualquer visão hierarquizante entre os dois. Na verdade, o orador reforçou em seu discurso as obrigações esperadas das relações de *amicitia*, criando a ideia de ilegitimidade de seu banimento, chamando esse evento de “fraude” “*fraudem*”. No caso de haver uma distinção clara em suas posições sociais, não seria permitido ao autor as demandas tão frequentes sem uma polidez mais severa (HALL).

Epístola 19 (Att. 3.16) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônica em 19 de agosto de 58.

Ainda há incerteza na ação a ser tomada, fato que prende o autor na Tessalônica. Segundo McIntosh (2013, p. 56), essa indecisão demonstra a perda espacial de Cícero, ao demonstrar que ao mesmo tempo deve viajar constantemente de um lugar para o outro, mas não consegue sair da Tessalônica, e mesmo se conseguir, não sabe se

deve ir a Cízico ou ao Epiro. A questão espacial, portanto, é de fundamental importância para o estabelecimento de sua identidade a partir das epístolas.

As cartas recebidas são apresentadas como sinais de esperança de retorno, novamente construindo a noção de que a própria matéria do texto lhe traz resquícius do que é ser romano e, para concretizar sua identidade, o orador precisa adequar seu comportamento a uma idealização modelar do que se espera de um romano. Por isso, pede conselhos com constância e não pode agir sem os devidos cuidados da análise política de sua condição. Ele pede, portanto, que as epístolas tragam mais detalhes e sejam melhor trabalhadas, para que possa agir com mais precisão: “Logo, rogo-te que notes totalmente para mim tudo que ocorrerá; escrevas as que avaliares tal como avaliares.” *“Itaque te rogo plane ut ad me quae scis ut erunt, quae putabis ut putabis ita scribas.”*

Epístola 20 (Att. 3.17) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônica em 04 de setembro de 58.

O sobrinho de Públio Clódio acusara Quinto de crime financeiro, assunto tratado nessa epístola. Tanto esse inquérito quanto o de Ápio¹²⁵ foram apresentados em missivas recebidas por Cícero como não alterados, o que são péssimas notícias para o orador, mas ele diz que aguardará a causa ser julgada e recorrerá aos auxílios de Ático para prosseguir nos avanços de sua causa recorrerei a ti ou então ainda me deterei nas imediações desses lugares.”.

Nesta carta a *amicitia* entre o autor e o destinatário é exaltada como bem a ser desfrutado. Segundo Roger Rees (2007, p. 157), a menção a esses vínculos sociais em epístolas era uma estratégia comum para exigir esforços para cumprir certo dever socialmente associado à função do *amicus*, tal como feito no fim da carta: “Só queria que o destino me permitisse que, incólumes, gozemos totalmente da nossa amizade.” *“Tantum uelim fortuna det nobis potestatem ut incolumes amore nostro perfruamur.”*. Essa menção é feita logo antes de dizer que anseia frequentemente pelas cartas do destinatário, elogiadas ao longo desses pedidos.

Epístola 21 (Att. 3.18) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônica em meados de setembro de 58.

¹²⁵ Ápio Cláudio Pulcro, irmão de Clódio, foi pretor em 57, encarregado de dirigir o processo contra Cícero.

Aqui é explicitada a importância de Pompeu para o processo de busca por restauração de Cícero. De fato, o triúviro possuía influente ligação não só com o orador, mas com vários setores das elites romanas e, tal como nos expõe Thomas Mitchell (1973, p. 1-4), as aproximações feitas por ele com as oligarquias romanas no final da década de 60 lhe garantiu importante espaço na política romana. Como forma de manter sua posição social, o general se associou aos tradicionais grupos senatoriais, criando uma aliança civil-militar e trazendo a *Concordia* a tona, acumulando para si grande prestígio social e certa concentração de poder. Esse processo coincidiu com o momento no qual Cícero esteve em maior destaque, tanto ocupando o cargo de cônsul quanto recebendo honrarias pelo seu trabalho contra a Conjuração de Catilina. Os dois personagens históricos viram um no outro a possibilidade de se estabelecer socialmente a partir da relação entre eles, tornando-os exemplos do que Konstan (2005, p. 125) trata como indivíduos que buscam a ascensão dentro de uma hierarquia política a partir da *amicitia*.

Nesta epístola em específico, o lugar do autor e a cena que ele constrói são elementos diretamente afetados pela sua condição política; por um lado isso é demonstrado pelo fato de estar buscando ocupar o espaço de uma aristocracia senatorial diretamente vinculada a Pompeu, mas por outro lado, a epístola precisa solucionar a questão de Cícero ter sido elemento de *discordia* ao não compartilhar com o *ethos* de outras elites. Aí temos uma visão não dualista dos conflitos políticos que ocorreram nos fins da República Romana, pois não há apenas dois grupos – como tradicionalmente são definidos por *optimates* e *populares* – mas um conjunto de elites que constroem discursos que ora soam menos aristocráticos por quererem se afastar de outros grupos, ora se mostram elitistas ao se aproximarem de alguns deles.¹²⁶

Os posicionamentos políticos estabelecidos no interdiscurso não são fixos; ao contrário, são fluidos e se alteram com frequência. Nesta carta, Cícero depende de César e de Pompeu, não podendo fomentar uma disputa entre os dois: “certamente Pompeu defenderá a minha causa e, logo que a carta que ele espera tenha sido enviada a ele por César, também apresentará o autor.” “*causam nostram Pompeium certe suscepturum et, simul a Caesare ei litterae quas expectaret remissae essent, auctorem etiam daturum*”. Apesar de em outros momentos ele se posicionar contra ambos, principalmente pelo

¹²⁶ Como ressaltado no primeiro capítulo, para o aprofundamento na conceituação de *Optimates* e *Populares* desconstruindo a noção de que esses grupos compõem partidos políticos, cf. Yakobson (2017). Para o aprofundamento na visão da República e do Principado romano enquanto regimes políticos de múltiplas elites, cf. Favarsani e Joly (2013).

perigo da concentração de poder (*Att.* 1.17.8-10; 1.18; 1.19.6-8; 1.20.2-3; 2.1.6-8), a associação entre os triúnviros e o arpinate, portanto, é complexa e ambígua, se transformando segundo o contexto político de cada momento. Uma das principais formas de observar essas alterações é acompanhar cronologicamente as epístolas do orador; não só nós fazemos isso, mas também os próprios antigos obtinham informações constantemente esperando pelas notícias de seus remetentes e é justamente nesse ponto que toca esta epístola em seu fim.

“Informa-me, se vês que estou lançado em tão grandes males e se julgas ser da tua humanidade, informame sobre toda a minha causa.” “*Fac, si uides quantis in malis iaceam et si putas esse humanitatis tuae, me fac de tota causa nostra certiozem.*” e por fim “Faze, peço-te, com que eu saiba de tudo que pode ser cuidadosamente sondado por ti.” “*Fac, obsecro te, ut omnia quae perspici a te possunt sciamus.*”, vemos frases imperativas com a repetição do verbo *fac* (faze), preenchidas com estratégias discursivas na epístola e observamos o pedido de envio das novidades acerca da causa composto por esses aspectos. Aí faz-se permitido o uso do imperativo em decorrência da situação das súplicas por ajuda (o *pathos* permite tons que seriam descabidos em situações comuns). A carta, portanto, nesse momento em que Ático já não pode acompanhá-lo, é a substituição – não satisfatória – do indivíduo *in absentia*, que deve exercer seus ofícios à distância, oferecendo seus conselhos e garantindo o bem estar do orador.

Epístola 22 (*Att.* 3.19) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônica em 15 de setembro de 58.

É justamente pelo não recebimento de notícias que o orador se reclusa na Tessalônica, cidade menos distante de Roma do que a Ásia, o que é uma característica importante. A Tessalônica, enquanto espaço físico e social se torna uma negociação paratópica entre o lugar e o não lugar, tornando-a um ambiente de escrita por vezes visto positivamente, mas não sempre: “fui retido em Tessalônica pela esperança e pelo desejo de bem estar.”. O Epiro, no entanto, é o ponto de encontro desejado tanto por representar um ambiente mais reservado quanto por ser um ambiente mais seguro para a chegada e partida de Ático, por conta de ser muito mais próximo de Roma do que a Tessalônica.

É repetido o desejo de morrer, mas desta vez o orador traz junto a isso a informação “estarei com poucos, despedirei muitos” “*Ero cum paucis, multitudinem dimittam*”, o que significa que poucos estarão com ele de fato no fim de sua vida, mas muitos já foram lhe foram próximos e, por isso, despedirá um grande número de pessoas. É destacado portanto o fato de ter passado por diversos indivíduos de grande influência em Roma, mas que estes não lhe acolhem mais no momento de dificuldade e, por isso, estará com poucos em seu fim.

Já foi dito, no entanto, que a morte não é uma alternativa em questão e, por isso, a carta segue com o texto tratando sobre a possibilidade de salvação, que só é alcançável por meio das epístolas de Ático, fonte de conexão entre Cícero e Roma. Também para destacar seus vínculos com a *Vrbs*, ele menciona Públio Séstio, senador que seria pretor em 53; menciona também Terência, Túlia, seu filho Marco e Quinto, que provavelmente são os “poucos” mencionados no trecho anterior.

É feito depois um pedido para ajudar Quinto caso Ático perceba que Cícero tenha sido traído pelos indivíduos que o colocaram naquela situação, mas essa solicitação é realizada com a utilização do vocativo *T. Pomponi*, como quem fizesse um pedido formalizado, recurso que fica ainda mais evidente ao percebermos que geralmente o destinatário é chamado de *mi Pomponi*, como pode ser observado em outras epístolas também quando são realizadas súplicas (*Att.* 3.9; 3.4; 3.22; 3.23). Após isso, é solicitado também que o destinatário cuide de Terência e seus filhos e que possa oferecer um espaço em sua propriedade que possa ser ocupado pelo corpo do orador “que venhas me ver, se podes, e me dê da tua propriedade tanto quanto pode ser ocupado pelo meu corpo” “*inuisas, si potes, mihi que ex agro tuo tantum adsignes quantum meo corpore occupari potest*”, buscando assim ocupar um lugar que o associe diretamente com um romano.

Epístola 23 (*Att.* 3.20) – Enviada a Quinto Cecílio e escrita em Tessalônica em 05 de outubro de 58.

Não se sabe muito sobre o destinatário, salvo o fato de que é filho de Pompônio Ático; todavia, nesta carta é feito um forte paralelo entre a vida anterior ao exílio e o momento de calamidade por que Cícero passa em 58 a.C. e, por isso, ela muito nos interessa. No primeiro parágrafo é questionada a lealdade de indivíduos nos quais orador afirma ter

confiado: “se a lealdade daqueles em que confiei não tivesse faltado!” “*si fides eorum quibus credidimus non defuisset!*”. Novamente é notado que em momento algum é mencionado que houve crime ou erro por parte do autor, mas um engano cuja responsabilidade é daqueles que o traíram. Cria-se nesse momento uma oportunidade para falar da vida antiga:

mas sei com certeza que lembras que vida era a minha, que bom gosto, que dignidade. Para eu recuperar essas coisas (pelo que há de mais caro!), aplica-te, como fazes, e trata do dia do nascimento da minha volta para que, em tuas moradas tão amenas, eu o passe contigo e com os meus.

sed tibi in mentem uenire certo scio quae uita esset nostra, quae suauitas, quae dignitas. Ad quae recuperanda, per fortunas! incumbe, ut facis, diemque natalem reditus mei cura ut in tuis aedibus amoenissimis agam tecum et cum meis.

É descrita a *dignitas*, conceito fundamental para compreender a maneira como se constrói socialmente um aristocrata romano. Para além de riquezas, era necessário que os indivíduos que objetivassem pertencer a uma ordem social prestigiosa – tal como a equestre – moldassem seu comportamento com base em um padrão socialmente aceito pelas elites. A *dignitas* era um dos elementos desse comportamento e envolvia uma noção de prestígio e carisma através de atitudes relativamente performáticas, como as *salutationes* matinais e outros hábitos do cotidiano aristocrático (BALSDON, 1960, p. 43), podendo, portanto, ser questionada no caso dessas práticas serem alteradas ou de um membro dessas elites não ter um *ethos* correspondente a elas.

Nesse sentido, é pedido – com o uso do recurso *ut facis*, ou seja, mantendo um cuidado para a construção de um discurso virtuoso e com *dignitas* – ao destinatário a realização de esforços para a recuperação das honrarias perdidas, que culminarão no que Cícero chama de nascimento de sua volta “*natalem reditus*”. Como podemos observar, a ideia do retorno torna-se uma espécie de renascimento do autor, de forma a compor uma nova fase de sua vida. Os discursos assumidos por ele, portanto, durante e após o exílio – tanto nas orações quanto nas epístolas – vinculam sua restauração a virtudes gloriosas, tal como vemos em carta a Lúcio Luceio, na qual o arpinate encomenda sua biografia prescrevendo algumas ênfases desejadas, principalmente quanto à conjuração de Catilina e ao seu retorno para Roma: “Me parece que do princípio da conjuração até o meu retorno poderia ser compilado em um volume adequado.” “*a principio enim coniurationis usque ad reditum nostrum uidetur mihi modicum quoddam corpus confici*

posse” (*Fam.* 5.12). Desde meados de seu exílio, portanto, Cícero se preocupa com a forma por que seu retorno será construído em termos discursivos.

Entre os principais elementos buscados para a restauração, podemos destacar a casa de Cícero localizada no Palatino, símbolo de sua essência aristocrática. Na própria carta, esse bem é posto como privilegiado em detrimento de outros: “Sobre a completa salvação, se ao menos a casa me for restituída, todas as coisas se acharam, dentre as quais nada prefiro a ela.” “*In uniuersa salute, si ea modo nobis restituetur, inerunt omnia; ex quibus nihil malo quam domum.*”. Segundo esse trecho, a restituição da casa significava a restituição de um estatuto social que o autor ocupava anteriormente, não apenas pelo espaço físico do Monte Palatino em si, mas pela influência política que a *domus* possui para um aristocrata.

Posteriormente à questão da casa, pede-se que o destinatário relate notícias sobre a lei do exílio e faz-se comentários sobre os projetos dos tribunos que seria favorável a Cícero (COSTA, 2013, p. 94), mas ele não se demonstra satisfeito com a lei apresentada por Séstio, pois ela “não possui dignidade suficiente, nem precaução” “*neque dignitatis satis habet nec cautionis*”. Mais uma vez comprova-se o cuidado que o orador faz questão de exibir perante os discursos que envolvem sua rogação.

Epístola 24 (*Fam.* 14.2) – Enviada a Terência, Túlia e Cícero e escrita em Tessalônica em 05 de outubro de 58.

Novamente são feitas justificativas quanto à extensão da escrita de sua epístola para Terência e seus filhos. Por certo, um *paterfamilias* não poderia deixar de dialogar cotidianamente com sua família, instituição apresentada como microcosmo da sociedade romana, afinal, exercer sua função não era apenas uma responsabilidade familiar, mas um dever perante um ideal cívico de *fides*. Considerando que Cícero desejava exibir a imagem discursiva de um aristocrata seguidor dos ideais republicanos romanos, torna-se necessário defender sua posição social ao justificar erros ou desvios de sua conduta. Assim, o autor permanece com a utilização estratégica do *pathos* para diminuir o impacto da sua escrita curta e infrequente ao afirmar que suas lágrimas e sua tristeza não o permitem redigir da forma adequada: “A verdade é que a ti e à nossa Tuliazinha não posso escrever sem muitas lágrimas.” “*Ad te uero et ad nostram Tulliolam non queo sine plurimis lacrimis scribere.*”.

Após comentar sua própria tristeza, o orador também menciona a de suas destinatárias e diz ter responsabilidade sobre o estado emocional delas: “Realmente, vejo que estais muito infelizes, aquelas que eu sempre quis que fossem muito felizes; e isso eu deveria garantir e, se não tivesse sido tão medroso, teria garantido.” “*Vos enim uideo esse miserrimas, quas ego beatissimas semper esse uolui, idque praestare debui et, nisi tam timidi fuissetis, praestitisset.*”. Aqui temos uma demonstração de fragilidade do autor que em geral, só é feita com tanta intensidade quando dialoga com sua esposa, pois as relações sociais entre *uiri romani* são mediadas por outras normas de conduta e não permitiriam tais atitudes viciosas, tal como o orador depois escreveria em seu tratado *De Officiis* (1.98): “A nós, porém, pela natureza foi determinado o dever de constância, moderação, temperança e respeito; a natureza; a natureza também nos ensinou a não negligenciar a maneira como nos portamos diante dos homens.” “*Nobis autem cum a natura constantiae, moderationis, temperantiae, uerecundiae partes datae sint eadem natura doceat non neglegere, quemadmodum nos aduersus homines geramos.*”

Quanto a esse trecho, o termo utilizado é “*homines*”, que pode ser entendido como “pessoas” ou “humanos”. Todavia, pensando na ocupação idealizada para cada tipo de indivíduo na Roma republicana e, sabendo que o caráter virtuoso determinado para romanos envolvia por muitas vezes a ocupação de espaço negado a quaisquer mulheres e a homens de baixo prestígio social, nos atentamos para o fato dos discursos latinos em tons generalizantes com termos tais quais *homines* não serem inclusivos. Por isso entendemos que Cícero se refere a aristocratas ou, ao menos, discursa nessa obra para um público extremamente restrito ao qual Terência não pertence. Portanto, essas predeterminações de comportamento não necessariamente se aplicam a relações com mulheres e, por isso, há a liberdade para escrever de maneira demasiadamente patética (*pathetica*). Além disso, como visto acima, é afirmado que não se pode escrever a Túlia e Terência sem lágrimas, mas nada é dito em específico em relação ao filho.

Todavia, apesar da negação a determinadas condições discursivas na sociedade romana, é visto que a destinatária possui importante papel na causa ciceroniana, afinal, o próprio autor diz ser ela uma das pessoas que o aconselha em relação ao cenário político e possui grande esperança nos tribunos:

Nos novos tribunos da plebe vejo que tens esperança. Isso será seguro, se for a vontade de Pompeu. Porém, temo Crasso. Vejo que, sem dúvida, tudo é feito por ti de forma muito corajosa e amorosa e não

me admiro, mas lamento ser a queda de tal forma que as minhas misérias sejam aliviadas pelas tuas tão grandes misérias.

In nouis tr. pl. intellego spem te habere. Id erit firmum, si Pompei uoluntas erit; sed Crassum tamen metuo. A te quidem omnia fieri fortissime et amantissime uideo nec miror, sed maereo casum eius modi ut tantis tuis miseriis meae miseriae subleuentur.

Assim supomos que a esposa de Cícero não seja mera expectadora, mas uma forte atuante na política que concerne ao exílio de seu marido. O arpinate pede também o envio de cartas para indivíduos não mencionados, além de dizer não saber a quem escrever. Ou seja, Terência, Túlia e Marco possuem o papel de buscar indivíduos que lhes possam ser úteis nesse momento.

Não sei a quem escrever a não ser aos que me escrevem ou àqueles sobre quem me escreveis algo. Para mais longe não irei, pois assim vos agrada. Mas, queria que enviásseis cartas o mais amiúde possível, mormente se o que esperamos está mais firme.

Ego ad quos scribam nescio, nisi ad eos qui ad me scribunt, aut ad eos de quibus ad me uos aliquid scribitis. Longius, quoniam ita uobis placet, non discedam; sed uelim quam saepissime litteras mittatis, praesertim si quid est firmitus quod speremus.

E assim o texto é encerrado, com um pedido ao mesmo tempo esperançoso e lamentoso de atitudes que possam colaborar para o retorno a Roma.

Epístola 25 (Att. 3.21) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônica em 28 de outubro de 58.

Cícero apresenta uma reclamação ao destinatário pelo não recebimento de cartas, que como já observamos, é uma problemática e pode ser mal visto, pois um *amicus* não estaria cumprindo com sua função na relação social ao deixar de se apresentar a partir desses textos. Depois, reafirma a vontade de ir ao Epiro, esperando que receba lá qualquer notícia acerca de sua rogação.

Um dos aspectos mais interessantes deste texto é o fato do arpinate pedir ao seu *amicus* que escrevesse em seu nome cartas a quem achasse necessário, criando uma grande problemática em relação à autoria epistolar na Antiguidade.¹²⁷ Se esse ato era

¹²⁷ É fato, contudo, que a noção de autoria criada pelos oitocentistas que permanece intensamente na atualidade difere totalmente das que existiam na Antiguidade até o Renascimento. Se pensarmos no gênero epistolar enquanto literário, podemos enxergar uma assinatura em nome de outro indivíduo na Antiguidade como sendo não problemática, mas uma forma de se inserir em uma tópica ou uma

considerado comum, é possível que a utilização de outros indivíduos para escrever missivas em determinado nome fosse uma estratégia comum para resolução de conflitos sociais e políticos.

Esse pedido encerra o texto, mostrando que quando escreve a esse remetente em específico, o autor toma a liberdade de deixar de lado algumas formalidades do gênero, tal como a despedida, que em uma situação política ocasional se faria necessária. Essa omissão do “*cura ut ualeas*”, comum em outras cartas do orador, pode ser indicativo de pressa, desespero ou considerar o vínculo com Ático forte o suficiente para poder ignorar esses elementos textuais. Pela pequena extensão desta carta em específico, acreditamos que as três hipóteses são verdadeiras.

Epístola 26 (Att. 3.22) – Enviada a Ático e escrita em Tessalônica e em Dirráquio no dia 25 de novembro de 58.

Desde que Cícero fora a Tessalônica, essa é a primeira epístola escrita – ao menos em parte – em outro local: Dirráquio. A cidade era conectada à capital da província da Macedônia a partir da *Via Egnatia* e se tornou uma década depois o ambiente de colônia das legiões de Augusto na Batalha de Ácio, evento significativo da passagem da República para o Principado. Além de ser local de base militar e naval, Dirráquio era extremamente movimentada por ser uma cidade portuária. Catulo (36) a chama de Taberna do Adriático “*Hadriae tabernam*” e afirma ter existido um templo de Vênus lá, apesar de, segundo Morgan (1980, p. 61), não haver outras referências a esse monumento. O que nos interessa nessa nomenclatura que o poeta dá à cidade é o fato de ser uma espécie de ponto de parada em direção ao Adriático, mas Morgan (1980, p. 67) enxerga ironia nesse trecho, pois no poema, Catulo satiriza a obra de um tal Volúcio, que elogiava os feitos de Pompeu contra os piratas em 67.¹²⁸ Dessa forma, a maneira como chama Dirráquio é uma citação a um trecho especialmente ruim do poeta ironizado ao longo da obra de Catulo. Este chama os escritos de Volúcio de “papeis cagados” “*cacata carta*”. Há, portanto, diversas interpretações acerca da *urbs* portuária: para os apoiadores de Pompeu, é símbolo de um ponto de estadia para uma viagem

determinada postura discursiva. Para saber mais sobre a diversidade de conceitos de autoria cf. Barthes (1984) e Foucault (2011).

¹²⁸ Segundo Apiano na obra *Historia Romana* (14.94), Pompeu teve um forte papel na campanha contra piratas graças à *Lex Gabinia*, que lhe deu acesso a diversas legiões e 200 navios que, sob seu comando, lidaram com esses adversários.

gloriosa, mas para Catulo, que se sabe ter apoiado César (SCOTT, 1971), quem se refere a ela de forma positiva escreve de forma questionável.

A carta é iniciada com um pedido polido para que Ático escreva com maior frequência. Como podemos observar no trecho “gostaria que a tua ocupação não te impedisse, de modo que não me escrevesse, como estás acostumado, o que seria feito e o que perceberias.” “*tamen uellem tua te occupatio non impedisset quo minus, ut consuesti, ad me quid ageretur et quid intelligeres perscriberes.*”. Uma exigência demasiada poderia afastar Ático de sua causa e, por isso, Cícero utiliza de diversos recursos para tornar seu pedido mais aceitável: o primeiro a reconhecer que são diversas ocupações que impedem Ático de escrever, o segundo é dizer que essa infrequência não é costume do destinatário “como estás acostumado” “*ut consuesti*”.

Há também uma relação intrínseca entre os costumes de um indivíduo com a identidade à qual ele está associado, fazendo com que as práticas de representação simbólica se tornem o meio pelo qual as diversas sociedades criem símbolos produtores de significado e assim os sujeitos se posicionam nesses grupos (WOODWARD, 2000, p. 12). Portanto, a polidez aristocrática romana deveria ser inserida, de fato, no discurso ciceroniano, caso o autor desejasse de alguma forma se afiliar à sociedade da qual foi exilado, afinal o exílio é uma forma de abalar sua identidade.

A *lex clodia* trouxe ao exilado múltiplas consequências negativas e uma delas é a impossibilidade de livre trânsito uma vez que os locais pelos quais ele agora poderia percorrer não são seguros em seu ponto de vista e assim ele se mantém na Tessalônica sob proteção do questor Plâncio: “Até agora Plâncio, por sua generosidade, já algumas vezes me contém o esforço de ir para o Epiro.” “*Me adhuc Plancius liberalitate sua retinet iam aliquotiens conatum ire in Epirum.*”.

Há, no entanto, uma problemática em sua reclusão, uma vez que o cônsul de 58, Lúcio Pisão, se aproxima da Macedônia com tropas e este é inimigo de Cícero; portanto, o orador deve sair desse ambiente que tanto o marcou durante o exílio: “Mas agora, que se diz que os soldados se aproximam, é importante que eu aja e me retire deste lugar.” “*Sed iam, cum aduentare milites dicentur, faciendum nobis erit ut ab eo discedamus.*”.

Posteriormente o texto é escrito em tom otimista acerca das ações de Pompeu, Metelo e Lêntulo, três personagens que são de grande influência em Roma e se filiam à causa de

Cícero por razões distintas. Assim seu processo parece estar sendo desenrolado de forma positiva para ele. Isso, no entanto, não é o suficiente para que ele pare com as lamentações, pois logo prossegue a epístola dizendo que a saudade sentida o oprime, utilizando isso como justificativa polida (considerando que esse apelo é um recurso patético) para requisitar epístolas e notícias mais frequentes por parte de Ático: “Meu Pompônio, luta para que me seja permitido viver contigo e com os meus, e escreve-me todas as coisas. Sou oprimido tanto pela aflição quanto pela saudade de tudo que para mim sempre foi mais caro do que eu. Cuida para que estejas bem.” “*Mi Pomponi, pugna ut tecum et cum meis mihi liceat uiuere et scribe ad me omnia. Premor cum luctu, tum desiderio omnium rerum quae mihi me cariores semper fuerunt. Cura ut ualeas.*”.

Epístola 27 (Fam. 14.1) – Enviada a Terêncio, Túlia e Cícero em Tessalônica e em Dirráquio em 25 de novembro de 58.

A carta é escrita de duas cidades diferentes e essa transição muito afeta a construção da viagem ciceroniana. Em primeiro lugar, como ele próprio diz, Dirráquio é mais próxima da Itália do que Tessalônica “Vim para Dirráquio porque a cidade é livre, atenciosa para comigo e próxima da Itália.” “*Dyrrhachium ueni, quod et libera ciuitas est et in me officiosa et proxima Italiae*”. Em segundo lugar, apesar dos conselhos, ele decidiu não mais permanecer onde estava, portanto, algo estava errado lá. Pelo fato do orador citar uma epidemia ao longo dessa carta, cremos ser esse o maior problema da capital da Macedônia.

Ainda assim, a esperança é mantida com base nos favores de Lêntulo, o tribuno naquele ano; Pompeu, que além de triúnviro era grande aliado do Senado; César, triúnviro popular. Desenhava-se, portanto, um cenário no qual devido à efetiva política diplomática mediada pela correspondência entre esses indivíduos e seus aliados, Cícero tornara a ser desejado por mais cidadãos romanos.

A troca de missivas dependia de escravos e por isso, o orador os menciona, novamente usando um nome mais polido, usando dessa vez a sinédoque: “Quanto à família, fazemos como escreves ter agradado aos amigos.” “*De familia quomodo placuisse scribis amicis faciemus.*”. Os escravos compunham a família romana, assim, é possível referir-se a eles utilizando o todo para se referir à parte. No trecho em questão, sendo

assim, o autor está se referindo aos escravos, tal como visto na tradução de Marco Antônio Costa (2013, p. 101).

É temida a presença de Lúcio Pisão¹²⁹ na Macedônia, mas a proteção oferecida por Plânicio não deve ser negligenciada. Não é lá, entretanto, que poderá encontrar quem deseje e, por conta disso, há ainda uma insatisfação em permanecer fora de Roma: “Se eu vir esse dia e se voltar para os vossos braços e se recuperar a vós e a mim mesmo, parecerei ter colhido para mim um fruto bastante grande do vosso amor e do meu.” “*Quem ego diem si uidero et si in uestrum complexum uenero ac si et uos et me ipsum recuperare, satis magnum mihi fructum uidebor percepisse et uestrae pietatis et meae.*”.

É interessante notar que o retorno de Cícero é colocado como a recuperação não só dele mesmo, mas também a de seus remetentes. Observamos duas causas para esse fato: a primeira é a que sem um *pater-familias*, em tese, se dificultaria muito a manutenção política e social da família. A segunda é o fato da perenidade do exílio intensificar a estigmatização não apenas do orador, mas também de sua família por serem diretamente associados a ele.

O *ethos* de um romano possuía uma relação de dependência com o de seus familiares, elemento visível em vários discursos ciceronianos, tais quais a defesa a Célio, na qual Clódia e Clódio são diretamente associados negativamente por serem da mesma família (*Cael.* 50) e na defesa a Árquias, onde faz justamente o contrário para criar uma imagem positiva para o poeta, dizendo que este nasceu em família nobre (*Arch.* 3).

Essa forma de associação também é um imediato elogio a si mesmo ao denotar a virtude de seus pares. Ou seja, apesar de haver uma espécie de *mea culpa* e autocrítica ao dizer ser responsável por aquela situação, quando Cícero exalta Terência, há uma remediação dos erros passados, pois as virtudes da destinatária são transmitidas para o orador.

Tanto pelas cartas de muitos quanto pela fala de todos me é anunciado serem incríveis a tua virtude e a tua coragem e que nem de alma nem de corpo és afadigada pelas provações. Ai de mim! Tu com tal coragem, fidelidade, integridade, bondade ter caído em tão grandes provações por minha causa, e a nossa Tuliuzinha, quanto mais do pai tão grandes alegrias obtinha, tanto mais tão grandes aflições receber!

¹²⁹ Segundo Tácito, era aliado de César e filho de fornecedores de armas para as legiões romanas (*Ann.* 1.77)

Et litteris multorum et sermone omnium perfertur ad me incredibilem tuam uirtutem et fortitudinem esse teque nec animi neque corporis laboribus defatigari. Me miserum! te ista uirtute, fide, probitate, humanitate in tantas aerumnas propter me incidisse, Tulliolamque nostram, ex quo patre tantas uoluptates capiebat, ex eo tantos percipere luctus!

E finalizando, antes de dizer que está em Dirráquio, o orador pede para que Terência fique bem, pois, tal como suas virtudes, o bem-estar de ambos também é colocado como compartilhado; talvez isso explique o pedido frequente por novas mensagens depois de dizer que ele afirma não conseguir mais escrever devido às lágrimas. Se não pode escrever pela tristeza, precisa construir uma imagem não abalada de sua esposa.

Epístola 28 (Att. 3.23) – Enviada a Ático e escrita em Dirráquio em 29 de novembro de 58.

É relatado o recebimento de três cartas enviadas por Ático. Na primeira, é recomendado ao orador que espere os processos políticos guiados pelos futuros cônsules Lêntulo e Metelo, cujos cargos teriam início no próximo ano; na segunda, é mencionada a aprovação de uma lei que prejudicaria a causa ciceroniana; na terceira, enviada dias depois, escreve-se acerca das ações de Crasso e Pompeu no processo que envolve o exílio de Cícero. Comentemos epístola a epístola:

Ambos os tribunos mencionados na primeira carta recebida foram de fundamental importância para o retorno do exilado à Roma. Considerando que Metelo Nepos fora aliado de Pompeu e inimigo de Clódio, o retorno do arpinate muito interessaria a esse cônsul para que ele pudesse se estabelecer mais intensamente no cenário político da República por meio da influência do *Pater Patriae*. Cícero e Nepos tiveram relações conturbadas, pois defenderam em alguns momentos causas distintas, chegando até a embates (*Dio Cass.* 37.38-51), mas dessa vez a conjuntura desenhada propiciou uma aliança entre os dois, que posteriormente foi agradecida pelo orador em carta após a restauração (*Fam.* 5.4). Lêntulo, também conhecido como Espínter, foi um dos principais responsáveis pela reestabelecimento de Ptolomeu XII no Egito durante seu proconsulado, tal como podemos observar ao longo de algumas epístolas que trocou com Cícero nos fins da década de 60 (*Fam.* 1.8; 1.9). Fora, além disso, aliado do orador desde sua eleição a cônsul em 63 e, sabemos que logo no dia primeiro de janeiro de 57, moveu-se para acabar com o banimento, ato mencionado em diversas obras ciceronianas (*Sest.* 40, 69; *Brut.* 77; *Att.* 3.22; *Fam.* 1.1.9). É possível, portanto, observar um

movimento estratégico pela formação de alianças políticas entre esses indivíduos objetivando a restauração do exílio.

A segunda carta recebida é comentada detalhadamente por apresentar trechos de projetos legais. Uma das principais reclamações quanto aos projetos apresentados pelos antigos tribunos é o fato de que trata sobre o retorno de Cícero não ser suficiente, pois não lhe garantiria o fundamental – apenas a cidadania e o estatuto social –, ou seja, a *domus*, já descrita como bem mais importante, não lhe seria restituída.

De fato, o projeto de lei dos antigos tribunos tinha três artigos: o primeiro, acerca da minha volta, escrito sem cautela, pois nada é restituído salvo a cidadania e ao estatuto social, o que para mim, no interesse do meu caso, é suficiente, mas as garantias que deveriam ter sido dadas e como não te escapa.

Nam ea ueterum tr. pl. rogatio tria capita habuit, unum de reditu meo scriptum incaute; nihil enim restituitur praeter ciuitatem et ordinem, quod mihi pro meo casu satis est; sed quae cauenda fuerint et quo modo te non fugit.

Teoricamente, cidadania e estatuto social deveriam ser suficientes para o reestabelecimento do orador enquanto romano, mas denota-se a falta de uma determinada “garantia”, que acreditamos ser a *domus*.

Em relação ao segundo artigo, é visto com normalidade o fato de apenas servir para proteger os que propuseram o projeto. O terceiro, no entanto, é carregado de vários problemas segundo o discurso epistolar, pois se limita a não afetar outras leis (em especial, a *lex clodia*), fato pelo qual Cícero demonstra se decepcionar. Há tom de suspeita ao longo da carta, na medida em que, segundo o autor, os artigos dessa lei proposta se estruturam de forma a dificultar ainda mais seu retorno ao impedir – sem razão justificável – que outros decretos sejam afetados.

E isto não afetava aqueles tribunos da plebe, pois não estavam sujeitos à lei de seus pares. Logo, maior é a suspeita da malícia de alguém ao redigirem isso que não se referia a eles mesmos, mas era contrário a mim, de modo que, se os novos tribunos fossem mais receosos, muito mais julgariam que nesse artigo deve ser usado para si.

Atque hoc in illis tr. pl. non laedebat; lege enim collegii sui non tenebantur. Quo maior est suspicio malitiae aliquoius, cum id quod ad ipsos nihil pertinebat, erat autem contra me, scripserunt, ut noui tr. pl., si essent timidiores, multo magis sibi eo capite utendum putarent.

Julga, portanto, os tribunos como descuidados ou maliciosos, sabendo que esses indivíduos eram sua maior esperança naquele momento devido à importância do *Concilium Plebis* no que se refere às questões do exílio em Roma. A desconexão com uma instituição tão relevante desanima e angustia o orador, que agora diz estar sem esperanças.

Há muito tempo causa vergonha escrever tão longamente, pois temo que já não leias sobre uma causa sem esperanças, de modo que este meu cuidado, digno de compaixão para ti, parecesse aos outros que deve ser ridicularizado. Mas, se há algo relativo à esperança, examina a lei que Caio Visélio redigiu para Túlio Fádio. Ela muito me agrada.

Iam dudum pudet tam multa scribere; uereor enim ne re iam desperata legas, ut haec mea diligentia miserabilis tibi, aliis irridenda uideatur. Sed si est aliquid in spe, uide legem quam T. Fadio scripsit Visellius. Ea mihi perplacet;

Caio Visélio Varrão era primo de Cícero que ocupara o cargo de edil em Roma (*Brut.* 76), o que implicava em ter responsabilidade sobre a jurisdição civil na *Vrbs*. Assim, ele se tornou um contato conveniente não apenas pelo parentesco, mas também por estar diretamente envolvido com causas cívicas. Nesse trecho, observamos o reconhecimento de esforços desse homem para a restauração do arpinate ao dialogar com o tribuno Tito Fádio, apoiador do orador durante o consulado em 63 e um dos principais políticos envolvidos no retorno dele. Coincidentemente, o tribuno fora exilado e o próprio Cícero o consolara durante esse período como observado na carta enviada em 52:

Apesar de ser quem deseja te consolar, estou eu mesmo necessitando de consolo, pois nada até então tem me afetado mais do que tua injúria. No entanto, não apenas desejo, mas rogo e imploro que em nome de nosso afeto, tu te segures e ajas como um homem. Lembra dos homens e da condição da época em que nascemos. A virtude te ofereceu mais do que a Fortuna tomou. (*Fam.* 5.18)

Etsi egomet, qui te consolari cupio, consolandus ipse sum, propterea quod nullam rem gravius iamdiu tuli quam incommodum tuum, tamen te magno opere non hortor solum, sed etiam pro amore nostro rogo atque oro, te colligas virumque praebeas et, qua condicione omnes homines et quibus temporibus nos nati simus, cogites. Plus tibi virtus tua dedit, quam fortuna abstulit.

Esse tipo de consolação era comum a qualquer processo de exílio, pois é de bom tom que o cidadão romano ajude o *amicus* em tamanha calamidade (CLAASSEN, 1999, p.19), mas a epístola a Ático que aqui analisamos parece rezear um abandono de uma

causa sem esperança; isto é, ainda que haja a expectativa de apoio a um *amicus* durante o seu banimento, caso o processo se mostre demasiadamente complicado ou até perdido, é aceitável que a causa seja abjurada, isentando o indivíduo dessas responsabilidades sociais, que são comumente exigidas.

Ainda naquele trecho, a extensão da escrita é vista como inapropriada devido a um alongamento de um assunto já tratado, o que mostra que a adequação ao gênero epistolar não é contestada apenas quando o tamanho é diminuto, mas também quando o texto se alonga sem necessidade. Quando, porém, o orador diz no início da carta ter recebido três epístolas e estar respondendo a todas elas, ele justifica sua ação.

Constantemente é necessário cuidar de seu *ethos* ao longo do período de exílio e esse zelo não é feito meramente pela adequação discursiva com base no gênero, mas também levando em conta a situação do exílio em si, que exige uma série de nuances. Por um lado o *exsul* se reconhece na situação de calamidade denotando os problemas que ela traz, por outro ainda deve buscar elementos que compõem uma identidade aceitável pelos romanos (MAY, 1988, p. 164-165) e fortalecer os laços remanescentes de diversas formas, principalmente, através das epístolas, que realizam a manutenção das relações de *amicitia*. Mais uma vez, vemos a exaltação da *amicitia* como forma de exigência de algum favor do destinatário: “por teus deveres de amizade, cuides de Terência, a primeira de todas as mais infelizes. Irei para o Epiro logo que receber as notícias dos primeiros dias. Gostaria que me relatasses na próxima carta como se deram os começos.” “*Terentiam, unam omnium aerumnosissiman sustentens tuis officiis. Ego in Epirum proficiscar quom primorum dierum nuntios excepero.*”. A utilização do termo *officium* muito nos interessa, pois, como ressalta Saller (1982, p. 20), o dever nomeado dessa forma possui, de fato, um caráter obrigatório nas relações de *amicitia* e, caso não realizado, poderia culminar no abalo dos laços entre os indivíduos.

Posteriormente, ainda mantendo a cobrança em nome da amizade entre ambos, é reiterada a necessidade de enviar notícias assiduamente, além de ser pedido em específico que se fale como foi dado o início dos novos cargos para o ano de 57: “Gostaria que me relatasses na próxima carta como se deram os começos.” “*Tu ad me uelim proximis litteris ut se initia dederint perscribas.*”

Epístola 29 (Fam. 14.3) – Enviada a Terênciã, Tulia e Cícero e enviada em Dirràquio em 29 de novembro de 58.

Cícero inicia a epístola com uma captação da benevolência de Terênciã ao dizer que reconhece as tristezas da destinatária que o afligem mais do que as suas próprias, mas afirma que a culpa dos problemas que passam é dele.

De fato, sou consumido pela tristeza, minha Terênciã, e as minhas infelicidades não me atormentam mais do que as tuas e as vossas. Porém, nisto sou mais infeliz do que tu, que és muito infeliz: porque o mal em si pertence a nós dois, mas a culpa é minha própria.

Conficior enim maerore, mea Terentia, nec meae me miseriae magis excruciant quam tuae uestraeque; ego autem hoc miserior sum quam tu, quae es miserrima, quod ipsa calamitas communis est utriusque nostrum, sed culpa mea propria est.

Já mencionamos a importância do *pathos* para a retórica ciceroniana em especial durante o período de seu banimento, mas a captação da benevolência é um momento previsto justamente para o uso das emoções da audiência para trazê-la a causa do locutor. Aquele que discursa, portanto, terá com mais facilidade o apoio ao lado que defende a partir da busca da empatia daquele público.

Desta vez, é assumida culpa, mas não de um crime em específico que o levou à calamidade; ao contrário, o problema foi não se livrar do verdadeiro culpado enquanto houve oportunidade. Em 59, César convidara Cícero para receber uma patente militar na Gália em troca de livrá-lo de Clódio, mas o arpinate recusou a oferta (COSTA, 2013, p. 107) e é a esse evento que se refere o orador quando afirma ter errado: “Meu dever era evitar o perigo pela embaixada ou resistir com diligência e com tropas ou cair corajosamente no combate. Por isso, nada mais infeliz, mais torpe, mais indigno houve para nós.” “*Meum fuit officium uel legatione uitare periculum uel diligentia et copiis resistere uel cadere fortiter. Hoc miserius, turpius, indignius nobis nihil fuit.*”. Diante disso, o orador cria a noção da coragem que seria o enfrentamento direto a Clódio nesse período, ao dizer “me envergonho de não ter mostrado coragem e zelo à minha excelente esposa, aos filhos tão agradáveis.” “*pudet enim me uxori meae optimaе, suauissimis liberis uirtutem et diligentiam non praestitisse.*”. A partir dessa constatação, não só Terênciã e os filhos são elogiados, mas os adversários de Cícero são diretamente colocados como ameaçadores a eles, e, por isso, continuam sendo descritos como invejosos e culpados por aquela situação. Como é destacado na própria carta, a culpa da

calamidade não é do autor, mas desses invejosos: “Foi difícil me expulsar; é fácil não me deixar entrar. Mas, apesar de tudo, enquanto estiverdes na esperança, não desanimarei para que tudo não pareça ter acontecido por minha culpa.” “*elicere nos magnum fuit, excludere facile est. Sed tamen quamdiu uos eritis in spe, non deficiam, ne omnia mea culpa cecidisse uideantur.*”.

A escolha lexical é bastante curiosa nesse trecho, uma vez que o verbo “*elicere*”, nas *Catilinárias* (*Cat. 2.15*), é utilizado no sentido de lançar alguém ao exílio, mas quando é referido a Catilina, o orador diz “Há também quem diga, Quirites, que Catilina foi por mim ejetado ao exílio” “*At etiam sunt, qui dicant, Quirites, a me eiectum in exilium esse Catilinam.*”. Nesse caso, o vocábulo *exilium* foi explicitado, enquanto na epístola ele não aparece¹³⁰, fato que compreendemos como um cuidado para Cícero não se assumir enquanto exilado *stricto sensu* e perpetuar um discurso que o represente enquanto injustiçado por invejosos.

Não só os inimigos são descritos, mas também os aliados, inclusive os escravos, cujo empenho fora elogiado e dito ser de grande importância. Todavia, é repetido o fato da esperança estar nos novos tribunos da plebe e são continuados os lamentos lacrimajantes durante a escrita.

Epístola 30 (Att. 3.24) – Enviada a Ático e escrita em Dirráquio em 10 de dezembro de 58.

Ao receber notícias acerca de sua situação, o autor se mostra abalado e agitado, pois os tribunos daquele ano não pareciam ser aquiescentes à sua causa. Sem a ajuda e, pior, com a indignação deles, seria improvável que obtivesse sucesso no processo de restauração e, por isso se sente “fortemente agitado” “*commotus*”, que em latim, possui certa ambiguidade que nesta epístola muito nos interessa. Esse participio é uma forma do verbo *commoueo*, que é formado pelo prefixo *com* e o verbo *moueo*, significando literalmente “deslocado”, criando um duplo sentido para a frase de Cícero: “depois que me foi dito e escrito ser refutado o teu conselho, estou fortemente agitado [ou deslocado], pois aquela mesma esperança pequena que havia pareceria ter sido destruída.” “*postea quam mihi et dictum est et scriptum uehementer consilium uestrum reprehendi, sum grauiter commotus, quod illa ipsa spes exigua quae erat uideretur esse*

¹³⁰ Apesar de muitas vezes as traduções das cartas de Cícero, com o objetivo de clarificar (cf. Berman 1999) o discurso, utilizarem o termo “exílio” no idioma para o qual estão sendo traduzidas.

sublata.”. Sendo assim, a perda do favor dos tribunos não só o agita, mas o mantém deslocado de seu espaço e o coloca em posição estranha e estigmatizada de peregrinação constante, gerando assim o efeito paratópico. As ações daqueles que podem corroborar com a restauração, portanto, negociam a partir de conflitos discursivos em Roma o lugar do exilado.

Houve na epístola em questão a menção a uma esperança surgida, que muito provavelmente era com base na renovação dos cargos políticos em Roma, uma vez que a carta é datada de dezembro e os novos indivíduos assumem suas funções em janeiro, mas como visto, nem todos estiveram a favor de Cícero. Começa a ser reconhecido na epístola que defender o orador em Roma pode gerar malefícios e perdas àqueles que o fazem. Como Saller (1982, p. 77) explica, os romanos buscavam criar laços com indivíduos de grande prestígio social, de forma a receber honrarias ao partilhar das virtudes desses cidadãos. Isso significa que o contrário também é verdade, ou seja, evitava-se relações com indivíduos mal vistos socialmente, tornando a aproximação com exilados perigosa para a imagem dos que a realizavam.

Cícero demonstra entender esses problemas e por isso afirma: “Agora, se os cônsules quiserem estar mais afastados de mim, podem fazê-lo livremente.” “*nunc si consules a nobis alieniores esse uelint, posse id libere facere*”. Essa conclusão resulta tanto da irritação dos tribunos quanto da perda do vínculo de cônsules, pois ambas as magistraturas eram de demasiada importância na deliberação dos crimes cujos responsáveis acabam se exilando. A carta prossegue com o autor afirmando que o maior problema da regulamentação das províncias dos nomeados aos respectivos cargos é o fato de que os senadores, em tese, teriam sido convencidos por Ático e os cônsules Metelo e Lêntulo a não discutirem nada – principalmente no que se trata de temas simples e banais – até que o caso da privação da água e do fogo de Cícero tivesse sido resolvido.

O fato de outros assuntos serem tratados com mais urgência do que o retorno do banido torna sua situação mais complicada, pois mesmo com os cônsules a seu favor, nada poderia ser feito de fato sem o *concilium plebis*, que era mais favorável a Clódio. Então, só restava ao arpinate a espera por notícias francas de Ático, franqueza que segundo ele próprio é digna de agradecimento: “gostaria que me escrevesse e assim como

estabeleceste, pois essa franqueza, mesmo que não seja agradável, contudo me é digna de agradecimento.”.

Epístola 31 (Att. 3.25) – Enviada a Ático e escrita em Dirráquio na segunda metade de dezembro de 58.

Como nos demonstra Robinson (1994, p. 477), Cícero não costuma chamar seu próprio banimento de “exílio”; ao contrário, evita termos que possuam carga política e prefere chamá-lo lamentosa e poeticamente de *calamitas* (calamidade). Quando, portanto, ele diz “devo me consumir nesta calamidade.” “*nobis in hac calamitate tabescendum esse*”, ele se refere a como o banimento o consome.

Ainda o tom de cobrança acompanhado de lamentos se mantém, mas essas manifestações de tristeza são contidas, pois Cícero não quer que Ático também se consuma com o banimento: “mas, para que não pareça ingrato ou para que não pareça querer que tudo pereça junto comigo, omito estas coisas” “*Sed ne ingrati aut ne omnia uelle nobiscum una interire uideamur, haec omitto*”. É finalizada a carta com o pedido, repetitivo, de que Ático o encontre logo, mas o local não é determinado: “em qualquer lugar em que eu estiver” “*ubicumque erimus*”, manifestando novamente um efeito paratópico pela indistinção espacial.

Epístola 32 (Att. 3.26) – Enviada a Ático e escrita em Dirráquio em meados de janeiro de 57.

A carta informa a Ático que Cícero recebeu notícias de seu decreto a partir das palavras de Quinto. O orador afirma que fará uso da autoridade do Senado, se necessário para enfrentar oposições e preferirá a morte a ser apátrida: “passarei antes sem vida do que sem pátria” “*uita quam patria carebor*”, pedindo também que Ático se apresse para encontrá-lo.

O fato de mencionar a autoridade senatorial indica que há, por certo, aliados poderosos que poderiam ajudá-lo com maior imposição de poder, mas que o uso desse recurso não seria positivo, pois pode ser vicioso perante a um ideal republicano que se baseia na oposição à tirania. O texto é finalizado com o pedido, não novo, de ter pressa em encontrar o autor.

Epístola 33 (Fam. 5.4) – Enviada a Quinto Metelo e escrita em Dirráquio em meados de janeiro de 57.

São feitos comentários positivos acerca de cartas que o orador recebera de Quinto e Ático, de forma a descrevê-las por um viés esperançoso e benéfico, novamente demonstrando a importância do texto escrito e da própria matéria da missiva para o orador. A correspondência por parte de romanos, como já comentado, estabelece um vínculo entre Cícero e Roma, mediando sua condição enquanto cidadão. As cartas do arpinate, no entanto, são colocadas através de uma noção negativa: “Nessas condições, não ousei te amolar por cartas.” “*quae res fecit ut tibi litteris obstrepere non audeam*”, trazendo para nós a interpretação de que a escolha da situação em que o indivíduo se apresenta através desse gênero textual interfere no *ethos* que ele constrói.

Quinto Metelo é cônsul de Roma, portanto, ao se dirigir a ele, deve-se utilizar um discurso polido e ponderado. Na situação em que estava, perturbar demais alguém que ocupava o cargo do consulado poderia ser desastroso para suas tentativas de ser colocado enquanto romano. É interessante também comentar que Metelo fora inimigo de Cícero durante sua campanha eleitoral em 63 e era aliado de Clódio; segundo Dio Cássio (*Dio Cass.* 39.6), o cônsul foi contra o retorno do orador em 57 até ser pressionado por Pompeu e Espínter (seu colega de magistratura naquele ano) e provavelmente foi um dos principais motivos para a demora da oficialização do retorno do exílio.

Reconhecendo o relacionamento não amigável que possuía os aliados de seu destinatário, o autor utiliza do *pathos* e apela para a tópica da República ao pedir ajuda e também clemência: “Para sacrificar tuas inimidades pela república, venceste a ti mesmo. Serás levado a fortificar as alheias contra a república? Porque, se, por tua clemência, me trouxeres ajuda, afirmo-te que sempre estarei sob tua autoridade.” “*Tu, tuas inimicitias ut rei p. donares, te uicisti: alienas ut contra rem p. confirmes, adduceres? Quod si mihi tua clementia opem tuleris, omnibus in rebus me fore in tua potestate tibi confirmo*”.

Esse lugar comum na obra ciceroniana é utilizado, geralmente, em contraste com a tirania. Nas Filípicas, por exemplo, afirma – depois de se auto proclamar como salvador da República – que o povo romano deve escolher a liberdade da República ou a tirania de Marco Antônio (*Phil.* 2.32-34). Quando pede, assim sendo, ao seu interlocutor, que

aja em prol da República, pede para não agir como um tirano (mantendo a polidez para a maior eficácia do discurso).

O texto é finalizado com um desenho do cenário político violento caótico que seria instaurado caso Metelo não salve Cícero. Apesar de todos esses esforços persuasivos, sabemos que o cônsul se manteve contra o retorno do autor durante meses.

Epístola 34 (Att. 3.27) – Enviada a Ático e escrita em Dirráquio no início de fevereiro de 57.

“Pereci totalmente” “*nos funditus perisse*”, a última carta se abre com grande pessimismo em relação à situação do autor, descrença surgida, segundo Cícero, pela carta de Ático e pela própria conjuntura política. Sabemos, no entanto, que existe um grande vácuo temporal entre a última carta escrita no exílio (datada de fevereiro de 57) e o dia de seu retorno (agosto de 57); infelizmente, não possuímos relatos do próprio arpinate em epístolas sobre o que ocorreu nesse tempo, mas sabemos através de seus discursos algumas das personagens políticas que o ajudaram. Entre elas, certamente destacamos Ático, que nesta epístola foi pedido para cuidar dos próximos de Cícero, e sabe que o verá em breve. De fato, eles se veem posteriormente e ao contrário do que o autor nos convida a pensar, a restauração do exilado ocorre, mas ainda foi demandado nos discursos jurídicos grande esforço para o retrabalho do *ethos*. Sobre esse tema, porém, devem-se debruçar outros trabalhos.

Tomando as epístolas enquanto canais de conexão com o lugar que desejava alcançar, Marco Túlio Cícero utilizou diversas estratégias discursivas para construir uma identidade de valores compartilhados entre ele e algumas elites romanas com as quais desejava se associar. Assim sendo, indivíduos como Tito Pompônio Ático eram constantemente afiliados ao orador de forma aproximar ambos de um ideal de virtude socialmente aceito, trazendo prestígio a eles.

Sua voz transpareceu inicialmente em pequenos bilhetes, como chama Zélia Cardoso (1998, p. 29) e transformou-se posteriormente em cartas mais longas nas quais manifestava angústia e inquietação por estar excluído. Nós interpretamos essas demonstrações de tristeza não apenas como um lamento exposto devido à calamidade que aflige o orador, mas principalmente como estratégias discursivas. Ora, levando em conta que Cícero fora educado segundo os preceitos da retórica, que eram socialmente

estabelecidos na República Romana, não se exclui a possibilidade de seu lamento seja legítimo e possua ainda elementos discursivos estratégicos; não nos coube, no entanto, determinar se essas lamúrias são verdadeiras ou não, mas sim observar como o autor utilizou de sua condição para, por meio de seu texto, efetivar e exercer o que ele considera cidadania romana com o objetivo de se restaurar enquanto indivíduo.

3.3 Epítome

Neste capítulo, analisamos carta a carta as estratégias discursivas utilizadas por Cícero ao longo de seu exílio. Contudo, torna-se fulcral a síntese dessas informações para a clarificação de nosso estudo, uma vez que conteúdos muito variados apareciam nas cartas e valiam a pena ser mencionados, criando um alongamento de nosso texto. Em decorrência disso, passamos, nos próximos parágrafos, por um percurso de revisitação das cartas de forma mais direta no que concerne às estratégias do orador.

Ao longo do exílio, o arpinate tem Ático como principal destinatário e visa encontrá-lo para tomar a decisão do que fazer enquanto está fora da *urbs* e, por fim, para ser amparado. Nas palavras do próprio Cícero, a razão de querer o contato pessoal, portanto, é para que ele “desfrute da proteção tua e dos teus parentes” (*Att.* 3.1) e também para que “possa tomar uma decisão segura conforme tua opinião.” (*Att.* 3.1).

Esses pedidos não são feitos ao acaso; ao contrário, têm como base diversas estratégias que visavam a filiação com uma aristocracia. Muitos desses recursos discursivos eram pautados no *pathos*, ou seja, buscavam mover (*mouere*) o destinatário pela emoção, em passagens que chegam, inclusive, a mencionar a possibilidade de suicídio “tomara que eu veja o dia em que te agradeça por teres me forçado a viver!” (*Att.* 3.3), “passarei antes sem vida do que sem pátria.” (*Att.* 3.26).

Tais manifestações de tristeza foram geralmente acompanhadas de pedidos específicos, nos quais a *amicitia* fora dada como reforçadora e criadora de persuasão, como podemos observar na mesma carta “se não fizeres isto, estranharei. Porém, estou certo que hás de fazê-lo.” (*Att.* 3.3). De tal maneira com que, a apropriação de valores compartilhados entre autor e destinatário foram sempre enfoque das estratégias discursivas e esse tipo de recurso é comum ao *pathos*, tal como revela Aristóteles em sua retórica (2.4; 1381a).

Os lamentos também eram utilizados para isentar Cícero de certas obrigações que seriam esperadas de um aristocrata. De tal maneira, ele poderia não cumprir com a *pietas*, ou seja, não executar as tarefas esperadas de um cidadão sem que seu *ethos* fosse comprometido. Um exemplo disso é quando Cícero diz não poder escrever “não posso escrever mais: estou com a alma abatida e desanimada.” (*Att.* 3.2), ainda que saibamos por ele mesmo que uma escrita frequente seja esperada de um *amicus* (*Att.* 3.11).

Outra forma de preservar seu estatuto social foi a evocação de tempos anteriores ao exílio, pois pouco tempo antes ocupava uma posição de prestígio após sua oração contra Catilina. Assim, o orador pede a Ático para que ainda o considere como sendo o mesmo de antes de seu banimento: “Apenas te rogo que, como sempre amaste a mim mesmo, assim estejas com o mesmo amor, pois eu sou o mesmo. Meus inimigos confiscaram os meus bens, não a mim mesmo.” (*Att.* 3.5).

Isso também revela outro aspecto importante para a compreensão das estratégias ciceronianas: a responsabilização do exílio atribuída aos inimigos invejosos. Nesse ponto, vemos Cícero negar ter cometido qualquer tipo de crime se comparado àqueles que de fato são prejudiciais à República “não enumerarei todos os males em que caí devido à extrema injustiça e ao crime, mais dos invejosos do que dos meus inimigos.” (*Att.* 3.7). É também criada uma dualidade entre os *amici* e os *invidi*, de forma a aproximar o orador cada vez mais de uma aristocracia específica e distanciá-lo daquilo que ele chama de invejosos “Mas meus inimigos estão lá, não tenho a ti, temo que essa cidade também não seja considerada longe o bastante da Itália e não me escreves para qual dia te esperar.” “não enumerarei todos os males em que caí devido à extrema injustiça e ao crime, mais dos invejosos do que dos meus inimigos.” (*Att.* 3.7); “só digo o que acho que sabes: não os inimigos, mas os invejosos me arruinaram.” (*Att.* 3.9).

Esses inimigos e invejosos, que estavam em Roma enquanto Cícero estava fora, eram uma ameaça aos romanos e aos familiares de Cícero no geral. Esse mal é colocado como tão intenso a ponto dele preferir morrer, mas ao menos, morrer em Roma “No mais, assim, por algum modo, me seja dada salvação e a permissão de morrer na pátria tal como as lágrimas não me deixam redigir.”.

No entanto, o apoio buscado não é apenas de Ático, mas de vários setores da sociedade. Em especial, dos *uiri boni*, como colocado no trecho: “Por acaso algum dia alguém já decaiu de tão ilustre posição, enquanto lutava por tão boa causa, tendo tanta abundância

de talento, de prudência, de crédito, e gozando de tão grande apoio de todos os nobres?” (*Att.* 3.10). Aqui chega a ser marcada a diferença do momento do exílio e da glória, quando teve o apoio de uma aristocracia “apoio de todos os nobres” (*praesidiis bonorum omnium*).

Ora, o desejo de filiação, portanto, é evidenciado. E o meio para buscá-la eram as epístolas, pelas quais não apenas poderia receber as notícias de Roma – o que é pedido com frequência a Ático (*Att.* 3.1) –, mas também requisitar atitudes específicas, construindo e planejando estratégias para, por meio do jogo discursivo e jurídico, restaurar-se enquanto cidadão. Vemos, por exemplo, Cícero pedindo para Quinto tratar Hortêncio de forma elegante (*Q.Fr.* 1.3), para Ático escrever detalhadamente sobre os fatos políticos e também para cuidar de seu irmão (*Att.* 3.11) e para Terência escrever cartas em seu nome (*Fam.* 14.2). Assim, prescrevendo um comportamento idealizado de seus destinatários, o orador mantém de certa forma um controle de sua posição social em Roma por meio das epístolas.

Esse controle também se deu por meio da escolha de determinados candidatos à tribuna da plebe, os quais poderiam revogar a rogação de seu exílio (*Q.fr.* 1.4). Cícero se associou a indivíduos como Milão e Séstio, os quais foram defendidos por ele posteriormente, feito que indica uma série de troca de acordos no que envolve a questão do retorno ciceroniano.

Por fim, a estratégia fundamental foi baseada na associação com as virtudes e com indivíduos considerados virtuosos, em especial, o próprio Ático. Nesse sentido, o sentimento de proximidade indica um maior sucesso na tarefa para a restauração e o afastamento indica o contrário, tal como visto no seguinte trecho: “Após o teu afastamento de mim, foi-me trazida uma carta de Roma segundo a qual vejo que devo me consumir nesta calamidade.” (*Att.* 3.25). Dessa maneira, a construção do *ethos* do autor, segundo a cena de enunciação, estava diretamente vinculada à situação de sua rogação, pois ao afastar-se de Ático, demonstrava-se triste e falho. A composição e a *escrita de si* eram, portanto, a base para a negociação de sua posição social e do espaço ocupado pelo exilado. Assim, este encerra sua escrita, com um desespero por ver seu *amicus*, afinal, no momento mais calamitoso, afirma “pela própria conjuntura, vejo que pereci totalmente.” (*Att.* 3.27) e, como forma de demonstrar um alívio, “não deixes de ajudar. Como escreves, ver-te-ei em breve.” (*Att.* 3.27). Esta é a última frase do exílio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nosso texto, objetivamos analisar as epístolas do exílio ciceroniano explorando as estratégias discursivas pelas quais o autor buscou se afiliar a uma identidade romana. A partir da constatação de que o banimento de um indivíduo é causado pela inadequação de seu comportamento às expectativas da aristocracia local, buscamos evidenciar os métodos discursivos utilizados para uma filiação do *ethos* do autor das epístolas a um grupo específico. Ao fazer isso, mantivemos associados os aspectos políticos e culturais, pois apesar desse conflito se configurar por noções político-jurídicas, a impossibilidade de ocupar um espaço – no caso de Cícero, o espaço cidadão romano – culmina necessariamente em uma alteridade e, por consequência, em uma relação de culturas.

Ora impossibilitado de afirmar uma identidade desejada, o exilado, por conta de sua condição, passa a ser obrigado a encontrar alternativas para se conectar a um grupo por meio de representações construídas de si próprio e dos indivíduos responsáveis pelo seu afastamento. Esse processo culmina na criação de uma visão pejorativa de seus inimigos. Sendo assim, a maneira pela qual Cícero preencheu suas cartas ao longo do banimento estava guiada por um fim estratégico de construções representativas daqueles envolvidos nas questões jurídicas.

Observamos uma flutuação no comportamento de Cícero sendo movida pelos eventos que lhe envolviam diretamente. Um dos principais aspectos que caracterizam sua percepção da possibilidade ou não de voltar a Roma era seu estado emocional, pois ele afirmou diversas vezes que sua tristeza era em decorrência de eventos que dificultavam seu retorno. No entanto, além de exporem a percepção do autor acerca de suas possibilidades de sucesso, as demonstrações de tristeza também compõem um conjunto de elementos retóricos aos quais ele dedicou sua carreira a exercer e, portanto, nossa visão acerca desses lamentos deve ser feita de forma crítica. Isso não significa de maneira alguma atribuir falsidade ou caracterizar seu discurso como “vazio”; ao contrário, o fato de estar inserido em um contexto no qual a retórica fazia parte da educação dos cidadãos denota uma complexidade em sua escrita. Não cabe a nós, pesquisadores, delegar aos discursos dos personagens históricos as categorias de verdadeiro ou falso. Nosso papel é o de pensar em como esses discursos se tornam uma verdade ou uma mentira construída enquanto tal e os efeitos dessa concepção.

Em nosso trabalho, por exemplo, investigamos os efeitos criados por Cícero quando se apropriou da condição de exilado para convencer seus destinatários de algo. Isso significa que a apropriação da condição de exilado para a estruturação de um discurso possuiu efeitos e consequências com as quais o autor manuseou sua obra por meio dos efeitos *pathetici*, que ajudaram a formular uma representação daquilo que foi narrado por ele. Além disso, essas atitudes o permitiram se conectar com seus *amici*. Como descritas em nosso texto, as relações de *amicitia* foram de fundamental importância para o percurso de Cícero em direção à sua restauração, afinal, ele necessitou de importantes contatos em Roma, tais como os pleiteadores das magistraturas que poderiam influenciar na decisão acerca do banimento. Para buscar a ajuda desses indivíduos, foi necessária a devida atenção às estruturas discursivas para manter-se alinhado a uma postura aristocrática condizente com o que ele gostaria de representar.

Seu embasamento era uma série de virtudes compartilhadas entre os *optimates*. Esse grupo perdia paulatinamente espaço de poder enquanto Cícero e Catão estavam fora da *Vrbs*, pois eles eram influentes oradores que corroboravam para a manutenção do governo desses indivíduos. Foram convocadas articulações políticas para pressionar o senado e o *concilium plebis*, mas, por outro lado, outros grupos – incluindo os triúmviros, até certo ponto – se posicionaram contra e tentaram impedir que isso ocorresse.

Isso nos traz evidências de que a República Romana nos meados do século I a.C., ao contrário do que a historiografia tradicional tende a inferir, não passou um simples processo de acumulação de poder dos generais romanos no qual uma elite senatorial visou impedir. Na verdade, tal como buscamos evidenciar ao longo do primeiro capítulo, trata-se de um processo complexo de muitos grupos políticos, com indivíduos multifacetados e difíceis de rotular como pertencentes a uma associação específica. Pompeu, por exemplo, teve relações conturbadas com Cícero e só passou a apoiar seu retorno quando obteve tanto a aquiescência de César quanto a inimizade de Clódio.

De fato, a própria ideia de dualidade entre *populares* e *optimates* enquanto partidos políticos não pode ser aplicada ao Mundo Antigo. Os grupos políticos em Roma eram fluidos e complexos, não sendo fixos e homogêneos, por tanto. Eles se constituíam por meio de discursos que representavam o que eles se propunham a ser e indivíduos que se identificavam com essas características se esforçavam para agregar esses conjuntos de

peessoas. É por isso que, ao longo do texto, destacamos com frequência o fato de Cícero ser *homo nouus*, afinal, essa é a principal razão pela qual ele busca outras maneiras de se fazer como membro de uma elite.

Expusemos no segundo capítulo nossos pressupostos para a análise da construção identitária do orador como um indivíduo digno de pertencer a tal grupo. Em primeiro lugar, levamos em conta que a situação de exílio é voluntária e deve ser justificada. Como a identidade se faz pela diferença, um dos modos de justificar essa dissonância com o *ethos* da aristocracia local é representá-la de forma negativa, como foi feito constantemente ao chamá-los de traidores e gananciosos que se venderam às causas corruptas que poderiam desestruturar a República. Quando o autor mencionou a vergonha de escolher banimento em vez da morte, ele justificou seu erro atribuindo a Roma uma necessidade de manter cidadãos que dedicavam sua vida ao bem público, tornando até mesmo a descrição de seus vícios uma forma de exaltar suas virtudes. Essa constatação foi feita no capítulo 3, no qual demarcamos no discurso das epístolas os efeitos das expressões de tristezas e como o espaço se relaciona com isso. A própria descrição de cidades como Tessalônica e Brundísio simboliza o distanciamento do orador e seu desejo de encontrar Ático no Epiro. Ou seja, foram também formas de buscar seu reestabelecimento em Roma.

A epistolografia ciceroniana ao longo do exílio, no entanto, não se resume a essas representações espaciais, mas também possuía o propósito de enviar e requisitar informações à distância. O conhecimento dessas informações era de suma importância para determinar quais estratégias políticas deveriam ser seguidas para a restauração, o que significa que havia uma relação de dependência entre Cícero e seus destinatários. Estes, todavia, o ajudavam de diversas formas, tanto na administração de seus recursos – tal como fez Terência – quanto na movimentação de articulações para exigir o retorno do arpinate. Nesse sentido, pensamos na circulação de cartas e nos mecanismos de entrega delas que eram mediados pelos escravos como sendo fundamentais para a compreensão dos conflitos políticos naquele momento. Esses indivíduos, assim sendo, tiveram grande papel na comunicação aristocrática e, por consequência, no retorno de Cícero de seu exílio.

É provável que não tenhamos acesso a todas as cartas que o autor escreveu nesse momento e, por isso, reconhecemos que nossa análise tenha se limitado a um pequeno

corpus que não contempla toda a produção que ele escreveu fora de Roma. Uma vez que não estabelecemos como fonte principal os discursos *post redditum*, deixamos de lado a análise destes para compor uma narrativa acerca da trajetória do exílio. Todavia, acreditamos que nosso trabalho tenha se diferenciado justamente por levar em consideração a metodologia da análise do discurso para a reflexão do tema. Utilizando tal metodologia, o recorte impreciso do *corpus* tornaria as categorias de análise textuais ineficazes e, por isso foi feita a limitação às 34 cartas.

Apesar de termos compartilhado do *corpus* de outros trabalhos, nossa dissertação expõe o discurso ciceroniano com base nos efeitos que tiveram no aspecto identitário. Não podemos deixar de mencionar neste espaço, contudo, as dissertações de Marco Antônio Costa e de Marly de Bari Matos, pois esta nos trouxe um grande panorama dos conflitos políticos da transição da década de 60 para a de 50 e aquele traduziu todas as epístolas utilizadas para nosso estudo no terceiro capítulo. Em respeito ao trabalho de Costa, portanto, deixamos aqui em anexo suas traduções e notas, para que possam ser apreciadas pelos leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, John Paul. *The Roman Concept of Fides*, 2009. Disponível em: <http://www.csun.edu/~hcfl1004/fides.html>. Acesso em 25 de dezembro de 2018.

AGER PUBLICUS. In: Oxford Classical Dictionary. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-193#acrefore-9780199381135-e-193>. Acesso em: 18/01/2019.

ALLEN JR, Walter. Cicero's House and Libertas. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. Vol. 75, pp. 1-9, 1944.

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. de Manoel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Casa da Moeda, 2005

ASMIS, Elizabeth. THE STATE AS A PARTNERSHIP: CICERO'S DEFINITION OF "RES PUBLICA" IN HIS WORK "ON THE STATE". *History of Political Thought* Vol. 25, No. 4 (Winter 2004), pp. 569-598

AUGOUSTAKIS, Antony; LITTLEWOOD, R. Joy. *Campania in the Flavian Poetry*. Oxford University. 2019.

BAILEY, David Roy Shackleton. *Two Studies in Roman Nomenclature*. American Philological Association, 1977.

BALANDIER, Georges. *A desordem – Elogio do movimento*. Florianópolis: Bertand Brasil, 1997.

BALSDON, J. P. V. D. *Auctoritas, Dignitas, Otium. The Classical Quarterly* Vol. 10, No. 1 (May, 1960), pp. 43-50

BANNON, Cynthia J. *The Brothers of Romulus: fraternal pietas in Roman law, literature, and society*. Princeton: Princeton University, 1997.

BARTHES, Roland. A Retórica Antiga. In: COHEN, Jean et alii. *Pesquisas de Retórica*. Tradução de Leda Pinto Mafra Iruzun. São Paulo: Vozes, 1975.

BARTHES, Roland. *O Prazer do texto*. São Paulo, Perspectiva, 2002.

BERMAN, Antoine. *La traduction et la letter ou l'auberge du lointain*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

BILLOWS, Richard. *Julius Caesar: the Colossus of Rome*. Routledge, 2009.

BLOM, Henriette van der. *Cicero's Role Models: the Political Strategy of a Newcomer*. Oxford University, 2010.

BOATWRIGHT, Mary et alii. *The Romans: from village to Empire: a History of Rome from Earliest Times to the End of the Western Empire*. Oxford University, 2011.

BOYANCÉ, Pierre. Le problem e Cicerón. *L'information litteraire* v. 10, pp. 8-21, 1958.

BRUNDISIUM. In: *Oxford Classical Dictionary*. Disponível em: <http://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-1184#acrefore-9780199381135-e-1184>. Acesso em: 18/01/2019.

BRUNT, Peter. *The Fall of Roman Republic and Related Essays*. Oxford: Clarendon, 1988.

BRUNT, Peter. *The Fall of Roman Republic and Related Essays*. Oxford: Clarendon, 1988.

BRUNT, Peter. The Lex Valeria Cornelia. *Journal of Roman Studies*, v. 51, pp 71-83, 1961.

BURKE, Peter. *A Fabricação do Rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CAESAR. *Comentarii*. I. Edited and translated by R. L. A. Du Pontet. Oxford, Clarendon, 1963.

CAIRNS, Francis. *Generic Composition in Greek and Latin Poetry*. Ann Arbor, Michigan Classical, 2007.

CARDOSO, Zélia de Almeida. Vozes de excluídos: o exílio na epistolografia latina. *Língua e Literatura*, n. 24, p. 23-43, 1998.

CATULO. O livro de Catulo. Tradução, Introdução e Notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo, Edusp, 1996

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: I – Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CESILA, Robson Tadeu. Intertextualidade e Estudos Clássicos. In: SILVA, Gilvan Ventura da; LEITE, Leni Ribeiro (org.). *As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens*. Vitória: Edufes, 2014. p. 10-22.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre Práticas e Representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Miraflores, Portugal: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1990.

CHARTIER, Roger. *Formas e sentido: cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 2003.

CICERO. Bruto. Trad. Olavo Vinícius Barbosa de Almeida. In: ALMEIDA, Olavo Vinícius Barbosa de. *O Brutus de Marco Túlio Cícero: estudo e tradução*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

CÍCERO. Da Amizade. Trad. De: Gilson C.C de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CICERO. De Republica. Trad. Isadora Prévide Machado. In: MACHADO, Isadora Prévide. *O De Republica de Cícero: natureza, política e história*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

CÍCERO. Do Orador. Trad. Adriano Scatolin. In: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do Orador de Cícero à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. 308p. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

CÍCERO. *In Catilinam Orationes – As Catilinárias*. Introdução, Tradução do latim e notas de Sebastião Tavares de Pinho. Lisboa: Edições 70, 1990.

CICERO. *Letters to Atticus*. Edited and translated by David Roy Shackleton Bailey. New York: Cambridge University, 1987.

CICERO. *Letters to Atticus*. Edited and translated by David Roy Shackleton Bailey. New York: Cambridge University, 1987.

CICERO. *Letters to Friends*. Edited and translated by David Roy Shackleton Bailey. New York: Cambridge University, 1977.

CICERO. *Letters to Friends*. Edited and translated by David Roy Shackleton Bailey. New York: Cambridge University, 2001.

CICERO. *Letters to Friends*. Edited and translated by David Roy Shackleton Bailey. New York: Cambridge University, 2001.

CICERO. *Letters to Friends*. Edited and translated by David Roy Shackleton Bailey. New York: Cambridge University, 1977.

CICERO. *Letters to Quintus and Brutus*. Edited and translated by David Roy Shackleton Bailey. New York: Cambridge University, 2002.

CICERO. *Letters to Quintus and Brutus*. Edited and translated by David Roy Shackleton Bailey. New York: Cambridge University, 2002.

CÍCERO. Marco Túlio. Da Amizade. Trad. De: Gilson C.C de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CICERO. *On duties*. Trans. Walter Miller, Cambridge: Harvard University, 1913.

CICERO. *Orations. Pro Lege Manilia. Pro Caecina. Pro Cluentio. Pro Rabirio Perduellionis Reo*. Edited and translated by H. Groose Hodge. Cambridge: Harvard University, 1927.

CICERO. *Orations: Philippics*. Cambridge: Loeb Classical. 1926.

CICERO. *Orations: Pro Archia. Post Reditum in Senatu. Post Reditum ad Quirites. De Domo Sua. De Haruspicum Responsis. Pro Plancio*. Edited and translated by N. H. Watts. Cambridge: Harvard University, 1923.

CICERO. *Orations: Pro Archia. Post Reditum in Senatu. Post Reditum ad Quirites. De Domo Sua. De Haruspicum Responsis. Pro Plancio*. Edited and translated by N. H. Watts. Cambridge: Harvard University, 1923.

CICERO. *Pro Caelio*. Trad. Sara Mariana Moreira Maurício. In: MAURÍCIO, Sara Mariana Moreira. *Cícero – em defesa de Célio*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2013.

CICERO. *Pro Domo Sua*. Trad. Gilson Charles dos Santos. [texto concedido pelo autor]

CICERO. *Pro Milone*. Trad. Marlene Borges. In: BORGES, Marlene Lessa Vergílio. *O Pro Milone de Cícero: tradução e estudo da invenção*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011. (p. 108 – 142)

CICERO. *Pro Sestio. In Vatinius. B. Orationes*. Edited and translated by Robert Gardner. Harvard University. 1958.

CICERO. Segunda Filípica. Tradução de Bruna Fernanda Abreu. In: ABREU, Bruna Fernanda. *A Segunda Filípica: Tradução e estudo do ethos segundo a retórica de Cícero*. Dissertação de Mestrado – Instituto de Estudos e da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (p. 108 – 146)

CLAASSEN, Jo-Marie. Cicero's banishment: tempora et mores. *Acta Classica* (Cape Town), v. 35, pp. 19-47, 1992.

CLAASSEN, Jo-Marie. *Displaced persons: The Literature of Exile from Cicero to Boethius*. Madison: University of Wisconsin, 1999.

COLLARES, Marco Antonio: *Representações do senado romano na Ab Urbe Condita Libri de Tito Lívio: livros 21-30*. São Paulo: UNESP, 2010.

COSTA, Marco Antônio. *Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição*. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CRISTOFORI, Alessandro. Grain Distribution in Late Republican Rome. *The Welfare State. Past, Present and Future*. ed. by H. Jensen, Pisa 2002, pp. 141-153.

CSAPO, Eric; SLATER, William J. *The context of ancient drama* (4 ed.), University of Michigan, p. 309, 1995.

DEMETRIOS. *Du Style*. Ed. and trans. P. Chiron, Paris: Bude, 1993.

DIO CASSIUS. *Roman History*. Translated by Earnest Cary. New York. Cambridge University, 1927.

DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. *Roman Antiquities (vol. I)*. Edited and translated by Earnest Cary. Cambridge: Harvard University, 1937.

DOMINIK, William John. As origens e o desenvolvimento da retórica romana. In: AMARANTE, José; LAGES, Luciene (org.). *Mosaico Clássico: Variações acerca do Mundo Antigo*. Salvador: Universidade Federal da Bahia pp. 95-109. 2012.

DYSON, Stephen. *Rome: A Living Portrait of an Ancient City*. Johns Hopkins University, 2010.

EBBELER, Jennifer Valerie. *Pedants in the apparel of heroes?: Culture of Latin letter-writing from Cícero to Ennodius*. 2001. 244 p. Dissertation (degree of doctor) - Faculties of the University of Pennsylvania, Pennsylvania, 2001

EBBELER, Jennifer. Mixed messages: The play of Epistolary Codes in Two Late Antique Latin Correspondences. In: MORELLO, Ruth; MORRISON, Andrew (org.). *Ancient Letter: Classical and Late Antique Epistolography*. New York: Oxford University, 2007.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, v. II.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EVERITT, Anthony. *Cicero: The Life and Times of Rome's Greatest Politician*. Random House, 2003.

FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio Duarte. Tácito, sua Vida de Agrícola e a competição aristocrática no Alto Império Romano. *Mnemosine Revista*, v.4, p. 133 - 147, 2013.

FLOWER, Harriet I. *Ancestor Marks and Aristocratic Power in Roman Culture*. Claredon, 1996.

FLOWER, Harriet I. Spectacle and political culture in the roman republic. In: FLOWER, Harriet I. (Org.), *The Cambridge Companion to the Roman Republic*. Cambridge, Cambridge University, 322-343, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: QUEIRÓS, Sônia. O que é um autor? De Michel Foucault: duas traduções para o português. Belo Horizonte: FALEQ/UFMG, 2011.

FREISENBRUCH, Annelise. Back to Fronto: Doctor and Patient in his Correspondence with an Emperor. In: MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. *Ancient Letter: Classical and Late Antique Epistolography*. New York: Oxford University. 2007

FREITAS, Gustavo Araujo de. *Sobre o estilo de Demétrio: um olhar crítico sobre a Literatura Grega (tradução e estudo introdutório do tratado)*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

FRIER, Bruce W.; MCGINN, Thomas A.J.;LIDOV, Joel. *A Casebook on Roman Family Law*, Oxford University, 2004.

GABBA, Emilio. *Republican Rome, the Army and the Allies*. Oxford, Blackwell, 1976.

GAGARIN, Michael. “Death”. *The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome*. 2. Oxford University, 2010.

GARDNER, Jane F. *Being a Roman citizen*. New York, Taylor & Francis e-Library, 2002.

GARLAND, Andrew. Cicero's *Familia Urbana*. *Greece & Rome*, v. 39, n. 2, pp. 163-172, 1992.

GELZER, Mattias. *Caesar: Politician and Statesman*. Translated by Peter Needham. Harvard University, 1968.

GOODMAN, Rob; SONI, Jimmy. *Rome's Last Citizen: The Life and Legacy of Cato, Mortal Enemy of Caesar*. New York: St. Martin's Griffin, 2014.

GUÉRIN, Charles. *Persona*. L'élaboration d'une notion rhétorique au Ier. Siècle av. J.-C.(vol. II). Paris: Vrin, 2011.

HABINEK, Thomas N. *The Politics of Latin Literature: writing, identity, and empire in ancient Rome*. New Jersey, Princeton University, 1998.

HABINEK, Thomas. Why was Latin Literature invented? In: HABINEK, Thomas. *The Politics of Latin Literature: Writing, Identity and Empire in Ancient Rome*. Princeton: Princeton University, 1998.

HALES, Shelley. *The Roman House and Social Identity*. Cambridge: Cambridge University, 2003.

HALL, Jon. *Politeness and Politics in Cicero's Letters*. New York: Oxford University Press. 2009.

HANSEN, João Adolfo. Instituição retórica, técnica retórica, discurso. *Matraga* (Rio de Janeiro), v. 20, n. 33, p. 11-46, 2013.

HARRISON, Stephen. *History, Politics and Vergil's Aeneid*, Audio Recording with Handout, Seminar Series, Discipline of Classics and Ancient History, The University of

Queensland, Australia, 2018. [documento em áudio]
<https://espace.library.uq.edu.au/view/UQ:f720ef8> Acesso em: 03/04/2019.

HENDERSON, M. I. The process *De Repetuntis*. *The Journal of Roman Studies* Vol. 41, Parts 1 and 2, pp. 71-88, 1951.

HIEBEL, Dominique. *Rôles institutionnel et politique de la contio sous la République romaine (287 – 49 av. J.-C)*. Paris: De Boccard, 2009.

HOFFER, Stanley. Cicero's "Stomach": Political indignation and the use of Repeated Allusive Expression in Cicero's correspondence. In: MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. *Ancient Letter: Classical and Late Antique Epistolography*. New York: Oxford University. 2007.

HOLLAND, Tom. *Rubicão: o triunfo e a tragédia da República Romana*. São Paulo: Record, 2010.

HUTTER, Horst. *Political as friendship: The origins of Classical Notions of Politics in the Theory and Practice of Friendship*. Wilfrid Laurier University, 1978.

JOLY, Fabio Duarte. *Escravidão na Roma Antiga*. São Paulo: Alameda, 2005.

JUVENAL. *Sátiras*. Tradución de Manuel Balasch. Madrid: Gredos, 2008.

KELLY, Gordon P. *A history of exile in the Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University, 2006.

KESSLER, David; TERMIN, Peter. The organization of the Grain Trade in the Early Roman Empire. *Economic History Review*, Vol. 60, No. 2, pp. 313-332, 2007.

KÖNCZÖL, Miklós. The Relevance of Roman Law: A look at its Roles and Ideologies. *Revista crítica de Ciências Sociais*, 112, 2017, pp. 99-114.

KONSTAN, David. *A amizade no Mundo Clássico*. Tradução Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.

LEACH, Eleanor Winsor. Gendering Clodius. *The Classical World*. Vol. 94. No. 4, pp. 335-359, 2001.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.) *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 141-84.

LEVY, Ernst. *Die römische Kapitalstrafe*. Heidelberg, C. Winter, 1931.

LEWIS, Charlton; SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*, 1879. Disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=exsul&fromdoc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0059>. Acesso em: 09/05/2018.

LINTOTT, Andrew. Political History, 146-96 B.C. In: CROOK, John; LINTOTT, Andrew; RAWSON, Elizabeth. *The Cambridge Ancient History: Volume 9*. Cambridge University, 1994.

LINTOTT, Andrew. *The Constitution of the Roman Republic*. Oxford University, 1999.

LINTOTT, Andrew. *The Constitution of the Roman Republic*. Toronto: Oxford, 2003.

LIVY. *History of Rome (vol. VI)*. Edited and translated by Frank Gardner Moore. London: Harvard University, 1940.

MAINGUENEAU, Dominique. Aforização. In: MAINGUENEAU, Dominique. Doze conceitos em análise do discurso. SOUZA E SILVA, M. C.; POSSENTI, S. (orgs.). São Paulo: Parábola, 2010. p. 9-24.

MAINGUENEAU, Dominique. *O Discurso literário*. Trad. A. SOBRAL. São Paulo, Contexto, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso literário*. São Paulo, Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Sémantique a la polemique: Discours religieux et ruptures ideologiques au XVII siècle*. Lausanne: l'Age d'homme, 1983.

MARCIAL. *Epigramas*. Tradução de Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2000.

MARSH, Frank Burr. *Founding of the Roman Empire*, HardPress Publishing, 2013.

MATOS, Marly de Bari. *Cartas de Cícero: o exílio, o retorno e a adesão ao triunvirato (58 a 56 a.C.)*. Dissertação (Letras Clássicas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.

MAY, James M. *Trials of Character: The eloquence of ciceronian ethos*. Chapel Hill: North Carolina, 1988.

MAY, James. Cicero: his life and career. In: MAY, J. M. (Org.) *Brill's companion to Cicero: Oratory and rhetoric*. Boston: Brill, 2002.

MAYER, Edward. *Caesars Monarchie ou du Principat du Pompeius*. Cambridge University, 2011.

MAYER, Wendy. *Medicine and Metaphor in Late Antiquity: How some recent shifts are changing the field*. *Studies in Late Antiquity*. 2018

MCDONNELL, Myles. *Virtus and the Roman Republic*. Cambridge University, 2006.

MCINTOSH, Gilliam. Cicero and Exile: Building a House of Letters. *Syllecta Classica*, University of Iowa, Volume 24, pp. 47-76, 2013.

MITCHELL, Thomas. Cicero, Pompey and the rise of the First Triumvirate, *Traditio*, Vol. 29, pp. 1-26, 1973.

MITCHELL, Thomas. The Leges Clodiae and Obnuntiatio, *The Classical Quarterly* Vol. 36, No. 1, pp. 172-176, 1986.

MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. *Ancient Letter: Classical and Late Antique Epistolography*. New York: Oxford University. 2007.

MORGAN, M. Grym. Catullus and the *Annales Volusi*. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica* New Series, Vol. 4 (1980), pp. 59-67.

NARDUCCI, Emanuele. Perceptions of exile in Cicero: The philosophical interpretation of a real experience. *The American Journal of Philology*. Vol. 118, No. 1. Spring, 1997 pp. 55-73.

LIMA NETO, Belchior Monteiro. Conflito familiar, vida urbana e estigmatização na Africa Proconsularis: o caso de Apuleio de Madaura (século II). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

OLIVEIRA, Francisco de. Concórdia e Paz no Tratado da República de Cícero. In: PEREIRA, Belmiro Fernandes; DESERTO, Jorge. *Symbolom III – Paz e Concórdia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014.

OVÍDIO, *Fastos*. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Junior. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

OVÍDIO. *Cartas Pônticas*. Editado e traduzido por Geraldo José Albino, São Paulo: Martins Fontes, 2009

OVÍDIO. Tristes. Trad. Patrícia Prata. In: PRATA, Patrícia. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. Tese de doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

PITA, Luiz Fernando Dias. *Visões da Identidade romana em Cícero e Sêneca*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

PLUTARCH. *Lives IX: Demetrius and Anthony. Pyrrhus and Gaius Marius*. Translated by Bernadotte Perrin. Loeb Classical Library, 1920.

PLUTARCH. *Lives VIII: Sertorius and Eumenes. Phocion and Cato the Younger*. Translated by Bernadotte Perrin. Loeb Classical Library, 1919.

PLUTARQUE. *Vies – Démosthène – Cicéron*; Tradução: Robert Flacelière e Émile Chambry. 2ª Ed. (1ª Ed. de 1976). Paris: Les Belles Lettres, 2003.

POHLMANN, Janira Feliciano; PINTO, Otávio Luiz Vieira. *Senatus et ecclesia: a transladação da auctoritas entre uma aristocracia senatorial e uma aristocracia episcopal*. *Revista Vernáculo*, Curitiba, n. 21 e 22, p. 170-183, 2008.

POLLINI, John. A new bronze Lar and the role of the Lares in the domestic and civic religion of the Romans. *Latomus*, t. 67, fasc. 2, jun. de 2008. Pp. 391-398

POPA, Tiberiu. Self and other in Catullus' "immortalizing" poetry. *Classics Ireland* Vol. 16 (2009), pp. 1-25

PRATA, Patrícia. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. Tese de doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

PRATA, Patrícia. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. Tese de doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

QUINTILIAN. *The Orator's Education*. Edited and Translated by Donald A. Russell. Cambridge, MA: Harvard University, 2002. 5v.

REES, Roger. Letters of Recommendation and the Rhetoric of Praise. In: MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. *Ancient Letter: Classical and Late Antique Epistolography*. New York: Oxford University. 2007.

ROBERT, Jean-Noël. Introduction. In: *Cicéron: Pour T. Annus Milon*. Texte établi et traduit par A. Boulanger. Paris: Les Belles Letres, 1999.

ROBINSON, Arthur. Cicero's references to his banishment. *The Classical World*. Vol. 87, No. 6 (1994), pp. 475-480.

SALLUST. *Sallust vol I: The war with Catiline. The war with Jugurtha*. Edited and translated by J. C. Rolfe. London: Harvard University, 2013.

SANTOS, Gilson Charles dos. Proposta de tradução do Discurso em agradecimento ao povo romano, de Cícero. *Rónai* (Juíz de Fora), v.6, n. 1, pp. 162-171, 2018.

SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do Orador de Cícero à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. 308p. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

SCHUTZ, Celia E. *Women's Religious Activity in the Roman Republic*. University of North Carolina, 2006.

SCOTT, William C. Catullus and Caesar (C.29). *Classical Philology*. Vol. 66. No. 1, pp. 17-25, 1971.

SCULLARD, Howard Hayes. *From the Gracchi to Nero: A History of Rome 133 BC to AD 68*. Taylor & Francis, 2010.

SENECA, O VELHO. *Controvérsias*. Tradução de Leni Ribeiro Leite, Alessandro Carvalho da Silva Oliveira e Iana Lima Cordeira. [No prelo]

SENECA. *Cartas a Lucílio*. Tradução, Prefácio e Notas de J. A. Segurado e Campos. 5.ed. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

SHACKLETON-BAILEY, David Roy. *Cicero's Letters to Atticus*. Vol. II. Cambridge University, 1965.

SHACKLETON-BAILEY, David Roy. *Cicero's Letters to Friends*. Vol. III. Harvard University, 2001.

SILVA, Camila Ferreira Paulino da. A construção da imagem de Otávio, Cleópatra e Marco Antônio entre moedas e poemas (44 a 27 a.C.). 2014. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

SILVA, Thomas Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVER, Morris. *Fiscalism in the emergence and extinction of societates publicanorum*. *Pomoerium*, 6, pp. 47–71, 2007.

SIMMEL, Georg. *Sociabilidade um exemplo de sociologia pura ou formal*. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org. e Trad.). Georg Simmel. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-81

SMITH, William. *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*, vol. II, Michigan, 1867.

STARR, Raymond. The Circulation of Literary Texts in the Roman World. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 37, No. 1. pp. 213-223, 1987.

STEEL, Catherine. Cicero, oratory and public life. In: STEEL, Catherine (Org.). *The Cambridge Companion to Cicero*. Cambridge: Cambridge University, 2013.

STRACHAN-DAVIDSON, James Leigh. *Problems of the Roman Criminal Law*. Oxford : Clarendon, 1912.

STRAUMANN, Benjamin. Constitutional Thought in the Late Roman Republic. *History of Political Thought*, v. 13, n. 1. p. 280-92, 2011.

SYED, Yasmin. *Vergil's Aeneid and the Roman Self. Subject and Nation in Literary Discourse*. Ann Arbor: The University of Michigan, 2005.

TACITO. *Histories: Book 4-5. Annals: Books 1-3*. Translated by Clifford H. Moore and John Jackson. Loeb Classical Library 249. Cambridge: Harvard University, 1931.

TELLEGEN-COUPERUS, Olga. Roman Law and Rhetoric. *Revue belge de Philologie et d'Histoire Année* v. 84, pp. 59-75, 2006.

TELLENGEN-COUPERUS, Olga; TELLEGEN, Jan Willen. Reading a Dead Man's Mind: Hellenistic Philosophy, Rhetoric and Roman Law. In: PLESSIS, Paul J. *Cicero's Law: Rethinking Roman Law of the Late Republic*. Edinburgh University, 2016.

TEMELINI, Mark A. *Cicero's concordia: the promotion of a political concept in the late Roman Republic*. 198 f. Tese (Doutorado em Estudos Clássicos) – Department of History, McGill University, Montreal, 2002.

TOLL, Katharine. Making Roman-Ness and the Aeneid. *Classical Antiquity*. Vol. 16, No. 1 pp. 34-56, 1997.

TREGGIARI, Susan. Home and Forum: Cicero between “Public” and “Private”, *Transactions of the American Philological Association (1974-2014)*, Vol. 128 (1998), pp. 1-23.

TREGGIARI, Susan. *Roman Freedman During the Late Republic*. Oxford: Oxford Clarendon, 1969.

TREVES, Pierre. LEVICK, Barbara. 2016. “Suffecto, suffectio”. In: *Oxford Classical Dictionary*. 2016. <
<https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-6120>> Acesso em: 31/05/2019

VELLEIUS PATERCULUS. *The Roman History*. Cambridge, Loeb Classical Library 1924.

VERSNEL, Triumphus: An Inquiry Into the Origin, Development and Meaning of the Roman Triumph. Cambridge: Brill Archive, 1970.

VIRGILIO. *Bucólicas*. Tradução de Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

VIRGÍLIO. Eneida. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2016.

VOLK The Genre of Cicero's *De consulatu suo*. In: PAPANGHELIS, T. D.; HARRISON, S. J. and FRANGOULIDIS, S. *Generic Interfaces in Latin Literature: Encounters, Interactions and Transformations*. Berlin: de Gruyter, 2013, pp. 93-112.

WALLACE-HADRILL, A. Patronage in Roman society: from republic to Empire. In: WALLACE-HADRILL, A. (Ed.) *Patronage in ancient society*. London: Routledge, 1989. p. 63-87.

WELCH, Kathryn E. T. Pomponius Atticus: A Banker in Politics? *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*. Bd. 45, H. 4 1996, pp. 450-471.

WILLEY, Andrew. Cicero after exile. *Western Political Science Association*. Section 15, n. 1, p. 1-34. 2013.

WITHERINGTON III, Ben. *1 and 2 Thessalonians: a Socio-Rhetorical Commentary*. Cambridge: Eerdmans Pub, 2006.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença" In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva os estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000: 7-72.

WOOLF, Greg. *Becoming Roman: The origins of Provincial Civilization in Gaul*. Cambridge University, 1998.

ZIELINSKI, Theodor. *Cicero in Wandel der Jahrhunderte*. Leipzig, Teubner, 1912.

Anexo 1 - Traduções por Marco Antônio Costa:I – (*Ad Att.*, III, 1)*Escrita em certa vila (?), no final de março de 58.*

Cícero saúda Ático

Antes eu pensava ser do meu máximo interesse que estivesses comigo. Mas, quando li o projeto de lei, entendi que, quanto à viagem que planejei, o mais conveniente para mim é que me sigas sem demora para que, ao deixar a Itália, se a viagem tiver de ser feita através do Epiro¹³¹, eu desfrute da proteção tua e dos teus parentes, mas se ela tiver de ser feita por outro lugar, eu possa tomar uma decisão segura conforme tua opinião. Por isso, rogo-te que te esforces para me seguires logo. Podes fazê-lo mais facilmente, pois a lei acerca da província da Macedônia foi aprovada. Trataria contigo com mais palavras se a própria situação não falasse a meu favor diante de ti.

II – (*Ad Att.*, III, 3)

*Escrita no caminho entre Capua e Naris da
Lucânia, início de abril de 58.*

Cícero saúda Ático

Tomara que eu veja o dia em que te agradeça por teres me forçado a viver! De fato, ainda me arrependo muito. Mas, rogo-te que venhas logo ao meu encontro em Vibão¹³² para onde mudei o meu trajeto por muitas razões. Mas se fores para lá, poderei tomar uma decisão sobre toda a viagem e sobre o meu exílio. Se não fizeres isto, estranharei. Porém, estou certo que hás de fazê-lo.

III – (*Ad Att.*, III, 2)

*Escrita em Naris da Lucânia¹³³,
8 de abril de 58.*

Cícero saúda Ático

¹³¹ Província ocidental da Grécia. Atual Albânia.

¹³² Cidade da costa ocidental da Calábria. Atual Bivona.

¹³³ Desfiladeiro localizado entre a província da Lucânia e o Brútio (Calábria).

A causa da minha viagem foi que, sobretudo porque a lei ainda não foi reformulada, eu não tinha um lugar onde pudesse estar por mais tempo no interesse do meu direito do que a propriedade de Sica¹³⁴ e, ao mesmo tempo, entendia que, se te tivesse comigo, dali eu poderia alcançar Brundísio. Mas, por causa de Autrônio¹³⁵, não devemos entrar naquelas regiões sem ti. Ora, como antes te escrevi, se vieres a mim, tomarei uma decisão sobre toda a situação. Sei que a viagem é árdua; mas toda calamidade contém todas as moléstias. Não posso escrever mais: estou com a alma abatida e desanimada. Cuida-te para que estejas bem. Enviada em 8 de abril, de Naris da Lucânia.

IV – (*Ad Att.*, III, 5)

Escrita em Túrio¹³⁶, 10 de abril de 58.

Cícero saúda Ático

Terência te agradece de forma frequente e efusiva. Isso me é muito agradável. Vivo extremamente infeliz, sendo oprimido por uma enorme aflição. Não sei o que te escrever. Se, de fato, estás em Roma, já não podes me alcançar, mas se estás a caminho, quando tiveres me alcançado, trataremos pessoalmente das coisas a serem feitas. Apenas te rogo que, como sempre amaste a mim mesmo, assim estejas com o mesmo amor, pois eu sou o mesmo. Meus inimigos confiscaram os meus bens, não a mim mesmo. Cuida-te para que estejas bem. Enviada em 10 de abril, de Túrio.

V – (*Ad Att.*, III, 4)

*Escrita no caminho entre Vibão e Túrio, 13
de abril (?) de 58.*

Cícero saúda Ático

Gostaria que atribuísse mais à minha infelicidade do que à minha inconstância o fato de eu ter partido subitamente de Vibão para onde te chamava. Tive notícias do projeto de lei sobre a minha condenação. O que ouvi ter sido reformulado nele era que eu só teria o direito de morar a uma distância acima de quatrocentas milhas; não me era

¹³⁴ Nada mais se sabe sobre ele.

¹³⁵ *Publius Autronius Paetus* fora cônsul em 65 a. C. e, depois, se aliara a Catilina. Em 58, encontrava-se exilado no Epiro e poderia querer se vingar de Cícero caso o encontrasse.

¹³⁶ Cidade da Magna Grécia (sul da península itálica).

permitido chegar lá. Imediatamente, tomei o caminho para Brundísio¹³⁷ antes do dia da lei para que Sica, meu hospedeiro, não estivesse em apuros e também porque não me era permitido estar em Melita.¹³⁸ Agora, apressa-te em me alcançar, se eu for acolhido. Ainda sou recebido generosamente, mas temo o que está por vir. Meu Pompônio, arrependo-me muito de viver. Nisso tiveste mais influência junto a mim. Mas, tratemos disso pessoalmente. Apressa-te em vires.

VI – (*Ad Att.*, III, 6)

Escrita em Tarento, 17 de abril de 58.

Cícero saúda Ático

Eu não tinha dúvidas de que te veria em Tarento ou em Brundísio. Isto era importante para muitas coisas, entre elas que nos reuníssemos no Epiro e eu consultasse a tua opinião sobre o que falta ser decidido. Já que tal não ocorreu, também isso estará no grande número dos meus males. Minha viagem é para a Ásia, precisamente para Cízico.¹³⁹ A ti confio os meus. Mantenho-me de forma dificultosa e infeliz. Enviada em 17 de abril, de Tarento.

VII – (*Ad Att.*, III, 7)

Escrita em Brundísio, 29 de abril de 58.

Cícero saúda Ático

1. Cheguei a Brundísio em 17 de abril. Nesse dia, os teus moços trouxeram-me uma carta tua. Dois dias depois, outros moços trouxeram outra carta. Como me pedes insistentemente que esteja na tua casa no Epiro, a tua vontade me é muito agradável e em nada estranha. Sobretudo porque ocorreria em um lugar tão familiar, esse retiro não me seria penoso, pois odeio a multidão, evito os homens e vivo com dificuldade. Mas, de fato, esse plano seria desejável se me fosse permitido passar todo o tempo ali e se a razão da viagem para me hospedar contigo fosse porque o lugar é retirado, fica a quatro dias distante de Autrônio e dos outros e porque estou sem ti. De fato, uma fortaleza me seria útil se eu a habitasse, não se apenas passasse por ela. Se pudesse, iria para Atenas. É o meu grande desejo. Mas meus inimigos estão lá, não tenho a ti, temo que essa

¹³⁷ Cidade portuária da Calábria, Itália. Atual Brindisi.

¹³⁸ Ilha do Mediterrâneo, atual Malta.

¹³⁹ Cidade que ficava na Mísia, região sudoeste da Ásia Menor (Turquia). Nome atual Marmaremeeres.

cidade também não seja considerada longe o bastante da Itália e não me escreves para qual dia te esperar.

2. Visto que me chamas à vida, fazes com que não me mate, mas não podes evitar que me arrependa por ter decidido viver. Na verdade, o que me impede, sobretudo se a esperança que me seguia quando parti já não existe? Para não revolver minha tristeza nem gerar em ti a mesma aflição, não enumerarei todos os males em que caí devido à extrema injustiça e ao crime, mais dos invejosos do que dos meus inimigos. Mas afirmo: jamais alguém foi acometido por tão grande mal; para ninguém a morte foi mais desejável. Foi-se a hora mais adequada para eu agarrá-la! As horas futuras já não são para o alívio, mas para o fim da dor.

3. Sobre o quadro político, vejo que recolhes tudo que julgas que pode me trazer alguma esperança de mudança da situação. Mesmo que isso seja pouco, porém, como te apraz, estou aguardando. Se te apressares, me alcançarás, pois ou entrarei no Epiro ou irei lentamente pela Candávia. A dúvida sobre o Epiro não é gerada pela minha inconstância, mas porque eu não sei onde verei meu irmão. De fato, não sei como o verei nem como me despedirei dele. Essa é a maior e a mais miserável de todas as minhas misérias. Escrever-te-ia mais amiúde e mais longamente se a minha dor não tivesse me privado não só de todas as funções da razão, mas principalmente dessa habilidade específica. Anseio por ver-te. Cuida para que estejas bem. Enviada em 29 de abril, quando eu partia de Brundísio.

VIII – (*Ad Fam.*, XIV, 4)

Escrita em Brundísio, 29 de abril de 58.

Túlio saúda os seus: Terência, Túlia e Cícero.

1. Eu vos escrevo cartas com menos frequência do que posso, porque, já que todos os meus momentos são tristes, desfaço-me em lágrimas quando vos escrevo ou leio as vossas cartas, de modo que não consigo redigir. Ah se eu fosse menos apaixonado pela vida! Por certo pouco ou nenhum mal eu veria na vida. Porque, se o destino me reservou a esperança de um dia recuperar alguma comodidade, estou menos enganado; se estes males são inevitáveis, eu quero, sim, minha vida, ver-te o quanto antes e morrer em teus braços, pois nem os deuses, que cultuaste com extrema piedade, nem os homens, aos quais sempre servi, nos favoreceram.

2. Por treze dias estive em Brundísio, na casa de Marco Lênio Flaco¹⁴⁰, homem excelente, que, para me proteger, desprezou o risco de seus bens e de sua pessoa, nem se abateu pela sanção da perversa lei, para que prestasse menos hospitalidade, afeto e senso de justiça. Que um dia eu possa retribuí-lo. Por certo, o estimarei para sempre.

3. Parti de Brundísio em 29 de abril. Vou para Cízico através da Macedônia. Estou perdido! Estou destruído! Como te pediria para vires, ó mulher abatida no corpo e na alma? Não pediria? Viveria, então, sem ti? Penso em fazer isto: se há esperança do meu retorno, que a consolides e fortaleças o movimento; mas se, como temo, tudo se acabou, faz o que podes para vires a mim. Sabe apenas que, se estiveres comigo, nem tudo me parecerá perdido. Mas, o que será feito de minha Tuliazinha? Decidam isso logo; não tenho plano algum. Mas, de fato, seja como for que a situação se mostrar, o casamento e a honra dessa pobrezinha devem ser preservados. O que? Meu querido Cícero o que fará? Que ele esteja sempre nos meus braços e no meu coração! Já não posso escrever mais: a tristeza me impede. Não sei como tens passado; se tens alguma provisão ou se, como temo, estás em total carência.

4. Como escreves, espero que Pisão¹⁴¹ esteja sempre entre nós. Sobre a alforria dos servos, nada há de te afligir. Primeiro foi prometido aos teus que farás segundo o mérito de cada um. Mas, Orfeu¹⁴² ainda cumpre o seu dever; além dele, ninguém muito. O caso dos outros servos: se o lance estiver além das minhas posses, serão meus libertos se pagarem o valor fixado. Do contrário, serão meus e me servirão, salvo os poucos que estão na cidade. Isto, porém, são detalhes.

5. Tu me exortas a confiar totalmente e a ter esperança de voltar do exílio. Queria que, de fato, eu pudesse ter razão em esperar. Agora, infeliz, quando enfim receberei uma carta tua? Quem seria o portador? Eu a teria esperado em Brundísio se fosse permitido pelos marinheiros, que não quiseram deixar passar o bom tempo. Quanto ao mais, minha Terência, não desanimes: és capaz de viver dignamente. Vivi feliz e obtive prestígio. Não o meu defeito, mas a minha virtude me afligiu. Não cometi crime algum salvo o de não renunciar à vida com encantos. Mas, se o fato de eu viver foi mais agradável aos meus filhos, suportarei os outros males, ainda que insuportáveis. E eu, que te animo, não posso animar a mim mesmo.

¹⁴⁰ *Marcus Laenius Flaccus*, cavaleiro romano que possuía muitos terrenos em Brundísio.

¹⁴¹ *Gaius Calpurnius Piso Frugi*, primeiro esposo de Túlia, era questor em 58. Faleceu em 58 ou em 57, durante o exílio do sogro.

¹⁴² Um escravo de Cícero.

6. Mande de volta Clódio Filheteiro¹⁴³, homem fiel, pois era estorvado por uma enfermidade visual. Salústio¹⁴⁴ supera a todos em deferência. Pescênio¹⁴⁵ me quer muito bem. Espero que sempre receba o teu reconhecimento. Sica dissera que ficaria comigo, mas partiu de Brundísio. Cuida, visto que podes, para que estejas bem e crê que estou mais fortemente abalado pela tua dor do que pela minha. Adeus a ti, minha Terência, a mais fiel e a melhor esposa; a ti, minha caríssima filhinha; e a ti, Cícero, minha esperança restante. Brundísio, 29 de abril.

IX – (*Ad Att.*, III, 8)

Escrita em Tessalônica,

29 de maio de 58.

Cícero saúda Ático

1. Quando eu partia de Brundísio, escrevi-te sobre as razões pelas quais não fui para o Epiro. De fato, a Acaia¹⁴⁶ próxima estaria cheia dos mais audazes inimigos e eu enfrentaria uma saída difícil ao partir de lá. Somou-se que, quando estava em Dirráquio¹⁴⁷, recebi duas notícias. Uma dizia que meu irmão ia de Éfeso¹⁴⁸ para Atenas por mar; a outra, que ele ia por terra pela Macedônia. Então, escrevi-lhe uma carta e a enviei a Atenas para que ele viesse dali para Tessalônica. Adiantei-me a ele e cheguei aqui em 23 de maio. Não tinha nada seguro sobre sua viagem a não ser que saíra de Éfeso havia pouco.

2. Agora, temo bastante o que ocorre. Embora em outra carta de 15 de maio escrevas ter ouvido que ele será duramente processado, em outra dizes que a situação já se acalmou. Mas, esta foi escrita um dia antes daquela, razão pela qual estou mais agitado. Assim, já que a minha tristeza diária me dilacera e me oprime, esse cuidado adicional dificilmente deixa para mim uma vida futura. Mas a travessia foi muito difícil e ele, sem saber ao certo onde eu estivesse, talvez tenha tomado outro rumo. Por isso, o liberto Faetonte,¹⁴⁹

¹⁴³ Nada mais se sabe a respeito dele.

¹⁴⁴ Gneu Sallustius, fiel e dedicado amigo de Cícero, que o acompanhou até Brundísio. Em 50, foi questor na Síria para onde lhe foi enviada ad Fam., II, 17. Também é citado em ad At., XI, 20, escrita no ano 47.

¹⁴⁵ Não se sabe mais nada sobre ele.

¹⁴⁶ Grécia.

¹⁴⁷ Cidade portuária do Epiro. Atual Durazzo.

¹⁴⁸ Cidade da Ásia Menor, famosa por seu templo de Diana

¹⁴⁹ Nome de um liberto de Quinto.

afastado dele devido ao vento, não o viu e estive ao meu serviço em Pela.¹⁵⁰ A que ponto deva temer o restante, vejo que não tenho o que escrever e temo tudo e que nem tão mísero é algo que não pareça ocorrer em minha sina. De fato, ainda triste, me detenho em Tessalônica, lançado por este medo nas minhas máximas provações e dores e não me atrevo a nada.

3. Tratemos, agora, do que me escreveste. Não vi Trifão Cecílio.¹⁵¹ Eu soube da tua fala com Pompeu por tua carta. Não vejo tanto o início de uma mudança no quadro político como tu vês ou anuncias para me consolar. Pois, se Tigranes¹⁵² for desprezado, tudo se perde. Pedes que agradeça a Varrão¹⁵³ e o farei. O mesmo se aplica a Hipseu.¹⁵⁴ De fato, orientas que não me afaste demais até saber das ações do mês de maio. Acho que assim farei, mas ainda não decidi onde ficarei. Estou tão agitado por causa de Quinto que nada posso decidir. Mas logo te informarei.

4. Creio que, pela inconstância das minhas cartas, vês a agitação da minha mente e que, embora eu esteja aflito por uma tragédia singular e inaudita, estou menos abalado pela adversidade do que pela lembrança do meu erro. Pois, por crime de quem fui impelido e exilado, já percebes claramente;¹⁵⁵ e tomara já antes tivesses percebido e não tivesses rendido toda a tua alma ao desespero junto comigo! Logo, ao ouvires que sou afligido e consumido pela dor, julga que sofro mais gravemente a punição da minha estultícia que a do ocorrido: o fato de ter crido no que não julguei ser um criminoso. A dor dos meus males e o temor sobre o meu irmão me impedem de escrever. Vê e administra tudo isso. Terência é muito grata a ti. Envio-te uma cópia da carta que escrevi a Pompeu. Enviada em 29 de maio, de Tessalônica.

X – (*Ad Att.*, III, 9)

Escrita em Tessalônica,

13 de junho de 58. Cícero saúda Ático

¹⁵⁰ Porto da Macedônia, pátria de Filipe e de Alexandre.

¹⁵¹ Libertos do tio de Ático. Nessa época, estava a serviço de Ático.

¹⁵² Tendo vencido a guerra do Ponto, Pompeu trouxera à Roma o filho de Tigranes, rei da Armênia, e o confiara à guarda do pretor *Lucius Flavius*, mas os homens de Clódio o raptaram. Seguiu-se um combate no qual morreu *M. Papirius*, amigo de Pompeu. Este se irritou contra Clódio, passando a se aproximar do Senado. Era a oportunidade de Cícero pedir o apoio de Pompeu contra Clódio e ele o fez através de uma carta cuja cópia, conforme *ad Att.*, III, 8, 4, foi enviada a Ático

¹⁵³ *Marcus Terentius Varro Reatinus*, filósofo e erudito, amigo de Cícero e de Ático.

¹⁵⁴ *Publius Plautius Hypsaeus*, aliado de Pompeu, foi eleito edil em 58.

¹⁵⁵ Alusão a Hortêncio. (cf. *ad Att.*, III, 9, 2).

1. Como o irmão Quinto partiu da Ásia antes de primeiro de maio e chegou a Atenas no dia quinze do mesmo mês, ele teve de se apressar muito para que, mesmo fora de Roma, não sofresse uma desventura se, por acaso, houvesse alguém que não julgasse os meus males suficientes. Assim, preferi que ele fosse rápido para Roma a que viesse me encontrar e também (pois direi a verdade, para que possas ver quão grande é o meu mal) não pude aceitar a possibilidade de, sendo muito ligado a mim e dotado de grande sensibilidade, vê-lo em tamanha tristeza; ou que eu, dilacerado pela dor, mostrasse-lhe as minhas mazelas e o meu estado de desespero ou sofresse ao ser visto por ele. Ademais, temia o que por certo ocorreria se ele viesse: não conseguiria se afastar de mim. Passava-me diante dos olhos a hora em que ele despedia os seus litores e era tirado à força dos meus braços. Evitei o efeito dessa amargura com a outra amargura de não ver meu irmão. Vós, defensores da vida, me induzistes a esse mal. Logo, pago as penas do meu erro.

2. Embora a tua carta me encoraje, por ela vejo facilmente como tinhas esperanças (seja como for, ela continha algum alívio) antes de chegares com isso da parte de Pompeu: “Agora ganhe Hortêncio e os homens do tipo dele”. Ora, dize-me, meu Pompônio: ainda não entendes por obra de quem, por armadilhas de quem e por crime de quem nos arruinamos? Porém, tratarei de tudo isto contigo pessoalmente. Só digo o que acho que sabes: não os inimigos, mas os invejosos me arruinaram. Agora, se assim estão as coisas que esperas, defendamo-nos e nos apoiemos na esperança que ordenas. Mas se, como me parece, são seguras, o que não se pôde fazer em hora mais oportuna se tornará menos recomendável.

3. Terência te agradece frequentemente. De todos os males ainda há um a temer: os negócios do meu pobre irmão. Se soubesse como ele está, saberia o que fazer. A espera de teus favores e de tuas cartas ainda me retém em Tessalônica segundo a tua vontade. Se algo de novo for anunciado, saberei o que deve ser feito sobre o restante. Se, como me escreves, saíste de Roma em 1º de junho, logo me verás. Envio-te a carta que escrevi a Pompeu. Enviada em 13 de junho, de Tessalônica.

XI – (*Ad Q. fr.*, I, 3)

Escrita em Tessalônica,

13 de junho de 58. Marco saúda o irmão Quinto.

1. Meu irmão, meu irmão, meu irmão! Acaso temeste que, irado, eu tivesse te enviado escravos sem cartas ou ainda que não tivesse desejado te ver? Eu me irritar contigo? Como poderia me irritar contigo? Por certo, pois de fato me afligiste. Foram os teus inimigos, a tua infelicidade que miseramente me arruinaram, não eu a ti. O meu famoso consulado tirou-me irmão, filhos, pátria e bens. Gostaria que a ti nada tivesse tirado salvo eu apenas. Mas, certamente, da tua parte tudo que me veio sempre foi honroso e agradável; da minha parte para ti, a dor do meu mal, o medo do teu próprio, a saudade, a solidão, a tristeza. Eu não quis te ver? Pelo contrário, não quis ser visto por ti, pois não terias visto o teu irmão: não o que deixaste, não o que conhecestes, não o que caminhava em lágrimas quando tu, ao partir choroso, dele te despediste. De fato, não terias visto nem traço nem imitação daquele, mas a imagem de um morto vivo. Ah se tivesses me visto morto ou ouvido falar da minha morte! Ah se eu tivesse te deixado sobrevivente à minha vida, bem como à minha dignidade!

2. Mas tomo todos os deuses por testemunhas de que apenas esta fala dita por todos me afastou da morte: que uma parte da tua vida repousava sobre a minha vida. Por isso errei e agi criminosamente, pois, se tivesse morrido, a própria morte facilmente defenderia a minha devoção e o meu amor perante ti. Mas agi de modo que, mesmo eu vivendo, sintas falta; mesmo eu vivendo, precisas dos outros. Minha voz, que amiúde fora uma proteção para estranhos, teria se calado exatamente nos perigos para os de casa. Assim, a razão porque os servos foram a ti sem carta, já que vês não ter sido devido à ira, por certo foi a indisposição gerada pela profusão de lágrimas e pela dor.

3. Imaginas com que choro redigi esta carta? Com o mesmo que, por certo, sei que a lêes. Algum dia, posso não pensar em ti ou pensar em ti sem chorar? Ao sentir a tua falta, apenas de um irmão sinto falta? De fato, pela tua suavidade, sinto a falta de um companheiro; pela tua obediência, de um filho; pela tua prudência, de um pai. Em algum momento já houve deleite para mim sem ti ou para ti sem mim? Ademais, também sinto falta de minha filha? Que devoção, que modéstia, que inteligência! Ela é o retrato do meu rosto, do meu jeito de falar e de pensar. E quanto ao meu filho tão belo e querido? Esse menino, que eu, rude e insensível, tirei dos meus braços, pois, pobre dele, mais sábio do que eu queria, já sentia o que se passava. E quanto ao teu filho, meu retrato, que meu Cícero amava como a um irmão e já venerava como a um primogênito? Por isso não permiti que a mulher mais sofredora, a mais fiel das esposas

me seguisse, para que protegesse a sobra de nosso desastre comum?

4. Mas, como pude, escrevi uma carta e a enviei a ti através do teu líbeto Filógono e creio que depois tenha sido entregue a ti. Nessa carta te oriento e rogo com as minhas palavras que os servos te disseram: que vás sem demora e com pressa para Roma. Com efeito, primeiro quero contar com teu apoio se a crueldade dos nossos inimigos ainda não estiver satisfeita com a nossa desgraça. Ademais, temo muito o pranto do nosso encontro. De fato, não suportaria nossa separação e também temia o mesmo que escreves: que não poderias separar-te de mim. O fato de eu não ter te visto causou esse extremo mal, pelo qual nada mais cruel e triste parece ter podido ocorrer a irmãos tão afeiçoados e unidos, mas foi menos cruel e triste do que teria sido o nosso encontro e separação.

5. Nesta hora, se podes fazer o que eu, que sempre te parecia forte não posso, levanta-te e encoraja-te se houver uma luta a ser travada. Espero, se a minha esperança merece algum crédito, que a tua integridade, o amor dos cidadãos para contigo e também a compaixão gerada pelo meu estado de abandono te sustentem. Mas, se estiveres livre desse perigo, por certo agirás caso penses poder fazer algo a meu respeito. Sobre isso, de fato muitos me escrevem e mostram ter muita esperança. Mas não vejo claramente o que devo esperar, pois os meus inimigos são muito mais fortes e parte dos meus amigos me deixou e parte até me traiu. Talvez esses temam ser censurados por seu crime quando eu voltar. Mas queria que sondasses o real estado da situação e o dissesses a mim. Mas, se notares quantos perigos te esperam, viverei o tempo que te for preciso. Não posso viver por mais tempo, pois nenhum saber prático ou teórico tem tanta força para que possa suportar tamanha dor.

6. Sei que houve um tempo mais honroso e útil para minha morte. Aliás, perdi outras ocasiões oportunas para morrer. Mas, se quisesse lamentar o passado, nada faria senão elevar a tua dor e revelar o meu desatino. Por certo, o que não deve nem pode ser feito é que me detenha em uma vida tão indigna e triste por mais tempo do que os teus interesses ou uma firme esperança exigirem para que eu, que há pouco fora tão feliz por causa do irmão, dos filhos, da esposa, das posses, da própria origem da riqueza e que não era inferior em títulos, autoridade, reputação e influência aos que um dia foram os mais ilustres, agora, nesse estado de tanta dor e ruína, não tenha de chorar por mais tempo nem por mim nem pelos meus.

7. Por que me escreveste sobre peculato? Como se, de fato, agora os teus bens não me sustentassem. Visto que o que deves terá de ser pago com o melhor da riqueza tua e do teu filho, por isso mesmo vejo e sinto com tristeza o crime que teria cometido. Tendo recebido dinheiro do erário em teu nome, eu o teria gastado levianamente. Mas, tanto a Marco Antônio¹⁵⁶ quanto a Cepião¹⁵⁷ foi paga a exata quantia que me escreveste. Para o que planejo o que tenho me é suficiente. Assim, quer seja restaurado quer deva perder as esperanças, nada mais é preciso. Se, por acaso, tens alguma inquietação, acho que deves recorrer a Crasso¹⁵⁸ e a Calídio.¹⁵⁹ Ignoro quanto crédito deve ser dado a Hortêncio.

8. Muito perversa e insidiosamente ele, junto com Ário,¹⁶⁰ me tratou com amizade muito fingida e com a máxima assiduidade diária. Iludido por seus conselhos, promessas e avisos caí nesse mal. Mas, ocultarás esses fatos para que não te afetem. Acautela-te quanto a isso (e creio que Hortêncio deve ser bem tratado por ti através de Pompônio), para que o verso sobre a lei Aurélia,¹⁶¹ que fora atribuído a ti quando eras candidato a edil, não se confirme por falso testemunho. De fato, já que os homens veem quanta compaixão os teus rogos por mim e o teu bem estar causarão, o que mais temo é que te persigam mais duramente. 9. Creio que Messala¹⁶² está do teu lado, mas acho que Pompeu também é um fingido. Mas, oxalá não sofras tais coisas! Isso pediria aos deuses, se não tivessem parado de ouvir-me as preces. Mas, rogo que estejam contentes com esses meus infinitos males em que, porém, tanto há a infâmia de erro algum quanto a dor é que para ótimas ações fixou-se a máxima pena. 10. A filha minha e tua e o nosso Cícero que eu, meu irmão, confie a ti? Ademais, entristeço-me, pois a orfandade deles não gerará menor dor para ti do que para mim. Mas, estando tu incólume, não serão órfãos. No mais, assim, por algum modo, me seja dada salvação e a permissão de morrer na pátria tal como as lágrimas não me deixam redigir. Ainda gostaria que protegesses Terência e me escrevesse sobre todos os fatos, que fosses forte até quando a natureza da situação permita. 13 de junho, de Tessalônica.

¹⁵⁶ *Marcus Antonius*, aliado e amigo íntimo de Júlio César, futuro membro do segundo Triunvirato

¹⁵⁷ *Marcus Iunius Brutus Caepio*, inicialmente era um dos aliados de César, mas, em 44, foi um dos seus assassinos.

¹⁵⁸ *Marcus Licinius Crassus Dives*, membro do primeiro Triunvirato e um dos homens mais ricos de Roma.

¹⁵⁹ *Marcus Callidius* foi pretor em 57 e discursou em favor da restituição da casa de Cícero (*De Domo Ciceronis*)

¹⁶⁰ *Quintus Arrius* parece ter abandonado Cícero nesse período, mas depois se reconciliou com ele.

¹⁶¹ Lei aprovada no ano 70 durante o consulado de Pompeu e Crasso, visando a reorganizar a composição dos júris. Cícero se refere ao incidente ocorrido em 66 no qual alguém escreveu um verso possivelmente criticando a lei Aurélia, Hortêncio teria se aborrecido com tal crítica e poderia responsabilizar Quinto pela composição do epigrama, o que poderia gerar mais um imbróglio político.

¹⁶² Cícero pode estar se referindo a *Marcus Valerius Messala Níger*, cônsul em 61, ou a *Marcus Valerius Messala Rufus*, cônsul em 53 e sobrinho de Hortêncio.

XII – (*Ad Att.*, III, 10)*Escrita em Tessalônica,**17 de junho de 58. Cícero saúda Ático*

1. Eu soube das coisas que ocorreram até 25 de maio pela tua carta. Espero as restantes em Tessalônica, como é do teu agrado. Sendo anunciadas, poderei decidir mais facilmente onde morar. De fato, se houver um motivo, se algo for feito, se eu avistar uma esperança, esperarei no mesmo lugar ou irei a ti. Mas se, como escreves, tudo isto tiver se dissipado, desejarei alguma outra coisa. Até agora, absolutamente nada significativo para mim a não ser o desacordo desses que, porém, tratam de tudo entre si menos sobre mim. Por isso, ignoro o que haja de útil para mim lá. Contudo, enquanto queiras que te espere, te obedecerei.

2. Ora, como me censuras de forma tão frequente e severa e dizes que sou covarde, eu te pergunto: Há algum mal tão grande que não faça parte da minha calamidade? Por acaso algum dia alguém já decaiu de tão ilustre posição, enquanto lutava por tão boa causa, tendo tanta abundância de talento, de prudência, de crédito, e gozando de tão grande apoio de todos os nobres? Posso esquecer o que fui, não reconhecer o que sou, de que honra estou privado, de que glória, de que filhos, de que bens, de que irmão? Irmão ao qual (para que atentes num novo tipo de calamidade), embora eu estimasse e sempre tivesse estimado mais do que a mim mesmo, evitei encontrar, para que eu não visse a sua dor e aflição ou para que eu, a quem ele deixara em tanta prosperidade, não me mostrasse a ele abatido e arruinado. Omito outras coisas intoleráveis, pois sou impedido pelo pranto. Enfim, agora devo ser acusado porque sofro, ou porque me arrisquei para que não retivesse essas coisas (o que teria sido fácil se dentro de minha casa não tivessem sido feitos planos sobre a minha ruína) ou, pelo menos, para que não as perdesse enquanto vivo.

3. Escrevi estas coisas para que me consoles (o que tens feito) ao invés de me julgar digno de castigo ou de censura. E não te escrevo muitas coisas, pois sou impedido pela tristeza e porque tenho mais a esperar daí do que eu mesmo a escrever. Se eu receber novas notícias, informar-te-ei a minha decisão. Gostaria que, como fizeste até agora, me escrevesse o mais possível sobre os fatos, para que eu não ignore absolutamente nada. Enviada em 17 de junho, de Tessalônica.

XIII - (*Ad Att.*, III, 11)*Escrita de Tessalônica,*

27 de junho de 58. Cícero saúda Ático

1. Tanto a tua carta quanto algumas boas notícias (não de todo fidedignas) e a expectativa das tuas cartas e que a ti assim agradara ainda me retêm em Tessalônica. Se eu receber a carta que aguardo, se a esperança for aquela que é gerada por rumores, me refugiarei em tua casa.¹⁶³ Caso contrário, te informarei sobre o que eu tiver feito. 2. Ajuda-me, como estás fazendo, por ações, conselho e reconhecimento. Doravante deixa de consolar, mas não censures, pois, ao fazeres, como sinto a falta do teu amor e sensibilidade! Creio que estás tão afetado pelo meu sofrimento, que ninguém possa consolar a ti mesmo. Cuida de Quinto, irmão tão bom e afetuoso. Rogo-te que me escrevas detalhadamente sobre todas as coisas seguras. Enviada em 27 de junho, de Tessalônica.

XIV – (*Ad Att.*, III, 12)*Escrita em Tessalônica,*

17 de julho de 58. Cícero saúda Ático

1. Tu argumentas com empenho sobre o que se deva esperar e, sobretudo, pelo Senado e, ao mesmo tempo, escreves ser proposto o artigo da lei pelo qual nada permita ser dito no Senado. Assim, guarda-se silêncio. Nisto me acusas: porque me aflija, já que a tal ponto esteja aflito como ninguém antes, o que tu mesmo vês. Mostras uma esperança após os comícios. Qual é esta sendo o mesmo tribuno da plebe e o inimigo nomeado cônsul?⁶¹ 2. Mas, também me feriste acerca do discurso proferido.⁶² Medica essa ferida, como escreves, se podes algo. De fato, escrevi outrora a ele irado, pois ele escrevera antes, mas assim eu ocultara como jamais cresse que se divulgaria. Como teria escapado não sei. Mas, como jamais se deu que eu discutisse com ele uma única palavra e como os escritos me parecem mais descuidados do que os demais, julgo daí que provam não serem meus. Disso, se crês que posso ser medicado, queria que tratasses; do contrário, me arruinei totalmente; sofro menos. 3. Agora, ainda estou no mesmo lugar sem conversa alguma, sem reflexão alguma. Embora a ti, como escreves, tenha dado a

¹⁶³ Em 1º de junho de 58, o tribuno *Lucius Ninnius Quadratus* apresentou ao Senado uma proposta para o retorno de Cícero a qual foi vetada por outro tribuno, *Lucius Aelius Ligus*.

entender que viesses a mim, desisto, porém, e vejo que és útil aí; aqui só podes me aliviar por palavra. Não posso escrever mais nem há o que escrever. Espero mais as tuas cartas. Tessalônica, 17 de julho.

XV – (*Ad Att.*, III, 14)

Escrita em Tessalônica,

21 de julho de 58. Cícero saúda Ático

1. Por causa da tua carta estou cheio de expectativa sobre Pompeu: o que ele desejaria ou prometeria acerca de mim. Creio que, sem dúvida, foram realizados os comícios, os quais terminados, escreves o que lhe agradou ser feito de mim. Se te pareço tolo por esperar, faço por tua ordem, embora saiba que és acostumado a reter a mim e as minhas esperanças, de preferência, por cartas. Agora, gostaria que me escrevesse tudo o que vês. Sei que pelos meus muitos erros caí nesse mal, o qual se algum incidente de algum modo corrigir em parte, com menos dor suportarei ter vivido e ainda viver.

2. Devido à afluência da estrada e à expectativa diária de novos fatos, ainda não saí de Tessalônica. Mas agora sou expulso não por Plânio¹⁶⁴ (pois ele, de fato, me retém), mas pelo próprio lugar que é o menos adequado para aliviar um mal tão grande. Logo, não fui para o Epiro, como escrevera, pois, de repente, todos os mensageiros e cartas me vieram com o fato de que eu não teria de morar muito perto da Itália. Daqui, se ouvir algo dos comícios, irei para a Ásia. Ainda não é o melhor lugar para onde ir, mas saberás. Enviada em 21 de julho, de Tessalônica.

XVI – (*Ad Att.*, III, 13)

Escrita em Tessalônica,

05 de agosto de 58. Cícero saúda Ático

1. Embora eu tivesse te escrito que estaria no Epiro, após ver a minha esperança se debilitar e se dissipar, mudei de opinião e não me movi de Tessalônica, onde eu decidira

¹⁶⁴ *Gneu Plancius*, questor da Macedônia.

morar até que me escrevesse algo daí, pois escreveras na carta anterior haver de ocorrer que, após os comícios,¹⁶⁵ algo seria tratado sobre mim no Senado. Isso te foi dito por Pompeu. Sobre isso, como os comícios ocorreram e nada me escreves, assim julgarei e, se tivesses escrito nada haver nem de ocasião favorável nem que é levado a uma esperança longa, suportaria com pesar. Mas, o movimento que escreveras ver, que parecia haver de me ser útil, os que chegam dizem que há de ser nulo.¹⁶⁶ Nos tribunos da plebe nomeados está a esperança restante a qual, se espero, não há porque achares que deixei a minha causa, o desejo dos meus.

2. Como frequentemente me acusas porque suportaria de mau grado esse meu infortúnio, debes perdoar, embora assim me vejas aflito como ninguém jamais terias visto nem ouvido. Na verdade, escreves que ouves estar eu afetado também de mente pelo delírio da dor, mas eu tenho uma mente íntegra. E tomara que eu tivesse estado em tão grande perigo quando, naqueles aos quais julgava ser a minha saúde caríssima, achei os piores inimigos e os mais cruéis, os quais, como me viram ser levemente dobrado pelo temor, assim empurraram de modo a usarem todo o seu crime e perfídia para a minha queda! Agora, porque já tenho de ir a Cízico, para onde mais raramente cartas me seriam enviadas, desejo que com mais zelo escrevas em detalhes tudo que julgares ser preciso que eu saiba. Faze por amar o meu irmão Quinto, que eu, infeliz, se deixo para trás incólume, não julgarei que pereci totalmente. Enviada em 5 de agosto.

XVII – (*Ad Q. fr.*, I, 4)

Escrita em Tessalônica,

em meados de agosto de 58. Marco saúda o irmão Quinto

1. Por favor, meu irmão, se por uma única ação minha tu e todos os meus familiares caístes, não atribuas isso mais à minha improbidade e ao meu crime do que à imprudência e ao infortúnio. Meu erro é só o fato de que cri naqueles pelos quais pensava que seria um sacrilégio ser eu iludido ou aos quais eu ainda nem achava ser isso útil. Mesmo sendo o mais íntimo, próximo e familiar, cada um deles temeu por si mesmo ou me invejou. Faltou-me um conselho precavido e, assim, nada há para um infeliz como eu senão a fidelidade dos amigos.

¹⁶⁵ *Comitia*, assembleia geral do povo romano.

¹⁶⁶ Referência à questão de Tigranes (cf. nota 49).

2. Se, agora, a tua inocência e a misericórdia dos homens te livraram o bastante do mal, sonda com cuidado se teria me restado alguma esperança de salvação. De fato, Pompônio, Séstio¹⁶⁷ e o meu caro Pisão me retiveram até agora em Tessalônica, pois me proibiram de ir para mais longe devido a ações que ignoro. Mas espero um resultado mais através das cartas deles do que por uma esperança segura. De fato, o que esperaria com um inimigo tão forte, com o governo dos detratores, com amigos desleais, com tantos invejosos? 3. Dentre os novos tribunos da plebe o próprio Séstio é, sem dúvida, muito atencioso para comigo e espero que também o sejam Cúrio, Milão, Fádio e Gratídio,¹⁶⁸ mas sob a dura oposição de Clódio, o qual, mesmo sem um cargo público, seria capaz de agitar as assembleias populares com o mesmo bando e, em seguida, também será preparado um defensor. 4. Isso não me foi exposto quando eu partia, mas frequentemente se pensava que eu voltaria gloriosamente dentro de três dias. “Então, por que tu?”, dirás. Por quê? Muitas coisas foram reunidas para perturbar a minha mente: a súbita prostração de Pompeu, a desarmonia dos cônsules e também dos pretores, o temor dos publicanos, as armas. As lágrimas dos meus me impediram de recorrer à morte, o que foi muito oportuno tanto para a honra quanto para fugir às dores intoleráveis. Mas, sobre isso te escrevi na carta que enviei a Faetonte. Agora, uma vez que foste lançado em tanta dor e desventura como ninguém jamais o fora, se a misericórdia dos homens pode aliviar nossa queda mútua, certamente obterás algo inimaginável. Mas, se, estamos de todo perdidos, ai de mim! Terei sido a ruína para todos os meus, para os quais antes não havia desonra.

5. Mas tu, conforme te escrevi antes, observa e esquadrinha a situação e me escreve com sinceridade, segundo a minha situação, não como o teu amor propõe. Conservarei a vida até quando julgar ser do teu interesse ou que ela deve ser mantida devido à esperança. Saberás sobre Séstio, o mais devotado a mim. Creio que Lêntulo,¹⁶⁹ que será cônsul, quer a tua causa embora os atos sejam mais difíceis do que as palavras. Verás totalmente o que é preciso e de que se trata. Se ninguém desprezar o teu abandono e o mal mútuo, faze algo por ti ou não será possível por nenhum modo. Mas, se os inimigos também começarem a te perturbar, não cesses, pois não se tratará comigo por espadas,

¹⁶⁷ *Publius Sestius*, um dos tribunos nomeados para o ano de 57.

¹⁶⁸ Cícero cita mais quatro dos dez tribunos da plebe nomeados para 57: *Gaius Curius*, *Titus Annius Milo*, *Titus Fadius* e *Marcus Gratidius*.

¹⁶⁹ *Pubius Cornelius Lentulus Spinther*, cônsul eleito para o ano 57 junto com Quinto Metelo Nepos (cf. nota 61).

mas por processos. Porém, queria que tal não ocorresse.¹⁷⁰ Peço-te que me escrevas sobre todos os fatos e que, de preferência, julgues haver em mim menos ânimo e conselho do que antes, mas não menos amor e respeito.

XVIII – (*Ad Att.*, III, 15)

Escrita em Tessalônica,

17 de agosto de 58. Cícero saúda Ático

1. No dia 13 de agosto, recebi quatro cartas tuas. A primeira, na qual me repreendes e rogas que eu seja mais firme; a segunda, em que dizes que um liberto de Crasso te falou da minha inquietação e da minha magreza; a terceira, na qual descreves as ações no Senado; a quarta, em que escreves sobre o que te foi confirmado por Varrão sobre a vontade de Pompeu. **2.** Primeiro, escrevo-te que estou, sim, sofrendo; que não sou privado de inteligência e sofro por isso mesmo e que não tenho pessoas com quem utilize uma inteligência tão vigorosa. De fato, se sentes falta só de mim não sem tristeza, o que pensas de mim, que sinto falta não só de ti, mas de todos? E se, incólume, me desejas, como pensas ser anelada por mim mesmo a incolumidade? Não quero relembrar as coisas de que teria sido despojado porque não ignoras e para que eu mesmo não agrave a minha dor. Afirmando que ninguém foi privado de tantas coisas boas nem caiu em tantos males. O dia não alivia essa aflição, mas a aumenta. De fato, as outras dores são aliviadas pelo tempo; esta não pode deixar de aumentar diariamente pela percepção das misérias do presente e pela recordação do passado. De fato, não perdi só os meus bens nem os meus familiares, mas a mim mesmo. Com efeito, o que sou eu? Mas, não farei de modo que agite a tua alma com queixas ou produza cutiladas em minhas feridas mais amiúde. Ora, como absolves os que escrevi terem me invejado, e entre eles Catão,¹⁷¹ acho que, de fato, só este se isentou desse crime, embora lamente que o engano dos outros teve mais efeito para mim do que a sinceridade dele. Os outros que justificas, devem ser provados por mim, se o são por ti. **3.** Porém, tratamos tarde disso. Acho que o liberto de Crasso nada falou com franqueza. Dizes que meu processo é tratado com zelo no Senado. Mas, o que há sobre Cúrio? Acaso não leu aquele discurso que ignoro

¹⁷⁰ Cícero crê que seu irmão era atacado judicialmente e se mostra disposto a escrever-lhe uma defesa.

¹⁷¹ *Marcus Porcius Cato*, político conhecido por sua austeridade e integridade moral e um dos aliados de Cícero no Senado.

por quem tenha sido escrito? Porém, Áxio,¹⁷² relatando-me os atos do mesmo dia, não elogia Cúrio. Mas, ele mesmo pode estar omitindo algo. Por certo, não relataste senão aquilo que ocorria. A fala de Varrão cria a expectativa de César.¹⁷³ E tomara que o mesmo Varrão se aplique à causa! O que, certamente, ele fará por si mesmo como tu nesse momento.

4. Se o destino algum dia me tornar participante de vós e da pátria, farei com que tu, o melhor dos amigos, te alegres por meus benefícios e afeições, as quais antes foram pouco claras (logo, deve ser confessado), e buscarei que me julgues restituído igualmente a ti, ao meu irmão e aos meus filhos. Se cometi algum erro para contigo e, de preferência, porque errei, perdoa; pois para comigo mesmo errei mais gravemente. Não digo isto porque ignore que foste afetado com a máxima dor por causa da minha queda, mas, sem dúvida, se quanto me amas e amaste tanto devesse amar e tivesses devido, nunca terias me deixado ter falta da prudência que tinhas em abundância nem terias me deixado ser convencido de que me era útil fazer ser aprovada a lei dos colégios. Mas verteste tantas lágrimas pela minha dor como eu mesmo, pois era próprio do teu amor. Ainda que pudesse ter sido feito, em atenção a mim, segundo o que por dias e noites cogitasses que deveria ser feito a meu respeito, isso, não por crime teu, mas meu, foi desprezado por ti. Pois, se tu ou outrem existisse que, assustado com uma resposta menos generosa de Pompeu, me afastasse de uma decisão tão infame (pois só tu pudeste agir muito bem), estaria sepultado com honra ou viveria hoje como vencedor. Tu me perdoarás isto, pois acuso muito mais a mim mesmo; em seguida, busco-te como outro eu e, ao mesmo tempo, um cúmplice da minha culpa. Se sou restituído, também parecerei ter delinquido menos e, por certo, já que nada há em mim, me amarás por causa do teu favor, dele mesmo.

5. O que escreves teres falado com Culeão¹⁷⁴ sobre o privilégio¹⁷⁵ vale alguma coisa, mas é muito melhor ser anulado, pois se ninguém barrar, assim é mais seguro. Mas, se ocorrer que alguém não deixe que ele seja apresentado, este mesmo barrará o decreto do Senado. Nenhuma outra é preciso anular, pois não me afeta a lei anterior, a qual, ainda que, ao ser promulgada, eu tivesse desejado louvar ou, quando devia ser rejeitada, rejeitar, não poderia me afetar de todo. Primeiro tal conselho me faltou, mas também

¹⁷² *Quintus Axius*, senador e amigo de Cícero.

¹⁷³ Ou seja, a expectativa do apoio de César.

¹⁷⁴ *Quintus Terentius Culleo*, amigo de Cícero e tribuno da plebe em 58.

¹⁷⁵ *Priiilegium*, lei excepcional que se referia a um indivíduo ou a poucas pessoas.

causou dano. Cego, cego, direi, fui ao mudar o traje, ao rogar ao povo, pois se tornou perigoso se não tivesse começado a ser tratado comigo nominalmente. Mas, levo adiante as coisas passadas, porém, de fato, para que, se algo for feito, não toques aquela lei na qual há muitas coisas populares.

6. Mas, é estulto me preocupar com o que faças ou de que modo. Tomara que apenas seja feito algo! Por isso, as tuas cartas ocultam muitas coisas, creio, para que eu não seja agitado mais fortemente pelo desespero. De fato, o que vês que pode ser feito ou de que modo? Pelo Senado? Porém, tu mesmo me escreveste certo artigo da lei que Clódio pôs na porta da cúria:¹⁷⁶ NÃO SE PERMITE TOMAR A PALAVRA NEM REPLICAR. Como, pois, Domício¹⁷⁷ disse que apresentará? Mas, como Clódio se calou para com os que descreves, tomando a palavra quanto ao processo e requerendo que ele fosse submetido à deliberação? E, se pelo povo, será possível senão segundo o parecer de todos os tribunos? O que em relação aos bens? O que em relação à casa? Poderá ser restituída? Ou, se não puder, eu mesmo poderei de algum modo? Se não vês essas coisas serem resolvidas, para qual esperança me incitas? Mas, se não há esperança alguma, que é a vida para mim? Assim, espero em Tessalônica os registros de primeiro de agosto, segundo os quais decidirei se me refugiarei em tuas terras para que nem veja os homens que não queira e, como escreves, te veja e esteja mais perto se algo for feito ou se eu partir para Cízico (e vi que isso agrada a ti e ao irmão Quinto).

7. Agora, Pompônio, como nada comunicaste da tua prudência para o meu bem-estar porque consideraras que há em mim mesmo bastante conselho ou que nada mais me deves para que estivesse ao meu dispor, e já que, traído, induzido, lançado em uma fraude, desprezei toda a minha proteção, frustrei e deixei toda a Itália já erguida para me defender; eu e os meus nos rendemos a meus inimigos enquanto olhavas e te calavas. Tu que, se não me excedias em inteligência, por certo temias menos, se podes, ergue os abatidos e ajuda-me aqui. Mas, se tudo foi obstruído, faz isso mesmo para que eu saiba e, enfim, deixa de me censurar ou consolar junto com outros. Se acusasse a tua fidelidade, de preferência não me confiaria aos teus tetos. Acuso o meu desatino, pois julguei ser amado por ti tanto como queria. Se tal tivesse ocorrido, mostrarias essa mesma fidelidade, um zelo maior; por certo, terias impedi que eu caísse na ruína; essas dores, que agora sofres nos meus naufrágios, não sofrerias.

¹⁷⁶ Lugar onde o Senado se reunia.

¹⁷⁷ *Lucius Domitius Ahenobarbus*, ferrenho adversário de César e pretor em 58. Sua prosposta para o retorno de Cícero não obteve êxito.

8. Por isso, faz com que me escrevas tudo que foi visto e verificado e, como fazes, queiras que eu seja alguém, pois o que fui e podia ser já não posso ser, e que, nesta carta, julgues não tu, mas eu mesmo ter sido acusado por mim. Se há aqueles aos quais achas que é preciso enviar cartas em meu nome, gostaria que as redigisses e cuidasses de enviá-las. Enviada em 17 de agosto.

XIX – (*Ad Att.*, III, 16)

Escrita em Tessalônica,

19 de agosto de 58. Cícero saúda Ático

A expectativa da tua carta de primeiro de agosto torna todo caminho incerto para mim. Na verdade, uma coisa ou outra: se houver esperança, irei para o Epiro; caso contrário, para Cízico ou para outro lugar. De fato, as tuas cartas tanto mais amiúde são lidas por mim, quanto mais elas tornam a esperança menor para mim. Quando comparadas, então o que geraram quanto à esperança elas destroem, de modo que facilmente se mostre que serves ao consolo e à verdade. Logo, rogo-te que notes totalmente para mim tudo que ocorrerá; escrevas as que avaliares tal como avaliares. Enviada em 19 de agosto.

XX – (*Ad Att.*, III, 17)

Escrita em Tessalônica,

04 de setembro de 58. Cícero saúda Ático

1. Notícias tristes e não variadas sobre o irmão Quinto chegaram-me desde o dia 3 de junho até 29 de agosto. Mas, nesse dia, Livineio, liberto de Régulo,¹⁷⁸ veio a mim enviado por seu amo. Ele disse que, no conjunto, nenhuma proposta será feita, mas, apesar de tudo, teria havido uma conversa sobre o filho de Caio Clódio,¹⁷⁹ e ele me trouxe uma carta do irmão Quinto. Mas, no dia seguinte, vieram os moços de Séstio que trouxeram uma carta tua não tão explorada pelo temor quanto fora a fala de Livineio. De fato, estou inquieto na minha infinda tristeza, tanto mais que há o inquérito de Ápio.¹⁸⁰

2. Vejo que as outras coisas que me escreves na mesma carta sobre a minha esperança são mais débeis do que as outras. Mas, como não estou longe da hora em que a causa será julgada, recorrerei a ti ou então ainda me deterei nas imediações desses lugares.

¹⁷⁸ *Lucius Livineius Regulus* que Cícero considerava um amigo muito íntimo (*ad Fam.*, 13, 60).

¹⁷⁹ *Gaius Clodius*, Irmão mais velho de Clódio, cujo filho mais velho acusara Quinto de crime financeiro.

¹⁸⁰ *Apus Claudius Pulcher*, irmão mais velho de Clódio, era pretor nomeado para 57 e fora encarregado de dirigir o processo contra Cícero.

3. O irmão me escreve que todos os seus bens são geridos só por ti. E por que ou te animaria por fazeres, ou agradeceria por não teres medo? Só queria que o destino me permitisse que, incólumes, gozemos totalmente da nossa amizade. Sempre aguardo sobretudo as tuas cartas, nas quais evita temer que o teu zelo me seja molesto ou a tua franqueza amarga. Enviada em 4 de setembro.

XXI – (*Ad Att.*, III, 18)

Escrita em Tessalônica,

em meados de setembro de 58. Cícero saúda Ático

1. Produziras uma não pequena expectativa em mim quando escreveras que Varrão confirmou a ti, por amizade, que certamente Pompeu defenderá a minha causa e, logo que a carta que ele espera tenha sido enviada a ele por César, também apresentará o autor.¹⁸¹ Acaso isso não ocorreu ou a carta de César foi contrária ou há algo sobre a esperança? Também escreveras que ele mesmo disse: “após os comícios”. 2. Informa-me, se vês que estou lançado em tão grandes males e se julgas ser da tua humanidade, informa-me sobre toda a minha causa. De fato, o irmão Quinto, homem admirável, que tão grandemente me ama, escreve tudo para a esperança, temendo, creio, pelo total abatimento do meu ânimo. Mas, as tuas cartas são variadas, pois nem queres que me desespere nem que cegamente espere. Faze, peçote, com que eu saiba de tudo que pode ser cuidadosamente sondado por ti.

XXII – (*Ad Att.*, III, 19)

Escrita em Tessalônica,

15 de setembro de 58. Cícero saúda Ático

1. Visto que me eram enviadas cartas por ti de tal modo que algo pudesse ser esperado quanto ao processo, fui retido em Tessalônica pela esperança e pelo desejo de bem-estar. Depois que a ação de todo este ano me parecia concluída, não quero ir para a Ásia, pois a multidão me faz perder a paciência e, se ocorrer algo da parte dos novos magistrados, não queria estar distante. Logo, decidi recorrer a ti no Epiro, não porque me interessaria pela natureza do lugar (já que evitaria de todo a luz do dia), mas também parta com muito prazer do teu porto para o retorno e, se ele for impedido, em lugar

¹⁸¹ Empregado no sentido jurídico: o autor da proposta de uma lei.

algum suportarei mais facilmente esta vida tão miserável ou, o que é muito melhor, morrerei. Estarei com poucos, despedirei muitos.

2. As tuas cartas nunca me levaram a tanta esperança quanto às dos outros. Contudo, a minha esperança também sempre foi mais fraca do que as tuas cartas. Mas, já que começou a ser feito (de qualquer modo e por qualquer lugar começou sobre a causa), não frustrarei os tristes e dolorosos rogos do melhor e único dos irmãos nem as promessas de Séstio e dos demais nem a esperança de Terência, mulher infelicíssima, nem a prece ardente de Tuliázinha, mulher tão triste, e as tuas cartas fiéis. O Epiro me dará a via para a salvação ou o que escrevi acima.

3. Rogo-te e suplico-te, Tito Pompônio, se eu for despojado de todas as coisas muito nobres, caras e agradáveis pela perfídia dos homens, se vês que fui traído e deixado por meus conselheiros, se percebes que fui coagido para arruinar a mim mesmo e os meus, que me ajudes pela tua misericórdia e auxilies o irmão Quinto que pode ser salvo; que protejas Terência e meus filhos; que me esperes, se pensas que me verás aí; caso contrário, que venhas me ver, se podes, e me dê da tua propriedade tanto quanto pode ser ocupado pelo meu corpo e que me envies moços com cartas o mais cedo e o mais amiúde possível. Enviada em 15 de setembro.

XXIII – (*Ad Att.*, III, 20)

Escrita em Tessalônica,

05 de outubro de 58. A Quinto Cecílio, filho de Quinto, Pompônio Ático.⁸¹

1. Aprovo muito fortemente o fato de ocorrer realmente assim e o teu tio materno ter cumprido o dever e direi que me alegro, se me for permitido usar esta palavra. Pobre de mim! Como tudo seria segundo o meu desejo, se ânimo para mim, se conselho, se a lealdade daqueles em que confiei não tivesse faltado! Nisso não quero refletir para que não aumente a minha tristeza; mas sei com certeza que lembras que vida era a minha, que bom gosto, que dignidade. Para eu recuperar essas coisas (pelo que há de mais caro!), aplica-te, como fazes, e trata do dia do nascimento da minha volta para que, em tuas moradas tão amenas, eu o passe contigo e com os meus. Mas, esta esperança e expectativa, que me é exposta, quis aguardar mormente junto a ti no Epiro, mas assim me é escrito como eu julgue ser mais conveniente que eu esteja nos mesmos lugares.

2. Quanto à minha casa e o discurso de Curião, como escreves, assim convém. Sobre a

completa salvação, se ao menos a casa me for restituída, todas as coisas se acharam, dentre as quais nada prefiro a ela. Mas, não te incumbo de nada nominalmente; confio-me todo ao teu amor e à tua lealdade. O fato de que em meio a tão grande herança te livraste de toda distração, muito me alegrou. Como ofereces os teus bens para a minha salvação, de modo que eu seja ajudado por ti em tudo mais do que pelos outros, vejo quão grande ajuda isso seja e percebo que tu, em muitas partes do meu retorno, amparas tanto quanto é possível sustentar e nem deve ser rogado que assim faças. 3. Como me impedes de supor que algo chegou à tua mente, pelo que, contrariamente, uma falta foi cometida por mim para contigo, ou parecesse que foste olvidado, farei o que queres e estarei livre desse incômodo; mas, por isso te deverei mais já que a tua bondade para comigo teria sido maior do que a minha para contigo. Gostaria que me relatasses o que visses, que percebesses, que fosse feito e que exortasses todos os teus sobre a minha volta. O projeto de lei de Sésio não tem bastante dignidade nem precaução.¹⁸² De fato, é preciso que seja apresentada nominalmente e escrita com mais cuidado quanto aos meus bens, e gostaria que olhasses isso. Enviada em 5 de outubro, de Tessalônica.

XXIV – (*Ad Fam.*, XIV, 2)

Escrita em Tessalônica,

05 de outubro de 58. Túlio saúda sua Terência e os filhos Tuliázinha e Cícero.

1. Não penses que escrevo cartas mais longas a alguém, salvo se me escreveu mais, ao qual julgo ser preciso escrever em resposta. De fato, nem tenho o que escrever nem faço nada com mais dificuldade agora. A verdade é que a ti e à nossa Tuliázinha não posso escrever sem muitas lágrimas. Realmente, vejo que estais muito infelizes, aquelas que eu sempre quis que fossem muito felizes; e isso eu deveria garantir e, se não tivesse sido tão medroso, teria garantido.

2. Amo muito o nosso Pisão por mérito dele. A ele, como pude, exortei por carta e agradei, como devia. Nos novos tribunos da plebe vejo que tens esperança. Isso será seguro, se for a vontade de Pompeu. Porém, temo Crasso. Vejo que, sem dúvida, tudo é feito por ti de forma muito corajosa e amorosa e não me admiro, mas lamento ser a queda de tal forma que as minhas misérias sejam aliviadas pelas tuas tão grandes misé-

¹⁸² Tanto Sésio quanto Fádio, tribunos nomeados para 57, haviam preparado um projeto de lei favorável a Cícero. Ele aprovou o de Fádio, mas considerou o de Sésio insatisfatório.

rias. Com efeito, P. Valério,¹⁸³ homem obsequioso, escreveu-me isso que li com o máximo pranto: como terias sido levada do templo de Vesta¹⁸⁴ à tabula Valéria.¹⁸⁵ Ah! minhauz, meu desejo, a quem todos costumavam pedir ajuda! Então, minha Terência, assim eras afligida, assim jazias em lágrimas e em aflições, e isso ocorria por minha culpa, pois preservei os outros para que pécêssemos!

3. Quanto ao que escreves sobre a casa, isto é, sobre o terreno, eu, de fato, só então parecerei restituído a mim quando ela nos for restituída. Mas, estas coisas não estão em nossa mão. Sofro isto: que o gasto que deve ser feito, para parte dele tu, triste e arruinada, concorres. Pois, se o negócio é fechado, obteremos tudo. Mas, se a mesma sina nos oprimir, ó infeliz, também lançarás para diante o que te resta? Peço-te, minha vida: quanto à despesa, deixa os outros que podem, se ao menos querem, suportar; e essa fraca saúde, se me amas, não abales. Na verdade, passas-me diante dos olhos de dia e de noite; vejo que sofres todas as dores; temo que não suportes. Mas, vejo que estás em tudo. Logo, para que alcancemos o que esperas e que executas, atende à tua saúde.

4. Não sei a quem escrever a não ser aos que me escrevem ou àqueles sobre quem me escreveis algo. Para mais longe não irei, pois assim vos agrada. Mas, queria que enviásseis cartas o mais amiúde possível, mormente se o que esperamos está mais firme. Adeus, meus desejos, adeus. Enviada em 5 de outubro, de Tessalônica.

XXV – (*Ad Att.*, III, 21)

Escrita em Tessalônica,

28 de outubro de 58. Cícero saúda Ático

Quando envio esta carta, há exatamente trinta dias durante os quais nenhuma recebi de ti. Mas, como antes te escrevi, eu já tinha em mente ir para o Epiro e ali preferentemente esperar qualquer resultado. Se ocorrer o que verias em qualquer direção, rogo-te que me escrevas o mais claro possível e que em meu nome, como escreves, envies cartas a quem achares necessário. Enviada em 28 de outubro.

¹⁸³ Banqueiro amigo de Cícero e de Ático.

¹⁸⁴ Deusa do fogo, filha de Saturno e de Ops.

¹⁸⁵ Local onde *Manius Valerius Messala* mandara representar em um quadro suas vitórias na 1ª Guerra Púnica.

XXVI – (*Ad Att.*, III, 22)

Escrita parte em Tessalônica parte em

Dirráquio, 25 de novembro de 58. Cícero saúda Ático

1. Embora o irmão Quinto e Pisão tenham me escrito com zelo as ações que se davam, todavia gostaria que a tua ocupação não te impedisse, de modo que não me escrevesse, como estás acostumado, o que seria feito e o que perceberias. Até agora Plâncio, por sua liberalidade, já algumas vezes me contém o esforço de ir para o Epiro. A esperança lançada sobre ele não é a mesma para mim: podermos nos retirar juntos. E isso ele espera que lhe ocorrerá para grande honra. Mas agora, que se divulgou que os soldados se aproximam, deverá ser feito a mim de modo que me retire deste lugar.¹⁸⁶ Quando fizer isso, logo enviarei a ti para que saibas onde eu esteja. **2.** Lêntulo, pela consideração que me declara através do modo de vida, das promessas e das cartas, me traz alguma esperança da vontade de Pompeu; de fato, muitas vezes me escreveste que ele está totalmente sob a autoridade deste. Quanto a Metelo, meu irmão me escreveu quão grande avanço ele espera ocorrer através de ti. **3.** Meu Pompônio, luta para que me seja permitido viver contigo e com os meus, e escreve-me todas as coisas. Sou oprimido tanto pela aflição quanto pela saudade de tudo que para mim sempre foi mais caro do que eu. Cuida para que estejas bem.

4. Já que, se eu fosse para o Epiro pela Tessália, durante muito tempo nada ouviria; e já que tenho os dirraquianos como protetores, dirigi-me a eles depois de escrever as coisas anteriores em Tessalônica. Daqui, farei com que saibas quando irei a ti e gostaria que me escrevesse tudo o mais detalhadamente possível seja como for. Doravante, espero a realidade ou só a esperança. Enviada em 25 de novembro, de Dirráquio.

XXVII – (*Ad Fam.*, XIV, 1)

Escrita parte em Tessalônica parte em

Dirráquio, 25 de novembro de 58. Túlio saúda sua Terência, sua Tuliazinha e seu

Cícero.

1. Tanto pelas cartas de muitos quanto pela fala de todos me é anunciado serem

¹⁸⁶ Quando Lúcio Pisão, cônsul de 58 e inimigo de Cícero, viajou para a Macedônia, província que lhe fora destinada após o consulado.

incríveis a tua virtude e a tua coragem e que nem de alma nem de corpo és afadigada pelas provações. Ai de mim! Tu com tal coragem, fidelidade, integridade, bondade tercaído em tão grandes provações por minha causa, e a nossa Tuliazinha, quanto mais do pai tão grandes alegrias obtinha, tanto mais tão grandes aflições receber! Ora, o que direi sobre Cícero? Que logo que começa a ter discernimento, conheceu as dores e as misérias agudíssimas, as quais, se eu julgasse (como escreves) “feitas pelo destino”, suportaria um pouco mais facilmente. Mas, tudo começou por minha culpa, pois julgava ser amado pelos que me invejavam, não ouvia os que me buscavam. **2.** Se tivesse usado os meus conselhos, nem teria prevalecido tanto para comigo a fala ou dos amigos estultos ou dos ímprobos: viveria muito feliz. Agora, já que os amigos me mandam esperar, esforçar-me-ei para que a minha saúde não falte ao teu empenho. Vejo quão grande seja o trabalho e como teria sido mais fácil ficar em casa do que voltar. Contudo, se temos todos os tribunos da plebe; se Lântulo está tão dedicado quanto parece; se, de fato, também Pompeu e César, não se deve desesperar. **3.** Quanto aos escravos, fazemos como escreves ter agradado aos amigos. Quanto ao local, agora realmente a epidemia já cessou; mas, enquanto durou, não me atingiu. Plâncio, homem muito atencioso, deseja que eu esteja consigo e ainda me retém. Eu queria estar no Epiro, lugar mais deserto, para onde nem Lúcio Pisão nem os soldados fossem, mas Plâncio ainda me retém; espera ser possível ocorrer que parta comigo para a Itália. Se eu vir esse dia e se voltar para os vossos braços e se recuperar a vós e a mim mesmo, parecerei ter colhido para mim um fruto bastante grande do vosso amor e do meu.

4. A bondade, a virtude, o amor de Pisão por todos nós é tão grande de modo que nada seja capaz de mais. Oxalá isso lhe seja para prazer! Para glória, por certo, vejo que será. Sobre o irmão Quinto, nada te censurei, mas, mormente por serdes tão poucos, queria que fôsseis o mais unidos possível. **5.** A quem quiseste que agradecesse, agradecei e escrevi que sou informado por ti. Como me escreves, minha Terência, que venderás a propriedade no campo, o que, ora dize-me (ai de mim!), o que há de ocorrer? E, se a mesma sina nos oprime, o que sucederá ao pobre menino? Não posso escrever o restante, tão grande é a força das lágrimas, nem te levarei ao mesmo pranto. Só escrevo que, se os amigos cumprem o dever, o dinheiro não faltará; do contrário, não poderás obter o teu dinheiro. Devido às nossas míseras condições, cuida para que não percamos o perdido menino, o qual, se algo ocorrer para que não esteja na pobreza, é preciso que

obtenha as demais coisas através de uma coragem e de uma sorte medianas.

6. Faze de modo que estejas bem e me envies os mensageiros para que eu saiba o que seria feito e o que vós fazeis. Para mim, a expectativa já é totalmente limitada. Saúda Tuliázinha e Cícero. Adeus. Enviada em 25 de novembro, de Dirráquio.

7. Vim para Dirráquio porque a cidade é livre, atenciosa para comigo e próxima da Itália. Mas, se a afluência do lugar me enfadar, irei para outro lugar; a ti escreverei.

XXVIII – (*Ad Att.*, III, 23)

Escrita em Dirráquio,

29 de novembro de 58. Cícero saúda Ático

1. Em 26 de novembro recebi três cartas tuas. A primeira enviada em 25 de outubro na qual me exortas a esperar o mês de janeiro com coragem e relatas as coisas sobre o empenho de Lêntulo que julgas concernirem à esperança, da vontade de Metelo, de todo o plano de Pompeu. Na segunda epístola, contra o teu costume, não pões a data, mas indicas suficientemente a conjuntura, pois escreves que, promulgada a lei por oito tribunos da plebe, escreveste essa carta nesse mesmo dia, isto é, em 29 de outubro, e relatas o que achas ter criado de utilidade tal promulgação. Por isso, se agora com essa lei a minha volta estará sem esperanças, gostaria que, pelo teu amor para comigo, julgasses esse meu inútil cuidado mais digno de compaixão antes que tolo. Mas, se há alguma esperança, esforça-te para que doravante eu seja defendido pelos nossos magistrados com maior empenho.

2. De fato, o projeto de lei dos antigos tribunos tinha três artigos: o primeiro, acerca da minha volta, escrito sem cautela, pois nada é restituído salvo a cidadania e a classe social, o que para mim, no interesse do meu caso, é suficiente, mas as garantias que deveriam ter sido dadas e como não te escapam. O segundo artigo é comum quanto à impunidade: SI ALGO CONTRA OUTRAS LEIS, POR CAUSA DESTA LEI TERIA FEITO. O terceiro artigo, meu Pompônio, verifica com que propósito e por quem teria sido inserido. Por certo, sabes que Clódio ordenou que sua lei não poderia ser anulada, escassamente ou no conjunto, nem pelo Senado nem pelo povo. Mas percebes que nunca se observaram as sanções das leis que seriam anuladas. Com efeito, se isso ocorresse, quase nenhuma poderia ser abrogada, pois nenhuma há que a si mesma não se cerque com dificuldade de anulação. Mas, quando uma lei é abrogada, aquilo mesmo é anulado como é preciso ela ser abrogada.

3. Embora isso assim seja por fato

verdadeiro e embora sempre assim seja cumprido e observado, nossos oito tribunos da plebe propuseram este artigo: SE O QUE NESTA LEI FOI ESCRITO, AINDA QUE PELAS LEIS, PLEBISCITOS OU DECRETOS DO SENADO (isso é, ainda que pela lei Clódia), PROMULGAR, ABROGAR, DEROGAR, OBROGAR SEM DANO SEU NÃO SE PERMITA, NÃO SE PERMITIRÁ A QUALQUER QUE SEJA AQUELE QUE PROMULGOU, ABROGOU, DEROGOU, OBROGOU: POR CAUSA DISSO PENAS OU MULTAS HAJA. DELE NADA É PROPOSTO POR ESTA LEI. **4.** E isto não afetava aqueles tribunos da plebe, pois não estavam sujeitos à lei de seus pares. Logo, maior é a suspeita da malícia de alguém ao redigirem isso que não se referia a eles mesmos, mas era contrário a mim, de modo que, se os novos tribunos fossem mais receosos, muito mais julgariam que nesse artigo deve ser usado para si. E isso não foi desprezado por Clódio, pois ele disse em discurso, no dia 3 de novembro, que neste artigo seria permitido ser algo prescrito para os tribunos designados. Porém, na lei nada há. Deste modo o artigo não te engana porque, se fosse preciso, todos o usariam abrogando. Gostaria que sondasses como Nínio ou os demais teriam fugido e quem produziu o artigo e por que os oito tribunos não hesitaram em expor sobre mim ao Senado ou... ou por que não julgavam que aquele artigo deve ser observado, tão precavidos teriam sido para com o mesmo ao anulá-lo que isso temeriam, embora isentos, já que só aos que estão sujeitos à lei deve ser aplicado. Não gostaria que os novos tribunos apresentassem esse artigo por inteiro; mas tão somente façam aprovar qualquer que seja. Como por um só artigo serei chamado de volta, estarei satisfeito tão somente o processo se conclua. Há muito tempo causa vergonha escrever tão longamente, pois temo que já não leias sobre uma causa sem esperanças, de modo que este meu cuidado, digno de compaixão para ti, parecesse aos outros que deve ser ridicularizado. Mas, se há algo relativo à esperança, examina a lei que Caio Visélio redigiu para Túlio Fádio. Ela muito me agrada. Quanto à de nosso Séstio, que dizes aprovar, não me agrada.

5. A Terceira carta foi enviada em 12 de novembro, na qual explicas prudente e diligentemente os fatos que parecem dividir o processo de acordo com Crasso, com Pompeu, com os outros. Por isso te peço que, se houver alguma esperança de poder o processo ser concluído pelos esforços dos bons, pela autoridade, pela multidão reunida, que te esforces para que por um só movimento seja abatido, te apliques a essa causa e animes os outros. Mas se, como entendo pela tua conjectura e também pela minha, nada

há de esperança, peço-te e rogo-te que ames o mísero irmão Quinto do qual infelizmente causei a ruína e que não sofras mais fortemente por ele tomar uma decisão sobre o filho de tua irmã da qual se livraria; que, enquanto puderes, cuides do meu Cícero, ao qual, pobrezinho, nada deixo senão a odiosidade e a desonra do meu nome; que, por teus deveres de amizade, cuides de Terência, a primeira de todas as mais infelizes. Irei para o Epiro logo que receber as notícias dos primeiros dias. Gostaria que me relatasses na próxima carta como se deram os começos. Enviada em 29 de novembro.

XXIX – (*Ad Fam.*, XIV, 3)

Escrita em Dirráquio,

29 de novembro de 58. Túlio saúda a sua Terência, Túlia e Cícero.

1. Recebi três epístolas de Aristócrito¹⁸⁷ que eu quase apaguei com lágrimas. De fato, sou consumido pela tristeza, minha Terência, e as minhas infelicidades não me atormentam mais do que as tuas e as vossas. Porém, nisto sou mais infeliz do que tu, que és muito infeliz: porque o mal em si pertence a nós dois, mas a culpa é minha própria. Meu dever era evitar o perigo pela embaixada¹⁸⁸ ou resistir com diligência e com tropas ou cair corajosamente no combate. Por isso, nada mais infeliz, mais torpe, mais indigno houve para nós. **2.** Assim, serei consumido não só pela dor, mas também pela vergonha, porque me envergonho de não ter mostrado coragem e zelo à minha excelente esposa, aos filhos tão agradáveis. De fato, passa diante dos meus olhos de dia e de noite a vossa aflição e tristeza e a tua saúde debilitada, mas a esperança de salvação é posta diante dos olhos muito fraca. Os inimigos são muitos; os invejosos, quase todos. Foi difícil me exilar; é fácil não me deixar entrar. Mas, apesar de tudo, enquanto estiverdes na esperança, não desanimarei para que tudo não pareça ter acontecido por minha culpa.

3. Para que eu esteja seguro, visto que te inquietas, isso agora é o mais fácil para mim, que os inimigos também querem que eu viva em tão grandes misérias. Mas, farei o que recomendas. Aos amigos aos quais quiseste agradecer e enviei aquelas cartas a Dexipo¹⁸⁹ e escrevi que eu fui informado por ti sobre o benefício deles. Tanto eu reconheço quanto todos proclamam que o nosso Pisão também está cumprindo o dever para conosco com

¹⁸⁷ Talvez um escravo ou um liberto.

¹⁸⁸ Em 59, César convidara Cícero para seu lugar-tenente na Gália a fim de livrá-lo de Clódio. Cícero recusou.

¹⁸⁹ Um escravo de Cícero.

empenho admirável. Façam os deuses com que ele me seja dado e que me seja permitido desfrutar de tal genro junto contigo e com os nossos filhos! Agora, a esperança que resta está nos novos tribunos da plebe e precisamente nos primeiros dias, pois, se for protelado, foi julgado. 4. Por isso, imediatamente te enviei Aristócrito para que, sem demora, possas me escrever os inícios das ações e a marcha de todo o processo, embora a Dexipo também assim tenha ordenado que voltasse logo, e escrevi ao irmão que ele enviasse mensageiros sem interrupção. Com efeito, por isso agora estou em Dirráquio: para que o mais rápido possível ouça o que seja feito. E estou seguro, pois toda a cidade foi defendida por mim. Quando se disser que os meus inimigos se aproximam, então irei para o Epiro. 5. Como escreves que, se eu quiser, virás A mim, eu, de fato, embora saiba que a maior parte desta carga é sustentada por ti, desejo que estejas aqui. Se terminais o que fazeis, é preciso que eu vá a vós. Caso contrario... Mas não é preciso escrever o restante. Depois da primeira ou quando muito da tua segunda carta, poderemos decidir o que nos deva ser feito. Gostaria apenas que me relatasses todas as coisas o mais detalhadamente, embora agora eu deva esperar um resultado mais do que cartas. Cuida para que estejas bem e assim te convenças de que nada há mais caro para mim do que tu, nem jamais houve. Adeus, minha Terência, que eu pareço ver e, assim, sou debilitado pelas lágrimas. Adeus. 29 de novembro.

XXX – (*Ad Att.*, III, 24)

Escrita em Dirráquio,

10 de dezembro de 58. Cícero saúda Ático

1. Ainda que antes me tivesses escrito que as províncias dos cônsules foram reguladas com a tua anuência (embora eu temesse que isso haveria de ocorrer, esperava que algum dia terias examinado algo com mais prudência), depois que me foi dito e escrito ser refutado o teu conselho, estou fortemente agitado, pois aquela mesma esperança pequena que havia pareceria ter sido destruída. De fato, se os tribunos se irritam conosco, que esperança pode haver? E parecem se irritar com razão, pois tanto teriam sido desprovidos de conselho aqueles que tinham defendido a nossa causa quanto teriam perdido toda a força de seu direito por nossa concessão, mormente, como assim diriam, que em meu interesse teriam desejado que a influência deles acerca das coisas que devem ser reguladas para os cônsules fosse não para que estes retardassem, mas para que aderissem à minha causa. Agora, se os cônsules quiserem estar mais afastados de mim, podem fazê-lo livremente. Mas, se quiserem a minha causa, nada podem contra a

vontade deles. De fato, embora escrevas que, se assim não tivesse me agradado, eles haviam de obter isto mesmo através do povo, contra a vontade dos tribunos da plebe de modo algum poderia acontecer. Logo, temo que tanto tenhamos perdido os favores dos tribunos quanto, se os favores persistirem, tenha sido perdido aquele vínculo dos cônsules que devem ser agregados.

2. Acresce outro não pequeno incômodo: foi abandonada aquela forte opinião, como realmente me era anunciada, que o Senado nada votaria antes que tivesse sido tratado sobre mim, sobretudo, nessa condição, o que fosse desnecessário, inusitado e recente (por isso, jamais pensei que seriam reguladas as províncias dos nomeados), de modo que, embora por isso a firmeza que fora gerada pela minha causa tivesse sido enfraquecida, nada poderia ser votado agora. Já não é espantoso ter agradado àqueles amigos para os quais foi reenviado, pois era difícil achar alguém que pronunciasse uma sentença em público contra tão grandes vantagens dos dois cônsules, e foi totalmente difícil não obedecer a Lântulo, homem amicíssimo, ou a Metelo, que deixaria a desavença com muita resignação. Mas, temo que tenhamos perdido estes tribunos da plebe embora tenhamos podido conservá-los. Como tais coisas tenham ocorrido e todo fato no local em que ocorra, gostaria que me escrevesse e assim como estabeleceste, pois essa franqueza, mesmo que não seja agradável, contudo me é digna de agradecimento. Enviada em 10 de dezembro.

XXXI – (*Ad Att.*, III, 25)

*Escrita em Dirráquio, na segunda metade
de dezembro de 58. Cícero saúda Ático*

Após o teu afastamento de mim, foi-me trazida uma carta de Roma segundo a qual vejo que devo me consumir nesta calamidade. Porque (mas tomarás para o lado bom), nem se alguma esperança de minha volta estivesse próxima, tu, pelo teu amor para comigo, terias partido agora. Mas, para que não pareça ingrato ou para que não pareça querer que tudo pereça junto comigo, omito estas coisas. Peço-te que te esforces (o que me asseguraste), para que te apresentes perante mim antes de primeiro de janeiro em qualquer lugar em que eu estiver.

XXXII – (*Ad Att.*, III, 26)

*Escrita em Dirráquio, em meados
de janeiro de 57. Cícero saúda Ático*

Uma carta do irmão Quinto com o decreto do Senado que foi feito a meu respeito foi trazida a mim. Tenho a intenção de esperar a apresentação das leis e, se for feita oposição, farei uso da autoridade do Senado e passarei antes sem vida do que sem pátria. Por favor, apressa-te para vires a mim.

XXXIII – (*Ad Fam.*, V, 4)

*Escrita em Dirráquio,
em meados de janeiro de 57. Marco Cícero saúda o cônsul Quinto Metelo.*

1. As cartas do irmão Quinto e de Tito Pompônio, meu amigo íntimo, geraram tanta esperança que seria definida não menos ajuda para mim em ti do que em teu colega. Assim, logo te enviei uma carta pela qual, como a situação exigia, te agradeci e pedi ajuda para o futuro. Depois, não tanto as cartas dos meus como a fala dos que andavam por esta região indicavam-me que o teu intento foi mudado. Nessas condições, não ousei te amolar por cartas. 2. Agora, meu irmão Quinto me escreveu por extenso o discurso muito suave que fizeste no Senado, levado pelo qual te escrevi e a ti, quanto a tua vontade tolera, peço e imploro que antes salves os teus comigo do que me acuses devido à intensa crueldade dos teus. Para sacrificar tuas inimizades pela república, venceste a ti mesmo. Serás levado a fortificar as alheias contra a república? Porque, se, por tua clemência, me trouxeres ajuda, afirmo-te que sempre estarei sob tua autoridade. Se nem a magistratura nem o Senado nem o povo me ajudar, porque a violência que me venceu com a república teria sido permitida, cuida para que, embora queiras fazer voltar a hora favorável de todos os que devem ser salvos, ao não mais existirem, não possas.

XXXIV – (*Ad Att.*, III, 27)

*Escrita em Dirráquio,
início de fevereiro de 57. Cícero saúda Ático*

Pela tua carta, pela própria conjuntura, vejo que pereci totalmente. Rogo-te que, nas situações em que os meus precisarem de ti devido aos meus males, não deixes de ajudar. Como escreves, ver-te-ei em breve.

ANEXO 2 – Mapas dos espaços percorridos por Cícero



(Disponível em: SHACKLETON-BAILEY, 2001, p. 478-479)